

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Paulo de Tarso Leite do Canto

UM PROJETO DE VIDA NA IGREJA

Dissertação de Mestrado apresentada à Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte, sob orientação da Profa. Dra. Agueda Bernardete Bittencourt.

Campinas
2011

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Paulo de Tarso Leite do Canto

UM PROJETO DE VIDA NA IGREJA

Campinas
2011

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Título: UM PROJETO DE VIDA NA IGREJA

Autor: Paulo de Tarso Leite do Canto

Orientadora: Profa. Dra. Agueda Bernardete Bittencourt

Este exemplar corresponde à redação final da Dissertação defendida por PAULO DE TARSO LEITE DO CANTO e aprovada pela Comissão Julgadora.

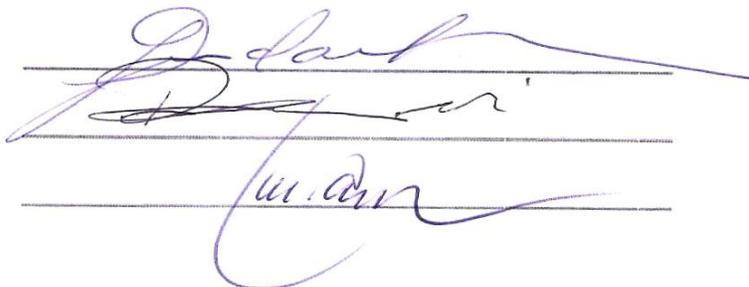
Data: 21/12/2011

Assinatura:



Orientadora

COMISSÃO JULGADORA:



Ano
2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751

C168p Canto, Paulo de Tarso Leite do
Um projeto de vida na Igreja / Paulo de Tarso Leite do
Canto. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Águeda Bernardete Bittencourt.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Televisão na religião. 2. Jesuítas. 3. Dons do Espírito
Santo. 4. Carisma (Traço da personalidade). 5.
Pentecostalismo - Igreja Católica. I. Bittencourt, Águeda
Bernardete. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

11-198/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em inglês A project of life in the church

Palavras-chave em inglês:

Television in religion

Jesuits

Gifts of the Saint Spirit

Charism (Trace of the personality)

Pentecostalism-Church catholic

Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte

Titulação: Mestre em Educação

Banca examinadora:

Águeda Bernardete Bittencourt (Orientador)

José Maria de Paiva

Paula Leonardi

Raquel Viviani Silveira

Ana Regina Pinheiro

Data da defesa: 21/12/2011

Programa de pós-graduação: Educação

e-mail: paulocanto@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho se propõe, por meio da biografia do Padre Edward John Dougherty Junior, jesuíta radicado no Brasil desde o final da década de 1960 — um dos primeiros missionários a trazer ao Brasil a Renovação Carismática Católica —, a descrever os passos dados na criação de uma associação leiga católica (Associação do Senhor Jesus) e de um canal de TV (Centro de produção Televisiva Século XXI) para divulgação da fé. Considerando o fato de esse religioso ser o empresário responsável pela fundação e pelo desenvolvimento dessas empresas, destacar-se-ão os agentes sociais ali implicados. Dessa maneira, esta dissertação trata a história desse jesuíta — seu interesse pelo sacerdócio, sua intenção de ser empresário, de estudar Administração de Empresas e de ser atleta —, tendo como referência a concepção weberiana de vocação vista como profissão e esta, concebida como missão a ser desempenhada para a confirmação da eleição por parte de Deus, dentro do que se chama Teologia da Predestinação; toma sua análise particular sobre os dons e os carismas; e estuda o papel do padre em contraposição ao do profeta.

ABSTRACT

This study aims, through the biography of Father Edward Dougherty John Junior, a Jesuit living in Brazil since the late 1960s - one of the first missionaries to Brazil to bring the Catholic Charismatic Renewal - to describe the steps in creating a Catholic lay association (Association of the Lord Jesus) and a TV (television production Center Century XXI) for spreading the faith. Considering the fact that religion is the entrepreneur responsible for founding and development of these companies will be highlighting the social workers there implicated. In this manner, this dissertation is the story of Jesuit - his interest in the priesthood, his intention to be an entrepreneur, to study Business Administration and be an athlete - with reference to the Weberian sense of vocation as a profession and is designed as a mission to be performed to confirm the election by God, in what is called Theology of Predestination; takes his analysis on the particular gifts and charisms, and studies the role of the priest as opposed to the prophet.

Ao meu pai, João Leite do Canto Sobrinho, com profunda saudade e especial carinho, de quem apreendi o gosto pelo conhecimento.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Agueda Bernardete Bittencourt pela dedicação e competência no desempenho da orientação deste trabalho.

À Profa. Dra. Raquel Viviani Silveira pela sua decisiva atuação como coorientadora.

Ao Pe. Eduardo Dougherty que sempre gentilmente atendeu-me.

Aos que prontamente concederam-me entrevista:

- os padres jesuítas Haroldo Rahm e Luís Quevedo;
- os padres da Arquidiocese de Campinas, João Luiz Fávero e José Luiz Nogueira Castro;
- o Arcebispo de Salvador, Murilo Sebastião Ramos Krieger;
- o Sr. Carlos Roberto Alvim, Coordenador da Comissão Arquidiocesana da Renovação Carismática Católica de Campinas.

Aos funcionários da Associação do Senhor Jesus: Cássio, Maria do Rosário, Fernanda e Marcela pela gentileza na cessão de documentos e informações.

À Profa. Dra. Brenda M. Carranza Dávila pelo empréstimo de obras e material correlato.

À Professora Leda Maria de Souza Freitas Farah pelo especial empenho na revisão do texto.

Aos funcionários da UNICAMP, em especial da Faculdade de Educação, entre os quais destaco: Gislene, Rosa Maria, Luciana e Nadir.

Ao CNPq pela concessão de bolsa de estudo.

Enfim, a todos que me incentivaram e apoiaram na consecução deste trabalho.

SUMÁRIO

RESUMO/ABSTRACT.....	v
AGRADECIMENTOS.....	vii
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I:	
PADRE EDWARD DOUGHERTY.....	04
Igreja Eletrônica: O desdobrar de um projeto.....	17
CAPÍTULO II:	
CARISMA E ESPIRITUALIDADE IGNACIANA E A FORMAÇÃO DO JESUÍTA	
Missão na Companhia de Jesus.....	26
Modo de Proceder dos Jesuítas e as Congregações Gerais.....	29
A Obediência na Companhia de Jesus.....	32
A Espiritualidade Ignaciana e os Exercícios Espirituais.....	35
Formação do Jesuíta.....	38
CAPÍTULO III:	
GÊNESE E O DESENVOLVIMENTO DA RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA	
Os Primórdios do Movimento Pentecostal Católico.....	43
Igreja Católica, Renovação Carismática e Ditadura Militar.....	48
A Renovação Carismática na Arquidiocese de Campinas.....	53
CAPÍTULO IV:	
A PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA NA TELEVISÃO BRASILEIRA	
Programas e Canais Protestantes (Neopentecostais).....	70
Programas e Canais Católicos.....	73
CAPÍTULO V:	
O PROJETO DE COMUNICAÇÃO DO PADRE EDUARDO DOUGHERTY	
A Liderança do Padre Dougherty.....	77

A Criação da TV Século XXI.....	84
O Reconhecimento da C.N.B.B.....	100
CONCLUSÃO.....	111
BIBLIOGRAFIA.....	118
ANEXO 1 – Modelo de autorização para divulgação e publicação das entrevistas.....	128
ANEXO 2 – Entrevistas.....	129
ANEXO 3 – Carta do Superior Geral da Companhia de Jesus ao Pe. Eduardo Dougherty.....	168
ANEXO 4 – Biografias.....	171
ANEXO 5 – Letras de Músicas.....	176
ANEXO 6 – Memorial.....	179

INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe, por meio da biografia do Padre Edward John Dougherty Junior, jesuíta radicado no Brasil desde o final da década de 1960 — um dos primeiros missionários a trazer ao Brasil a Renovação Carismática Católica —, a descrever os passos dados na criação de uma associação leiga católica (Associação do Senhor Jesus) e de um canal de TV (Centro de Produção Televisiva Século XXI) para divulgação da fé. Considerando o fato de esse religioso ser o empresário responsável pela fundação e pelo desenvolvimento dessas empresas, destacar-se-ão os agentes sociais ali implicados.

Como fonte para expor a constituição da Associação do Senhor Jesus far-se-á uso da Ata de Fundação da Instituição. Ademais, buscar-se-á compreender como o Padre Dougherty, na liderança desse grupo, se articulou com as autoridades da Igreja Católica e também com o governo, no período da ditadura militar, a ponto de tornar a Associação do Senhor Jesus uma das maiores produtoras de programas católicos da América Latina e do mundo. O trabalho compôs-se a partir da consulta às cartas e aos boletins dirigidos aos sócios nos primeiros anos da entidade e às matérias contidas nos exemplares da revista *Brasil Cristão* e do jornal *Correio Popular*, de Campinas.

Outro aspecto merecedor de atenção na vida desse clérigo é a proximidade com parlamentares: a relação que ele manteve e mantém com a esfera política. Procura-se, dessa maneira, dar sentido às relações que, estabelecidas pelo Padre com pessoas e/ou grupos ligados a partidos políticos no Brasil, chegaram a fazer dele um dos mais destacados nomes desse significativo Movimento Pós-Conciliar: o Pentecostalismo da Igreja Católica, denominado mais tarde de Renovação Carismática Católica. Sem essas relações, dificilmente teria sido possível a concessão de um canal televisivo, em 1998, para colocar no ar a programação católica produzida pela Associação.

Desse modo, esta dissertação trata a história desse jesuíta — seu interesse pelo sacerdócio, sua intenção de ser empresário, de estudar Administração de Empresas e de ser atleta —, tendo como referência a concepção weberiana de vocação vista como profissão e esta, concebida como missão a ser desempenhada para a confirmação da eleição por parte de Deus, dentro do que se chama Teologia da Predestinação; toma sua análise particular sobre os dons e os carismas; e estuda o papel do padre em contraposição ao do profeta.

Além disso, também se busca o nexo entre o “espírito do capitalismo moderno” presente na obra de Max Weber (1987): *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, e o projeto de vida empresarial anglo-saxão fomentado em Pe. Dougherty. E pretende-se descobrir, na pessoa desse

jesuíta, as características “do Homem econômico moderno”, como destaca Werner Sombart, em sua obra *El burguês* (SOMBART, 1993, p. 64).

Também tem destaque neste trabalho a discussão acerca da utilização de técnicas de *marketing* pela Associação a partir do ingresso, no ano de 1983, do administrador de empresas e publicitário, Antônio Miguel Kater Filho.

Cabe analisar a sua estreita ligação com o caráter expansionista, triunfalista e apologético na defesa da fé católica por parte da Igreja Católica e, em especial, da Companhia de Jesus, pois, dentre os acontecimentos mais relevantes e decisivos, presentes na vida desse jovem, está justamente o seu progressivo envolvimento com os jesuítas, que culminou com o seu ingresso, em 1959, na Companhia de Jesus — ordem secular fundada no século XVI por Ignácio de Loyola, no ambiente da Contrarreforma e da expansão marítimo-colonial em direção ao chamado Novo Mundo —, uma agremiação religiosa que conta com grande prestígio no interior da Igreja Católica, principalmente pelo rigor da vida intelectual dos seus membros.

No Capítulo I deste trabalho — “Padre Edward Dougherty” — tem lugar a apresentação da família do Pe. Dougherty, bem como suas experiências religiosas, ainda no curso primário, por meio dos sacramentos. Sua participação na Congregação Mariana e sua atuação como coroinha, já como aluno do Colégio Jesuíta de sua terra natal, Nova Orleans. A sua entrada na Companhia de Jesus e a sua chegada ao Brasil em 1966, para a cidade de Campinas, onde se envolveu com o mundo esportivo e se aproximou da elite local, para fundarem a “Comunidade Jesus Te Ama”, o seu primeiro grande empreendimento no Brasil, que abriria portas para criação de outras empresas, como a Associação do Senhor Jesus, e para o estabelecimento de um canal de TV educativo, a TV Século XXI.

Já no Capítulo II, denominado “Carisma e Espiritualidade Ignaciana e a Formação do Jesuíta”, procura-se discorrer sobre o projeto de formação dos membros da Companhia de Jesus, comparado a outras ordens e congregações religiosas católicas. O propósito é examinar a estrutura de formação dos futuros jesuítas desde a infância até os estágios nacionais e internacionais.

No Capítulo III, “Gênese e o Desenvolvimento da Renovação Carismática Católica”, expõem-se a origem do Pentecostalismo Católico — que mais tarde se chamaria Renovação Carismática Católica —, a entrada no Brasil desde os Estados Unidos e o relacionamento do movimento com a ditadura militar nos anos 1960/1980.

Ainda nesse capítulo, analisam-se a presença e a afirmação da RCC e as rejeições a ela, na Arquidiocese de Campinas. Para a compreensão da política da Arquidiocese de Campinas, o

trabalho conta com o Documento da *Revisão Ampla* (1999) e com o *Plano de Pastoral Orgânica* (quatriênio 2003-2006) (2003).

No Capítulo IV, “A Programação Religiosa na Televisão Brasileira”, busca-se mostrar o surgimento e a evolução da programação religiosa nacional na televisão brasileira e o estabelecimento de canais católicos e protestantes (neopentecostais) no Brasil. Têm destaque, nesse segmento, os programas e/ou canais televisivos mantidos pelas Igrejas neopentecostais: a *Igreja Internacional da Graça de Deus* — IIGD, de R. R. Soares; a *Igreja Universal do Reino de Deus* — IURD, de Edir Macedo; a *Igreja Mundial do Poder de Deus* — a IMPD, de Valdemiro Santiago e sua esposa Franciléia; e a *Igreja Renascer*, de Estevam Hernandes e Sônia Hernandes. E aqueles mantidos pela Igreja Católica: a *Rede Vida de Televisão*, dirigida pelo fazendeiro e jornalista paulista, João Monteiro de Barros Filho; a *TV Canção Nova*, sob a direção do Padre Jonas Abib; e a *TV Aparecida*, sob a direção e a responsabilidade dos padres redentoristas.

No Capítulo V, “O Projeto de Comunicação do Padre Eduardo Dougherty”, a atenção está voltada à análise da liderança exercida pelo Padre Eduardo Dougherty e aos retrocessos e avanços na constituição do canal de televisão no final da década de 1990; aos obstáculos enfrentados até a aprovação e o reconhecimento pela direção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB; à identificação dos apoios com os quais ele contou, tanto no Brasil como no exterior, especialmente nos Estados Unidos. O objetivo deste capítulo é examinar as redes de solidariedade e as oposições que permitiram que progressivamente o Padre E. Dougherty se estabelecesse como empresário de um ramo muito específico: o das comunicações.

Por fim, o título do trabalho também poderia ser concebido como: “Um projeto de vida de Igreja”, pois se trata da análise de um modo de ser Igreja - o neopentecostal.

Levando-se em consideração a forte relação do autor com o objetivo do trabalho, o seu memorial será apresentado como anexo.

CAPÍTULO I: PADRE EDUARDO DOUGHERTY

Edward John Dougherty Junior nasceu no ano de 1941. Sua mãe, Mary Koehler, era filha de um casal de alemães e seu pai, Edward John Dougherty, era de descendência irlandesa. Terceiro filho, depois de duas irmãs, em uma família de cinco filhos, o seu nascimento se deu na cidade de Nova Orleans, que no passado foi a capital do estado de Luisiana¹ e onde surgiram dois gêneros musicais mundialmente conhecidos: o *jazz* e o *blues*. Localizada na costa atlântica, no delta do Rio Mississippi, é uma cidade de população majoritariamente negra e de clima subtropical. Colonizada de maneira muito semelhante à ocorrida na América Latina, no modo de produção conhecido como *plantation*, sustentado sobre o tripé latifúndio, monocultura exportadora de algodão e trabalho escravo. Semelhança com o Brasil que mais tarde teria peso na adaptação do padre imigrante neste país.

Seu pai, um operário simples, morreu relativamente cedo, em 1962, vítima de alcoolismo. Trabalhava no pedágio de uma ponte em Nova Orleans e não possuía elevada formação escolar, nem chegou a concluir o equivalente ao Ensino Médio. E sua mãe, falecida no ano de 2006, trabalhou como professora primária durante toda a vida em uma escola católica. Quanto às suas irmãs – as duas mais velhas: uma é dona de casa, mãe de oito filhos; e a outra, professora e diretora de uma escola primária; a mais nova sempre trabalhou em *telemarketing*, ao passo que o seu irmão, professor como a mãe, logrou fazer carreira e chegou a superintendente de Educação de um município do estado da Geórgia (BRASIL CRISTÃO, 2001, p. 22).

Edward John Dougherty chegou ao mundo no momento em que se desenhava uma nova conjuntura política mundial produzida pela Segunda Guerra Mundial, no ano em que os Estados Unidos, após o ataque japonês à base militar de Pearl Harbour, declarou guerra aos países do Eixo, política com a qual se projetaria, ao lado da União Soviética, como uma nação de influência mundial.

P. Eduardo Dougherty recebeu a formação típica de um americano católico, de classe popular, do pós-guerra. Teve educação primária em um grupo escolar – o Saint Catherine of Siena

¹“Em 1803, a França de Napoleão cedeu aos Estados Unidos, por 15 milhões de dólares, os seus territórios na Lousiânia, que ocupavam desde a margem direita do Mississippi até os primeiros contrafortes das Montanhas Rochosas (Costa Oeste), na sua parte centro norte (atuais estados de Montana, Dakota do Norte, Wyoming, Dakota do Sul, Minesota, Iowa, Nebraska, Colorado, Kansas, Missouri, Oklahoma, Arkansas e Luisiana)”. (GONÇALVES, 1989, p. 47).

School — dirigido por religiosas católicas, as “Irmãs do Verbo Encarnado”². Em relação à sua infância, o Padre Dougherty afirma: “*Íamos à missa aos domingos e eu gostava da missa, depois da minha primeira comunhão*”³ (aos sete anos) – *como que eu orava! No primeiro ano do primário recebi a primeira comunhão*” (DOUGHERTY, 2004b). Desde menino queria tornar-se coroinha, como qualquer menino de família católica, seduzido pelo ritual e pelos paramentos próprios das missas da época, tendo sido impedido apenas porque o consideravam “muito alto e magro” para ficar no altar.

Mais tarde, Pe. Dougherty fez parte da Congregação Mariana⁴ — agremiação de leigos, fundada em 1563 por um jesuíta belga, o Padre Jean Leunis —, que teve o seu apogeu nas décadas

² A formação religiosa ainda é, em nossos dias, parte do projeto familiar, e, no caso da religião católica, configura-se em fonte privilegiada de vocações religiosas e sacerdotais. A Igreja não desconhece que, como diz Lapassade: “... O grupo familiar constitui o cimento mais firme da ordem social estabelecida, o lugar em que se efetua, como mostra Freud, a interiorização da repressão que continua na escola” (LAPASSADE, 1977, p. 15).

³ A primeira comunhão representa, de acordo com a tradição da Igreja Católica, um rito de iniciação, como também o é o Batismo. Porém, com o fenômeno chamado sacramentalismo - importância exacerbada dada aos sacramentos, tomados como obrigação e não assumidos com liberdade - estes se esvaziaram de sentido. Isso porque os sacramentos tornaram-se, através dos séculos, passagens efêmeras ou despedidas formais e solenes dos quadros de fiéis da Igreja Católica. É bom lembrar que foi por ocasião do Concílio de Trento (1545/1563) que o número de sacramentos foi definido como sete. Até esse período, não havia clareza a respeito dessa matéria. Evidentemente, para o menino Eduardo Dougherty, esses marcos significaram justamente o contrário: degraus de aprofundamento de seu engajamento na instituição eclesial.

⁴ “O início das Congregações Marianas deu-se no seio da Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola em 1534. Sua espiritualidade está alicerçada nos Exercícios Espirituais, criados por ele e aprovados pelo Papa Paulo III em 31 de julho de 1548, através do Breve Pastoralis Officii. Posteriormente foram submetidos à apreciação do Papa Júlio III, com nova redação, a qual foi aprovada em 21 de julho de 1550, mediante a bula *Exposit Debitum*, sendo este documento pontifício até hoje considerado como a Magna Carta da Companhia de Jesus. Em pouco tempo, os Jesuítas se espalharam por toda a Europa, e por onde passavam fundavam colégios, ensinando a vivência da espiritualidade contida nos Exercícios Espirituais, os quais se propõem a buscar e a encontrar a Deus em todas as coisas e assim proporcionar o respeito e a valorização do que existe de bom em cada cultura. Uma das características da nova ordem religiosa era o trabalho com os leigos, convidados a colaborar com o apostolado e a partilhar de sua espiritualidade, a partir da experiência dos Exercícios Espirituais. Em Roma, com base nas experiências já vivenciadas em muitas regiões, um jovem jesuíta chamado Jean Leunis reuniu vários alunos do Colégio Romano e criou um grupo a que denominou de Congregação Mariana, que se destinava a preparar os jovens a viverem uma vida cristã autêntica, sob inspiração da Virgem da Anunciação, e a praticar com fervor o apostolado. A experiência iniciada pelo jovem padre belga despertou a curiosidade de outros companheiros jesuítas, que iniciaram trabalhos semelhantes em outros lugares, fazendo com que as Congregações Marianas se espalhassem rapidamente pelo mundo, sobretudo nos colégios da Companhia de Jesus. No ano de 1584, o Papa Gregório XIII, através da Bula *Omnipotentis Dei*, erigiu canonicamente a Congregação Mariana do Colégio Romano, atribuindo-lhe o título de *Prima Primaria*. [...] No ano de 1948, em comemoração ao segundo centenário da Bula *Gloriosae Dominae*, o Papa Pio XII fez publicar a Constituição Apostólica *Bis Saeculari Die*, que passou a reger a vida das Congregações Marianas. Pelo documento a Santa Sé tencionava aproveitar a vitalidade das Congregações Marianas no âmbito da Ação Católica, movimento surgido no início do século XX e sistematizado pelo Papa Pio XI, que buscou instituí-lo organicamente, definindo-o como ‘a participação dos leigos no apostolado hierárquico da Igreja.’ [...] Na Assembleia Mundial realizada em Roma no ano de 1967, ocasião em que foi também aprovada a alteração do nome para Comunidade de Vida Cristã. [...] De sorte que, nos países em que as federações optaram por manter a tradicional denominação, como é o caso do Brasil, as Congregações Marianas mantiveram como legado toda a história iniciada em 1563, na cidade de Roma, com o Padre Jean Leunis e seus alunos do Colégio Romano”. (Disponível em: <<http://www.salvemaria.org.br/?system=news&action=read&id=96>>. Acesso em: 16 ago. 2009).

que antecederam o Concílio Vaticano II (1962-1965), tendo influenciado de forma bastante marcante a geração católica desse período, tanto nos Estados Unidos, como também no Brasil. Marcada pela rigidez da moral e pelo controle da sexualidade, a Congregação Mariana certamente influenciou esse clérigo na decisão que tomaria mais tarde em seus votos de castidade e obediência, isso porque a prática da castidade era, nesse tipo de agremiação religiosa pré-conciliar, além de estimulada, fiscalizada.

No ano de 1954, E. Dougherty ingressou, em sua cidade natal, no Colégio dos Jesuítas — o Jesuit High School —, fundado no ano de 1847. Ali fazia parte do time de basquete e tornar-se-ia coroinha, ajudando nos ofícios religiosos no altar, do primeiro ao quarto colegial.

Segundo seus relatos, às quartas-feiras, levantava às cinco e meia, tomava o ônibus e depois o bonde, chegava à capela às seis horas e vinte minutos; a missa começava às seis e meia. Ajudava na missa, que terminava às 7 horas, quando pegava o bonde de volta ao colégio dos jesuítas. Mesmo durante o verão, nas férias, não faltava. Chegou a liderar um grupo de acólitos.

A figura do “coroinha” — uma espécie de acólito mirim do padre — esteve muito presente nas igrejas católicas até o período anterior ao Concílio Vaticano II (1962/1965). Em muitos casos, como neste, foi bastante utilizada como um estágio inicial para aqueles que pretendiam seguir a vida eclesiástica. Constituir um grupo de meninos dedicado aos ofícios religiosos era uma das estratégias de captação de futuros seminaristas. O próprio Pe. Eduardo Dougherty afirmou: “... *a minha vocação realmente surgiu ao ‘pé do altar’...*” (DOUGHERTY, 2004b).

O padre também é chamado de sacerdote, encarregado de “... distribuir bens de salvação em virtude de seu cargo”, pois o altar significa o lugar do sacrifício, no qual o agente religioso desempenha o papel de intermediário entre Deus e o povo (WEBER, 1994, p. 303). Essa concepção é herdada do judaísmo, mas também estava presente em outras religiões da Antiguidade. Para a Igreja Católica, em relação ao sacerdote:

... A Igreja reconhece nele uma vocação e uma habilitação, que só procede daquele que é seu fundamento, Cristo. Seja como for, o ministro exerce uma função sacramental, simbólica, dentro da celebração eclesial; de maneira alguma fica divinizado, identificado com Cristo, cristificado pessoalmente; a representatividade sacramental não depende dele, nem da sua conduta. Mesmo que indignos, representam o Senhor para sua comunidade. [...] Os ministros ordenados são, pois, os presidentes da celebração eucarística, não porque eles foram ordenados para ser sacerdotes – assim não fala nunca o Novo Testamento, nem a primeira tradição eclesial — mas porque eles são constituídos pela imposição das mãos, que celebra e sacramentaliza neles a efusão do Espírito e os consagra como chefes e testemunhas das comunidades. [...] os ministros ordenados participam do sacerdócio comum

de toda a Igreja. [...] não é que sejam mais ou menos, não é que possam oferecer algo que os outros não podem oferecer, mas que atuam na comunhão com Deus de modo diverso; não é diferença de grau, mas de essência (LG, 10). (PAREDES, 1985, p. 31).

Os colégios jesuítas são conhecidos por sua disciplina; pelo formalismo de sua pedagogia, em que se destacam a disputa e a demonstração de conhecimentos em chamadas orais; e pela excelência na formação intelectual dos seus alunos. O de Nova Orleans não era diferente nesse particular. Todas as noites, os alunos — e entre eles o futuro Pe. Eduardo Dougherty — estudavam, mais ou menos, por três horas. Essa, porém, era uma escola com estilo militar; segundo Pe. Eduardo, esse era o único colégio jesuíta dos Estados Unidos que mantinha esse tipo de educação propriamente de escola militar destinada aos seus alunos. Os estudantes vestiam-se com uniformes de soldado, durante os quatro anos, ou seja, do nono ao décimo segundo ano, e marchavam portando réplicas de armas. Nessa escola, o futuro religioso teve o seu primeiro contato com a Ordem de Ignácio de Loyola, recebeu os fundamentos da espiritualidade ignaciana e apreendeu o “modo de proceder” dos jesuítas, que é o modo de ser e de agir que lhes é próprio e os distingue de outros religiosos.

Durante esse período, conforme o bem articulado discurso do padre empresário, Eduardo Dougherty fazia suas explorações com relação ao que deveria vir a ser a sua profissão. Por meio da Congregação Mariana, participou de vários retiros, quando, além das meditações e das orações, examinava a hipótese de dedicar-se ao basquetebol ou de tornar-se um administrador de empresa, conforme seu próprio relato. A entrada na Companhia de Jesus aconteceu em 1959, depois de passar por entrevistas com três padres jesuítas. Falou também com seus pais, que se surpreenderam, por ser ele o primeiro membro da família a tornar-se padre.

No noviciado, não escondia a sua intenção de partir em missão, tomando como modelo Francisco Xavier – um dos fundadores da Companhia de Jesus — que chegou até a Índia e a China para pregar. Descobriu que a Companhia de Jesus mantinha uma missão na Ásia: Índia ou Sri Lanka (antigo Ceilão), mas a África também o entusiasmava. Falava disso ao Mestre de Noviços, o qual lhe respondia: “... *você acabou de chegar aqui e já quer ir para as missões*”! (DOUGHERTY, 2004b).

O que distinguiu a Companhia de Jesus, desde a sua fundação, das outras ordens religiosas foi a disposição dos jesuítas para a missão, aqui entendida no seu sentido clássico: daquele que sai da sua terra de origem e vai para uma terra distante. Isso porque o estilo de vida das ordens religiosas católicas até o século XVI constituía-se fundamentalmente em vida monástica ou contemplativa.

O jovem Eduardo Dougherty foi noviço por dois anos. Ao final do noviciado, no ano de 1961, proferiu os seus votos perpétuos. Em seguida, nos anos de 1962 e 1963, passou pelo próximo estágio de formação jesuíta: o juniorado — etapa de aprofundamento dos estudos humanísticos que antecede o Curso de Filosofia. Tanto o noviciado como o juniorado foram realizados no Saint Charles College, na cidade de Grand Coteau, estado de Luisiânia.

Entre os anos de 1963 e 1966, cursou filosofia e fez curso de espanhol no Spring Hill College, em Mobile, no estado do Alabama. Durante esse período, por duas temporadas, foi ao México, onde viveu no noviciado da Província jesuíta mexicana, para aprimorar esse idioma.

Ainda no ano de 1966, vivenciou o magistério – uma espécie de estágio por que passam os jesuítas em formação: esteve seis meses no Jesuit High School, em El Paso, no Texas e, em seguida, veio para o Brasil, para a cidade de Campinas.

A sua vinda foi possível porque desde esse período já havia o fluxo de missionários da América do Norte para o nosso país, graças a um acordo firmado entre as Províncias jesuítas do Sul dos Estados Unidos e a Província do Brasil Centro-Leste, o que significou concretamente a circulação de religiosos entre os dois países. Nesse grupo de imigrantes americanos no Brasil, estavam o Padre Haroldo J. Rahm⁵, o primeiro a chegar, em 1964, e o Padre Eduardo Dougherty. Essa estratégia fazia parte do projeto de evangelização global empreendido pela Igreja Católica, no qual o Brasil era encarado como “terra de missão”.

O Padre Haroldo Rahm — nascido no estado do Texas, em 1919 – foi o fundador do Centro Profissionalizante “Presidente Kennedy”, o Centro Kennedy, como é conhecido, no Bairro do São Bernardo, no ano de 1965. Ele também fez parte da Renovação Carismática Católica, sendo, ao lado do Pe. Eduardo Dougherty, um dos pioneiros do Movimento Carismático no Brasil.

Padre Dougherty, chegando à Comunidade do Centro Kennedy, onde os padres e os irmãos falavam inglês, percebeu que esse não seria um lugar apropriado para aprender a nossa língua e, como queria aprendê-la, a partir de agosto de 1966 frequentou aulas de português todos os dias, durante nove meses, na Escola Crismi, localizada em um prédio em frente à Catedral de Campinas. Ao mesmo tempo, buscava um lugar em que pudesse trabalhar e aprimorar o novo idioma.

Ao procurar a Cúria Metropolitana, para apresentar-se ao então arcebispo de Campinas, Dom Paulo de Tarso Campos, acabou tendo um primeiro contato com o Pe. Senna — nascido em 1917 e hoje já falecido — que por muitas décadas atuou na Cúria Metropolitana, próximo aos bispos, como

⁵ Minibiografia no final do trabalho.

Vigário Geral⁶. Padre Dougherty foi trabalhar no Seminário do Swift⁷, onde conviveu com os seminaristas de colegial da Arquidiocese. Com os jovens da região da Paróquia Cura D’Ars, ao lado do Seminário, aprendeu a falar português, enquanto os ensinava a jogar basquete, seu esporte preferido. Nesses anos, organizou, no Centro Kennedy, campeonato de futebol, grupo de escoteiros e grupo de jovens.

No ano de 1967, numa Praça de Esportes no Bairro São Bernardo, Eduardo Dougherty, então ainda estudante jesuíta, conheceu — e dele tornou-se amigo — o senhor Argemiro Roque, que trabalhou na limpeza pública e se transformou em um expoente do esporte nacional. Atleta premiado no exterior, competiu e foi premiado em Olimpíadas, além de atuar como técnico de atletismo e coordenador da equipe de atletismo da cidade de Campinas. Esse homem marcou de tal forma o esporte amador na cidade de Campinas, nas décadas de 1960 e 1970, que, em sua homenagem, a Praça de Esportes à qual se fez menção recebe, hoje em dia, o seu nome.

A proximidade com Roque permitiu ao religioso a entrada no “mundo esportivo”; mais tarde, Eduardo Dougherty assumiu a Coordenação Municipal de Atletismo e, no primeiro ano de sua administração, atuando também como técnico, a seleção feminina de Campinas conquistaria o campeonato estadual de basquete. Esse período, fim dos anos 1960 e início dos anos 70, foi marcado por muito incentivo aos esportes, como uma forma de ocupação e despolitização da juventude, projeto ao qual o setor conservador da Igreja Católica estava vinculado.

Segundo o próprio religioso, o esporte não significou para ele apenas um entretenimento, mas um fundamento para a direção que daria à sua própria vida — fez parte de sua formação. *“Eu sou ofensivo, aprendi no esporte de entrar ofensivo. O esporte fez isto para mim. Eu era jogador de basquete, ofensivo sempre! Mas, além de basquete, eu fazia atletismo e baseball”* (DOUGHERTY, 2004b).

Padre Dougherty teve sua formação pautada pela ética própria do Puritanismo, muito presente na mentalidade, assim como na cultura, das classes médias na América do Norte. Ética puritana que se materializou na ideologia, tanto do trabalho, tido como uma missão a ser cumprida sob os olhos de Deus, como do sucesso, ou seja, no resultado positivo dos seus empreendimentos, o que concretamente se constitui na confirmação divina ou em um sinal inequívoco do recebimento das bênçãos de Deus.

Em 1968, com vistas a sua ordenação sacerdotal, pediu aos superiores para iniciar o curso de

⁶ Este é quem, na ausência do prelado, possui autoridade para representá-lo.

⁷ Localizado no bairro de mesmo nome.

Teologia. Com essa finalidade, foi enviado a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Chegando lá, por considerar o Sul do País muito semelhante à Alemanha⁸, solicitou ao Provincial⁹ o seu retorno a São Paulo, para dar continuidade aos seus estudos. Foi matriculado, ainda no mesmo ano, na Escola Dominicana de Teologia (EDT) — fundada em 1943, no bairro de Perdizes, na capital paulista —, onde cursou o primeiro ano de Teologia, em um curso fortemente marcado pela Teologia da Libertação, tendo como professores frei Betto¹⁰ e outros, quando, segundo Padre Dougherty, “*estourou o negócio [recrudescimento da repressão militar no País], graças a Deus me mandaram embora (em janeiro de 1969) para o Canadá para fazer a Teologia*”! (DOUGHERTY, 2004b).

As manifestações estudantis que ocorreram na Europa no ano de 1968, em Paris e Praga (capital da antiga Tchecoslováquia, hoje República Checa), impulsionaram o renascimento do Movimento Estudantil no Brasil, que sentira os efeitos da repressão aos seus aliados: o Movimento Sindical, a Frente Parlamentar Nacionalista, além dos militares identificados com as reformas, que influenciariam no surgimento de um clero progressista. O Movimento Estudantil passaria a ocupar a frente nas mobilizações de protesto e nas manifestações de descontentamento com o governo militar (ARNS et al., 1998, p. 133).

Em dezembro de 1968, foi publicado o Ato Institucional nº. 5, o AI-5, durante o governo de Costa e Silva, afastado em agosto de 1969, em razão de uma suposta enfermidade. Por meio de manobra política articulada por três ministros militares, impediu-se a posse do vice-presidente civil, Pedro Aleixo. Em outubro de 1969, assumiu a presidência o general Emílio Garrastazu Médici e instalou-se no País o período mais implacável da opressão política e da perda das liberdades individuais. Em ataque à própria Universidade, na Universidade de São Paulo, USP, estudantes foram perseguidos e professores cassados, especialmente nas faculdades de Geografia, História e Filosofia (ARNS et al., 1998, p. 62-63 e p.137-138).

Em 1961, a UNE já havia se mobilizado contra os ministros militares que tentavam impedir a posse do vice-presidente João Goulart em substituição ao renunciante Jânio Quadros. Em consequência, em 1º. de abril de 1964, a sede da UNE, na praia do Flamengo, foi ocupada, saqueada

⁸ Na década de 1960, os jesuítas em formação da Província do Brasil Centro-Leste, à qual o Pe. Dougherty estava vinculado, cursavam Teologia em Instituto mantido pela Companhia de Jesus, no Sul do Brasil. O Padre Dougherty não queria morar num lugar como o Sul do Brasil, onde parte das pessoas - da mesma forma que ele - ainda falava com sotaque (DOUGHERTY, 2004b).

⁹ Assim chamado o padre religioso incumbido, por determinado tempo, da tarefa de Superior dos membros de uma congregação ou ordem religiosa, dentro dos limites da jurisdição da Província.

¹⁰ Frei Betto, irmão dominicano e escritor, nascido em Minas Gerais, foi um dos destacados membros da Igreja Católica na luta contra a ditadura militar, na organização dos trabalhadores e na atuação junto às Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Foi militante de esquerda e preso político durante quatro anos. Um árduo defensor e propagador da Teologia da Libertação no Brasil e na América Latina. Foi Assessor Especial da Presidência da República (2003-2004).

e incendiada por uma organização paramilitar: o CCC – Comando de Caça aos Comunistas (ARNS et al., 1998, p. 132).

Eram comuns, no período de exceção, o conflito entre a polícia e os estudantes; a perseguição, a prisão, o desaparecimento e o assassinato, principalmente de membros do movimento estudantil, representado pela União Nacional dos Estudantes, a UNE, fundada em 1937, e daqueles que faziam parte dos partidos de esquerda.

Foram frequentes as perseguições dos militares a professores e alunos de cursos considerados progressistas, o que criava um clima de total instabilidade no ambiente universitário e, em muitos casos, culminava com o fechamento dos cursos.

No Canadá, nesse mesmo período, ocorreu o ingresso de Dougherty no interior da Renovação Carismática Católica, através da experiência de “Batismo no Espírito” – uma espécie de rito de entrada para o Movimento – que, segundo ele, ali vivenciou, no ano de 1969. Para os Carismáticos, esse acontecimento significa a razão da própria existência do grupo, ou seja, o reavivamento espiritual dos seus membros. Nesses anos, Eduardo Dougherty já fazia parte dos quadros da Companhia de Jesus; porém, ainda não havia sido ordenado padre. Ele esteve no Canadá, em Toronto, de 1969 a 1971, e lá cursou do 2º ao 4º ano de Teologia.

Escrever a biografia do Padre Eduardo Dougherty implica contar a história do Movimento Eclesial católico chamado, em seus primórdios, de Pentecostalismo Católico, depois denominado Renovação Carismática Católica¹¹, porque ele é uma das principais personalidades ligadas ao Movimento desde sua fundação no Brasil. Ele interrompeu sua estada em Toronto, em junho de 1969, para, em uma rápida passagem por Campinas, iniciar a propagação do Movimento Carismático no Brasil.

No Canadá, especializou-se nos Exercícios Espirituais de Ignácio de Loyola. O seu diretor espiritual, o Pe. George Asselin, profundo conhecedor da espiritualidade ignaciana¹², influenciou a sua formação, fazendo-o seu discípulo¹³. Durante o curso de Teologia, intensificou a sua dedicação à oração pessoal diária, encontrando-se uma vez por semana com o seu orientador espiritual. Tomou aulas especiais sobre os Exercícios Espirituais e aprendeu a orientar retiros. Tornou-se o que se chama um “técnico de oração” de retiros orientados, e esses conhecimentos lhe foram muito úteis na estruturação da base de apoio de seu projeto no Brasil.

¹¹ A origem e o desenvolvimento da RCC serão apresentados no terceiro capítulo.

¹² Desenvolver-se-á um segmento do próximo capítulo acerca da espiritualidade ignaciana.

¹³ É da tradição da Igreja Católica os místicos ou mestres espirituais – profundos conhecedores da espiritualidade cristã - formarem discípulos ao longo de suas vidas e deixarem seguidores após a morte.

Foi ordenado em junho de 1970 e permaneceu no Canadá em 1971, para concluir o curso de Teologia. Depois de receber a Ordenação, viu potencializada a sua influência sobre os fiéis, a imposição das suas mãos – agora, sacramentais –; e a possibilidade de presidir missa — um dos momentos privilegiados da “ação carismática” de cura – reforçou sua atuação.

Depois de ordenado, foi designado, mesmo contra a sua vontade, a voltar ao seu país de origem, os Estados Unidos. Embora desejasse permanecer em nosso país, porque afirmava já estar: “acostumado no Brasil”, a pedido do seu Superior, esteve nos EUA por mais um ano. Nesse período, em sua cidade natal, Nova Orleans, residiu e orientou retiros para os jesuítas do Sul do país, ao lado de pregadores da América do Norte. A convite seu, estiveram com ele um pregador inglês e outro espanhol, reconhecidos pela capacidade de comunicação e sensibilização de públicos de todas as idades. Permaneceu orientando retiros durante um ano: foram oito retiros no total, de setembro de 1971 até agosto de 1972. Terminado esse período, apesar de Dougherty desejar retornar ao Brasil, o Provincial pretendia mantê-lo nos Estados Unidos, enviando-o para uma Casa de Retiros, em Atlanta, no estado da Geórgia. Diante do impasse, o seu Superior escreveu para o então Padre Geral dos Jesuítas, Pe. Pedro Arrupe, em Roma, e este decidiu que o Pe. Dougherty voltaria ao Brasil, o que ocorreu ainda em 1972, para a cidade de Osasco.

Ali, na Grande São Paulo, ficou responsável por uma paróquia. E a partir dessa sede, entre 1972 e 1973, pregou retiros pela Grande São Paulo¹⁴. O trabalho em paróquia o “prendia”. Ele queria ser “livre”, tinha a ambição de estender sua pregação por todo o Brasil. Assim, em 1973, conseguiu afastar-se da acanhada paróquia, pois mandaram um padre para substituí-lo. Retornou a Campinas em 1973, para residir na Comunidade do Centro Kennedy. Entre os anos de 1973 e 1979, Padre Eduardo Dougherty esteve orientando retiros por todas as capitais brasileiras, o que significou a sua primeira grande estratégia para a divulgação da Renovação Carismática no Brasil. As suas viagens foram facilitadas pelo fato de o Padre, através dos seus contatos com empresários do setor de aviação comercial, ter recebido um “passe livre”¹⁵ da Viação Aérea Rio Grandense – VARIG. Peregrinação que não só rendeu a propagação da maneira pentecostal de vivenciar a liturgia própria da Renovação, como também tornou conhecido o nome do Padre Eduardo Dougherty em todos os estados brasileiros, a partir de suas capitais. Essa experiência possibilitou que mais tarde, no ano de

¹⁴ A Grande São Paulo, na primeira metade da década de 1970, já contava com uma população estimada em 10.041.132 habitantes, para uma densidade demográfica de 1.262,87 pessoas por quilômetro quadrado. (ALMANAQUE ABRIL, 1979, p. 308). No referido período, já se delineava como a grande metrópole nacional. Daí o fato de o religioso iniciar o seu trabalho de disseminação do Movimento Carismático pelo Brasil a partir da principal e mais influente cidade brasileira.

¹⁵ É da tradição da aviação comercial brasileira a concessão de “passe livre”, aos militares da aeronáutica (VEJA, 28 jan. 1998, p.24-25) e a outras pessoas que lhe convenham.

1994, pudesse orientar novos retiros nas capitais brasileiras, desta vez, exclusivamente para o clero. O retiro dirigido aos padres garantiu a disseminação do Movimento nas diversas regiões brasileiras, isso porque, como é sabido, na Igreja Católica os clérigos possuem forte ascendência sobre os fiéis comuns. No período de 1977 a 1979, atuou em uma Casa de Retiros, também em Campinas, na chamada Vila Brandina, na qual já residia e trabalhava o Padre Haroldo Rahm.

Orientados pelo Padre E. Dougherty, nos primórdios do Movimento Carismático no Brasil, havia um Grupo de Oração, na Cúria de Campinas — hoje, Centro de Pastoral Pio XII — e um Grupo de Oração em Osasco. Aos Grupos de Oração, a Renovação Carismática deve muito, por ter-se desenvolvido e firmado no interior da Igreja Católica: eles — que já foram a principal célula do Movimento — representaram a base da estrutura da Renovação Carismática Católica. O desenvolvimento, mesmo que incipiente, da RCC está intimamente ligado ao aparecimento de tais grupos, que consistem em um espaço em que o fiel se desliga do mundo, procurando uma “satisfação espiritual”, alternando momentos de silêncio e de murmúrio (DÁVILA, 2000, p. 50).

Ainda sem o aval da Igreja Oficial, quase na clandestinidade, o Movimento crescia no Brasil e somava, no ano de 1978, em todo o País, mais de 300 grupos inscritos no *Secretariado da Comissão Nacional de Serviços*, sem contar o outro tanto não registrado formalmente (OLIVEIRA et al., 1978, p. 19-20).

À medida que o Movimento foi crescendo, especialmente a partir da década de 1990, a Renovação Carismática deixou de organizar-se em pequenos grupos quase privados — nas casas de família e em pequenos salões das paróquias e comunidades. Os Grupos de Oração tornaram-se numerosos, reunidos em templos maiores, alguns especialmente construídos para esse fim. Em estádios e ginásios de esporte, organizaram-se *megashows* (os Cenáculos) e “rebanhões” — encontros que reúnem milhares de jovens. Segundo Padre Dougherty: “... *todos os meios são válidos para se fazer evangelização, TV, rádio, vigílias e barzinhos*” (FOLHA DE S. PAULO, 1993).

Como consequência dessa massificação do Movimento Carismático no Brasil, a frequência assídua passou a dar lugar à transitoriedade, recebendo em suas fileiras milhares de pessoas das camadas populares. Para Reginaldo Prandi, são três as causas que explicam o fato de os pobres não terem se engajado como membros efetivos no Movimento: o primeiro, a dificuldade dos grupos ligados à RCC para estabelecer proximidade com as CEBs, que consistiam maioria nas paróquias de periferia. O segundo, a RCC estar presa à doutrina católica oficial, o que limitou a atuação das lideranças da Renovação se comparada a dos pastores pentecostais diante dos pobres. E o terceiro, mesmo que aumente significadamente a presença dos pobres na RCC, o estilo, o tom e a linguagem

que a Renovação assumiu continuarão de classe média, o que se torna evidente, por exemplo, ao conceber o significado de conversão (PRANDI, 1998, p. 161-162).

Apesar dessas mudanças na composição da Renovação, perdurou durante as décadas de história da RCC a hegemonia da classe média na direção do Movimento no Brasil (DÁVILA, 2000, p. 47). As origens remotas da Renovação Carismática Católica nos Estados Unidos, entre professores e estudantes universitários, já indicavam que o Movimento nascia elitizado.

O crescimento da RCC também é explicado pelo fato de o Movimento Carismático ter ganhado maior visibilidade nos meios de comunicação social. A presença dos “padres cantores”, como Marcelo Rossi e Antônio Maria¹⁶, nas grandes redes de televisão brasileira, como o Sistema Brasileiro de Televisão — SBT — e a Rede Globo de Televisão, bem como na grande imprensa, revista *Veja* e jornal *Folha de S. Paulo*, deixou a RCC cada vez mais em evidência.

Interessava aos grupos conservadores – dentro e fora da Igreja Católica —, naquele momento, apoiar os carismáticos porque, apesar da aparência renovadora do Movimento, o seu projeto de Igreja constituiu-se em possibilidade concreta de oposição ao ideário e à prática propostos pela Teologia da Libertação tanto no Brasil como em toda a América Latina. Se o primeiro modelo de Igreja se apoia nas emoções e na solução pessoal e miraculosa dos problemas, o segundo prega a atuação política coletiva como forma de minimizar o sofrimento do povo, dando sentido evangélico às lutas populares.

Foi por meio da liderança exercida por Pe. E. Dougherty no interior da Renovação Carismática, concretamente nos Grupos de Oração, que, no início dos anos 70, ele se aproximou da classe média e da elite local de Campinas. Esta cidade, que abriga os herdeiros da aristocracia cafeeira e uma burguesia industrial de ascendência europeia, especialmente italiana e alemã, constituiu-se no principal foco irradiador do Movimento Carismático pelo Brasil. Parte desses segmentos sociais que formam a burguesia campineira já se aglutinava em torno da Igreja Católica, em movimentos de classe média, nas paróquias centrais que, de forma organizada, se transformaram em campo fértil para o profícuo desenvolvimento do Movimento Carismático em Campinas.

¹⁶ Sacerdote católico, Marcelo Mendonça Rossi nasceu na cidade de São Paulo, no ano de 1967. Formou-se em Educação Física em 1989. Foi ordenado em dezembro de 1994. É um dos expoentes do Movimento Carismático Católico no Brasil. Tem programa diário na Rádio Globo, programas diários (“Terço Bizantino” e “Momento Fé”) e missa semanal, na Rede Vida de Televisão (canal católico), além de missa semanal na TV Globo, veiculada para todo Brasil e para mais 45 países. (Disponível em: <<http://www.padremarcelorossi.com.br/perfilpadremarcelo.php>>. Acesso em: 06 out. 2009). Também sacerdote católico, Antônio Maria Borges, cujo pai era português, nasceu em 17 de agosto de 1945, na cidade do Rio de Janeiro. Na adolescência participou da Congregação Mariana e é religioso do Instituto Secular Padres de Schoenstatt. Possui um programa na TV Século XXI e mantém obras assistenciais na cidade de São Paulo. (Disponível em: <<http://www.padreantoniomaria.com.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2010).

Foi neste contexto que um grupo de casais de classe média alta, sob a liderança do Pe. Dougherty¹⁷, fundou a Comunidade de Aliança Jesus Te Ama. As Comunidades de Aliança distinguem-se das de vida pela sua fisionomia jurídica, tanto civil como canônica, pois se caracterizam como entidades de benefício público. A partir das Comunidades de Aliança, criaram-se, na Renovação Carismática Católica, muitas fundações e associações, por meio das quais é possível captar recursos financeiros, nacionais e internacionais e possuir bens imóveis (DÁVILA, 2000, p. 63).

Esta entidade nasceu no ano de 1973, tornando-se entidade jurídica em 1984, com a finalidade de estruturar uma atividade que já vinha sendo realizada pelo grupo de oração Fonte de Água Viva, integrado na sua maioria por profissionais liberais, desde 1974.

Os movimentos de leigos romperam com as categorias tradicionais de “estados de perfeição” (COMBLIN, 1983, p. 23) e puderam atrair pessoas que se consagram através de votos de pobreza, castidade e obediência, o que no passado só era possível com as ordens religiosas e com o sacerdócio religioso e secular:

A RCC incorporou essa novidade pós conciliar através de suas Comunidades de Aliança e Comunidades de Vida. As primeiras consistem num agrupamento de pessoas entre casados, solteiros e solteiras, profissionais que fazem compromissos privados ou votos dos conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência. Algumas vezes essas comunidades criam grupos mistos nos quais homens e mulheres, solteiros e casados, partilham de uma moradia comum. As segundas, as Comunidades de Vida, são grupos de vínculos fortes de autocontrole e comunhão de bens, e buscam reconhecimento canônico em Roma. Às vezes incorporam na sua estrutura religiosos, religiosas e sacerdotes para orientação espiritual (HORTAL, 1987, p. 139-151, apud DÁVILA, 2000, p. 62-63).

Para Hébrard, esse tipo de comunidade consiste em “uma nova forma de ordem religiosa em moldes laicais” (HÉBRARD, 1992, p. 40, apud DÁVILA, 2000, p. 63).

A Comunidade constitui-se em uma complexa rede de comunicação e informação. Constituída por 100 membros em 15 diferentes células organizadas por sexo, mantém a coesão

¹⁷ É da tradição da Igreja Católica os clérigos fundarem instituições que seriam, a princípio, o espaço dos leigos. Como, por exemplo, o jesuíta belga, Pe. Leunis, que no século XVI, fundou a Congregação Mariana. Ou o Treinamento de Lideranças Cristãs — T. L. C. —, fundado pelo jesuíta estadunidense, Pe. Haroldo J. Rahm, no período de exceção, no Brasil. Os não ordenados são, no interior da instituição eclesial católica, sob o ponto de vista sociológico, dependentes dos seus agentes religiosos. Isso porque os papéis de ambos são bem definidos dentro da estrutura da Igreja: os padres possuem autoridade para falar e ensinar; e os leigos, o dever de ouvir e aprender. Dificilmente os leigos tomam a iniciativa de fomentar algum projeto pioneiro dentro da Igreja, pois foram condicionados apenas a receber ordens. O protagonismo leigo, presente tanto nos documentos pontifícios como nas conferências episcopais, está longe de realizar-se.

através de uma rede de comunicação interna e desempenha importante papel na formação de lideranças da Renovação Carismática Católica, tanto regional como nacionalmente (DÁVILA, 2000, p. 69-70). É responsável por *serviços espirituais*, como os Seminários de Vida no Espírito – SVES —, que numa mesma noite chegam a contar com 2000 participantes, e o S.O.S. Oração (plantão de oração através de secretárias eletrônicas), além de apoiar a organização de encontros e retiros para jovens e assessorar grupos de periferia de Campinas.

Desde a década de 1960, tem sido comum aos grupos de revivescência espiritual da Igreja Católica encarar como missão profética a conversão e o trabalho com os pobres (BENEDETTI, 1988). Para o teólogo e sociólogo francês, Seguy, o fato de

a liderança do pentecostalismo católico ter surgido justamente na classe média, deveu-se ao papel que essa cumpria na sociedade industrial. Nesse contexto há uma clara concorrência entre as classes dirigentes e as dirigidas, sendo as primeiras as iluminadas, papel que a classe média cumpriu naquele momento, e as segundas as que precisavam ser orientadas, isto é, os operários (SEGUY, 1973, p. 37, In CHAGAS, 1976, p. 37, apud DÁVILA, 2000, p. 49).

A instituição conta ainda com um estúdio de rádio que produz e divulga programas para o Brasil e para o exterior. A condição imprescindível para fazer-se membro da Comunidade de Aliança Jesus Te Ama é o estado civil, referendado pelo casamento na Igreja, no caso de casados ou viúvos. Os solteiros só podem pertencer à Comunidade se tiverem mais de 30 anos de idade. Além dessas condições, passa-se por uma intensa formação (DÁVILA, 2000, p. 68-70).

O projeto de expansão e divulgação da Renovação Carismática pode ser examinado pelo projeto editorial do grupo. Um dos casais, membro da Comunidade, é proprietário da Editora Raboni, responsável pela produção de materiais audiovisuais e escritos. Especializada na publicação de livros pautados na Bíblia, desde a sua fundação, em 1991, até 2010, publicou mais de 120 títulos, e aproximadamente 15 milhões de exemplares já estão espalhados em todo território nacional e no exterior. Presente em mais de 120 países, entre eles Estados Unidos, Canadá, Inglaterra, Portugal, Espanha; em toda a América do Sul e em alguns países da América Central, além de vários países da África e da Ásia, a Editora Raboni conta com cerca de 10 mil representantes e está ampliando a sua rede de atuação através da presença na Internet¹⁸. Vê-se, nesse casal, Régis e Maísa Castro, o mesmo

¹⁸ Disponível em: <http://www.raboni.com.br/raboni_editora.asp?lang=port>. Acesso em: 08 dez. 2010.

espírito empresarial dos projetos fomentados pelo Pe. Dougherty¹⁹, o que não é uma característica individual, mas, sim, uma das estratégias dentro do projeto carismático.

A instituição funciona como uma empresa familiar: uma das filhas do casal, formada em Letras, faz a revisão das obras; e a outra, com formação em Administração de Empresas, atua no gerenciamento do empreendimento. O pai, Régis Castro, é escritor.

Da Comunidade de Aliança Jesus Te Ama, nasceu a Comunidade de Aliança El Shaddai-Pantokrator²⁰, mais recentemente fundada. É a versão jovem da Comunidade Jesus Te Ama, formada essencialmente pelos filhos dos membros da Comunidade de Aliança Jesus Te Ama, impedidos de participar desta em função da idade — são menores de 30 anos. Esta Comunidade atua na paróquia Divino Salvador, localizada no Cambuí, um bairro de classe média próximo ao Centro de Campinas e estrutura-se a partir de um compromisso de consagração, tendo como ideal de vida a santidade por meio da família (DÁVILA, 2000, p. 71-72).

IGREJA ELETRÔNICA: O DESDOBRAR DE UM PROJETO

Durante os anos de ditadura militar no Brasil, entre as décadas de 1970 e 1980, deu-se a entrada da igreja eletrônica no País. A forte censura à imprensa e a todas as manifestações artísticas abriu espaço para entrada de uma programação de massa banalizada e de forte apelo emocional.

A ala conservadora das Igrejas Católica e protestantes aproveitou esse espaço e, por meio de programas importados de evangelização na televisão brasileira, deu início ao que veio a ser uma rede muito bem articulada na disputa pela audiência diária. Despontou uma nova forma de encontro dos fiéis com o clero. Este deixaria de considerar a TV uma concorrente da igreja e passaria ele mesmo a criar e dirigir suas próprias novelas, o gênero de maior sucesso da TV brasileira. Entre os programas importados estava “Música para Deus”, de Jimmy Swaggart, na TV Bandeirantes e na TV Record.

¹⁹ Segundo W. Sombart, a Igreja Católica e o Estado têm sido os primeiros e grandes empreendedores da história medieval e contemporânea da humanidade (SOMBART, 1993, p. 69).

²⁰ “Dia 28 de janeiro (de 2007), 17 horas, D. Bruno Gamberini celebra missa de aprovação definitiva de alteração do nome da Comunidade El Shaddai-Pantokrator. *El Shaddai* é um dos nomes próprios ou descritivos que foram usados pelo povo hebreu para se referir a Deus. Especialmente El Shaddai era usado pelos patriarcas até a revelação do Javé a Moisés no monte Sinai – Ex 6, 3”. (Disponível em: <http://www.paroquiadivino.org.br/pastorais_elshaddai.asp>. Acesso em: 23 jan. 2007). No Segundo Testamento, a expressão “o Todo Poderoso” (*Pantokrator*) usa-se unicamente com referência a Deus. Cf. Ap 1.7-8.

Filho de um comerciante de bebidas alcoólicas, esse televangelista gosta de vangloriar-se da radicalidade da sua conversão. Refere-se com frequência a fatos anedóticos que ilustram o quanto as tentações o rondam de perto. Para efeitos televisivos, a “imagem” dessa entrega ao Espírito Santo fica muito bem montada em um programa requintado: com ambiente, roupas, gestos e músicas “não vulgares”. Dotado de raro talento musical, toca muito bem piano e possui uma voz adaptada ao reforço das emoções (ASSMANN, 1986, p. 40). Foi o televangelista que mais obteve sucesso no Brasil. Ligado à Assembleia de Deus dos Estados Unidos, em 1988, Swaggart admitiu publicamente ter-se envolvido com uma prostituta e foi obrigado a abandonar as suas atividades como pregador. O outro programa de sucesso foi o de Rex Humbard, transmitido por muitos anos pela TVS (antigo Sistema Brasileiro de Televisão — SBT). Rex Humbard, de perfil ultraconservador, foi acusado de satânico por Swaggart e, dotado de tom profético antissacerdotal, pró-armamentista, contracomunista, tinha forte aceitação, na América Latina, pelas classes populares e pobres. Foi o primeiro pregador estadunidense a apresentar-se na televisão brasileira e, a partir de 1978, teve seu programa “Alguém ama você” transmitido inicialmente pela TV Tupi. Esta, praticamente falida, em 1980 foi fechada pelo governo. Suas emissoras foram divididas entre a Rede Manchete e o SBT, tendo este passado a transmitir o programa até 1984 (FONSECA, 2003, p. 37).

Dentre esses pregadores protestantes, especialmente Jimmy Swaggart despertaria no grupo de católicos o anseio de também colocar na televisão brasileira os seus representantes.

Nesse mesmo período, o Padre Eduardo Dougherty decidiu falar sobre seus projetos com o seu Superior, o Padre Macdowell²¹, e pediu aval para dedicar-se integralmente à inserção de programação católica nos meios de comunicação social, em especial, a televisão. Ao que o então Provincial respondeu favoravelmente. Este aceno positivo significou o apoio da Companhia de Jesus aos seus projetos eclesiais, econômicos e de vida, os quais, mais tarde, sintetizar-se-iam na fundação da Associação do Senhor Jesus.

Foi em 1979 que um grupo de leigos — praticamente o mesmo que fundara a Comunidade de Aliança Jesus Te Ama —, padres e religiosas reuniram-se em torno do Padre Dougherty e fundaram a Associação do Senhor Jesus. Eram eles: Walter Regina²², advogado; Régis Torres

²¹ O Padre João Augusto Anchieta Amazonas MacDowell era, nesse período, o Provincial da Província do Brasil Centro-Leste. Trata-se da Província em que o Padre Eduardo Dougherty está radicado. É a maior Província da Companhia de Jesus no Brasil e compreende os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal e Tocantins.

²² Já falecido. Foi Presidente da ASJ até o ano de 1988, é irmão do advogado tributarista Heitor Regina, Reitor da PUC - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, no período de 1980 a 1985. A Associação do Senhor Jesus recebeu dessa universidade apoio logístico em seus primórdios. A família Regina teve significativa participação na fundação e no desenvolvimento dessa instituição.

Castro, engenheiro civil e Maísa Lettieri Torres de Castro, assistente social; a Irmã Maria Nellie Guimarães (Missionária de Jesus Crucificado); Joventina Tecilla (Irmã Luíza), da Congregação de São José de Chambéry; a Irmã Cecília Rodrigues Vianna e a Irmã Maria Elvira, ambas da Congregação das Irmãs do Divino Salvador (Salvatorianas); John Peter O’Connell (Padre Jack) – estadunidense — e Brazilino Paschoal Canoas (Padre Canoas). O primeiro padre (já falecido) pertencia à Sociedade dos Missionários dos Santos Apóstolos, com casa em Campinas (SP) e também em outros estados brasileiros, um Instituto Religioso com características diferentes, voltado para acolher, principalmente, vocações adultas. Já o segundo padre pertence à Arquidiocese de Campinas.

Em 1981, a Associação do Senhor Jesus foi constituída formalmente como pessoa jurídica de direito privado²³, pois a Igreja Católica reconhece o direito de os leigos associarem-se, conforme as orientações pastorais da CNBB:

18 – A liberdade associativa dos fiéis é reconhecida e garantida pelo Direito canônico e deve ser exercida na comunhão eclesial. O Papa João Paulo II, na sua Exortação Apostólica *Christifidelis Laici* (n. 30), aponta critérios e fundamentais para o discernimento de toda e qualquer associação dos fiéis leigos na Igreja ... (CNBB, 1994, p. 15-16).

A criação da Associação do Senhor Jesus significou a busca da concretização da presença de pregadores católicos nos meios de comunicação televisivos. O primeiro programa televisivo produzido pela Associação do Senhor Jesus foi gravado na capela do *campus* I da PUC de Campinas, em junho de 1983. O grupo era composto por Pe. Eduardo Dougherty, Pe. Jonas Abib, Pe. Canoas e alguns leigos: Régis Castro (pregador da Renovação Carismática na Arquidiocese de Campinas), Ecyr Prado e Vicente Abreu (funcionários da Associação do Senhor Jesus).

A presença do Pe. E. Dougherty em programas televisivos remonta, pois, ao início da década de 1980, mais precisamente ao ano de 1984, quando a Rede Bandeirantes de Televisão transmitia, gratuitamente, via satélite, para todo o território nacional, o programa “Anunciamos Jesus”, com duração de 30 minutos, aos sábados pela manhã. Essa foi a primeira inserção efetiva desse jesuíta na televisão e esse foi o primeiro programa católico veiculado em rede nacional. Houve também um

²³ Conforme o Art. 44 da Lei nº 10406, de 10 de janeiro de 2002 (Código Civil Brasileiro), são pessoas jurídicas de direito privado: “I – As Associações...” E também: “*Sendo a Associação do Senhor Jesus uma associação de direito civil, regida no C.D.C. nos cânones 215, 225, 298, 299, não carece da licença da autoridade hierárquica, a sua fundação é apenas comunicada à autoridade eclesiástica*” (CASTRO, 2007). Desde a sua fundação, o objetivo da Associação foi: “o culto da fé cristã conforme a Igreja Católica Apostólica Romana” (ASSOCIAÇÃO..., 1982, p. 2).

segundo programa produzido pela Associação do Senhor Jesus, chamado *A palavra de Deus*²⁴, veiculado pela TV Gazeta, a partir de 1990. Em ambos os programas, o protagonista e principal pregador, ao longo de anos de exibição, foi o Padre Dougherty.

O programa “Anunciamos Jesus”, dirigido desde 1983 pelo publicitário Antônio Miguel Kater Filho e mantido pela Associação do Senhor Jesus, contava com encenação e aplicação do Evangelho a partir de cartas recebidas — cerca de 30 mil mensais — que promoviam a avaliação e a projeção do programa. Essas cartas pautavam os temas do “Anunciamos Jesus”, respondidos também por um boletim impresso em 80 mil exemplares mensais, que ensinava sobre a bíblia, noticiava a respeito da Igreja e exortava para a corresponsabilidade na evangelização pela TV. Esse boletim antecedeu a atual publicação mensal da Associação, revista *Brasil Cristão*, criada em agosto de 1997. Nesse período, a Associação do Senhor Jesus já contava 100 mil sócios que, mensalmente, davam o seu dízimo espontâneo e consciente (BELTRAMI, 1996, p. 111-112).

Desde a sua estreia em programas televisivos até os dias de hoje, Padre Dougherty apresenta-se em programas de televisão, vestindo, invariavelmente, *clergyman*²⁵, normalmente de manga comprida e de cor azul-clara, mas também em cor preta e amarelo-clara. Eventualmente, aparece usando paletó sobre o *clergyman*. Tem no peito uma cruz fina de madeira, pendurada por um cordão. Fala sempre num mesmo tom de voz, com sotaque de língua inglesa quase imperceptível. Refere-se aos fiéis como se já os conhecesse, invocando-os como brasileiros e brasileiras incumbidos da missão de evangelizar. Dependendo do tipo de programa, as suas apresentações são entremeadas de música ao vivo, cuja letra tem ligação com o tema de sua preleção daquele momento.

Padre Dougherty, desde sua entrada no mercado religioso, começou a preocupar-se com as estratégias próprias desse espaço, no qual crescer, expandir-se e vencer a concorrência é imperioso, uma vez que se assume o espírito competitivo:

O catolicismo se enfraqueceu nos últimos anos porque a Igreja Católica não soube fazer *marketing*. O *marketing* é um aliado extremamente importante, ainda mais em tempos de globalização... O *marketing* é um instrumento fundamental e por isso deve ser utilizado também entre os que divulgam mensagens religiosas. (CORREIO POPULAR, 1999).

²⁴ “Esse programa, produzido pela Associação do Senhor Jesus, consistia em 5 minutos de exibição, de segunda a sexta feira, às 07h55min da manhã, na abertura do Canal 11, TV Gazeta*, e no domingo, às 09h40min, desde 1990. Este programa-homilia tinha a participação de cinco padres, um para cada dia da semana. Era também transmitido pela TV Jovem Pan de São Paulo, às 10 h da manhã” (BELTRAMI, 1996, p. 114 e 116).

* A TV Gazeta visava o público paulista e possuía a audiência regional de 70% dos domicílios com TV no estado. Segundo Dom Murilo Krieger, Arcebispo de Salvador/BA: “até o ano de 2002, já haviam sido exibidas 3.425 edições com duração de 5 minutos cada uma” (KRIEGER, 2005).

²⁵ Palavra de origem inglesa que designa a camisa com detalhe claro na gola, utilizada pelos clérigos.

A escolha dos amigos e dos colaboradores está diretamente ligada ao projeto maior do jesuíta, como se observa em sua declaração ao *Correio Popular*: “o fato de ter muitos amigos publicitários também contribuiu para que eu começasse a me informar sobre o assunto” (CORREIO POPULAR, 1999). O principal deles, o Administrador de Empresas Antônio Miguel Kater Filho, consultor de *marketing* de colégios, igrejas e organizações católicas, já teve o padre Marcelo Rossi como aluno em um de seus cursos (CORREIO POPULAR, 1999). Atuou na Associação do Senhor Jesus de 1983 a 1997 e, além de ter sido o responsável pelo incremento de táticas de *marketing* na entidade nesses anos, foi o apresentador do programa “Louvemos o Senhor”, aos domingos, transmitido pela Rede Vida²⁶ desde 1995. Quando chegou à Associação, esta contava com apenas 20 mil sócios, dentre os quais, 5 mil na Região de Campinas. Segundo ele, a Igreja Católica “não sabe vender o seu peixe” (CORREIO POPULAR, 1999)²⁷.

A intenção do Pe. Eduardo Dougherty e da direção da Associação, desde o estabelecimento da instituição, foi possuir seu próprio canal de televisão. Essa ideia ganhou força a partir do ano de 1988, quando o então Diretor de Concessões do Ministério das Comunicações, professor Lorenzo Cherab, proferiu uma palestra para a Renovação Carismática. No ano de 1989, foi feito um pedido ao governo federal. Passados dez anos, foi obtida a concessão de canal educativo próprio, que recebeu o nome de TV Século XXI²⁸, cuja programação é uma mescla de programas religiosos e educativos.

A Associação do Senhor Jesus utilizou-se, desde o início, das “mesmas técnicas de captação de recursos financeiros dos televangelistas estadunidenses e os seus famosos clubes de contribuintes” (ASSMANN, 1986, p. 89-92, apud DÁVILA, 2000, p. 253-254). Outro aspecto que também evidencia os laços da Associação com os Estados Unidos “são os nexos estabelecidos entre esta e um centro televisivo de Dallas, o qual dava apoio logístico ao Pe. E. Dougherty”. A Associação contou ainda com a colaboração europeia da família Breninkmeyer, ligada ao Projeto *Lumen 2000*, dona da cadeia de Lojas C&A e responsável pelo desenvolvimento de projetos sociais no Brasil²⁹ (BENEDETTI, 1988, p. 271; ASSMANN, 1986, p. 93, apud DÁVILA, 2000, p. 254).

²⁶ A Rede Vida de Televisão pertence a outro grupo católico, sob a liderança do fazendeiro João Monteiro Filho, radicado na cidade paulista de São José do Rio Preto. No capítulo IV, serão relatados o surgimento e as características desse canal.

²⁷ O “peixe” a que o publicitário se refere é a “vida eterna” (KATER, 1999, p. 36). Essa posição é criticada pelos adeptos da Teologia da Libertação, porque supõe a salvação e/ou a libertação apenas após a morte e, portanto, não as leva em conta na história.

²⁸ A criação e o desenvolvimento do canal educativo ocuparão o último capítulo deste trabalho.

²⁹ “A atitude mais visível da C&A nesse sentido é seu trabalho junto à comunidade. Há sete anos, a empresa criou um instituto encarregado de desenvolver atividades sociais em todas as cidades onde houvesse lojas da rede instaladas. O foco seria a educação de crianças e adolescentes de baixa renda e o apoio às regiões atingidas por calamidades. A cada

Segundo o Pe. Dougherty, *Lumen* (do latim luz), é uma confederação internacional das instituições católicas incumbidas da evangelização pelos meios de comunicação (DOUGHERTY, 2004b). Foi criada em 1983 pelo holandês Piet Dierksen, um convertido que investiu a sua fortuna na sua fundação: “Testemunho do Amor de Deus”. Esse projeto “consiste num grandioso e ambicioso empreendimento de telecomunicações com a mais avançada tecnologia. Ele responde, de uma maneira global, aos objetivos da Evangelização 2000 (Projeto comandado pelo Padre carismático Tom Forrest e por Bobby Cavnar, aprovado pelo Vaticano e visto como forma de combater a Teologia da Libertação) ...” (DÁVILA, 2000, p. 246-248). Sendo assim, o *Lumen* define-se “como um quadro de cooperação entre produtores de programas de televisão e os vídeo-evangelizadores, distribui produtos ‘vídeo’, estabelece contatos com emissoras eventuais, cria novas unidades de produção e presta ajuda financeira a associações, de acordo com os episcopados locais” (HÉBRARD, 1992, p. 99).

Durante as três últimas décadas, Padre Dougherty, em busca de ajuda internacional para realizar os seus projetos e, ao mesmo tempo, divulgá-los, viajou por cerca de 35 países: esteve no Japão, na China, nas Filipinas, na Coréia, em países da Europa e na maior parte da América Latina.

Por ocasião de suas viagens para outros países, especialmente aos Estados Unidos, atrás de apoio financeiro e tecnológico que esse missionário jesuíta remetia ao grupo fundador da Associação, cartas manuscritas evidenciam a sua liderança:

... tenho orado por vocês, e vou continuar pedindo por todas as suas intenções [...] Procure o Senhor Jesus mais que as criaturas (saúde, emprego e as coisas deste mundo) [...] Graças a Deus Nosso Pai as portas se abriram. Nossa Associação conseguiu colocar nosso programa de televisão “Anunciamos Jesus” na TV Record [...] o programa também entrou na TV Bandeirantes [...] “Se Deus é por nós, quem será contra nós”! Rm 8,31 [...] É bom ficar aplaudindo as vitórias do Senhor! Peço as suas orações para: 1. A Associação ter mais sócios e conseguir pagar as emissoras; 2. Colocar o programa em mais emissoras; 3. Conseguir uma peça para nosso computador... 4. Precisamos de uma sede maior: nossa própria casa e estúdio. Em nome de Jesus pedimos, ó Pai! (DOUGHERTY, 1984).

Nos próximos anos, a Associação promoveria várias campanhas entre os sócios. A principal delas foi em setembro de 1987, quando se deu a aquisição de um hotel em construção, na cidade de

ano o Instituto C&A investe 4 milhões de dólares em cerca de 350 projetos diferentes. Vá até o centro de distribuição da empresa em Barueri, na Grande São Paulo. Duas vezes por semana, os escritórios se enchem de crianças vestidas com saias rodadas e lenços nas mãos. São 35 meninos e meninas das redondezas que vão fazer aula de dança com professores do Ballet Stagium, uma das mais conceituadas escolas do País. Uma sala de balé foi montada apenas para as aulas” (Disponível em: <www.inclusao.com.br>. Acesso em: 21 jun. 2005).

Valinhos, pelo valor de cento e vinte mil dólares, pago em doze parcelas de dez mil dólares mensais. Mais tarde, outras campanhas foram fomentadas, para a construção de modernos estúdios – o Centro de Produção Século XXI — e a aquisição de sofisticados aparelhos para gravação externa e edição de programas, além de sistema de computação gráfica, para efeitos especiais (DIÁRIO DO POVO, 1993).

Também contribuiu para o aumento do número de sócios da instituição a existência de uma rede de representantes de afiliados por todo o Brasil, formada por dirigentes de Grupos de Oração e líderes de comunidade que assumiram o compromisso de conquistar novos contribuintes para a Associação, usando a estratégia de concessão de franquias da Associação do Senhor Jesus em Campinas, São Paulo, Assis, Presidente Prudente e Uberlândia, desde o ano de 1999, motivada pela “... ineficiência da Igreja Católica em distribuir os produtos religiosos [...] e sempre houve interesse dos fiéis, mas a comercialização e a distribuição eram mal feitas” (CORREIO POPULAR, 1999, p.3)³⁰.

Sobre a visita do religioso ao Papa João Paulo II, um catálogo anexo à carta enviada aos sócios em abril de 1993 traz a reprodução do diálogo entre os dois nesse encontro: “Sim, Papa João Paulo II, nos comprometemos como Igreja, eu e todos os sócios da Associação, a levar adiante esta tarefa de ser uma luz no meio das trevas, evangelizando o Brasil pela TV”. Ao que o Papa respondeu: “Padre Eduardo, eu abençoo o seu esforço de evangelização pela TV e estou orando nesta intenção” (ASSOCIAÇÃO, 1993).

Em 1997, também o então Padre Geral dos jesuítas, Peter-Hans Kolvenbach³¹, visitou a antiga sede da instituição em Campinas, localizada na Rua Padre Vieira, no Bairro Bosque. Segundo o Padre E. Dougherty, o Padre Geral tem acompanhado as atividades da Associação. Isso se confirma pelo fato de, no final de 2004, o Superior tê-lo chamado para uma reunião em Roma, juntamente com outros jesuítas, compondo um grupo de dez religiosos do mundo todo, que se dedicam aos meios de comunicação. Nessa oportunidade, em que eles foram aplaudidos por tudo o que fizeram na televisão, havia jesuítas da Ásia: de Cingapura e da Índia; dos Estados Unidos e da África.

³⁰ Afirmação do proprietário da Loja de Campinas, avalizada pelo Padre.

³¹ Sucessor do Pe. Pedro Arrupe, foi o 29º. Geral da Companhia de Jesus, de 1983 a 2008, quando renunciou por considerar que o seu governo já durara quase 25 anos e se encontrava próximo dos 80 anos. Filho de pai alemão e mãe italiana, nasceu em 1928, em Druten, uma pequena cidade na parte oriental da Holanda, não distante de Nijmegen e da fronteira com a Alemanha, o que lhe proporcionou aptidão linguística. Antes de ser nomeado Superior Geral, viveu por muitos anos no Líbano, onde foi ordenado sacerdote em 1961. Em seu lugar assumiu, em 19/01/2008, o padre espanhol Adolfo Nicolás, nascido em 1936.

Não obstante essa positiva repercussão do seu trabalho, as relações do Padre Dougherty com as autoridades eclesiais locais nem sempre foram tranquilas: por quase três décadas, Dom Gilberto Pereira Lopes³² foi Arcebispo de Campinas. Esse período foi marcado por constantes conflitos envolvendo o governo da Arquidiocese, a Renovação Carismática e, por extensão, o Pe. E. Dougherty, pois, embora o seu trabalho tenha abrangência nacional e até além das fronteiras nacionais, o Padre e as suas obras estão canonicamente ligados à Cúria Metropolitana de Campinas, à qual ele também deve obediência.

As matérias mais controversas constituíam-se nas curas e na glossolalia (falar em línguas), o que culminou, na década de 1990, na recomendação expressa do arcebispo para não realização dessas práticas nos Grupos de Oração. Apesar disso, Pe. Eduardo Dougherty considera que o seu relacionamento com o Arcebispo nesses anos *“foi muito cordial, sendo jesuíta”* (DOUGHERTY, 2006).

Um fato que desgastou ainda mais a relação entre o religioso e o prelado aconteceu em 2001, quando o então Arcebispo de Campinas não renovou a autorização, concedida no ano de 2000, para o Padre Amasino atuar junto à Associação do Senhor Jesus, ou seja, o Arcebispo negou-lhe o “uso de Ordem”.

Dissidente da Associação do Senhor Jesus, o Pe. Amasino, como é conhecido, fundou em Valinhos, no ano mesmo ano, num barracão, a Associação do Espírito Santo. Lá ele realiza “sessões de curas e novenas ao estilo pentecostal [...] Em Sete Lagoas (MG) e Itapeva (SP) chegou a criar a Igreja Católica Apostólica Carismática” (CORREIO POPULAR, 2001, p.1).

Também o clero dessa Arquidiocese, sobretudo nas décadas de 1970 e 1980, era constituído em grande parte por padres considerados progressistas, o que, na prática, significou resistência ao projeto de Padre Dougherty.

Há seis anos, assumiu a direção da Arquidiocese o seu sucessor, Dom Bruno Gamberini³³. Diferente é o posicionamento do novo Arcebispo com relação à Renovação Carismática Católica: ele declara ser o Movimento um dom de Deus para a Igreja.

Nos primeiros anos da atual década, em uma conversa que manteve com o então Provincial Jesuíta, o Padre Netto³⁴, Padre Eduardo Dougherty disse a ele sobre as sofisticadas tecnologias que pretendia utilizar:

³² À relação da Renovação Carismática Católica e, por extensão, do Padre Dougherty, com o clero e os bispos da Arquidiocese de Campinas será dedicada parte do terceiro capítulo.

³³ Dom Gamberini faleceu em 28 de agosto de 2011.

Eu posso comunicar via satélite ou via micro-ondas, ponto/multiponto, dando conectividade e passando conteúdos. Isto é “A Maior Glória de Deus!”. Já falei isto para o meu Superior Provincial, ele não entendeu! Mas ele deu licença! Eu disse: — “eu vou dar conectividade para o Brasil e nós vamos ter antenas bidirecionais, porque eu estou trazendo a tecnologia de antenas bidirecionais: uma tecnologia revolucionária!”. Eu disse: — “Posso ir buscar?”. E ele me disse: — “Pode! Não entendo o que é bidirecional!” (DOUGHERTY, 2004b).

Segundo o Padre Eduardo Dougherty, nos anos 90, a partir da Associação foi fundada outra empresa: a TELEMAGIS – Serviço de Comunicação de Multimídia (SCM) —, para o serviço de comunicação de multimídia, que possui licença da Agência Nacional de Telecomunicações — ANATEL —, para a comunicação via satélite ou via micro-ondas, ponto/multiponto, dando conectividade e passando conteúdos.

³⁴ Padre José Antonio Netto de Oliveira, nascido em 1933, foi o Provincial da Província Jesuítica do Brasil Centro-Leste até o mês de julho de 2005.

CAPÍTULO II: CARISMA E ESPIRITUALIDADE IGNACIANA E A FORMAÇÃO DO JESUÍTA

MISSÃO NA COMPANHIA DE JESUS

A Companhia de Jesus é uma ordem religiosa fundada por Ignácio de Loyola (1491/1556) — militar³⁵ e cavaleiro da nobreza agrária espanhola — no ano de 1534, para cumprir papel importante na defesa da fé católica no contexto da Contrarreforma, na Europa. Foi aprovada oficialmente como ordem religiosa em 1540, pelo Papa Paulo III.

Ao contrário das ordens religiosas contemplativas que a antecederam, como os beneditinos, por exemplo, e diferentemente também dos franciscanos e dos dominicanos, ordens de pregadores, a Companhia de Jesus inaugurou uma nova etapa na história da vida da Igreja Católica: a “contemplação na ação”, e inovou em diversos aspectos. O primeiro deles foi a supressão do coro monástico, o que significou maior disponibilidade para a missão aos seus membros:

sendo tão importantes as ocupações que assumimos para auxiliar o próximo, tão numerosas e tão características do nosso Instituto, e sendo a nossa residência tão instável, ora neste, ora noutro lugar, os Nossos não recitem as Horas Canônicas em coro, nem cantem Missas ou Ofícios. (CONFERÊNCIA DOS PROVINCIAIS..., 1990, p. 70).

Outras modificações introduzidas pelos jesuítas foram: não adotar hábito particular³⁶, o que era essencial para monges e frades medievais. A veste adotada pelos companheiros de Jesus, desde os primórdios, foi a batina preta, substituída por roupa comum por deliberação do Concílio Vaticano

³⁵ Não é possível entender Ignácio de Loyola como militar no sentido estrito como hoje é compreendido. Na realidade, “pegar em armas” para defender a honra e a lealdade fazia parte tanto da mentalidade como da prática de seu tempo. Para o jesuíta Dominique Bertrand: “... Es un hecho que, favorecida por el gran público y aun entre los historiadores por asociaciones verbales poco criticadas (piénsese en la palabra ‘general’ que designa al superior de toda la Compañía), domina una especie de equivalencia entre el jesuitismo y el estado militar. Desde hace unos cuarenta años muchos otros autores jesuitas han denunciado semejante simplificación anacrónica y recordado que la carrera militar de Ignacio no es la de un soldado sino la de un noble. Han tenido razón, ciertamente, al matar de un tajo el anacronismo consistente en confundir la Compañía (en su origen y estructura permanente) con los ejércitos industriales y nacionales, de la época contemporánea... (BERTRAND, 2003, p. 212-213). Na introdução dessa obra, o autor chama a atenção para a existência de: “... algunos de los textos que muestran que Ignacio es muy sensible a las consecuencias económicas y sociales de las guerras entre los príncipes europeos (BERTRAND, 2003, p. 214). Ignácio, numa de suas cartas, afirma: “... En verdad, el Señor Jesucristo parece preparar un ejército para vencer a los enemigos de la fe y de la religión cristiana en la Germania inferior y aun en la superior (BERTRAND, 2003, p. 218). De modo que: “... la imagería militar tiene para Ignacio un valor preciso, podría decirse pedagógico” (BERTRAND, 2003, p. 219).

³⁶ Veste própria do monge, que ele recebia quando entrava no noviciado. O hábito beneditino comum, por exemplo, consistia em túnica e escapulário preto - peça do vestuário monástico, à maneira de avental, caindo pela frente e por trás sobre a túnica - com capuz de orelhas, acrescentado da cogula (veste mais solene), para as celebrações no coro (DIAS, 2005, p. 199-200).

II (1962/1965); não ter penitências instituídas por regras, mas por determinação do superior³⁷, pois: “ não se deve castigar o corpo imoderadamente e sem discrição, com jejuns, vigílias e outras penitências e fadigas exteriores que costumam fazer mal e impedir maiores bens” (CONFERÊNCIA DOS PROVINCIAIS..., 1990, p. 55).

Diferentemente das outras ordens religiosas masculinas, a Companhia de Jesus não possuía religiosas a seu encargo ou sob a sua direção³⁸. Outra inovação dos jesuítas foi a não aceitação de dignidades eclesiásticas, porque, para Ignácio de Loyola, os companheiros, por humildade, não deveriam aceitar compor a hierarquia da Igreja Católica, assumindo cargos de bispos ou cardeais. Quanto à formação, os jesuítas adotaram o prolongamento do noviciado e da formação literária e científica, a introdução do quarto voto³⁹, além da supressão do sistema capitular pelas Congregações Gerais. Esse novo caráter de vida religiosa privilegiava o trabalho apostólico. A comunidade, que prefigura a perfeição, foi tomada como “base de lançamento” para o trabalho pastoral:

Podemos verdadeiramente afirmar que a mais antiga e venerável tradição na Companhia consiste na “disponibilidade para a missão”. Por outras palavras, consiste na atitude de espírito de cada um dos seus membros em estar pronto para “ir a qualquer parte do mundo para onde possa ser enviado pelo Papa, ou até mesmo por Superiores mais imediatos, a trabalhar pela glória de Deus e pelo bem dos homens”. Esta disponibilidade está na própria raiz da vocação do jesuíta e foi encontrando expressões diversas, mas sempre muito concretas, ao longo da história (ANUÁRIO..., 1982, p. 110).

Daí a presença marcante dos jesuítas na história da colonização das Américas, como também na Índia, na China e no Japão. Porque os jesuítas são, por excelência, “contemplativos na ação” e, mesmo levando-se em conta as transformações que ocorreram no mundo nesses cinco séculos, a espiritualidade ignaciana continua sendo contemporânea. A Igreja Católica teve nos jesuítas um dos mais decisivos componentes de atualização e inserção no mundo moderno. Algumas congregações religiosas, tanto femininas quanto masculinas, que vieram depois dos jesuítas, tendo sido fundadas com objetivos pastorais os mais diversos — da educação à assistência social —, e por razões históricas distintas, também incorporaram elementos da espiritualidade ignaciana.

³⁷ “Cláudio Acquaviva (1543-1615), um dos sucessores de Inácio no Generalado da Companhia, foi autor, entre outros, das *Industriae ad curandos animi morbos* (*Normas para a cura das enfermidades do ânimo*, 1600; ed. 1893), destinado a todos os Superiores da Companhia visando à orientação da formação espiritual de seus discípulos. Neste texto, Acquaviva retoma a analogia tradicional entre doenças (e cura) do corpo e enfermidades (e terapia) da alma, definindo os vários tipos de doenças espirituais e os remédios necessários para cada uma, inspirando-se na tradição monástica e patrística (São Basílio, São Gregório, São Bernardo, Santo Agostinho, entre outros)” (MASSINI, 2001, p. 629).

³⁸ Somente uma mulher se tornou “jesuitina” em toda a história da Companhia de Jesus; era a infanta D. Joana, filha do imperador Carlos V, que foi admitida por Ignácio mediante uma autorização papal (ARNAUT; RUCKSTADTER, 2002, p. 107).

³⁹ Voto de obediência ao Papa, sobre o qual se discorrerá em seguida.

Ao longo dos quase cinco séculos de sua existência, a Companhia de Jesus tem dedicado os seus maiores esforços — depois da educação — às missões. Havia, desde o período de colonização das Américas, clara ligação entre missão e Império⁴⁰, pois naquele período os jesuítas precisavam do transporte que portugueses e espanhóis pudessem lhes oferecer para chegarem ao Novo Mundo, além de ajuda financeira e proteção (BETTINI, 2006, p. 18). Para Jonathan Wright:

Tanto em domínios portugueses de atuação, quanto de espanhóis, os acordos eclesiásticos peculiares que os poderes imperiais haviam estabelecido com Roma significavam que a missão jesuíta de salvação das almas sempre seria influenciada por objetivos e feitos mais obviamente seculares. Espanha e Portugal podiam reivindicar os direitos de navegação, conquista e comércio dentro de seus impérios, mas apenas em troca de um compromisso de difundir o evangelho, erguer igrejas e catedrais e apoiar o trabalho missionário (WRIGHT, 2006, p.110).

Entretanto, no universo das missões jesuítas já era de esperar que “missão e lucro, império e evangelismo, estavam destinados a entrar em colisão”. Isso porque “os jesuítas eram facilmente vistos como constituintes de uma fonte alternativa de poder e influência no Novo Mundo, uma percepção que representaria uma contribuição enorme aos ataques fatais à Companhia no século XVIII” (WRIGHT, 2006, p. 102-114).

De maneira que muitos foram os conflitos nos quais estiveram envolvidos os jesuítas no período colonial nas Américas, em especial aqueles que desafiavam o sistema imperial constituído⁴¹: “a isenção de impostos que as missões possuíam [...] desagradava a administração colonial e geral”. Situação agravada “após as missões guaranis se rebelarem” contra o domínio ibérico. Por conseguinte, sob a liderança de Marquês de Pombal⁴², Portugal seria: “o primeiro país a iniciar o movimento de expulsão e consequente supressão da Ordem jesuítica em toda a Europa católica” (BETTINI, 2006, p. 23). Ironicamente, de onde haviam saído as primeiras missões jesuíticas, mais de duzentos anos antes (WRIGHT, 2006, p.180).

⁴⁰ Embora alguns historiadores façam distinção entre missão e Império, evangelizar e colonizar naqueles séculos estavam profundamente imbricados.

⁴¹ “Los términos «temporal» y «mundano» se entienden dentro de una visión religiosa cristiana: los religiosos se definían como aquellos que vivían separados del «mundo» y lo «mundano»; su esfera era «espiritual» por oposición a «temporal». Hasta la época de la fundación de la Compañía esta forma de vivir era realizada en los conventos o monasterios, al margen de la sociedad civil. Con los jesuitas, el problema surgía porque su «carisma» les llevaba a actuar en la sociedad, de manera que se hacía necesario definir sus relaciones con lo «mundano» y «temporal»” (GONZÁLEZ, 2004, p. 1).

⁴² “Sebastião José de Carvalho e Mello, o futuro Marquês de Pombal, era um homem cuja influência estava em ascensão desde a posse de José I em 1750 (um monarca facilmente manipulável, ‘frágil, tímido e voluptuoso’ [...]) Ele iria surgir como principal ministro português em 1756” (WRIGHT, 2006, p.180).

Nas Constituições da Companhia de Jesus, segundo Kolvenbach (2000), está expressa a universalidade geográfica de sua missão: “... uma paixão de estar espalhada pelo mundo, em diferentes regiões e em diferentes lugares [603]”. Nos escritos dos primeiros jesuítas — marcados por uma visão planetária de uma obra que deve ir ao encontro, sobretudo, daqueles que se acham fora das fronteiras da cristandade —, os termos “peregrino e apóstolo”, viagem e missão, se tornam quase sinônimos (BINGEMER; NEUTZLING; MAC DOWELL, 2007, p. 25).

Foi com esse espírito que os primeiros jesuítas chegaram às Américas, à África e à Ásia, pregando o evangelho e propagando a fé católica. Homens obstinados, como Francisco Xavier (1506-1552), que em 1542 chegou a Goa (possessão portuguesa em território indiano), para onde foi levado o seu corpo, em 1554.

Modernamente os jesuítas têm seguido as diretrizes firmadas na 34ª. Congregação Geral (1995), cuja inspiração se situa no Concílio Vaticano II (1962-1965): o compromisso com um catolicismo regionalizado, que leve em conta as circunstâncias, a cultura e as tradições locais; o movimento ao encontro de outras fés cristãs, dos não cristãos e dos sem fé nenhuma; e o reconhecimento de que a Companhia de Jesus fazia parte de um sistema eclesiástico que tem sido injusto com as mulheres (WRIGHT, 2006, p. 272).

MODO DE PROCEDER DOS JESUÍTAS E AS CONGREGAÇÕES GERAIS

Para Ignácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus, o jesuíta possui um modo de ser e de agir que lhe é próprio — o modo de proceder⁴³ — e o distingue dos outros religiosos: o carisma jesuítico ou ignaciano. É isso que faz deles um corpo, pois um dos traços marcantes dos jesuítas é o fato de serem menos clericais que os membros de outras ordens e congregações religiosas, de não se dedicarem exclusivamente a determinada área de atuação e de assumirem a novidade da universalidade dos ministérios apostólicos. Porque, na realidade: “... estão presentes em todas as atividades seculares da humanidade. Nas ciências e nas artes, nas letras, na exploração e no ensino – para não falar na política mundial – os jesuítas sempre visaram ao melhor. E foram” (MARTIN, 1989, p. 1).

⁴³ É possível identificar o “modo de proceder” dos jesuítas com o conceito de “*habitus*” de Pierre Bourdieu. Para aprofundar sobre o tema, ver Bourdieu, 1992.

O tom triunfalista desse ex-jesuíta, destacado teólogo e especialista em Igreja Católica, professor do Pontifício Instituto Bíblico do Vaticano, revela o lugar ocupado pelos jesuítas dentro da Igreja Católica, uma espécie de elite do clero. A plenitude da espiritualidade ignaciana é: “ver Deus em todas as coisas e todas as coisas n’Ele”; por essa razão, é possível encontrar jesuítas que se vestiam como mandarins no período de presença na China; atuando como palhaços em circo; ou trabalhando como caminhoneiros. Sua atuação com as mesmas estratégias seculares geraram as disputas com os poderes dos reinos e impérios, até culminar — com o Breve “Dominus ac Redemptor” — com a supressão da Companhia de Jesus, em 1773, pelo Papa Clemente XIV. Foi restaurada em 1814, pela Bula “Sollicitudo”, do Papa Pio VII.

Ao longo da história, a Companhia de Jesus desempenhou papel importante na formulação da política para a Igreja Católica e na formação da elite leiga, em muitos países⁴⁴, e também forneceu à Igreja grandes teólogos. Além de serem missionários e portadores de uma disciplina invejável⁴⁵, cuja inspiração está no espírito “militar” de Ignácio de Loyola, os jesuítas têm sido hábeis internamente na preservação da instituição, porque, apesar de todas as divergências em seu interior, a Companhia de Jesus, nos seus quase cinco séculos de vida, ao contrário de outras ordens e congregações católicas, jamais se fragmentou. A ideia de comunidade na Companhia de Jesus, mesmo na diversidade, faz de muitos um.

Para L. Abicht:

A Ordem que defenderia os militantes da Igreja era estruturada de forma militar. A autoridade de Deus, exercida pelo Papa, era delegada ao Superior Geral e, através dele, para os superiores Nacionais, Regionais e Locais. Obediência incondicional é um dos primeiros preceitos para o funcionamento da Ordem. Este absolutismo, entretanto, é moderado por um alto grau de discussão, em seu determinado tempo (ABICHT, 1984, p. 27, apud ARNAUT; RUCKSTADTER, 2002, p. 106)⁴⁶

⁴⁴ “Para se ter ideia da tradição da Igreja na formação dos intelectuais, basta dizer que dos três mais importantes reformadores da educação nos anos 1920/1940, dois – Anísio Teixeira e Fernando de Azevedo - haviam sido formados pelos Jesuítas, assim como também o primeiro político a assumir o Ministério da Educação e Saúde - Francisco Campos - era católico” (BITTENCOURT; LEONARDI, 2009, p. 7).

⁴⁵ Para J. Wright: “E se era tentador comparar a Companhia a uma máquina militar, comandada por generais, fruto da imaginação de um ex-soldado, era natural que a disciplina significasse tudo para os jesuítas ...” (WRIGTH, 2006, p. 148).

⁴⁶ “The Order that would defend the Ecclesia militants was structured in a military way. God’s authority, exercised by the Pope, was delegated to the General Superior of the Order and, through him, to the national, regional and locals superiors. Unconditional obedience is one of the first preconditions for the functioning of the Order. This absolutism, however, is moderated by a remarkably high degree of input and discussion, considering the time”.

Duas são as insígnias que definem o espírito jesuítico: do latim “*Ad maiorem Dei gloriam*”, “A maior glória de Deus”, expressão muito utilizada por Ignácio de Loyola, transformou-se em uma espécie de lema da Companhia de Jesus. Hoje é interpretada de maneira a corresponder à felicidade e à realização de toda a família humana e, por extensão, de tudo o que foi criado por Deus. A outra expressão também bastante usada pelo fundador é *Magis*, palavra da língua latina que quer dizer “mais”. Ignácio de Loyola a ela se referia para definir a constante busca, dentro do carisma da Companhia de Jesus, pela plenitude.

Também faz parte das fileiras da Companhia de Jesus o irmão. Os irmãos ali exercem uma missão muito específica. Não se destinam ao sacerdócio, mas, por meio de sua formação religiosa, intelectual e profissional, dão suporte e apoio à infraestrutura e à organização das comunidades, como leigos consagrados pelos mesmos votos e obrigações dos seus companheiros sacerdotes, numa mesma missão e vivência comunitária⁴⁷.

Diferentemente de outras ordens e congregações católicas, a Companhia de Jesus não se reúne em Capítulos — assembleia geral de religiosos para tratar determinado assunto — mas na chamada Congregação Geral, convocada quando da morte do Superior Geral ou Padre Geral, para a eleição de seu substituto ou para tratar de assuntos de especial importância. Nem todos os que vivem sob obediência podem participar: somente os professos e alguns irmãos.

A Congregação Geral⁴⁸ é o órgão supremo de governo da Companhia de Jesus. Dela participam jesuítas de todo o mundo. Alguns deles têm acesso graças ao cargo que ocupam, tendo a maioria sido eleita em cada uma das províncias ou regiões da Companhia de Jesus, o que faz da Congregação Geral um órgão representativo do conjunto dos jesuítas do mundo.

No processo de eleição do Padre Geral, no início da reunião da Congregação, apresenta-se um diagnóstico da situação atual da Companhia de Jesus e dos principais desafios a enfrentar. Esse diagnóstico permitirá aos eleitores ter em conta o perfil e as atitudes desejáveis para o novo Padre

⁴⁷ O irmão representa a essência da vida religiosa, cuja principal característica é a vida fraterna. Tanto os padres como os irmãos dela fazem parte. A diferença é que os ordenados, além de assumirem a vida em comum, também exercem o sacerdócio. Ambos têm formação distinta: para os que serão padres, Filosofia e Teologia; e para os que serão irmãos, outros cursos universitários.

⁴⁸ A 32ª Congregação Geral (1974) definiu como diretriz fundamental da Companhia o serviço da fé (católica) e a promoção da justiça (social), ratificada pela 34ª Congregação Geral (1995). Toda consideração sobre a justiça nos faz refletir sobre as pessoas da Trindade e necessariamente nos remete ao respeito pelas diferenças e à busca incessante pela igualdade: o combate e a superação de todo tipo de desigualdade social. Pois, só assim a humanidade será uma autêntica imagem desse mistério. Para aprofundar o tema, consultar Boff, 1999.

Geral. Depois, durante alguns dias, há intercâmbio e conversas entre os participantes, até o momento da eleição, que se realiza por votação secreta e precisa de maioria absoluta. Estima-se que o processo de eleição se realize, aproximadamente, em duas semanas a partir do início da Congregação Geral.

Dentre os 29 sucessores de Ignácio de Loyola na história da Companhia de Jesus, aconteceram apenas dois casos de renúncia. O primeiro foi em 1980, quando o então Superior Geral, Padre Pedro Arrupe, sofreu uma trombose e tornou-se incapacitado. Já não podia arcar com os encargos de Superior Geral. Nesse mesmo ano, ele próprio sugeriu sua renúncia e a convocação de uma reunião da Congregação para eleger um sucessor. O segundo foi por ocasião da 35ª. Congregação Geral da Companhia de Jesus, em janeiro de 2008, em que o Padre Peter-Hans Kolvenbach apresentou sua renúncia, depois de obter o consentimento do Papa e de ouvir seus conselheiros e provinciais. Toda a discussão e a reflexão que envolveram a sua renúncia ocorreram porque as Constituições da Companhia de Jesus contemplam a possibilidade de renúncia do Superior Geral, ainda que se trate de um cargo vitalício, se ele, conscientemente, o considera conveniente.

A OBEDIÊNCIA NA COMPANHIA DE JESUS

A obediência na vida religiosa tem as suas raízes nos primórdios da vida monástica e espelha-se teologicamente na obediência de Jesus à sua missão, confiada pelo Pai. Na Companhia de Jesus, única ordem religiosa que mantém um voto especial de obediência ao Papa — o quarto voto —, essa premissa é levada às últimas consequências: “... a Companhia não pode manter-se, nem ser governada, nem, por conseguinte, atingir o fim que pretende para a maior glória de Deus, se os seus membros não estiverem unidos entre si e com a cabeça” (LOYOLA, 2004, cap. 1, § 655).

A ideia de corpo como figura institucional, desenvolvida por Ignácio de Loyola, segundo R. Mateo:

... inscreve-se na imagem político-religiosa que tinha o mundo europeu na época de Ignácio. Nela, a cristandade teria uma cabeça que dirige os assuntos temporais, o imperador, assim como o papa, na esfera religiosa. Os fundamentos dos ideais da unidade orgânica do império, por sua vez, advêm de uma ideia metafísica do universo, que se inicia com o Criador e se estende a todo o mundo ordenado segundo a harmonia de um organismo. Trata-se de

uma ideia de origens antiquíssimas, que remontam ao Antigo Testamento, à filosofia platônica do Estado e à imagem estoica do mundo. Nas *Constituições*, tal figura tem como alicerce, sobretudo, a ética política de São Tomás, pela qual o poder supremo se encontra no organismo institucional, como a alma no corpo, dando-lhe sua própria forma (MATEO, 2000, apud SILVA, 2006, p. 91).

Podem proferir esses votos apenas aqueles que já passaram pela terceira Provação (um semestre, etapa conclusiva da formação depois da ordenação ou, no caso dos irmãos, após 15 anos de Companhia) – os jesuítas professores, ou seja, os jesuítas que, depois de formados, fizeram a repetição do Retiro Grande⁴⁹.

A introdução do quarto voto de obediência ao Papa significou novidade da Companhia de Jesus em termos de organização eclesial. O voto foi ao encontro do espírito centralizador da Cúria romana, o que facilitou os deslocamentos e deu solidez à estrutura da Ordem. Ademais, possibilitou extraordinária e rápida expansão da Companhia não apenas na Europa, como também na América e Ásia, onde se concentrava o interesse das potências econômicas da época, principalmente Portugal e Espanha, cujos limites coloniais e alcance do comércio os jesuítas ajudaram a consolidar no século XVI. O sentido do voto especial dos jesuítas, mais que obediência ao Papa, significa fidelidade à Igreja (ARNAUT; RUCKSTADTER, 2002, p. 109): “A transformação do conceito ignaciano de obediência, contido nos Exercícios Espirituais, em um conceito jesuítico de obediência institucional também exerceu um papel importante na consolidação da organização jesuítica” (EISENBERG, 2000, p. 36).

A combinação do voto com a profunda formação intelectual sintetizava o que consistia em ser jesuíta, caracterizando, desde o início, os membros da Ordem. De maneira que, mesmo vivendo em culturas distintas, os jesuítas tiveram uma base intelectual e de comportamento razoavelmente comum (ARNAUT; RUCKSTADTER, 2002, p. 109).

Como a obediência sempre foi algo que distinguiu a Companhia de Jesus, mesmo em relação às outras ordens e congregações católicas, ver a “vontade de Deus” na decisão dos Superiores era o desejo e a intenção de Ignácio de Loyola⁵⁰, e isso está patente nas *Constituições* jesuítas:

⁴⁹ Consiste na experiência completa dos Exercícios Espirituais, com duração de um mês.

⁵⁰ “Para os jesuítas, a relação de obediência é a face visível de uma ligação cuja face oculta, porém ativa, é o amor de Deus. Esta constitui o principal vínculo entre as duas partes, para a união dos membros entre eles e com a cabeça. Ou seja, o superior tem lugar de Cristo para cada um e assim não se obedece ao superior, mas a Deus e para Deus. A referência ao amor divino é o que lhes permite fazer a articulação entre o particular e o universal, conceber e propor uma

Motivados pelo amor de Cristo, assumimos a obediência como um carisma dado por Deus à Companhia por meio de seu Fundador, que nos une com mais constância e segurança à vontade salvífica de Deus e constitui, ao mesmo tempo, o vínculo de nossa mútua união em Cristo. Assim o voto de obediência converte a nossa Companhia em um instrumento mais eficaz de Cristo na Igreja para auxílio das almas e maior glória de Deus (LOYOLA, 2004, p. 285).

A intitulada “obediência cadavérica”⁵¹, como foi intitulada pelo fundador, funcionou, durante séculos, com muita eficiência. Porém, no período posterior ao Concílio Vaticano II (1962-1965), a contestação já ocorria no interior da Companhia de Jesus, e a obediência deixou de ser como no passado: é possível ao religioso contra-argumentar com o seu superior, porém, prevalece a vontade deste último. Ou seja, o voto de obediência é visto e praticado, hoje em dia, de maneira mais distendida e participada.

Apesar do voto especial de obediência ao papa, a relação das autoridades jesuítas e dos próprios jesuítas com o papado não se fez sem conflito. O jesuíta alemão, Karl Rahner (1904-1984) – considerado o principal teólogo da Companhia de Jesus no século XX —, “recusou-se categoricamente a defender o ensinamento católico sobre o controle de natalidade [...] o mesmo aconteceu com virtualmente todos os outros dogmas e regras da Igreja Católica que Rahner havia jurado defender” (MARTIN, 1989, p. 19). Outro litígio ocorreu em 1978, quando o padre americano, Vincent O’Keefe,

o mais destacado dos quatro assistentes-gerais de Arrupe, e que estava sendo preparado para suceder a Arrupe um dia como Geral da Ordem, declarou em entrevista a um jornal holandês que o novo papa [João Paulo I] deveria rever a condenação da Igreja ao aborto, à homossexualidade e ao sacerdócio feminino (MARTIN, 1989, p. 37).

Tanto K. Rahner quanto O’Keefe saíram ilesos desses embates. O primeiro “morreu como havia vivido, numa aura de honra entre seus companheiros e superiores” (MARTIN, 1989, p. 21) e com o Vaticano, tendo sido nomeado cardeal ao final de sua vida. Já o segundo seria advertido por meio de um “discurso de aviso. Ele [João Paulo I] planejava proferi-lo à assembleia internacional de líderes jesuítas com o geral Arrupe, em outra de suas congregações gerais a ser realizada em Roma em 30 de setembro de 1978. Mas o papa nunca proferiu aquele discurso de aviso. Na manhã de 29

organização social na qual as relações humanas são pautadas por uma sempre estreita aliança de amor e obediência” (GIARD; VAUCELLES, 1996, apud SILVA, 2006, p. 92).

⁵¹ “A ideia de ‘obediência cega’ tem de ser compreendida à luz da maneira como Ignácio imagina o modo de decisão de superiores e súditos. O superior não tinha uma ligação direta com Deus. Todos precisavam trabalhar juntos para descobrir a melhor maneira de agir em qualquer situação dada” (BARRY; DOHERTY, 2005, p. 63).

de setembro, depois de 33 dias no trono de Pedro, e um dia antes de se dirigir à assembleia geral da sociedade, João Paulo I foi encontrado morto em seu leito” (MARTIN, 1989, p. 37-38).

Ainda com relação à obediência na Companhia de Jesus, uma prática que existe desde a fundação da Ordem, presente até os nossos dias, é a “conta de consciência”, um diálogo em que cada jesuíta sujeito à obediência revela ao seu Superior Provincial tudo o que se passa em seu interior. A conta de consciência renova-se cada ano e foi ratificada em deliberação dos delegados jesuítas reunidos em Roma, no ano de 1965: “É, portanto, intenção da Congregação que a conta de consciência, segundo seu genuíno sentido, continue em uso e se pratique mais ainda por todos. É por amor, entretanto, que se deve realizar, como o quis o Santo Pai Inácio, sem obrigação sob pena e pecado” (CONGREGAÇÃO GERAL, 1967, CG 31, d. 17, n. 8). O Superior Provincial, em sua visita anual às casas jesuítas da província, mantém conversa pessoal com cada um dos padres, dos irmãos e também dos que se encontram em formação.

A “conta de consciência” é uma forma de controle dos superiores jesuítas sobre os seus comandados, mas “durante a maior parte do século passado, deu-se pouca atenção às implicações da conta de consciência na vida jesuíta. Os jesuítas realmente viam seu provincial uma vez por ano, mas essas sessões muitas vezes eram superficiais”. Entretanto, “a conta de consciência teve restaurada a sua centralidade para a obediência jesuíta, após o Concílio Vaticano II ...” (BARRY; DOHERTY, 2005, p. 64). Isso porque “durante a maior parte dos séculos XIX e XX, a teologia e a prática católicas não valorizavam a experiência como locus para encontrar a vontade de Deus e mesmo a presença de Deus; descobria-se a vontade de Deus ouvindo as autoridades”. De maneira que “esta era a atmosfera geral da obediência jesuíta. O discernimento individual não tinha quase nenhum papel a desempenhar nela” (BARRY; DOHERTY, 2005, p. 65).

A ESPIRITUALIDADE IGNACIANA E OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

A Espiritualidade Ignaciana se expressa em um conjunto de orações propostas pelos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que, por meio da repetição, conduzem o exercitante a “pensar com a Igreja”, de modo que essa “disposição da alma” ajude a descobrir, após minuciosa eleição, o que Deus o “chama” para assumir, como vocação ou missão, dentro da Igreja Católica: “353 — Primeira [regra]. Deposto todo o juízo próprio, devemos ter o espírito preparado e pronto

para obedecer em tudo à verdadeira Esposa de Cristo, nosso Senhor, que é a nossa santa Mãe a Igreja hierárquica” (LOYOLA, 1999, p. 36).

A experiência do discernimento está na raiz da espiritualidade ignaciana. Para tanto, o silêncio é elemento imprescindível, porque, para Ignácio, discernir significa distinguir, através da cuidadosa análise das moções interiores (sentimentos/emoções), o que é o desejo e a vontade de Deus e fruto de sua inspiração. Por isso, a orientação de retiros espirituais é uma especialidade dos jesuítas, fundamentada na prática de Ignácio de Loyola, que passou aos seus primeiros companheiros e seguidores a sua experiência espiritual na forma de retiro personalizado: os Exercícios Espirituais. A princípio, todo jesuíta, padre ou irmão, deveria ser um “técnico de oração”. O fato de o Padre Dougherty, como jesuíta, ter o domínio da prática da pregação de retiros significou uma vantagem na difusão do movimento, cujo espírito é transmitido por meio de encontros de oração que se assemelham a retiros, chamados de “aprofundamento”.

O método de oração idealizado por Ignácio de Loyola, cuja essência é a “contemplação na ação”, consiste na própria razão da existência da Companhia de Jesus. Padre E. Dougherty lançou mão dessa premissa para tornar concretos os seus objetivos. Isso porque, se a base da espiritualidade ignaciana é saber distinguir o significado das diferentes moções interiores, o que fundamenta a Renovação Carismática é o sentido das emoções experimentadas. Há, portanto, proximidade entre as duas espiritualidades. Também os Exercícios ajudam o exercitante a alcançar objetivos na vida, quando discernidos como a “vontade de Deus”. Pois, segundo essa espiritualidade, tratando-se de vontade divina, não há obstáculo capaz de impedir a sua realização. Por isso, Pe. Dougherty persistiu, apesar de certa oposição, na busca tenaz pela concretização do seu projeto de vida.

É na prática dos Exercícios Espirituais que o exercitante reproduz, por meio da contemplação, da meditação e de adições (procedimentos de preparação para a oração), a experiência de conversão de Ignácio de Loyola em Manresa, Espanha. A experiência completa dos Exercícios consiste no chamado “Retiro Grande” e tem a duração de um mês. Esse método de oração é, hoje em dia, difundido e utilizado por religiosos/as de outras ordens e congregações católicas, por grupos de leigos católicos e por membros de outras igrejas cristãs, com as quais a Igreja Católica mantém diálogo. Há versões mais compactas dessa experiência, com duração de uma semana ou de apenas um final de semana prolongado.

Os Exercícios Espirituais de Santo Ignácio são divididos em quatro semanas, cada uma delas contendo, em sequência, parte do Mistério da Salvação:

- A primeira semana é dedicada a “lembrar dos pecados, seus, da humanidade, e até mesmo de Lúcifer para, com orações, colóquios, penitências (interior e externa) e arrependimentos, purgar-se deles. Descer aos infernos para ver, sentir na pele, ouvir os gritos, sentir o gosto, o odor do sofrimento das almas dos pecadores ...” Segundo Barthes (1979, apud HERNANDES, 2008, p. 295): “o que deseja Loyola (na primeira semana), seria neurotizar o exercitante a fim de que ele concentre-se nas imagens, memórias, vontades do espírito, obviamente vontades cristãs e se afaste de qualquer outro pensamento que o desvia dessa busca interior”.

- A segunda semana é o tempo em que “o praticante deveria iluminar o espírito com Cristo menino [...] Acompanhar Jesus e seus pais por onde eles estiveram, ouvir-lhe as pregações (caso o exercitante desconheça as palavras de Jesus, o diretor espiritual pode falar-lhe doce e suavemente), sofrer com Ele no deserto” (HERNANDES, 2008, p. 295). Culmina com a Eleição e a tomada de uma decisão de vida (discernir entre o que é bom e mau para a vida cristã). É o momento mais importante dos Exercícios.

- A terceira semana: para Barthes (apud HERNANDES, 2008, p. 295), “esse é o momento da entrega total do ser à vida cristã, unir-se a Cristo em seu sacrifício como um servo, sentir com Ele o seu calvário e crucificação”, em que se busca a confirmação da escolha feita.

- A quarta semana: nesse tempo, o exercitante procura reforçar ainda mais a opção feita, por meio de sua participação na alegria da Ressurreição.

Também a legislação jesuítica — onde está presente o mesmo espírito ignaciano — é muito importante no funcionamento da Ordem: as Constituições completam os Exercícios Espirituais, porque consistem em normas e regras, divididas em dez partes, que cuidam da vida em grupo e organizam a Companhia de Jesus (ARNAUT; RUCKSTADTER, 2002, p. 107-108).

Para Paulo R. Hernandes:

Tendo como base os *Exercícios Espirituais*, nasceria a Companhia de Jesus com o propósito de falar a linguagem do homem do século XVI, e dos seus anseios quanto a sua crença, [...] como ensina aos diretores espirituais o próprio Loyola [...] como importante ferramenta para comunicar-se com os povos desacreditados da fé cristã e católica do velho mundo, ou dos infiéis e mesmo os colonizadores a muito afastados da fé cristã e das verdades de seus ensinamentos no novo mundo. Serão os *exercícios* guia e arma poderosa na luta para atrair para a bandeira de Cristo o maior número de fiéis, infiéis, indecisos, etc. E, sobretudo, livrar da bandeira de Satanás (dos muçulmanos, de Lutero, de Calvino, no Brasil dos carafbas e pajés, dos desejos materiais) e do inferno, a humanidade, conduzindo-a a salvação e vida eterna junto às divindades e à Igreja Católica (HERNANDES, 2008, p. 299, grifo do autor).

FORMAÇÃO DO JESUÍTA

A Companhia de Jesus está entre as mais prestigiadas ordens e congregações religiosas católicas, principalmente no aspecto da formação intelectual de seus membros⁵², pois conta com institutos próprios do mais alto nível.

O estudo foi a forma encontrada por Ignácio de Loyola para melhor ajudar as almas, e o método utilizado tanto na formação dos futuros jesuítas como nos colégios foi a *Ratio Studiorum*⁵³, que se acredita ter sido o primeiro método de estudo utilizado em colégios, tendo-se difundido por toda a Europa e, em pouco tempo, pelas Américas e ainda pela Índia. Consiste em uma experiência participada e na orientação comum de todo um conjunto sistemático:

A *Ratio* não iniciou a decair até que, em pleno século XX, se tem havido mudanças rápidas no campo da metodologia pedagógica, impulsionada por sua vez pela necessidade de uma formação científica e pela decidida intervenção do Estado no campo da educação. Apesar disso, nos colégios da

⁵² O francês Teilhard de Chardin (1881-1955), que concentrava os seus estudos na área de paleontologia e de biologia, é considerado um dos principais, senão o mais importante intelectual jesuíta do século XX. No decorrer de sua vida, obteve reconhecimento nos meios científicos, graças aos seus amplos conhecimentos e às suas teorias originais que entrelaçavam evolução biológica e religião. Exemplo da capacidade intelectual daqueles que compõem a Companhia de Jesus, tornou-se uma espécie de ícone do que devia ser um jesuíta naquele século (MARTIN, 1989, p. 259).

⁵³“As ideias pedagógicas expressas no *Ratio* correspondem ao que passou a ser conhecido na modernidade como Pedagogia Tradicional. Essa concepção pedagógica se caracteriza por uma visão essencialista de homem, isto é, o homem é concebido como constituído por uma essência universal e imutável. À educação cumpre moldar a existência particular e real de cada educando à essência universal e ideal que o define enquanto ser humano. Para a vertente religiosa, tendo sido o homem feito por Deus à sua imagem e semelhança, a essência humana é considerada, pois, criação divina. Em consequência, o homem deve se empenhar em atingir a perfeição humana na vida natural para fazer por merecer a dádiva da vida sobrenatural. A expressão mais acabada dessa vertente é dada pela corrente do tomismo, que consiste numa articulação entre a filosofia de Aristóteles e a tradição cristã; tal trabalho de sistematização foi levado a cabo pelo filósofo e teólogo medieval Tomás de Aquino, de cujo nome deriva a designação da referida corrente” (SAVIANI, 2005, p. 6).

Companhia se tem conservado este sentido de co-participação de ideias e experiência que permite a todos avantajarem-se com as conquistas dos demais, e este esforço é crescente em nossos dias. Vão nascendo organizações regionais nos Estados Unidos, na Espanha, na América Latina, na Índia e ainda no Extremo Oriente. E faz quatro anos que foi criada uma Comissão Internacional sobre o Apostolado dos Jesuítas na Educação (CIAJE). Por ocasião do IV Centenário da primeira *Ratio Studiorum* o CIAJE publicou um livreto sobre *Características da Educação da Companhia*. (ANUÁRIO..., 1986, p. 100).

Não se trata de uma nova *Ratio*, coisa que hoje seria impossível, mas sim de um novo convite para preservar e aprofundar esse sistema histórico. Em vez de dar regras detalhadas sobre a organização dos colégios, a obra trata de focar qual é o espírito ou a inspiração que anima os educadores, jesuítas e seculares: em uma palavra, trata de descobrir qual era o ponto de vista de Ignácio de Loyola, aplicado à educação (ANUÁRIO..., 1986, p. 100).

Na Companhia de Jesus, a instrução tem dois objetivos: além da transmissão de conhecimentos, o preparo para o apostolado e para a formação nos bons costumes. Não se concebe, então, uma formação intelectual alienada da virtude (PAIVA; PUENTES, 2000, p. 106). “O fim desta Companhia não é somente buscar a salvação e perfeição das próprias almas com a graça divina, mas com a mesma intensidade, procurar ajudar a salvação e perfeição das dos próximos” (LOYOLA, 2004, p. 46).

Na história da Companhia de Jesus foi frequente a admissão de jovens vindos dos seus próprios colégios. Nas últimas décadas, as ordens, as congregações e também as dioceses têm tido como principal fonte para a renovação dos seus quadros jovens cuja origem está nas camadas populares. Se, no Antigo Regime, os jesuítas se dedicavam à formação dos jovens das cortes europeias, do século XIX até os nossos dias, eles mantêm colégios para atender aos filhos das famílias abastadas das grandes cidades em que estão presentes.

Para a Ordem, como para a Igreja Católica, com base na experiência pessoal do vocacionado — como é conhecido nos meios católicos aquele que aspira ao seguimento da vida religiosa e/ou sacerdotal —, o jovem que ingressa na Companhia de Jesus recebeu, diretamente de Deus, uma vocação, um chamado (do verbo da língua latina *vocare* = chamar). Dá-se ênfase às inclinações do candidato para viver o celibato ou à sua capacidade de enquadrar-se institucionalmente. Espera-se dele dedicação exclusiva à instituição religiosa. O processo de “sacerdotização” e definição dos ministérios nos primeiros séculos da Igreja abriu abismo profundo entre clérigos e leigos, trazendo consigo a supervalorização da ordem sobre o batismo; do presbiterato e da vida religiosa sobre o

matrimônio; dos cargos e postos eclesiásticos sobre a fraternidade e o caráter de serviço do Evangelho. A Igreja tornou-se uma sociedade de desiguais (PARRA, 1991, Orelha). Por conseguinte, para as autoridades da Igreja, o matrimônio tem seu valor reduzido à constituição das famílias que servirão à procriação, à estabilidade social e à possibilidade de estas fornecerem jovens às suas fileiras.

O religioso, assim denominado, professará, mais cedo ou mais tarde, dependendo da instituição da qual faz parte, o voto de castidade, ou seja, o compromisso de abrir mão do casamento e de relacionamentos afetivo-sexuais. Já o padre secular — ligado diretamente a uma diocese e a um bispo — assume publicamente, durante a sua ordenação diaconal e presbiteral, o compromisso de viver o celibato. A Igreja Católica, na verdade, pretende, através dessa norma disciplinar, suprimir a disputa familiar, evitando a dispersão. Garante-se, assim, a burocracia (a ordem) da instituição.

Vigente na Igreja Católica desde o Concílio de Elvira, hoje Granada, na Andaluzia, Espanha — entre os anos 300 e 305 — e de maneira mais rigorosa, a partir do século XVI (Concílio de Trento, Itália, 1545-1563), é inegável que há muita controvérsia em torno da manutenção do celibato como condição imprescindível para o seguimento do sacerdócio católico. E, ao contrário do que a maioria afirma, a sua manutenção até os nossos dias está mais no fato de o controle da sexualidade poder significar a tentativa do controle de toda a pessoa do que, simplesmente, uma forma da não partilha dos bens patrimoniais da Igreja.

A formação jesuítica é marcada pela tenacidade, pela dedicação aos estudos, pelo gosto pelo silêncio, pela oração e pela meditação. Mesmo tendo sido fundada no século XVI, portanto, há mais de 400 anos, a Companhia de Jesus procura conservar, na formação dos seus membros - levadas em consideração as peculiaridades de seu tempo - o mesmo rigor e a mesma excelência dos tempos de fundação⁵⁴. Por essa razão, a preparação do jesuíta é considerada das mais sólidas no interior da Igreja Católica, a saber: dois anos de noviciado; o juniorado⁵⁵ – com duração de um a dois anos, para aprofundamento dos conhecimentos na área das ciências humanas, literatura e idiomas – uma preparação para o curso de Filosofia; o curso de Filosofia, com duração de três anos; o magistério — período que varia entre dois ou mais anos e se adapta às aspirações e às aptidões do jesuíta em formação; e, por último, o curso de Teologia, com duração de quatro anos. Ao concluir o curso de

⁵⁴ Uma das dificuldades encontradas pela Companhia de Jesus para manter o alto padrão de formação dos futuros jesuítas, está no fato – já citado - de que a Ordem vem recebendo para as suas fileiras, nas últimas décadas, jovens vindos dos estratos populares, de maneira geral, com menos acesso ao preparo intelectual.

⁵⁵ Etapa de formação também presente em outras congregações religiosas.

Teologia, todo jesuíta passa por uma prova oral com banca examinadora composta por professores jesuítas. Além disso, mesmo os jesuítas já formados estão sempre estudando, aprimorando-se e praticando os Exercícios Espirituais e, muitas vezes, especializando-se num dos ramos do conhecimento humano, porque interessam à Companhia de Jesus “... os estudos filosóficos e teológicos, a investigação cultural, tanto humanística como científica, e a obra missionária de evangelização” (CONFERÊNCIA DOS PROVINCIAIS..., 1990, p. 148).

No período de formação universitária, que compreende a Filosofia e a Teologia, os jesuítas em formação são chamados de escolásticos, fazendo menção à escolástica, cuja origem remonta a Tomás de Aquino (1225-1274).

Antes de ingressar na Companhia de Jesus, há necessidade de o candidato passar por entrevistas com, pelo menos, três padres jesuítas, além do imprescindível acompanhamento de, pelo menos, seis meses com um jesuíta e a participação no chamado “Retiro de Opção de Vida”, de duração de um final de semana prolongado ou uma semana. Uma comissão formada por alguns jesuítas da província, juntamente com o Padre Provincial, reúne-se ao final de cada ano para analisar as condições de cada um dos aspirantes. O Padre Mestre também é ouvido, mas quem decide sobre a admissão, em última instância, é o Padre Provincial. Alguns candidatos entram diretamente no Noviciado, enquanto outros, especialmente os mais jovens, passam pela Comunidade Vocacional, quando concluem o Ensino Médio aqueles que ainda não o fizeram e têm a oportunidade de conviver com os jesuítas, apreender o espírito jesuítico da missão e se preparar para o Noviciado. É solicitado àquele que pretende entrar na Companhia um atestado médico de saúde física e um teste psicológico, o psicodiagnóstico. No entanto, esses critérios variam, um pouco, de província para província.

Para Ignácio de Loyola, o noviço não deve dizer que está na Companhia de Jesus, mas que deseja entrar na Companhia. Isso porque o ingresso na Ordem Jesuítica está confirmado apenas após os votos perpétuos – de pobreza, obediência e castidade — por parte do ingressante, proferidos pública e solenemente ao final do noviciado. Este é um elemento singular, só presente nessa ordem religiosa, porque, nas outras agremiações religiosas católicas, o vínculo vai gradativamente se aprofundando, até chegar, através de votos temporários, aos votos perpétuos. Ainda, na Companhia de Jesus, o noviciado é de dois anos (enquanto, na maioria das outras ordens e congregações religiosas, é de apenas um). Neste estágio da formação jesuítica, os noviços vivenciam cinco importantes experiências:

- Retiro Grande — um mês de retiro em silêncio, que consiste nos Exercícios Espirituais de Ignácio de Loyola, completos.
- Experimento de hospital — um mês como voluntário em um hospital, para ter contato com o sofrimento humano e buscar-lhe o sentido à luz da fé.
- Experimento de paróquia — algumas semanas em uma paróquia, de preferência em comunidade dirigida por um jesuíta.
- Experimento de pobreza – cerca de um mês em lugar de extrema pobreza, normalmente na zona rural.
- Experimento de colégio – permanência em um colégio mantido pelos jesuítas.

O noviciado, antes de ser um período de estudo, é um tempo em que há um aprofundamento do espírito da Companhia de Jesus e da sua missão na Igreja Católica.

Finalmente, depois de ter discorrido sobre a Companhia de Jesus, as características do seu carisma e da sua espiritualidade, o capítulo seguinte abordará a situação política da Igreja no Brasil a partir dos anos 50; o ambiente do Concílio Vaticano II e os seus desdobramentos na América Latina; o surgimento da Teologia da Libertação e as origens da Renovação Carismática Católica, nos Estados Unidos, no final da década de 1960. Os embates entre uma força e outra, e seus reflexos, tanto no relacionamento com a ditadura militar, como na Igreja particular de Campinas.

CAPÍTULO III: GÊNESE E DESENVOLVIMENTO DA RENOVACÃO CARISMÁTICA CATÓLICA

OS PRIMÓRDIOS DO MOVIMENTO PENTECOSTAL CATÓLICO

O Movimento Carismático surgiu nos Estados Unidos da América, no final da década de 1960, na Universidade de Duquesne, na cidade de Pittsburgh, estado da Pensilvânia, quando um grupo de estudantes e professores universitários se reuniu para uma espécie de retiro espiritual. Foi no interior desse retiro que, segundo os próprios participantes, eles vivenciaram uma forte e arrebatadora experiência espiritual, na qual teve início todo o Movimento. Há registros de que seu surgimento se deu em torno também de duas universidades estadunidenses: Nossa Senhora, em South Bend, no estado de Indiana, e a Universidade do Estado de Michigan (DOUGHERTY, 1997; HÉBRARD, 1992; BENEDETTI, 1988, apud DÁVILA, 2000, p. 24).

Para D. Hervieu-Léger, 1986 (apud LIBANIO, 2002, p. 161):

Aparecida nos anos 60-70 nos Estados Unidos, na movimentação da contracultura, a vaga da “nova consciência religiosa” se desenvolveu igualmente na Europa, com certo atraso, e, sobretudo, segundo modalidades particulares próprias dos diferentes terrenos culturais e religiosos europeus... Como nos Estados Unidos, esse surto religioso apresenta forte densidade emocional e comunitária: todos os grupos e movimentos que se reportam a ele acentuam o fervor ativo, a experiência interior e o apoio que um grupo fortemente unido, frequentemente em torno de um guia, de um mestre ou de um “pastor”, pode e deve oferecer ao desenvolvimento espiritual de cada um dos seus membros.

Ainda sobre essa experiência na Universidade de Duquesne, o Padre Haroldo Joseph Rahm, um dos precursores do Movimento no Brasil, declarou:

Tratava-se de um grupo de católicos na Universidade, jovens universitários, que sentiram fortemente a presença do Espírito Santo e, assim, começaram a comparar os sentimentos e movimentos interiores e, concomitantemente, a promover novenas ao Espírito Santo e a falar em línguas. Na realidade, nos Estados Unidos, os católicos foram até as Igrejas pentecostais (fundamentalistas), para aprender – porque não sabiam – as práticas pentecostais, como impor as mãos; regressão de idade – para se chegar ao processo de cura interior; cantar com o acompanhamento de guitarras e violões. Nesse período, final da década de 1960, a liderança mundial dos pentecostais católicos era o católico americano Ralph Martin. Hoje, evidentemente, ele não é mais o expoente do pentecostalismo católico. Todas essas experiências estão descritas no livro de autoria de Kevin Ranaghan, Católicos pentecostais universitários. (RAHM, 2003).

Para David Barrett, sociólogo missionário anglicano, no final da década de 1960 estavam presentes no campo religioso os *born again* (renascidos), que tinham em comum a experiência de um segundo nascimento no Espírito Santo. Eles tinham origem nas igrejas evangélicas, mas as transcendiam, podendo ser encontrados nos Grupos de Oração da embrionária Renovação Carismática Católica (HÉBRARD, 1992, p. 15, apud DÁVILA, 2000, p. 26).

Por outro lado, desde a década de 1950, a Igreja Católica no Brasil vivia um clima de reforma. No ano de 1952, sob a liderança de Dom Hélder Câmara (1909-1999), com forte apoio dos reformistas do Vaticano, foi fundada uma das primeiras conferências episcopais do mundo: a CNBB. A reforma se concentrava no incentivo a maior participação do laicato na vida da Igreja. Esse fato, associado à efervescência social e à modernização da hierarquia, levou, no final da década, a que a atuação dos leigos se fizesse mais à esquerda (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 60).

Nesse mesmo período, os movimentos populares alcançaram uma força sem precedentes no Brasil. Esse fato teve influência sobre os líderes da Igreja. Despertou a atenção daqueles que pretendiam apoiar as reformas e a consciência do crescimento da esquerda pelos conservadores. Era cada vez maior a preocupação de parte das autoridades da Igreja — o episcopado progressista — com a Reforma Agrária, sobretudo na Região Nordeste (MAINWARING, 1989, p. 72-73).

A proximidade da esquerda católica com o marxismo, o que se ensaiava desde o começo do século XX na Europa, ensejou na ala conservadora da Igreja — que se dedicava desde a década de 1930 a combater o comunismo — uma forte reação. Para os tradicionalistas, os movimentos populares significavam uma ameaça, porque punham em questão a propriedade privada, assumiam posição anticatólica e colocavam em dúvida a estrutura hierárquica da sociedade. Exemplo disso foi quando Dom Eugênio Sales (nascido em 1920, hoje Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro), então administrador apostólico da diocese de Natal/RN e um dos principais porta-vozes na defesa dos desafios à autoridade episcopal, assumiu a liderança da crescente oposição à Juventude Universitária Católica (JUC). O resultado foi um documento episcopal do final de 1961 que respondia ao pronunciamento da JUC sobre o socialismo, reprovando a atuação desta e proibindo-a de fazer pronunciamentos radicais e de assumir compromissos políticos “indesejáveis”. As sanções também incluíram a expulsão de Aldo Arantes da JUC em razão da sua participação na direção da União Nacional dos Estudantes — UNE (MAINWARING, 1989, p. 55-56 e 85).

No decorrer dos anos 1960, a polarização entre progressistas e conservadores se aprofundou. A difusão do trabalho de Paulo Freire associado à criação dos Centros de Cultura Popular fez com que se criasse um ambiente de questionamento que estimulava a inovação pastoral entre as classes populares. Em 1961, a renúncia do presidente Jânio Quadros criou graves tensões em torno da

possibilidade de João Goulart assumir a presidência. Nos anos que antecederam o Golpe Militar de 1964, a reação aos movimentos progressistas cresceu no interior da Igreja, entre os militares e nas classes média e dominante (MAINWARING, 1989, p. 64).

Esses movimentos e essas disputas no interior da Igreja não eram uma questão apenas nacional: estendiam-se a toda América Latina, e, nos Estados Unidos, surgiu o Pentecostalismo Católico — mais tarde chamado de Renovação Carismática⁵⁶ —, “num ambiente universitário, secular e mais elevado, no sentido de bens culturais e intelectuais” (DÁVILA, 2000, p. 25). Essa origem determinou as diferenças entre este e o Pentecostalismo Protestante. A Renovação Carismática surgiu como os outros movimentos da Igreja Católica, a saber: típico de classe média, enquanto, no mesmo período, as Comunidades Eclesiais de Base, as CEBs, se ocupavam dos pobres (ASSMANN, 1986).

As CEBs no Brasil tiveram a sua origem nos grupos de reflexão bíblica surgidos nos anos 1950, presentes inicialmente nos meios rurais, no interior das Ligas Camponesas e dos sindicatos rurais e ganharam impulso com os movimentos da Educação de Base (MEB) e da Ação Católica, disseminando-se pelas cidades. Há aí um duplo movimento: o da militância católica de esquerda que impele a Igreja em direção às questões sociais e o da própria Igreja, que buscava atualizar-se no mundo (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 69).

Em direção oposta, no ano seguinte ao de seu surgimento, o Pentecostalismo Católico já chegava ao Brasil. Se, de um lado, as CEBs propunham o comprometimento da Igreja com toda a problemática político-social do País, por meio da atuação coletiva da militância organizada, a fim transformá-la, de outro, a prática pentecostal católica pretendia levar os fiéis a uma experiência emocional, fundamentada em orações espontâneas e expressão corporal, vivenciadas nos grupos de oração, com vistas à conversão pessoal e à futura salvação da alma.

As CEBs se constituíram pela reunião de cristãos que, em comunidade, procuraram dar significado bíblico às suas lutas e representaram novidade no cenário eclesiológico da América Latina e do terceiro mundo. Já os pentecostais católicos — ou Igreja espiritualista⁵⁷ — são a expressão pós-moderna da religião, cuja característica é a privatização da fé, confinando a experiência religiosa ao indivíduo.

⁵⁶ Segundo Benedetti, o termo carismático: “realmente peca por sua imprecisão, mesmo na teologia. Ele tem mais uso sociológico que teológico, graças a Weber, que o tomou de empréstimo ao teólogo Rudolf Sohm, comentarista de São Paulo, o qual atribuía à organização do cristianismo um caráter carismático por oposição a jurídico” (BENEDETTI, 1988, p. 267). A denominação Renovação Carismática foi assumida para maior aceitação do movimento por parte das autoridades da Igreja Católica (ASSMANN, 1986, p. 89).

⁵⁷ Termo utilizado para se referir à Renovação Carismática Católica por João B. Libanio, em *Cenários da Igreja*, 2001. Como a base do movimento é a emoção, eles também são conhecidos por grupos emocionais.

São apontados como agentes da importação do modelo carismático de Igreja Católica os padres jesuítas Haroldo Rahm e Eduardo Dougherty, no final da década de 1960, mais precisamente a partir do ano de 1969, tendo como polo irradiador, para todo o País, a cidade de Campinas:

O Padre Haroldo Rahm manteve contato com grupos pentecostais da região, os quais lhe forneciam literatura sobre a experiência do Batismo no Espírito, e para concretizar, em terras brasileiras, a característica ecumênica da Renovação Carismática Católica, em seu país de origem, os Estados Unidos (DÁVILA, 2000, p. 32).

Nesse mesmo período, *“padres diocesanos canadenses trouxeram o Movimento para a cidade de Manaus e de Itaquatiara, no interior do estado do Amazonas. Veio também um grupo de padres carismáticos redentoristas americanos para a cidade de Campo Grande e de Goiânia”* (DOUGHERTY, 2006).

Toda experiência pentecostal no interior da Igreja Católica tem a sua origem no Pentecostalismo, entre grupos protestantes, e fundamenta-se na crença de que o Espírito Santo (terceira pessoa da Trindade) se manifesta na vida do fiel por meio de sinais, denominados “dons” do Espírito Santo, como a glossolalia (falar em línguas), as curas, os milagres, as visões, etc. Tradicionalmente reconhece-se o início do movimento pentecostal no ano de 1906, em Los Angeles, nos Estados Unidos, na Rua Azuza, onde houve grande avivamento caracterizado principalmente pelo “batismo do Espírito Santo”, que consiste no recebimento explícito dos dons do Espírito⁵⁸ e também inclui profecias, interpretação de línguas e discernimento de espíritos.

Em sua gênese, a Renovação Carismática Católica — RCC — viveu uma contradição fundamental: manter a originalidade do Movimento — cujas características são a iniciativa e a direção dos leigos, correndo os riscos da longa falta de reconhecimento por parte das autoridades da Igreja e de seu conseqüente enfraquecimento — ou abrir mão da relativa autonomia própria dos

⁵⁸ Segundo o Pe. João B. Libanio: “A fé cristã reconhece a existência e validade do carisma que está na base da adesão. No entanto, introduz necessariamente critérios de discernimento da verdade do carisma. Aí recorre obrigatoriamente a São Paulo, que trata longamente desse assunto na Primeira Epístola aos Coríntios. Logo de início, ele estabelece o critério cristológico de maneira contundente. ‘Por isso faço-vos saber que ninguém, falando no Espírito de Deus, pode dizer ‘maldito seja Jesus’ e ninguém pode dizer ‘Jesus é o Senhor’ senão no Espírito Santo’ (1Cor 12,3). Todo carisma verdadeiro leva a Jesus. Em Mateus, no capítulo 25, Jesus se vê servido nos deserdados deste mundo. João identifica o amor de Deus com o amor ao irmão. Logo, todo verdadeiro carisma não conduz sem mais a uma ‘comunidade emocional’ que isenta as pessoas do compromisso, mas muito pelo contrário. O segundo critério paulino relaciona o carisma com o bem de todos, da comunidade, e não unicamente com o proveito individual. ‘A cada um é dada a manifestação do Espírito em vista do bem comum’ (1Cor 12,7). Paulo ordena os carismas numa sequência de valor e exorta: ‘Aspirai os melhores dons’ (1Cor 12,31). Entre os dons carismáticos, a glossolalia é muito prezada pelas comunidades emocionais carismáticas. Ela não encontra em Paulo a mesma estima, que antes a coloca em último lugar, com a exigência da presença de alguém que interprete. Quando parece terminado o assunto, Paulo acrescenta: ‘E ainda quero mostrar um caminho melhor’. No capítulo 13, estabelece a caridade como último critério da verdade e autenticidade dos carismas”. (LIBANIO, 2002, p. 160).

Movimentos de Leigos, para buscar a anuência dos religiosos/as, dos padres e dos bispos ao Movimento Carismático, inclusive valorizando a presença desse segmento no interior da Renovação⁵⁹.

No ano de 1973, o Movimento Carismático obteve o reconhecimento internacional de Paulo VI, por ocasião do III Congresso Internacional da Renovação Carismática Católica. O Papa proferiu um discurso de aprovação do Movimento aos representantes de diversas partes do mundo, reunidos em Roma. Mais tarde, em 1979, João Paulo II reafirmou essa aprovação em audiência privada com membros do Conselho Internacional da RCC (OS PAPAS FALAM..., 1992, p. 6 e 23).

No caso brasileiro, a direção do Movimento optou por inserir os religiosos, de maneira que as figuras do clero contam com profundo prestígio entre os Carismáticos: “mesmo que essa incorporação tenha oscilado entre aceitação, rejeição e/ou clericalização da RCC” (HÉBRARD, 1992, p. 50, apud DÁVILA, 2000, p. 41).

Assim, a Renovação Carismática, pela necessidade de se firmar como um movimento eclesial presente na vida da Igreja Católica, ao institucionalizar-se, aproximou-se do clero e apoiou-se nele — na realidade, constituído como um elo entre os leigos e a hierarquia eclesiástica. Foi justamente nesse espaço que apareceu o Padre Dougherty, que mais tarde seria o fundador de quatro importantes empresas: a Comunidade de Aliança Jesus Te Ama, a Associação do Senhor Jesus, a Fundação TV Século XXI e a TELEMAGIS — Serviço de Comunicação de Multimídia (SCM).

Max Weber, em sua obra *Economia e sociedade* (WEBER, 1994, p. 161-162), afirma que “a racionalização (legalização) do carisma se constituirá em condição peculiar à sua destruição”. À medida que a Renovação Carismática Católica se organiza e se burocratiza na forma de comissões, instituições, empresas, na busca da perenidade do carisma — entendido como novidade, de caráter extracotidiano —, ela se torna comum, corriqueira e é absorvida pela burocracia da Igreja Católica, na qual o caráter profético só é mantido se for institucionalizado e, contraditoriamente, cooptado pela hierarquia e diluído no processo de cotidianização. A esse respeito, Leonardo Boff, teólogo da libertação, salienta que, no momento em que a Igreja hierarquiza e organiza os carismas do Espírito, estes adquirem uma investidura de poder, o que se constitui em uma demonstração da fragilidade profética da Igreja Católica (BOFF, 1981, apud DÁVILA, 2000, p. 39).

Em meio a esse processo de institucionalização da Renovação, o Padre H. Rahm passou a concentrar as suas energias na condução de entidades assistenciais, o que evidenciou certa diferença na tática de atuação entre esses dois religiosos. O Padre Eduardo Dougherty assumiu, cada vez mais,

⁵⁹ A cada publicação, a revista *Brasil Cristão* traz a entrevista com um bispo do Colégio Episcopal Brasileiro.

a incrementação técnica da estrutura televisiva e a consequente divulgação de programação católica na televisão brasileira como sua meta de vida. Ao passo que o Padre Haroldo Rahm, por sua vez, foi assumindo trabalhos assistenciais.

Os dois jesuítas posicionam-se em diferentes espaços no mercado de serviço religioso. Os trabalhos dos dois não são concorrentes, porque o primeiro se relaciona principalmente com pessoas que compõem a classe média e lideram o Movimento Carismático; e o segundo lida com os que socialmente podem ser classificados como proscritos, sobretudo os dependentes de droga e as suas famílias:

O Movimento Amor Exigente conta hoje em dia com mais de 150 fazendas de recuperação de narcodependentes e visa, também, a orientação e o apoio aos pais – curar as famílias e não os jovens. Tem o nome originado da tradução da expressão em inglês Tough Love, que quer dizer amor rijo, duro, tenaz; dando origem à denominação atual em português, proposta pelo Padre Aquino: Amor Exigente. Na verdade, existem atualmente no Brasil mais de 2000 Comunidades Tough Love. O Movimento Amor Exigente, como o próprio nome já indica, exige da pessoa em acompanhamento uma autêntica conversão, de modo que se transforme em um verdadeiro cavalheiro cristão. Está presente em todo o Brasil e em outros países também. (RAHM, 2003).

Há, também, entre estes dois jesuítas, uma diferença no que tange à dimensão e à natureza dos trabalhos. Se, de um lado, o Padre Eduardo Dougherty tem em suas mãos projetos de maior repercussão e difusão no campo das ideias e da doutrina, o Padre Haroldo Rahm conta com um trabalho de recuperação física.

IGREJA CATÓLICA, RENOVAÇÃO CARISMÁTICA E DITADURA MILITAR

A ditadura militar instalada em 1964 implantou um regime de repressão, atingindo especialmente intelectuais, estudantes, líderes operários e religiosos ligados à Teologia da Libertação.

No ano de 1968, Eduardo Dougherty, ainda estudante jesuíta, iniciou o curso de Teologia com os dominicanos, na Escola Dominicana de Teologia (EDT), na cidade de São Paulo. Diante da repressão pela qual aquela faculdade foi assolada, ele pediu para sair do País e acabou sendo enviado ao Canadá para prosseguir seus estudos.

A Renovação, sobretudo no seu início, contava em seus quadros com membros oriundos

principalmente da classe média e de profissões de grande prestígio social, como é o caso dos empresários e dos profissionais liberais (OLIVEIRA et al., 1978, p. 25-29). E foram esses os que impulsionaram o Movimento desde o seu nascedouro.

No mesmo período, os empresários paulistanos ligados ao Rotary Club — que ajudaram a financiar a chamada “Revolução” de 1964⁶⁰ —, associados a várias outras organizações, grupos políticos e militares, articularam-se em torno da promoção do golpe militar. Também participaram desse movimento pró-golpe, as senhoras⁶¹ católicas paulistanas da “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, que foi um protesto contra o comunismo, organizado pelo empresariado em aliança com outros setores sociais, como a Igreja Católica, e levou milhares de pessoas às ruas do Centro de São Paulo, em março de 1964.

Mesmo antes do golpe, “são aliados dos rotarianos a Igreja Católica, especialmente o episcopado mineiro, as forças armadas, as classes produtoras, as mães de família e os estudantes anti-extremistas”. Dessa forma, “os rotarianos estariam articulados com outros setores sociais para, mobilizados, resistirem às (chamadas) manobras esquerdistas de elementos infiltrados nos sindicatos, de políticos, estudantes e professores irresponsáveis” (BITTENCOURT, 1991, p. 256-257).

Durante a ditadura militar ficou mais uma vez evidente a cisão entre progressistas e conservadores, presente na Igreja desde a década de 1950⁶². Nesse período, já havia bispos, sacerdotes, religiosas e leigos que se uniam em apoio à luta pelas reformas de base. Bispos como Dom Hélder Câmara já começavam a ser conhecidos como comprometidos com as mudanças nas estruturas sociais injustas, conforme o que veio a ser mais tarde assumido no Concílio Vaticano II. Movimentos leigos, como a Juventude Universitária Católica (JUC) e a Juventude Operária Católica (JOC), envolviam-se cada vez mais com a causa dos oprimidos (ARNS et al., 1998, p. 147). Com o passar dos anos, houve a transformação na atuação de algumas autoridades da Igreja Católica em relação à repressão:

Com a implantação do Regime Militar, entretanto, especialmente a partir de 1968, a trajetória da Igreja foi de constante evolução em suas preocupações sociais, resultando disso um distanciamento crescente das autoridades governantes, um posicionamento crítico frente a suas medidas, uma defesa

⁶⁰ Sobre esse envolvimento, assim se expressa Agueda Bittencourt: “No caso da articulação do golpe de 1964, o Rotary Club de São Paulo foi o palco dos principais acontecimentos, embora, graças às habilidades de seus associados, sua participação tenha permanecido desconhecida”. (BITTENCOURT, 1991, p. 259).

⁶¹ A maioria dos participantes e das lideranças do Movimento Carismático Católico no Brasil, em seus primórdios, era composta por mulheres: 62,7% e 48,8%, respectivamente. (OLIVEIRA et al., 1978, p. 26).

⁶² Para aprofundar o tema, ver Paiva, 1983.

corajosa dos Direitos Humanos. E a consequente perseguição, repressão, o confronto. (ARNS et al., 1998, p. 147-148).

Os membros da Igreja, liderados pelo então Cardeal de São Paulo, o franciscano Dom Paulo Evaristo Arns, percorreram os presídios e as delegacias de polícia da Grande São Paulo, tentando liberar intelectuais, estudantes e operários presos pelos militares. E, dentro desse clima agudo de violência e repressão, o ponto culminante foi o assassinato do jornalista Wladimir Herzog e a celebração da missa em sua memória na Praça da Sé, em outubro de 1975, que contou com a presença de mais de 5 mil pessoas e 500 policiais, os quais, segundo a advertência do então governador biônico — eleito de maneira indireta — Laudo Natel, atirariam, caso houvesse alguma manifestação de protesto contra a ditadura militar.

No final da década de 1960, a Companhia de Jesus, da mesma forma que a própria Igreja Católica, vivia um momento de ebulição e de grandes mudanças: havia uma simpatia, por parte de muitos jesuítas, pela Teologia da Libertação e pelo ideário socialista. Muitos deles estavam envolvidos com movimentos populares. E, ainda nos dias de hoje, segundo o Pe. Luís G. Quevedo⁶³, “quanto à Companhia de Jesus na América Latina, a maioria não segue a linha da RCC, mas há jesuítas na AL que a seguem, como Eduardo Dougherty, Benigno Juanes (na República Dominicana), etc.” (QUEVEDO, 2006).

A Igreja Católica vivia uma euforia própria do período pós-Concílio Vaticano II (1962-1965): na América Latina, ocorria o que significou o desdobramento continental do Concílio, a Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), na cidade de Medellín, em 1968, na Colômbia. Dessa reunião dos bispos do nosso continente, as principais conclusões foram: a dura constatação da situação de gritante desigualdade presente no continente, produzidas pelas “estruturas de pecado”, e a disposição para estimular e fortalecer as CEBs.

Onze anos depois, em 1979, em nova reunião, na cidade de Puebla, no México, os bispos do continente latino-americano chegaram a novas conclusões, das quais se destacam: o crescimento da miséria no continente, evidentemente, não fruto do acaso, mas resultado histórico e social de estruturas injustas e exploradoras; a preocupação dos bispos com a evangelização da América Latina; novamente, o reconhecimento e o incentivo às CEBs; e a original e ousada opção pela maioria excluída do continente: os pobres e os jovens latino-americanos.

⁶³ Religioso jesuíta respeitado na Província do Brasil Centro-Leste, o Padre espanhol Luís González-Quevedo foi mestre de noviços de 1983 a 1993. É primo do também jesuíta, o parapsicólogo Padre Oscar Quevedo. Ver sua minibiografia no final deste trabalho.

Ainda nesse mesmo período nasceu, na América Latina, a Teologia da Libertação — uma forma de fundamentar, bíblica e teologicamente, a radical opção pelos pobres.

Apesar de todo o engajamento de parte da Igreja Católica no Brasil, o setor ligado à Teologia da Libertação, atuando na organização dos trabalhadores contra a injustiça social — concretizada na desigualdade econômica — e na resistência à ditadura, um dos argumentos de que o Padre Dougherty se utiliza para justificar o fato da sua inserção nos meios de comunicação social na década de 1970 é: “*E naquele tempo a Igreja não estava fazendo nada!*” (DOUGHERTY, 2004b). Acredita-se que ele tenha se referido à atuação da Igreja na área de comunicação social.

Todos esses fatos demonstram, entre outras coisas, como a Igreja Católica não é um bloco único. Embora a instituição queira, a todo tempo, minimizar e absorver todo tipo de dissidência, posicionamentos e ações diametralmente opostos sobrevivem em seu interior⁶⁴; e se tornam evidentes, principalmente diante de nossa realidade tão contraditória quanto ela própria.

Por isso, tanto no Brasil como em outros países do Terceiro Mundo, a Igreja Católica acabou gerando dois irmãos antagônicos: de um lado, as CEBs da Teologia da Libertação, voltada para os problemas sociais; de outro, tomando a trilha conservadora, a Renovação Carismática Católica. Cada um reivindicando só para si a paternidade do Concílio Vaticano II — que significou para a Igreja Católica um período de abertura, na tentativa de adaptar-se aos novos tempos (*aggiornamento*) –, ambos buscando a legitimidade de filhos da grande reforma na vida da Igreja contemporânea (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 61).

Ratificando essas afirmações, declarou Dom José Maria Pires, arcebispo negro de João Pessoa (conhecido como Dom Pelé), um dos expoentes da Igreja popular: “O que fez com que eu me colocasse ao lado do povo foi o Vaticano II” (MAINWARING, 1989, apud PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 62). Para os membros do movimento carismático não é diferente. Em trecho da cartilha *Renovação Carismática Católica: o que é?*, explicita-se: “podemos dizer que João XXIII foi o precursor da Renovação Carismática. [...] O Concílio [Vaticano II] foi início desse Pentecostes que hoje se vê realizar em toda a Igreja” (COMISSÃO NACIONAL DE SERVIÇOS DA RCC, 1984, apud PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 62).

Na década de 1970, a Igreja Católica no Brasil se constituía a mais progressista de toda a América Latina. As CEBs daqui se tornaram modelo para a Igreja dos demais países da região. Com a anuência das autoridades da Igreja, aqui foi formada toda uma militância de esquerda

⁶⁴ Neste caso é possível aplicar o conceito de “jogo de força”, desenvolvido por Norbert Elias. Para aprofundar, consultar Elias e Scotson, 2000.

(PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 62). Em 1978, com o polonês Karol Wojtyła à frente do Vaticano, esse cenário começou a mudar. Três foram os principais alvos de João Paulo: o comunismo, a Teologia Liberal europeia⁶⁵ e a Teologia da Libertação. Mas foi contra a Teologia da Libertação que em primeiro lugar se desencadeou uma campanha (BRITO, 2010, p. 85).

Nos anos 80, muitas foram as medidas intentadas pelo Vaticano como forma de cercear o desenvolvimento da Igreja popular na América Latina, especialmente no Brasil: “seminários vigiados, teólogos desautorizados, livros censurados, troca de bispos, divisão de grandes e progressistas dioceses e paróquias” (PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 62). No sentido contrário, a RCC recebia todo o apoio do Vaticano. O movimento contava com incentivo político de Roma e financeiro de associações internacionais. Num de seus discursos, na mesma época, o papa reafirmava que na América Latina se deveria optar por uma Igreja despolitizada: “Vocês não são líderes políticos ou sociais, nem oficiais de um poder temporal. Não podemos viver na ilusão de estar servindo a Deus se diluímos nossas atividades em um interesse exagerado pelos problemas temporais!”⁶⁶ (BENEDETTI, 1988, apud PIERUCCI; PRANDI, 1996, p. 62).

Nesses mesmos anos, as ações lideradas por Padre Eduardo Dougherty expressam a construção de um projeto de oposição à Teologia da Libertação, marcado pela organização de grupos leigos por todo o País. Suas estratégias foram os retiros, os cursos para jovens e casais e as grandes celebrações religiosas. Isso foi possível também porque a tendência dos movimentos, como a Renovação Carismática, é de sobrepor-se à pastoral das Igrejas locais, sobretudo na América Latina, isso em razão da sua organização mais eficiente e do apoio que recebem de Roma (BENEDETTI, 1988, p. 221).

Diante da ditadura militar no Brasil, nenhuma crítica ao regime foi proferida a partir dos carismáticos católicos. Foi justamente nesse período que mais cresceu a Renovação, firmando-se como movimento eclesial.

Durante sua estada no Canadá, Padre Dougherty manteve relativa distância dos conflitos político-ideológicos próprios do regime de exceção de um país do Terceiro Mundo e do capitalismo periférico. A sua permanência no Brasil naquele momento implicaria em claro posicionamento diante da implacável repressão política.

⁶⁵ “A Teologia europeia reinterpreta em consonância com a modernidade, nas pegadas da virada antropocêntrica, os temas fundamentais da fé. Ela nasce do esgotamento da teologia neo-escolástica, com o surgir de novas perguntas vindas da modernidade” (COMBLIN, 1985, apud LIBANIO, 2001, p. 17).

⁶⁶ Discurso de João Paulo II, em Puebla, México, 1980.

A RENOVACÃO CARISMÁTICA NA ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS

A Arquidiocese de Campinas foi instituída em 1908, tendo como seu primeiro bispo Dom João Batista Nery. Atualmente, a Arquidiocese abrange os municípios de Campinas, Hortolândia, Paulínia, Sumaré, Elias Fausto, Indaiatuba, Monte Mor, Valinhos e Vinhedo. São 91 paróquias, 480 comunidades, 110 padres religiosos (pertencentes a ordens e congregações religiosas), 89 padres diocesanos (ligados diretamente à Arquidiocese), 21 congregações religiosas masculinas e 30 femininas⁶⁷.

Principalmente na primeira metade do século XX, por concentrar parte significativa da aristocracia agrícola brasileira e constituir o eixo econômico do Brasil, a Arquidiocese de Campinas tinha peso significativo no contexto católico do País, a ponto de possuir, já na década de 1940, uma universidade católica, que mais tarde se transformaria em Pontifícia Universidade.

A concentração econômica advinda do ciclo do café projetou Campinas como um polo não só econômico, mas, sobretudo, tecnológico, configurado por suas universidades e institutos de pesquisa. Essa característica converteu a cidade em centro de atração para a juventude da região, em busca de formação superior.

Nos anos 1960, o Brasil era um “caldeirão fervente”, e Campinas estava inserida nesse contexto. Se, de um lado, as autoridades da Igreja local lideraram a “Marcha da Família de Campinas com Deus e pela Liberdade”, que, em 7 de abril de 1964, com o apoio da prefeitura e da Câmara Municipal, reuniu mais de setenta mil pessoas, saindo da Universidade Católica de Campinas até em frente à Catedral, de outro, a direção da União Nacional dos Estudantes – UNE —, com grande apoio de religiosos, secretamente se reuniu, em julho de 1967, no Colégio Notre Dame, em Campinas, para preparar seu novo Congresso que seria realizado em agosto, no convento beneditino de Vinhedo. Três padres do Notre Dame foram chamados a depor na polícia e seis beneditinos norte-americanos presos, no dia 1º de agosto, na abertura do Congresso da UNE. As prisões ocorreram em função de informações fornecidas pelo Serviço Nacional de Informações — SNI (TANGERINO, 2004, p. 60-62).

Na Universidade Católica de Campinas, no ano de 1968, a decisão do diretor da Faculdade de Filosofia, o Padre Amaury Castanho (1927-2006), futuro bispo de Jundiáí, de negar matrícula ao estudante Luís Carlos de Freitas, que havia se destacado na Direção do Centro Estudantil Pedagógico, desencadeou uma série de protestos e paralisações dos estudantes, o que levou à

⁶⁷ Disponível em: <<http://www.arquidiocesecampinas.org.br/>>. Acesso em: 16 jun. 2010.

renúncia do diretor e à escolha, pela comunidade, de uma lista tríplice⁶⁸. Todas essas manifestações na Universidade foram acompanhadas pelos agentes do Departamento Estadual de Ordem Política e Social - DEOPS (TANGERINO, 2004, p. 62-63).

Nesse momento, o Pe. Eduardo Dougherty retornou ao Brasil e, a partir do ano de 1973, passou a residir novamente em Campinas. Nesse período, a Arquidiocese de Campinas abrigava várias ações compreendidas como movimentos de classe média: os Cursilhos de Cristandade, o Treinamento de Liderança Cristã (TLC), o Encontro de Casais com Cristo (ECC), a Orientação para Vivência Sacramental (OVISA) e a própria Renovação Carismática Católica (RCC). Todos criticados à época pela Cúria metropolitana, embora fossem reconhecidos como uma porta possivelmente aberta a muitos cristãos, para uma maior participação eclesial.

Para as autoridades da Igreja de Campinas, seria importante que os leigos se orientassem para um maior compromisso pela justiça, que na ótica evangélica significa: opção preferencial pelos pobres e comunhão efetiva com a Igreja particular. Porque alguns, na realidade, recebem orientações vindas de fora da Igreja local, enquanto outros procuram ligar-se às propostas da Igreja Arquidiocesana, aceitando comprometer-se com as lutas sociais de libertação (ARQUIDIOCESE..., 1999, p. 57).

A Renovação Carismática Católica no Brasil, após a elaboração, na década de 1990, do Projeto denominado “Ofensiva Nacional”, que significou uma arrancada de evangelização e reestruturação do Movimento, organizou-se em diferentes ministérios⁶⁹: atividades originárias dos distintos dons e carismas.

Apesar de ter sido vista com reserva e desconfiança pelas autoridades eclesiais em seus primórdios, foi com o apoio institucional da Igreja que a Renovação Carismática se expandiu. Utilizada para combater a Teologia da Libertação na América Latina, a RCC significou uma alternativa à Igreja das CEBs, pois apresenta soluções fáceis e imediatas aos problemas do cotidiano.

Nesse mesmo período, a Igreja progressista foi vitimada por vários golpes, o primeiro deles em 1972, por ocasião das eleições da Conferência Episcopal Latino-Americana, o CELAM, com a

⁶⁸ Prática que possibilita a escolha da direção das universidades de maneira mais democrática.

⁶⁹ Por exemplo, *Marta*, que tradicionalmente nos Evangelhos é apresentada como aquela que serve as outras pessoas (Lc 10, 38-42); *Davi*, supostamente autor de parte dos Salmos (um dos livros do Primeiro Testamento – que conta com inúmeros Hinos de Louvor), cuja Secretaria é responsável pela música; e *Rafael*, um anjo citado no livro de Tobias, ao qual é atribuída a restituição da visão ao pai de Tobias, Tobit, além da cura da sua Nora, Sara, (Tb 12, 14-15), invocando-se, evidentemente, o poder miraculoso implícito nas figuras angelicais. Atualmente, o nome *Ministérios* substituiu a nomenclatura *Secretarias*. (ALVIM, 2004).

eleição de Dom Alfonso Lopez Trujillo⁷⁰ como Secretário-Geral, embora o presidente eleito tenha sido Dom Aloísio Lorscheider. A principal tarefa de Dom Trujillo foi combater a Teologia da Libertação, tanto no continente como no exterior (BRITO, 2010, p. 84).

No Sínodo de Puebla, no México, no ano de 1979 — que contou com a presença do Papa João Paulo II —, os conservadores, apoiados explicitamente pelo Pontífice, organizaram-se para garantir um desfecho favorável a eles, o que foi facilitado pela atuação da equipe romana, liderada pelo Cardeal Baggio, então Presidente da Congregação para a América Latina (BRITO, 2010, p. 85-87).

O então frade franciscano, o brasileiro Leonardo Boff, e o padre jesuíta Jon Sobrino, espanhol radicado em El Salvador, teólogos, expoentes da Teologia da Libertação, foram, por decisão dos organizadores do encontro de Puebla, impedidos de assessorar os bispos —, mas o fizeram de maneira secreta e, curiosamente, os dois foram posteriormente condenados pelo Vaticano (BRITO, 2010, p. 86), por meio da Congregação para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício) — o primeiro, no ano de 1985, quando o atual papa, Joseph Ratzinger, era o prefeito da Doutrina da Fé; e o segundo, em 2007, quando o Cardeal Ratzinger já se tornara pontífice.

Além da perseguição da cúpula da Igreja aos adeptos da Teologia da Libertação, os representantes desta também foram vítimas da repressão dos militares, tanto no Brasil como em toda América Latina. À proporção que a Teologia da Libertação sofria um refluxo, a Renovação Carismática ia se fortalecendo, notadamente, na cidade de Campinas e região.

A Arquidiocese de Campinas constituiu-se, desde a década de 1970, em importante sede do Movimento Carismático, e a Associação do Senhor Jesus é uma das seis principais instituições ligadas à Renovação Carismática Católica presentes no âmbito da Região Metropolitana de Campinas e sob a autoridade do Arcebispo de Campinas.

Estas instituições são: a Toca de Assis; a Comunidade de Aliança Jesus Te Ama; a Comunidade de Aliança El Shaddai-Pantokrator; a Canção Nova e a Associação de Apoio a Portadores de AIDS Esperança e Vida. Além destas, há também a Casa Maria de Nazaré; a Associação Rainha dos Anjos e a Associação Terapêutica Cristã.

A Toca de Assis, fundada nos anos noventa pelo então seminarista estigmatino, hoje padre, Roberto José Lettieri, nascido em 1962, em São Paulo/SP, é uma congregação religiosa masculina e feminina, integrada atualmente por cerca de 1.200 jovens (com idades de 19 a 26 anos), distribuídos

⁷⁰ Nascido em 1935, na Colômbia, considerado conservador, foi bispo auxiliar de Bogotá a partir de 1971 e nomeado cardeal pelo Papa João Paulo II, em 1983. Presidiu o Pontifício Conselho para a Família de 1990 a 2008, ano do seu falecimento. Era tido como um dos papáveis no Conclave de 2005, que elegeu Joseph Ratzinger como papa.

em 96 casas por todo o Brasil. O seu carisma é atender a *Jesus pobre*. Ocupa-se dos moradores de rua e possui forte traço assistencialista⁷¹, como a distribuição de sopa e a atenção personalizada. Os membros da Fraternidade Toca de Assis são conhecidos como os “toqueros” (DÁVILA, 2004, p. 30).

A Comunidade de Aliança Jesus Te Ama foi fundada em 1973, oficializada em 1984, pelo Pe. Eduardo Dougherty e por um grupo de leigos — integrado principalmente por profissionais liberais — ligado à Paróquia do Rosário, no Castelo, bairro de classe média alta na cidade de Campinas. Presta serviços religiosos, como os Seminários de Vida no Espírito — SVES — e o SOS — oração e orientação aos fiéis que os procuram. Produz programas de rádio para o Brasil e o exterior. Mantém uma editora fundada pelo casal Maísa e Régis de Castro, em 1991, que publica obras de interesse da Comunidade (DÁVILA, 2000, p. 68-70).

Da Comunidade de Aliança Jesus Te Ama nasceu a sua versão jovem: a Comunidade de Aliança El Shaddai-Pantokrator, constituída, de modo geral, pelos filhos(as) dos casais membros. Fundada em 1990 (*O Pão da Vida*, Especial, set./out. 2002, p. 1), o seu campo de atuação é a Paróquia do Divino Salvador, localizada no Cambuí, bairro de classe média na cidade de Campinas. Tem como projeto a busca da santidade pessoal⁷². A exemplo da Toca de Assis, também possui trabalho assistencial, assistindo famílias pobres da Vila Brandina, por meio da entrega de cestas básicas.

Outra representação da Renovação Carismática na Arquidiocese de Campinas é Comunidade Canção Nova, fundada em 1978 pelo Pe. Jonas Abib, com sede na cidade de Cachoeira Paulista, município do Vale do Paraíba. Dedicar-se à evangelização pelos meios de comunicação e é detentora de um canal televisão: a TV Canção Nova. A Canção Nova é mantida pela Fundação João Paulo II, que conta com a contribuição mensal de mais de 450 mil sócios do Clube do Ouvinte. A Comunidade possui também editora, estúdio de gravação e departamento de audiovisual, além de, inicialmente, quatro geradoras de televisão e 380 — hoje em dia, 500 — pontos de retransmissão

⁷¹ Essa prática recebe fortes críticas por parte da Arquidiocese: “Fica evidente que uma atuação social de Igreja restrita ao assistencialismo não só é inútil, mas prejudicial, se não vier acompanhada de uma discussão política do problema. Vivemos uma situação em que só um trabalho de educação política, de lutas reivindicatórias, de criação da consciência da cidadania é capaz de enfrentar os problemas sociais. É a situação em que só à custa de muito trabalho organizativo e lutas reivindicatórias as massas periféricas obtêm o que por direito lhes cabe, uma vez que trabalham e pagam impostos. Isso não pode, porém, em nenhum momento, obscurecer o aspecto comunitário da vida da caridade: o cuidado com o faminto, o doente, o idoso, é dimensão essencial da vivência cristã” (ARQUIDIOCESE..., 1999, p. 56).

⁷² Segundo José Comblin: “Essa visão de santificação individual: a pessoa se forma primeiro e depois se insere socialmente é característica da mística dos movimentos revivalistas do pós Concílio, dos quais a Renovação Carismática Católica também é herdeira” (COMBLIN, 1983; COMISSÃO EPISCOPAL DE DOCTRINA, 1997, apud DÁVILA, 2000, p.51).

espalhados pelo Brasil. A programação também é transmitida a outros países e pela Internet, em tempo real (O ESTADO DE S. PAULO, 25 nov. 2004, p. A-14). Na região de Campinas, marca presença através da Rádio AM Canção Nova, estabelecida no bairro Nova Paulínia, na cidade de Paulínia. Atualmente, também conta com um escritório (Casa de Missão), no Jardim Guanabara, nas proximidades do centro de Campinas.

Por fim, há também a Associação de Apoio aos Portadores de Aids Esperança e Vida, uma Organização Não Governamental — ONG — criada em 1990 por Roberto Geraldo da Silva, o *Robertinho*, como é conhecido. A associação promove campanhas de prevenção de AIDS; busca a reinserção social dos portadores do HIV; e presta atendimento de enfermagem, além de hospedagem a cerca de 50 pacientes. Segundo o próprio *Robertinho*, a espiritualidade é o eixo balizador de todas as atividades, e o trabalho de promoção humana (louvor e ação) insere-se no Ministério *Marta*.

De 1976 a 2004, Dom Gilberto Pereira Lopes, hoje emérito, nascido em 14 de fevereiro de 1927, em Santa Luzia/BA, foi Arcebispo de Campinas. Coursou Filosofia e Teologia em Olinda/PE e, em 1961/62, Pedagogia no Instituto Católico de Paris. Em 1970 foi nomeado para o Conselho Nacional do Movimento de Educação de Base – MEB —, da CNBB. No ano de 1977, quando ainda arcebispo coadjutor, com direito a sucessão, como resultado de sua atuação e de seu predecessor, Dom Antônio Maria Alves de Siqueira, foi constituída em Campinas a Comissão Arquidiocesana de Justiça e Paz, que teve papel importante na luta contra a ditadura militar. Em 1978, foi eleito Delegado do Brasil, juntamente com Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Luciano Mendes de Almeida, para a Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em 1979, na cidade de Puebla, no México. (CORREIO POPULAR, 06 out. 2001, p.1). Foi o responsável pela revisão na ação pastoral da Igreja local, a *Revisão Ampla*⁷³.

Dom Gilberto não apoiava a Renovação Carismática Católica, e suas advertências à direção do Movimento eram frequentes. À frente da Arquidiocese, concentrou os seus esforços na organização pastoral com vistas ao fortalecimento das Comunidades Eclesiais de Base. Tomou como prioridades para a Igreja de Campinas o mundo do trabalho, a educação para a justiça e a socialização dos bens da Igreja, além do apoio aos movimentos populares.

Em Carta Pastoral de 1978 dirigida aos Movimentos, o Arcebispo dizia:

⁷³ “A partir de 09 de outubro de 1988, quando, em Assembleia Geral, a Igreja Arquidiocesana de Campinas assumiu a realização de uma Revisão Ampla de toda a sua ação pastoral. A Abertura Oficial da Revisão Ampla se deu no dia 23 de março de 1989, na Catedral Metropolitana, na celebração da Quinta-feira Santa, onde Dom Gilberto apresentou a ‘Carta Pastoral por Ocasão da Abertura Oficial da RA’. Foi um processo de três anos com participação intensa de toda Igreja de Campinas, que resultou no Documento: ‘Uma Igreja respondendo aos Novos Desafios’, um guia para a ação pastoral da Arquidiocese”. (Disponível em: <<http://www.arquidiocesecampinas.org.br/bispoemerito.php>>. Acesso em: 09 jul. 2010).

o primeiro risco é a infantilidade espiritual do nós-ismo. É querer colocar a Igreja a serviço do movimento e não o movimento a serviço da Igreja, da comunidade [...] É o isolamento. É o gueto. É a admiração fácil dos próprios êxitos. É não querer aderir à Igreja local ou diocesana, nos seus programas de ação. (PEREIRA LOPES, 1978, p. 35, apud BENEDETTI, 1988, p. 253)

E acrescenta: “Aceita-se o padre, desde que ele se coloque a serviço dos objetivos do movimento”. Mas pondera: “Esta palavra de advertência não quer de nenhum modo ser restritiva aos nossos queridos movimentos laicais, aos quais temos dado, em diversas ocasiões, a nossa palavra de estima e estímulo” (PEREIRA LOPES, 1978, p. 35).

As relações entre D. Gilberto Pereira Lopes e Pe. Eduardo Dougherty eram amistosas. No início da década de 1980, já como jesuíta formado, o Padre Dougherty pediu autorização ao Arcebispo para constituir uma produtora nacional de televisão, para exportação de programas, e um canal de televisão com alcance em todo o território nacional. O Prelado negou o pedido:

Eu me lembro naquele tempo que eu pedi licença para o bispo e o bispo (Dom Gilberto P. Lopes), disse: -“Eu não posso te dar licença para um projeto nacional! Vai falar com a CNBB”. Eu fui falar com CNBB e a CNBB disse: -“Nós não damos licença, nós não costumamos dar licença. Porque você não tem licença do seu bispo local”. (DOUGHERTY, 2004b).

Naqueles anos, não era prioridade da Arquidiocese de Campinas possuir, investir ou incentivar a criação de um canal de televisão. Os esforços nessa área se concentravam na possibilidade da participação em um programa de rádio e na estruturação da imprensa para que fosse capaz de cobrir toda a Arquidiocese. No entanto, no Plano de Pastoral Orgânica (2003-2006), um dos desafios apontados foi, além do Mundo dos Excluídos, a Comunicação.

A Associação do Senhor Jesus acabou sendo constituída, mesmo sem o aval formal do bispo, mas com seu consentimento tácito.

Na última década, o quadro político da diocese de Campinas se alterou. A “Igreja Popular”, representada pelas CEBs, vem perdendo força. Ao mesmo tempo, os movimentos de classe média, representados especialmente pela Renovação Carismática, crescem e se disseminam por praticamente toda a Arquidiocese, e sua direção também passa a ganhar peso político capaz de influenciar as diretrizes político-pastorais da Igreja local.

Foi nesse contexto que, em 1º. de agosto de 2004, assumiu o comando da Arquidiocese Dom Bruno Gamberini, paulista de Matão, nascido em 16 de julho de 1950, filho de um operário metalúrgico e de uma dona de casa, numa família de cinco filhos. Estudou sempre em escola pública. Fez o curso de Filosofia em São Carlos/SP e o curso de Teologia em Curitiba/PR e é

egresso da Diocese de Bragança Paulista/SP, onde foi nomeado Bispo, por João Paulo II, em maio de 1995 (CORREIO POPULAR, 01 ago. 2004. Cidades p. 6).

Dom Gamberini pertence a uma geração de bispos — cuidadosamente escolhidos por João Paulo II e seus cardeais — desprovidos do vigor intelectual do grupo de prelados que os antecedeu, do qual fazia parte Dom Gilberto Pereira Lopes, politicamente menos combativos na denúncia das injustiças sociais e no apoio aos movimentos populares. O foco da sua preocupação está na chamada “Guerra Santa”, razão pela qual se aproximou das lideranças da Renovação Carismática local.

Há também, na Arquidiocese, uma Coordenação Colegiada de Pastoral. Essa Coordenação tem representantes de todas as áreas da Arquidiocese, de cada pastoral e de todas as foranias⁷⁴, mas não estão representados todos os Movimentos, apenas dois. A Renovação Carismática possui representantes que são eleitos pelos componentes de cada pastoral em nível arquidiocesano, para um mandato de três anos. O Coordenador de Pastoral da Arquidiocese, desde o ano de 2004, é o Padre João Luiz Fávero⁷⁵, nascido em 1961, em Pedreira/SP, e ordenado em 1987. Foi vigário forâneo e vigário episcopal por dois mandatos. É pároco na Paróquia Santa Cruz, no Jardim Nova Europa, na cidade de Campinas (FÁVERO, 2005).

O clero dessa Arquidiocese era marcado, principalmente nas décadas passadas – 1970 e 1980 —, pela presença de padres progressistas: o Padre Milton Santana (1907/1998), por exemplo, nascido em São Félix/BA, foi assessor da JOC – Juventude Operária Católica. Jornalista, na década de 1950 fundou, em Limeira, o Jornal *A Cidade dos Trabalhadores*. Era conhecido como o “Padre das Prostitutas”, por ser defensor dos pobres e dos marginalizados. Simpatizante do socialismo – era chamado de o “Padre Comunista” —, em razão de suas posições políticas foi preso e torturado durante a ditadura militar e, em decorrência disso, acabou perdendo uma vista. Uma de suas frases mais significativas e que marcaria toda a sua vida foi: “Sempre me fascinou o Cristianismo com os riscos” (MENEGAZZI et al., 2004, p. 676-677).

Acerca da Renovação Carismática Católica, Padre Milton Santana, em uma intervenção durante a palestra do teólogo belga, José Comblin, ao clero da Arquidiocese de Campinas, em outubro de 1988, proferiu publicamente o seguinte comentário: “*O Espírito de Deus sopra onde*

⁷⁴ Na década de 1990, a Arquidiocese de Campinas foi dividida em foranias, no total de oito, que agrupam tanto regiões mais centrais como de periferia numa mesma jurisdição eclesial. Do centro para periferia, seguindo algumas das principais vias de acesso da cidade. No modelo anterior, separava-se de maneira bastante rigorosa a região do centro das demais regiões da Arquidiocese. Havia um corte, tanto ideológico como social, muito perceptível entre aquela e as outras regiões, tidas como populares, progressistas e “periferia”, o que demonstrava certo preconceito das paróquias do centro.

⁷⁵ Ver minibiografia no final do trabalho.

quer e não pode estar à mercê de 'grupos'!". Essa afirmação deixou clara a sua posição com relação ao Movimento.

Desde o início da presença da Renovação Carismática no Brasil, a principal crítica ao Movimento foi que seus membros são politicamente alienados, porque concentram as suas energias na glória e no louvor a Deus e não atuam na transformação social. Mas o Pe. E. Dougherty defende-se dessa acusação, dizendo que cada um tem a sua missão, um atua na pastoral social e outro concentra sua ação na linha espiritual. E ainda acrescenta que eles (os carismáticos) cuidam do social e cita o Centro Social Presidente Kennedy, fundado pelo Padre Haroldo Rahm.

No entanto, essa dicotomia entre o aspecto “espiritual” e o “material” representa uma divisão artificial de tudo que envolve a vida humana, porque, nem sob o ponto de vista semita (bíblico), nem para a visão autenticamente cristã é possível separar as duas realidades. Por isso, a atuação de uma Igreja verdadeiramente comprometida com a vida de todos não pode abster-se da pessoa no seu sentido integral. Isso porque, se, de um lado, os carismáticos preenchem uma lacuna existente no interior da Igreja, que é a ausência de oração, por outro, se distanciam das necessidades objetivas que a realidade social nos impõe. Não se trata apenas de distintos “estilos”: há, na realidade, na forma de viver e expressar o cristianismo, uma opção política subjacente.

Quanto ao trabalho de formação profissional prestado pelo “Centro Kennedy” desde a década de 1960, citado pelo Pe. E. Dougherty como trabalho social dos carismáticos, é preciso observar que essa iniciativa dá mais resultados em uma sociedade em que a oferta de emprego seja satisfatória, porque o colapso do sistema não está na oferta de mão de obra, mas, sim, na oferta de postos de trabalho. Porque, no decorrer dos anos oitenta, com o esgotamento do chamado “milagre econômico”, a crise socioeconômica brasileira se aprofundou, a ponto de multiplicar-se o desemprego e alargar-se a miséria; sendo assim, segundo as resoluções do *Documento de revisão ampla*, da Arquidiocese:

... Os problemas sociais começam a se aguçar e supõem uma nova presença de Igreja. Leigos conscientes, organizados – preservando a legítima autonomia do temporal – devem se fazer presentes no mundo do trabalho, no mundo político e sindical. A presença puramente assistencialista da Igreja tende a perder significado... (ARQUIDIOCESE..., 1999, p. 53).

Mais adiante, no mesmo documento, há uma reflexão sobre os trabalhos assistenciais da Igreja, mostrando a sua importância e, ao mesmo tempo, a sua limitação. Afirmando que não se trata de abandonar as obras caritativas, porque não se podem esperar as mudanças sociais para socorrer os pobres. Mas adverte que esse socorro não pode ser apolítico, de maneira a prolongar a situação.

As críticas ao Movimento Carismático continuaram, mas de forma velada, pois a Igreja Católica não expôs suas chagas no momento em que, na Arquidiocese, surgiram as CEBs, o principal núcleo pastoral de sustentação e de desenvolvimento da Teologia da Libertação.

O trabalho de assistência religiosa por religiosos/as e leigos/as nas favelas, que revelava a preocupação da Arquidiocese com os migrantes e os excluídos, evoluiu para a formação das CEBs, no ano de 1972. A essa altura, este já era modelo de Igreja presente em outros lugares do Brasil e da América Latina: a concretização das resoluções do Sínodo de Medellín, na Colômbia, no ano de 1969. O Arcebispo de Campinas era, então, Dom Antônio Maria Alves de Siqueira (1906-1993) (MENEGAZZI et al., 2004, p. 76).

Esse prelado, que dirigiu a Arquidiocese de Campinas de 1968 a 1982, prefaciou e concedeu autorização eclesiástica para publicação, em 1972, ao livro *Sereis batizados no Espírito*, de autoria de Padre Haroldo Rahm e de Maria Lamego, obra considerada fundamental para a difusão do espírito do movimento carismático no Brasil. Tal fato revela o seu bom relacionamento com as lideranças locais da ainda nascente Renovação Carismática. Se o bispo de Campinas, tido como conservador, juntamente com a CNBB, aprovou o livro *oficial* da RCC, o mesmo aconteceu com muitos setores da Igreja, que até então resistiam aos carismáticos, porque os achavam *protestantes demais* (DÁVILA, 2000, p. 33).

As religiosas que participaram do trabalho nas favelas faziam parte da Congregação das “Missionárias de Jesus Crucificado”. Fundada em Campinas, no ano de 1928, foi a primeira Congregação Religiosa no Brasil a receber meninas negras em seu noviciado, a mesma a que pertencia a Irmã Maria Nellie Guimarães, religiosa que, mais tarde, aderiu ao Movimento Carismático e ao Projeto do Padre Eduardo Dougherty.

A Congregação reúne hoje mais de mil irmãs, espalhadas por quase 200 casas em oito países. As Missionárias têm se esforçado para cumprir o lema “Ir em busca” desde a fundação. A ligação com a população pobre e oprimida é histórica: fez com que irmãs de Porto Alegre, por exemplo, dessem abrigo a perseguidos políticos durante a ditadura militar. Entre eles, o dominicano Frei Betto.

Por ironia, as CEBs em Campinas tiveram início nas vilas planejadas construídas com o apoio do governo federal e traziam o nome dos generais que comandaram o Golpe de 1964: Vila Costa e Silva, por exemplo; e avançaram mais tarde pelas Vilas Castelo Branco e 31 de Março, entre outras.

Já na década de 1980, a história do Brasil ficou marcada pela fundação do Partido dos Trabalhadores, o PT, em 1980 e do seu braço sindical, a Central Única dos Trabalhadores, a CUT,

em 1983; pelo movimento pelas “Diretas Já”, em 1984; e pelo final do governo militar, em 1985, e a consequente transição democrática do País.

A crise econômica se agudizou no decorrer dos anos 80, representada concretamente por quedas e oscilações do ritmo de crescimento, descontrolado inflacionário e crise fiscal do Estado (ALMEIDA, 1996, p. 29). Os trabalhadores organizados responderam à crise com sucessivas greves, especialmente no governo do último presidente eleito indiretamente, José Sarney (1985-1990), que se caracterizou por arrocho salarial e surtos inflacionários. Passou o sindicalismo a ter papel importante no cenário político brasileiro.

Porém, tanto as esperanças do estabelecimento de um sistema menos injusto socialmente como a manutenção do mesmo dinamismo econômico do “milagre econômico” foram tragadas pela crise econômica que só fez agravar-se nos anos 80. Segundo Maria Hermínia Tavares de Almeida: “esperava-se que um sistema democrático permitisse a correção das distorções do estilo de desenvolvimento característico da quadra autoritária, que associara vigoroso crescimento e diversificação da atividade econômica com intensa concentração dos benefícios por ela gerados” (ALMEIDA, 1996, p. 29-30).

Esses fatores, associados à eleição de Fernando Collor de Mello (Partido da Reconstrução Nacional — PRN) à Presidência da República, com a derrota da candidatura popular representada por Luís Inácio Lula da Silva (Partido dos Trabalhadores — PT), em 1989, bem como a queda do Muro de Berlim, foram decisivos para a desmobilização da sociedade brasileira, com reflexos nos movimentos populares e na Esquerda brasileira, naquele período.

Nessa mesma década, por meio da Coordenação de Pastoral da Arquidiocese, teve início, a exemplo do trabalho realizado tanto na ação da CNBB como em algumas dioceses, o Planejamento Pastoral Participativo – PPP — (MENEGAZZI et al., 2004, p. 77), tendo como inspiração as *Diretrizes gerais de ação pastoral da Igreja no Brasil*, (CNBB, 1983):

O objetivo da Igreja Católica no Brasil no quadriênio 1983/1986, era: “Evangelizar o povo brasileiro em processo de transformação sócio-econômica e cultural, a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem, à luz da opção preferencial pelos pobres, pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando à construção de uma sociedade mais justa e fraterna, anunciar assim o Reino definitivo”. (CNBB, 1983, contracapa).

Diante desse quadro, em reuniões da Coordenação de Pastoral da Arquidiocese, orientadas pelo Padre José Arlindo de Nadai, então Coordenador de Pastoral, foi tomada a iniciativa de formar

uma Equipe de Pastoral, sob a liderança do Padre Paschoal Brazilino Canoas⁷⁶, para a interlocução da Arquidiocese com a Renovação Carismática, de maneira que o Movimento não entrasse em rota de colisão com a Arquidiocese.

Na segunda metade da década de 1980, foi criada na Arquidiocese de Campinas a Comissão Arquidiocesana da Renovação Carismática Católica. É este o órgão oficial de representação da Renovação Carismática Católica na Arquidiocese:

Criada em setembro de 1987, por iniciativa de um grupo de pessoas, tendo à frente o Pe. Eduardo J. Dougherty e o Pe. Paschoal Canoas, que foram escolhidos os seus primeiros assessores. Nasceu a partir de uma Assembleia no Centro de Pastoral Pio XII, em que foram convocados todos os coordenadores de Grupo de Oração. Significou a busca de uma articulação entre os Grupos da Renovação Carismática existentes na Arquidiocese e a necessidade da existência de um organismo arquidiocesano de representação formal. (ALVIM, 2004).

Hoje em dia, a Comissão representa os mais de 230 Grupos Semanais de Oração existentes na Arquidiocese e os seus diferentes Ministérios. É composta por 16 pessoas (dois representantes de cada forania) e mais os coordenadores dos ministérios específicos (12 pessoas); um coordenador, escolhido pelo Arcebispo a partir de uma lista tríplice indicada em assembleia pelos coordenadores dos Grupos de Oração. Desde 2002, as Comunidades e as Associações são convidadas a participar das reuniões e das atividades da Comissão Arquidiocesana. A Associação do Senhor Jesus possui um representante na Comissão. Esta recebe regularmente a visita do Padre Dougherty.

A Comissão Arquidiocesana da Renovação tem feito esforço para acompanhar todos os Grupos, tem cuidado para que todos estejam cadastrados e recebam orientação, de maneira que seja minimizada a influência de instituições não sintonizadas com a Pastoral da Arquidiocese, como, por exemplo, a Associação do Senhor Jesus, a Canção Nova e a Toca de Assis. Tanto a Comissão Arquidiocesana de Pastoral quanto a Comissão Arquidiocesana da Renovação Carismática – que consistem em um prolongamento das funções do arcebispo — têm desempenhado o papel de controle dos Grupos de Oração, legitimação e aceitação do Movimento Carismático. À medida que a Renovação Carismática — presente em praticamente todas as comunidades da Arquidiocese — vem sendo assimilada pela Igreja, a tendência tem sido a diminuição dos conflitos.

Atualmente, na Arquidiocese de Campinas, para ser coordenador de um Grupo de Oração, trabalhar como dirigente de um Grupo, exige-se um estudo, através da Escola de Formação para

⁷⁶ Minibiografia no final do trabalho.

Liderança (Grupos de Oração) chamada *São Paulo Apóstolo*. Portanto, todos os futuros dirigentes devem passar por essa formação para que não haja discrepância entre o que pensam e fazem as lideranças carismáticas e as orientações da Igreja.

Os agentes de formação desse curso são membros da Renovação. Com duração de mais ou menos dois anos, o curso tem caráter teológico; transmite a visão do Movimento; aborda questões do Catecismo; e faz estudo bíblico, mas com a tutela oficial da Igreja⁷⁷. Cada forania tem uma equipe que coordena a Escola. As apostilas já estão prontas e vêm da Coordenação Nacional da RCC. Os Grupos — todos cadastrados, para que sejam constituídos oficialmente — ainda incentivam os participantes para que também façam os cursos.

Em relação às questões polêmicas, como “falar em línguas”, “curas”, “descanso ou repouso no espírito” e “exorcismo”, a orientação oficial da Arquidiocese⁷⁸, passada pela Coordenação de Pastoral aos Grupos de Oração nas paróquias, é que não se incentivem essas práticas. Se essa manifestação acontecer num Grupo de Oração menor, não há problema; mas que o caso não seja divulgado aos Grupos grandes. Caso contrário, muitas pessoas procurarão o Grupo de Oração não para rezar, mas em busca de cura.

A proximidade da própria hierarquia da Igreja com a Renovação Carismática colaborou para a diminuição dos “problemas”. As autoridades da Arquidiocese não desejam que as supostas curas sejam divulgadas através da prática dos testemunhos. A orientação da Arquidiocese vai diametralmente de encontro à prática da Renovação Carismática, porque a existência do Movimento e a sua expansão se baseiam justamente na propagação, através de testemunhos públicos, dos acontecimentos tidos como extraordinários envolvendo os fiéis.

Um caso que teve bastante repercussão em toda a Arquidiocese foi o relativo à Comunidade de Aliança Rainha da Paz, liderada pela Turca:

A origem e desenvolvimento dessa comunidade gira em torno de sua fundadora Maria Helena Pupo Lauandos. Figura original no contexto da RCC em Campinas. Conhecida como Turca, apelido adquirido na época de juventude nos meios esportivos por causa da sua descendência libanesa. A Turca, que é capaz de convocar, duas vezes por semana, mais de 500 pessoas,

⁷⁷ Uma das características da RCC é a interpretação bíblica fundamentalista, que significa prender-se à letra, o que tem sido um dos problemas que o Magistério da Igreja tem enfrentado nos Grupos carismáticos, isso porque estes não levam em conta o contexto e a mensagem das leituras, segundo o que a exegese moderna atualmente pode oferecer.

⁷⁸ Não há um documento oficial da Arquidiocese destinado à orientação dos membros da Renovação Carismática, eles têm a orientação que a Coordenação estabelece para os membros. A Coordenação orienta também para que sigam o Documento n°. 53, da CNBB (1994).

vindas de diferentes bairros e de cidades da região de Campinas, é rejeitada pela Comissão Arquidiocesana da RCC. Ela parece sintetizar todos os exageros e riscos que a Igreja Católica tem apontado para a RCC, sendo o seu grupo tido como dissidente tanto da RCC quanto da Igreja Católica. (DÁVILA, 2000, p. 73-74).

Não aceita pela Comissão Arquidiocesana da Renovação Carismática, no entanto, ela atraía para o Grupo de Oração por ela dirigido centenas de pessoas em busca da possibilidade de cura, sendo uma das suas principais estratégias o repouso no Espírito⁷⁹. Os serviços religiosos oferecidos pela Turca, embora mais emotivos e espetaculares na sua forma, eram os mesmos disponíveis em outros grupos e comunidades. Ela sintetizava todos os exageros e os riscos que a Igreja Católica vem apontando para a RCC. O seu grupo era tido como dissidente tanto da Renovação Carismática quanto da Igreja Católica. O Arcebispo, Dom Gilberto P. Lopes, não se pronunciou oficialmente contra, o que permitiu à Comunidade continuar atuando sob o título de “carismática católica” (DÁVILA, 2000, p. 74). O grupo acabou tendo acompanhamento diretamente das autoridades da Arquidiocese, representados pela Comissão Arquidiocesana da RCC, que atuou junto à Comunidade Rainha da Paz, procurando conter o que para as autoridades eclesiais era considerado exagero (FÁVERO, 2005).

Outro caso que também se insere nessas situações em que a Igreja Católica se mostra incapaz de controlar tanto a liderança quanto os fiéis que o seguem, é o do Padre Amasino, já mencionado.

O que se evidencia em ambos os casos é que a direção da Igreja Católica, ciente da popularidade e do carisma dessas lideranças, evita o confronto direto com elas, buscando o caminho da cooptação e do bom relacionamento. Já que não é possível tê-los debaixo do seu controle, ao menos se pretende que não se tornem declaradamente adversários.

A Renovação Carismática, no início, sofreu muita pressão da Teologia da Libertação e tinha medo de se expressar. Em entrevista concedida à Revista *Brasil Cristão*, Dom Gilberto P. Lopes foi consultado sobre como via a evangelização pelos meios de comunicação, em especial, a televisão,

⁷⁹ Prática comum entre os carismáticos que consiste em induzir os fiéis a um estado de êxtase coletivo. No Grupo Rainha da Paz, era assim conduzido: as pessoas se colocavam em fila, a Turca impunha as mãos sobre as suas cabeças e depois de falar alguma prece em seus ouvidos, os empurrava até caírem no chão. Deitados, um servo colocava uma Bíblia debaixo de suas cabeças e rezava no seu ouvido. Passados cerca de dez minutos, levantavam-se e, cumprimentando os servos, iam embora. Aparentemente tranquilizadas. A experiência do êxtase faz parte da espiritualidade católica, presente, por exemplo, na experiência religiosa dos espanhóis São João da Cruz e Santa Teresa de Ávila (século XVI), reconhecidos como santos e místicos. Porém, foi sempre a hierarquia da Igreja quem definiu a validade e a legitimidade do êxtase (DÁVILA, 2000, p. 91 e 93).

dado que a Associação do Senhor Jesus e a TV Século XXI se encontram dentro dos limites da Arquidiocese de Campinas. Eis a resposta do então arcebispo de Campinas, hoje emérito:

Qualquer pessoa que conhece o pensamento da Igreja há de dizer que os meios de comunicação são um instrumento maravilhoso para se transmitir o Evangelho. Eles são absolutamente indispensáveis para o trabalho missionário, nos dias de hoje. Por aí, a conclusão é muito natural: os meios de comunicação são bons, logo a TV Século 21 é uma coisa muito boa, muito positiva para nossa Igreja. Temos de louvar e bendizer a Deus por termos em Campinas esta força, esta iniciativa de se anunciar o Evangelho de Jesus, graças à atuação dedicada e perseverante do Pe. Eduardo. Por outro lado, as Redes Católicas de Televisão ainda precisam compreender muito melhor, de modo geral, o pensamento da Igreja, nas linhas que a CNBB propõe. Ainda há muito para ser melhorado, assim se fará muito melhor a transmissão do Evangelho. Eu aplaudo, abençoo e elogio o trabalho da TV Século 21. (PEREIRA LOPES, 2003, p. 7).

Dom Bruno Gamberini, o seu sucessor, afirmou acerca da TV Século XXI:

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Pe. Eduardo pela sua presença na Arquidiocese e por estar à frente da TV Século XXI. A Igreja é a Boa Nova de Jesus Cristo e, para ser notícia, tem que ser veiculada. Logo, os meios de comunicação são importantes: rádios, televisões, revistas, jornais, etc. Os meios de comunicação são necessários e importantes. Peço a Deus que abençoe esse canal, TV Século XXI, a Revista *Brasil Cristão*, que vocês distribuem e que também vai apresentar essa entrevista. Desde já sou muito grato, peço a Deus que abençoe e multiplique todo esse trabalho. (GAMBERINI, 2004b, p. 5).

O atual Arcebispo de Campinas frequentemente preside celebrações na Associação e apresenta, na TV Século XXI, um programa semanal, em que faz comentário sobre o Evangelho de Domingo, o que revela que o Arcebispo tem mantido um relacionamento regular e próximo com a TV Século XXI e com o Pe. Eduardo Dougherty, da mesma forma que a Assessoria de Comunicação da Arquidiocese. O Coordenador de Pastoral da Arquidiocese, Padre João Luiz Fávero, declarou que isso não significa que o Arcebispo tenha aderido ao Movimento Carismático. Afirmou também que não há nenhum projeto de trabalho conjunto entre a Arquidiocese e a Renovação Carismática Católica.

O próprio Arcebispo, quando questionado se é verdade que a Igreja Católica está perdendo fiéis para os evangélicos, respondeu que Campinas tem uma média de 72% de católicos, e, deste total, 10 a 15% participam da missa dominical. Disse ainda que as pessoas não têm emprego, saúde, educação, segurança e casa e, por isso, procuram milagres, porque estão à procura da felicidade. E para ser feliz é preciso ter um mínimo para a vida. E finalizou: “O problema não está na religião,

mas na sociedade” (GAMBERINI, 2004a, p. 6). Porém, o problema está na religião, pois as Igrejas prometem cura e por meio de suas práticas legitimam a exploração e a desigualdade econômica, mantendo o *status quo*. Ademais, a promessa de milagres aos pobres, embora sirva como anestesiante dos seus sofrimentos, podendo proporcionar alívio momentâneo, consiste num grande engodo: além de desmobilizá-los em sua possibilidade de organização coletiva, não significa, por sua própria natureza, solução profunda e definitiva aos problemas que os afligem.

Hoje em dia, a Renovação Carismática Católica marca presença na grande maioria das paróquias da Arquidiocese de Campinas. Parte significativa do clero de Campinas identifica-se com a Renovação Carismática, mas a resistência de parte do clero — principalmente daqueles membros ligados à Teologia da Libertação — ao projeto televisivo do Pe. Dougherty é facilmente perceptível e bastante acentuada, conforme palavras do próprio Coordenador de Pastoral, o Padre João Luiz Fávero:

Que participam e que tenham trabalho ligado à Renovação aqui na Arquidiocese, eu acho que não tem nenhum, por incrível que pareça. Há padres que têm simpatia. O Movimento está praticamente em todas as paróquias, uma ou outra que não tem um Grupo de Oração. [...] (Os Grupos) devem estar inseridos na pastoral paroquial, devem participar. [...] Aqui, em Campinas, não tem padre totalmente carismático. Os padres mais envolvidos com a Renovação Carismática estão vinculados à Associação do Senhor Jesus, ao trabalho da televisão. Eles são padres que vêm de fora e não têm vínculo nenhum com a Arquidiocese. Eles pediram autorização, eles têm o uso de Ordem, mas eu não sei se o uso de Ordem deles é pela diocese de Campinas. A residência dele é em Campinas. Os demais vêm de São Paulo e de outras cidades, e acabam vindo para fazer o trabalho e lá eles têm a missa, as atividades que são próprias da Associação. O Padre Eduardo Dougherty, sim, tem uso de Ordem na diocese em Campinas. (FÁVERO, 2005).

Para o Padre Eduardo Dougherty, essa repulsa à Renovação deve-se ao fato de a formação de padres e dos religiosos privilegiar o aspecto intelectual em detrimento da exteriorização e das emoções. A formação dos presbíteros na Igreja Católica possui um caráter acentuadamente racional, que perdura ao longo dos séculos, sobretudo após a Escolástica de Santo Tomás de Aquino, no século XIII. Porém, apenas esse fator não é suficiente para explicar a rejeição de parcela do clero ao Movimento Carismático.

Os leigos participantes do Movimento acabam se engajando em outra pastoral: na Catequese, nos ministérios na comunidade, na liturgia e em atividades tipicamente assistenciais; com menor frequência, na área social. O Movimento funciona como uma porta de entrada para a Igreja.

O envolvimento na esfera política por parte dos carismáticos faz-se pelo apoio explícito a candidatos que prometem defender, por meio da formação de uma frente de representação parlamentar, nas Câmaras Municipais, nas Assembleias Legislativas e no Congresso Nacional, os chamados interesses católicos. Prática que muito se distingue da ação das pastorais sociais da Igreja, que buscam a transformação social.

Na Arquidiocese de Campinas, os nomes encarregados dessa representação seriam o ex-vereador por Campinas (1989-1995), Salvador Zimbaldi Filho (PDT), hoje deputado federal; o seu filho, Rafael Fernando Zimbaldi (PP), conhecido como Rafa Zimbaldi; e Aparecido Campos Filho (DEM), conhecido como Campos Filho – ambos vereadores em Campinas. As diferenças entre a proposta da Renovação Carismática Católica e as Diretrizes da Igreja de Campinas são significativas, sobretudo quando se trata da atuação na área social, explicitadas no Objetivo Geral da Igreja de Campinas:

Diante dos desafios do novo milênio, atentos à realidade urbana de nossa Igreja e na vivência da mística trinitária, eucarística e pascal, evangelizar: na força do Espírito, anunciando Jesus Cristo e o projeto do Pai, à luz da opção preferencial pelos pobres e excluídos, com o testemunho profético de uma Igreja de comunhão e missão, misericordiosa e solidária com os que sofrem, acolhedora e aberta ao diálogo, para a construção de um mundo de justiça e liberdade, de irmãos e irmãs, sinal do Reino definitivo. (ARQUIDIOCESE..., 2003, p. 74).

Padre Eduardo Dougherty, quando indagado sobre como fica a luta pela justiça entre os carismáticos, respondeu:

Vamos ter a força do Espírito Santo para lutar, porque no princípio era o seguinte: o vertical que sustenta o horizontal — é a cruz. Se você não tiver espiritualidade, como é que você vai ter força para lutar para a horizontal? Quem sustenta a horizontal é a vertical. Ficou claro? A espiritualidade. E depois que a Teologia de Libertação perdeu todo o embalo, eles mesmos estão dizendo que precisavam mais de espiritualidade; mas é lógico, e nós que tínhamos espiritualidade naquele tempo fomos combatidos por eles e chamávamos de alienados. É... “pelos frutos conhecereis,” a Renovação continua e a Teologia da Libertação, perdeu-se. A Renovação não vai embora, a Renovação está inserida em todas as pastorais, todas as igrejas. (DOUGHERTY, 2006).

O jesuíta Padre Libanio⁸⁰ critica essa posição, pelo fato de a Renovação Carismática considerar a mudança interior, buscada através do afervoramento espiritual: “como anterior no

⁸⁰ Jesuíta radicado na Província do Brasil Centro-Leste, o Padre João Batista Libanio é, na atualidade, um dos principais intelectuais brasileiros da Companhia de Jesus, autor de vasta bibliografia que reflete sobre a realidade da Igreja Católica

tempo e na importância a qualquer outra mudança e que está na origem das outras, deixando de considerar a urgência dos problemas estruturais” (OLIVEIRA et al., 1978, p. 204).

É realidade que a Teologia da Libertação perdeu força nos últimos anos. Mas a atuação do Movimento Carismático Católico não tem sido suficiente para responder de maneira perene e profícua aos grandes desafios da evangelização, firmados nos Sínodos de Medellín e Puebla, que se encontram, ainda nos dias de hoje, em total vigência e com total pertinência, diante da realidade de desigualdade social presente tanto no Brasil como na América Latina.

no Brasil e do subcontinente latino-americano, enfocando as implicações sociológicas e antropológicas da religiosidade contemporânea.

CAPÍTULO IV: A PROGRAMAÇÃO RELIGIOSA NA TELEVISÃO BRASILEIRA

PROGRAMAS E CANAIS PROTESTANTES (NEOPENTECOSTAIS)

As igrejas eletrônicas, no Brasil, começaram a aparecer no início da década de 1960. São as principais hoje: a TV Record, a Rede Internacional de Televisão – RIT, a TV Mundial e a Rede Gospel, entre as emissoras mantidas pelas Igrejas neopentecostais; a Rede Vida de Televisão, a TV Canção Nova – TVCN, a TV Século XXI e a TV Aparecida, entre as mantidas pela Igreja Católica. Poder-se-ia considerar que há um grupo, composto pela Igreja Universal do Reino de Deus — IURD —, do bispo Edir Macedo; a Igreja Internacional da Graça de Deus — IIGD —, de R. R. Soares (cunhado de Macedo); a Igreja Mundial do Poder de Deus – IMPD —, de Valdemiro Santiago — então bispo dissidente da IURD — e sua esposa Franciléia; e a Igreja Apostólica Renascer em Cristo, de Estevam Hernandes e sua esposa, Sônia Hernandes, que constituem o bloco neopentecostal. Essas Igrejas, apesar de apresentarem variação de doutrina, forma de atuação e concorrência entre si, possuem proximidade e fazem frente, individualmente e em conjunto, à hegemonia católica representada pela Rede Católica de Televisão, que conta com o apoio da CNBB e reúne todas as emissoras católicas em operação no Brasil. Configura-se aí o cenário para o ambiente de “guerra santa” em que as diferentes confissões religiosas buscam acirradamente cada vez maior participação no competitivo mercado televisivo religioso brasileiro.

A primeira exibição de programação religiosa nacional, na televisão brasileira, do que mais tarde se chamaria de igreja eletrônica, foi em novembro de 1962, primeiramente em São Paulo; e, logo depois, no Rio de Janeiro, através do programa “Fé para Hoje”, apresentado pelo pastor adventista Alcides Campolongo e sua esposa (FONSECA, 2003, p. 35).

Para Fonseca: “A evolução da programação evangélica e da igreja eletrônica no Brasil, comparando-a com a de outros países do mundo, torna-se evidente com a experiência da Igreja Internacional da Graça de Deus, de R. R. Soares (Romildo Ribeiro Soares) e da Igreja Universal do Reino de Deus, de Edir Macedo” (FONSECA, 2003, p. 38 e 41).

A Igreja Internacional da Graça de Deus gastava cerca de 2,5 milhões de reais por mês na veiculação de seus programas (VEJA, 13 set. 2000), o mesmo que o canal católico Canção Nova precisa arrecadar para manter-se no ar. R. R. Soares tem se mantido na televisão desde 1980 e, no ano de 1999, adquiriu uma concessão baseada na cidade de Dourados (MS) para a sua Rede Internacional de Televisão. São exibidas, no mínimo, três horas diárias de pregação de R. R. Soares aos seus telespectadores. A partir de 1998 passou a ser transmitido em cadeia nacional pela Rede

CNT – em horário nobre. Mais tarde, o programa começou a ser exibido pela Rede Bandeirantes e ganhou o nome de “Show da Fé” (FONSECA, 2003, p. 38-39). Ultimamente essa Igreja oferece, por meio de uma parceria com o Bradesco, a possibilidade de os seus fiéis obterem cartão de crédito VISA, na modalidade nacional ou internacional, que: “além de facilitar suas compras no dia a dia, ajuda a financiar as missões mundiais da Igreja. Uma parte da anuidade é revertida para esse propósito. Assim, você contribui para que muitos sejam alcançados com a mensagem do Evangelho” (IGREJA..., 2009).

Já a presença e a ação da Igreja Universal do Reino de Deus são bem diferentes. Primeiramente, não há, por parte do bispo Edir Macedo, o centralismo e a evidência de R. R. Soares. Nos variados programas, busca-se converter o telespectador em um fiel. Em cada cidade o programa é apresentado pelo bispo responsável, auxiliado pelos pastores. Enquanto na Igreja da Graça de Deus o fiel é estimulado a relatar a bênção conseguida durante a reunião, a Universal gasta por volta de três quartos do tempo da entrevista para ouvir as experiências negativas vividas pelo fiel (FONSECA, 2003, p. 38-39 e p. 41-42).

De toda maneira, ambos se enquadram no que comumente se chama de neopentecostalismo, porque associam em suas liturgias elementos tradicionais da fé com avançados recursos tecnológicos na busca da prosperidade, concretizada essencialmente no progresso material. Não há no ambiente neopentecostal o mesmo rigor moral encontrado nas igrejas pentecostais que as antecederam. Segundo o sociólogo Paul Freston (apud ANTONIAZZI et al., 1994, p. 70-71):

... a implantação do pentecostalismo no Brasil observou três momentos complementares não havendo fronteiras claras entre os mesmos. Eles também não se superpõem e o neopentecostalismo brasileiro se caracteriza pela interação de todos os estilos.

A primeira onda consistiu na introdução do pentecostalismo no Brasil, vindo dos Estados Unidos e trazido por pastores que fundaram a Congregação Cristã (1910) e a Assembleia de Deus (1911). Teve como característica a ênfase à glossolalia e como ponto central da doutrina o batismo no Espírito Santo. Já a segunda onda se iniciou em meados do século XX, quando despontaram a Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), a Igreja Brasil para Cristo (1955) e a Deus é Amor (1962). Nesse período se enfatizaram principalmente os rituais de cura e a organização institucional empresarial, ingressando na mídia, na política e no ataque à religiosidade popular católica e às religiões mediúnicas. Por fim, a terceira onda, conhecida também como neopentecostal, começou na década de 1970 e ganhou maior expressão a partir de 1980. São desse momento as Igrejas: Sara Nossa Terra (1980), Renascer em Cristo (1986), Internacional da Graça de Deus (1980), a Universal do Reino de Deus (1977), entre outras. Caracterizam-se pela teologia da prosperidade, pela guerra

espiritual, pelo forte investimento nas mais diversificadas mídias, na política e na expansão das fronteiras nacionais (Paul Freston apud ANTONIAZZI et al., 1994, p. 70-71).

No ano de 1989, a TV Record, que pertencia ao Grupo Silvio Santos e a Paulo Machado de Carvalho (fundador do canal, em 1953), foi vendida à Igreja Universal. Na época, a expectativa era de que a emissora se tornasse um canal para programas religiosos, o que não se confirmou nos anos seguintes. Há, porém, programação religiosa, sobretudo no horário da madrugada. Portanto, a aquisição da TV Record de São Paulo pela IURD possibilitou a sua evidência na mídia e o crescimento da sua base de atuação.

Além dessas duas, há outras Igrejas neopentecostais que mantêm programas e/ou canais televisivos no Brasil, como a Igreja Renascer e a Igreja Mundial do Poder de Deus. Esta última teve o seu primeiro templo na cidade de Sorocaba/SP, em 1998, fundada pelo apóstolo Valdemiro Santiago, pela bispa Franciléia e por um pequeno grupo de membros. A sede da Igreja está localizada no Bairro do Brás, na capital paulista, com área de 43 mil m². Outras 1.400 sedes, no Brasil e no exterior, são dirigidas pela sede de São Paulo, também conhecida como Grande Templo dos Milagres. A IMPD está presente na América do Sul: Argentina, Paraguai, Uruguai e Colômbia; na África: Moçambique; na Europa: Portugal e Suíça; na Ásia: Japão. Os cultos e a programação da Igreja são transmitidos por meio da TV Mundial e de uma rádio FM, Sintonia do Milagre⁸¹. Da mesma forma que a Igreja Internacional da Graça de Deus, de R. R. Soares, os cultos são dirigidos e protagonizados pelo fundador e enfatizam as curas e os milagres recebidos pelos fiéis.

A Igreja Apostólica Renascer em Cristo foi fundada pelo profissional da área de *marketing*, o apóstolo Estevam Hernandes, e pela nutricionista, a bispa Sônia Hernandes, na capital paulista, no ano de 1986, onde iniciaram as reuniões com a família e alguns amigos. À medida que mais pessoas se juntaram, decidiram levar as reuniões para o salão de uma pizzaria na Vila Mariana. Posteriormente, os cultos continuaram crescendo ainda mais, o que os fez mudar para um lugar maior. Surgiu o convite da Igreja Evangélica Árabe⁸², que cedeu um espaço no subsolo para algumas reuniões semanais.

A Igreja possui um canal de televisão — 53 UHF —, sendo o seu sinal distribuído para a cidade de São Paulo e adjacências pela grande torre “*Deus é Fiel*”⁸³, erguida em 2004 entre as avenidas Paulista e Consolação. Para o restante do País, a Rede Gospel — como é chamada essa

⁸¹ Disponível em: <<http://www.impd.com.br/>>. Acesso em: 25 jun. 2010.

⁸² Trata-se da Igreja Evangélica Árabe de São Paulo, comunidade evangélica que reúne árabes e descendentes, sediada na Vila Mariana, na cidade de São Paulo.

⁸³ Junto à qual há um painel eletrônico luminoso que reproduz mensagens bíblicas durante as 24 horas do dia.

rede de comunicação — chega por meio de retransmissoras afiliadas e através da programação a cabo. São 24 horas de programação religiosa, por dia, sem contar a Rede Gospel de Rádio, o Portal Gospel, o jornal Gospel News e uma gravadora que já produziu 13 CDs e 7 DVDs.

A Igreja pratica o batismo de imersão como ponto de partida para a conversão pessoal e também lança mão da pregação da cura. Hoje em dia, são 800 sedes espalhadas por todo o Brasil, Argentina, Itália e Estados Unidos⁸⁴.

PROGRAMAS E CANAIS CATÓLICOS

Para a Igreja Católica no Brasil, o final dos anos 80 e os anos 90 significaram o período de aquisição de concessão de canais de televisão e de colocação no ar de programação católica de maneira efetiva.

O primeiro canal foi outorgado a um fazendeiro da região de São José do Rio Preto, o jornalista João Monteiro de Barros Filho, que recebera, do então Presidente José Sarney, ainda na década de 80, a promessa da concessão de um canal televisivo. Ele ganhou essa batalha após uma longa e acirrada disputa com outros grupos da região, também interessados em receber a concessão.

Em 1992, Monteiro Filho acolheu a sugestão de Dom Luciano Mendes de Almeida e fundou o Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã, o INBRAC. Em 1994, recebeu como primeiro anunciante o hoje extinto Banco Bamerindus e, em maio de 1995, entrou no ar com o nome de Rede Vida de Televisão. Segundo fontes da Associação do Senhor Jesus, o nome “Rede Vida” foi idealizado pelo Pe. Eduardo Dougherty.

Depois de um período inicial de difícil convencimento, com o apoio da CNBB, ocorreu a multiplicação das retransmissoras nas dioceses por todo o território nacional, e a Rede Vida é considerada, hoje, o maior canal católico do mundo, constituindo-se como TV aberta, a quarta em cobertura nacional.

Presente nas 26 capitais dos estados brasileiros, no Distrito Federal e nas 443 principais cidades do País, abrange cerca de 1.500 municípios, com potencial para 110 milhões de telespectadores. Isso sem contar os 15 milhões de antenas parabólicas, 63,4 milhões de telespectadores, com cobertura em todo o território nacional e nos países vizinhos. Além disso, a Rede Vida conta ainda com os mais de 4 milhões de assinantes de TV a cabo, que também transmite

⁸⁴ Disponível em: <<http://www.renascere.com.br/>>. Acesso em: 10 jul. 2010.

as imagens da rede⁸⁵. Embora tenha tido o Padre Marcelo Rossi, da Renovação Carismática, como um dos responsáveis pelo crescimento da rede de televisão, esse canal pode ser considerado, ao lado da TV Aparecida (sobre a qual se discorrerá adiante), o mais plural de todos os canais católicos brasileiros. Ao contrário do que aconteceu com o Pe. Eduardo Dougherty, Monteiro Filho recebeu amplo apoio da CNBB. Autointitulado o “canal da família”, traz em sua programação, além de missa e terço diariamente, jornalismo, musicais e filmes. O futebol também faz parte da sua grade de atrações.

Já a TV Canção Nova, emissora católica da Fundação João Paulo II, com sede em Cachoeira Paulista, no Vale do Paraíba, iniciou a sua programação por meio de uma retransmissora da TVE do Rio de Janeiro, em dezembro de 1989, sob a liderança do Pe. Jonas Abib, nascido em 1936, na cidade de Elias Fausto, na região de Campinas e ordenado sacerdote na cidade de São Paulo, em 1964.

Em 1997 formou-se a Rede Canção Nova de Televisão, com a compra da TV Jornal, em Aracaju, no estado de Sergipe, gerando a programação para toda a Região Nordeste. Como rede nacional, a Canção Nova existe desde 1999 e chega, em nossos dias, a mais de 52% da população brasileira. São mais de 500 retransmissoras de TV e de 200 operadoras de TV por assinatura. Seu sinal via satélite cobre a América do Sul, América do Norte, Europa, Oriente Médio e Ásia⁸⁶.

A operacionalização da televisão é feita pelos próprios membros da Comunidade de Vida, que lá residem e possuem vida em comum. A TV é custeada pela doação de milhares de sócios por todo o Brasil, pela comercialização de artigos religiosos e também por meio da receita gerada pela venda de livros e material audiovisual produzidos pela Editora Canção Nova.

Com programação essencialmente religiosa (90%)⁸⁷, a TV Canção Nova é o mais carismático dos canais católicos brasileiros. Isso porque os programas dessa emissora possuem caráter eminentemente carismático e são dirigidos e apresentados apenas por participantes da Comunidade Canção Nova, clérigo ou leigo; eventualmente, há a presença de algum convidado, brasileiro ou estrangeiro, ligado ao movimento. Diferentemente das outras emissoras católicas, na TV Canção Nova não há minimamente espaço para correntes teológicas distintas e para quem não pertença à RCC. As pregações transmitidas são dotadas de moral rígida, com ênfase ao louvor, aos milagres e à conversão pessoal. Também o que a distingue dos outros canais católicos é o fato de a

⁸⁵ Disponível em: <<http://www.redevida.com.br/>>. Acesso em: 06 out. 2009.

⁸⁶ Disponível em: <<http://www.cancaonova.com/portal/canais/tvcn/retransmissoras.php>>. Acesso em: 07 out. 2009.

⁸⁷ A porcentagem de programação religiosa na grade das emissoras televisivas varia: TV Aparecida, 50%; TV Século XXI, 50%; Rede Vida, 40%. Algumas emissoras laicas possuem 1% de programação religiosa católica: TV Cultura, TV Globo e TV Brasil (TEIXEIRA; PACETE, 2009).

TV Canção Nova não fazer propaganda nem comercializar produtos e artigos religiosos (vídeos, livros, CDs, etc.), a não ser dela mesma (BRAGA, 2004, p. 114).

A TV Aparecida, mais recentemente fundada, entrou no ar em setembro de 2005. A exemplo da TV Século XXI, é a concessão de um canal educativo. A direção da TV está sob direção e responsabilidade dos padres redentoristas⁸⁸.

A ideia de possuir um canal televisivo já estava presente há mais de 40 anos entre os padres redentoristas que atuavam na Rádio Aparecida e ganhou força a partir do ano 2000, quando a Fundação Nossa Senhora Aparecida, da qual fazia parte Dom Aloísio Lorscheider⁸⁹ — arcebispo emérito de Aparecida (SP) — decidiu buscar o canal que existia para a cidade no Plano Básico de Radiodifusão, como forma de comemorar, em setembro de 2001, os 50 anos da Rádio Aparecida.

Os contatos iniciais foram feitos no Ministério das Comunicações, com o então Ministro Pimenta da Veiga. A proposta de que o canal 59 em UHF fosse concedido para a Fundação Nossa Senhora Aparecida foi bem recebida, mediante a mudança do referido canal para o modelo de TV Educativa. Foram cumpridas as exigências legais e, no dia 05 de maio de 2001, o ministro Pimenta da Veiga — governo Fernando Henrique Cardoso — foi a Aparecida e assinou o projeto de concessão do referido canal. Em 31 de outubro de 2001, foi assinado em Brasília o contrato entre o Ministério das Comunicações e a Fundação Nossa Senhora Aparecida, pelo qual se marcava o prazo de 36 meses para a emissora entrar no ar. Antes da data prevista, no dia 8 de setembro de 2005, a TV de Nossa Senhora era inaugurada⁹⁰.

⁸⁸A Congregação dos Missionários Redentoristas foi fundada por Santo Afonso de Ligório em 1732, que nasceu em 1696 em Nápoles (Itália), numa família nobre. O nome da Congregação vem da palavra “redentor”. Composta por padres e irmãos (não ordenados), busca evangelizar os pobres por meio de Missões Populares. Em 1893 chegaram ao Brasil os primeiros redentoristas, dois holandeses, que nem falavam português e vieram para Minas Gerais para trabalhar nas Missões Populares. Já em 1894 os redentoristas da Alemanha vieram em primeiro lugar para atender os peregrinos do Santuário de Nossa Senhora Aparecida (Aparecida, SP) e do Santuário do Divino Pai Eterno (Trindade, GO). Posteriormente os redentoristas assumiram durante algum tempo os santuários do Bom Jesus de Perdões (SP), do Bom Jesus de Congonhas (MG), do Senhor do Bom Fim (Salvador, BA), de Nossa Senhora da Penha (S. Paulo, SP), de N. Sra. Auxiliadora (Ibiaçá, RS). Atualmente os missionários redentoristas estão prestando seu trabalho pastoral em alguns dos mais conhecidos santuários do Brasil: Santuário do Divino Pai Eterno, em Trindade (GO); Santuário do Bom Jesus da Lapa, em Bom Jesus da Lapa (BA); Santuário de N. Sra. Aparecida, em Aparecida (SP); Santuário de N. Sra. do Rocio, em Paranaguá (PR); Santuário de S. Geraldo, em Curvelo (MG). Pode-se notar ainda como, praticamente em todos os santuários que assumiram, os redentoristas sempre tomaram iniciativas no campo dos meios de comunicação social criando editoras, jornais, revistas e rádios. (Disponível em: <www.redemptor.com.br/default2.asp?pg>. Acesso em: 01 dez. 2009).

⁸⁹ Nascido em 1924 na cidade de Estrela (RS) e falecido em dezembro de 2007, foi secretário geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), entre 1968 e 1971, e presidente da mesma entidade entre 1971 e 1979 e do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), entre 1976 e 1979. Esteve à frente do movimento das Comunidades Eclesiais de Base — CEBs, que começaram a ser criadas no início dos anos de 1960. A sua atuação foi marcada pelas críticas ao regime militar.

⁹⁰ Disponível em: <http://www.tvaparecida.com.br/historia_tv.php>. Acesso em: 21 out. 2009.

Dentre os canais católicos brasileiros, a TV Aparecida é o que mais reproduz em sua programação as premissas da Igreja popular. Constituída como TV aberta, a sua cobertura se estende por todo o território nacional por meio de antenas parabólicas e retransmissoras, sobretudo nos municípios paulistas, inclusive a cidade de São Paulo, e em municípios dos estados de Minas Gerais, Goiás, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Tocantins e no Distrito Federal, além de estar presente em alguns estados do Nordeste.

Do conjunto das Igrejas eletrônicas, interessa especialmente a este trabalho a TV Século XXI, objeto do capítulo V.

CAPÍTULO V: O PROJETO DE COMUNICAÇÃO DO PADRE EDUARDO DOUGHERTY

Neste capítulo procura-se sintetizar como o Padre Eduardo Dougherty construiu a sua liderança no interior da RCC; como se articulou com empresários, autoridades da Igreja, parlamentares e o governo federal; como alcançou a aprovação da CNBB; e como concretizou o seu projeto na constituição da TV Século XXI.

A LIDERANÇA DO PADRE DOUGHERTY

No ano de 1969, já no Canadá, Pe. Eduardo Dougherty engajou-se no Movimento Carismático e trouxe a nova prática ao Brasil. Segundo o Padre, a sua entrada no Movimento se deu após a experiência do “Batismo no Espírito”⁹¹. Outros fatores também concorreram para que o religioso jesuíta traçasse esse caminho: a sua opção teológico-pastoral; o momento que a Igreja vivia naquela ocasião – pós Concílio Vaticano II; e a eclosão de movimentos de contracultura, como a Renovação, além da clara oposição assumida pelos carismáticos à Teologia da Libertação e à experiência da rede de comunidades eclesiais (CEBs).

⁹¹ É a base religiosa de toda pregação e ação dos carismáticos e uma das experiências centrais da Renovação Carismática. Para eles, trata-se da ação do Espírito Santo, vivenciado por cada um pessoalmente. Uma profunda experiência de reavivamento espiritual, que, mais tarde, recebeu o nome de “Batismo no Espírito” e tem como fundamentação bíblico-histórica a experiência de Pentecostes e, como elemento imprescindível, o forte conteúdo emocional. Por essa razão, os membros do Movimento são chamados de Pentecostais, porque o nome tem a sua origem nessa palavra grega, que quer dizer cinco, ou seja, 50 dias após a Ressurreição de Jesus, quando aconteceu a experiência do recebimento do Espírito Santo (Terceira Pessoa da Trindade) pelos apóstolos, reunidos com Maria em Jerusalém. Descrita no livro dos Atos dos Apóstolos e simbolizada por “línguas de fogo” sobre a cabeça de todos lá reunidos, para os membros da Renovação Carismática Católica, cada nova experiência de “Batismo no Espírito” é uma repetição inequívoca desse primeiro evento e tem também referência na experiência fundante do próprio Movimento. Para o Padre João B. Libanio: “Sem a pretensão herética de construir uma nova Igreja, um novo tempo, o ‘tempo do Espírito’, [...] a RCC participará, em parte, dessa mística escatológica. Estará realizando o Pentecostes Perene” (LIBANIO, 2001, p. 55). Sobre a relação entre o sacramento do Batismo, chamado de Batismo de Imersão, e o “Batismo no Espírito” - ritos e experiências de menor relevância que lhe tomaram o lugar - e que, muitas vezes provoca confusão entre os fiéis —, o Magistério da Igreja, representado pela CNBB, se pronunciou: “A palavra ‘Batismo’ significa tradicionalmente o sacramento da iniciação cristã. Por isso, será melhor evitar o uso da expressão ‘Batismo no Espírito’, ambígua, por sugerir uma espécie de sacramento. Poderão ser usados termos como ‘efusão do Espírito Santo’, ‘derramamento do Espírito Santo.’ Do mesmo modo, não se utilize o termo ‘confirmação’ para não confundir com o sacramento da Crisma”. (COMISSÃO EPISCOPAL..., 1994, n. 54, p. 26 e 27). Porque, na tradição da Igreja Católica, só conta o sacramento do Batismo: “O Santo Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, o pórtico da vida no Espírito ‘vitae spiritualis ianua’ e a porta que abre o acesso aos demais sacramentos [...] Ele é denominado Batismo com base no rito central pelo qual é realizado: batizar (‘baptizein’ em grego) significa ‘mergulhar’, ‘imersão’; o mergulho na água simboliza o sepultamento do catecúmeno na morte de Cristo, da qual com Ele ressuscita, como ‘nova criatura’ (2Cor 5, 17; Gl 6, 15)”. (CATECISMO..., 1993, p. 340).

Neste período, a Renovação embalava-se no clima de revivescência espiritual — próprio do período pós-Concílio Vaticano II (1962-1965) — em que se enfatizava o resgate da teologia do Espírito Santo (DÁVILA, 2000, p. 85). Um dos futuros desdobramentos dessa realidade eclesial foi o propósito do Padre Eduardo Dougherty, juntamente com o grupo por ele liderado, de fundar instituições dedicadas à produção e veiculação de programas religiosos nos meios de comunicação de massa: “com a disciplina de um monge e a obsessão de um executivo, Dougherty fundou a Renovação e foi pavimentando seu caminho” (VEJA, 08 abr. 1998, p. 98).

A liderança do Padre Eduardo Dougherty foi constituída a partir de sua atuação como sacerdote católico. Logo nos primeiros anos do Movimento Carismático no País, o Padre já orientava Grupos de Oração, pregava retiros na região de Campinas, na Grande São Paulo e em todas as capitais brasileiras. Isso foi possível porque, segundo Bourdieu, os sacerdotes possuem o monopólio da gestão do sagrado, e os leigos são tidos como profanos, no duplo sentido, ignorantes da religião e estranhos ao sagrado, premissas básicas para a formação de duas classes distintas no campo religioso: sacerdotes e leigos, e a oposição entre sagrado e profano (BOURDIEU, 1992, p. 39-43, apud DÁVILA, 2000, p. 139).

Ordenado em junho de 1970, o Padre viu na promessa de cura uma de suas principais ações. O que foi ratificado pelo fato de um dos expoentes internacionais do Movimento, o Padre Robert Degrandis, na década de 1980, ter escrito um livro intitulado: *A cura pela missa*. Por ser a celebração da eucaristia (missa)⁹², na liturgia católica, invariavelmente presidida pela figura central do presbítero, o papel sacerdotal de direção na liturgia das celebrações na Igreja Católica foi se sedimentando ao longo dos séculos. Já no século IV, a tríade bispos-presbíteros-diáconos dominava com exclusividade a conjuntura eclesial (PARRA, 1991, p. 152).

Mais tarde, o contexto de dúvidas doutrinárias suscitadas pelos cátaros e valdenses — movimentos cristãos considerados heréticos pela Igreja Católica e surgidos na França no final dos séculos XI e XII, respectivamente — foi o momento propício para estabelecer princípios dogmáticos acerca da natureza do ministério sacerdotal. Os cátaros (ou puros), escandalizados com o declínio moral do clero, puseram em questão o valor de sua eucaristia. Por consequência, o IV Concílio de Latrão, na Itália, em 1215, formulou a doutrina da transubstanciação (mudança real da natureza do

⁹² O resultado de pesquisa elaborada por Pedro Ribeiro de Oliveira, no final da década de 1970, já indicava que, de um universo de 1859 entrevistados, apenas 58 alegaram não ter aumentado a sua frequência à Eucaristia após o seu ingresso na RCC. O que torna evidente que a Eucaristia é uma prática religiosa cultivada entre os carismáticos (OLIVEIRA et al., 1978, p. 57).

pão e do vinho) realizada unicamente pelas palavras de consagração pronunciadas pelo sacerdote ordenado (PARRA, 1991, p. 153).

Dessa maneira, a missão foi reduzida ao culto, e os ritos de ordenação passaram a significar antes a transmissão de poder que o envio missionário em fraqueza e testemunho para o serviço. Fundamentada na sentença medieval e tomista de que “só tem poder sobre o Corpo Místico de Cristo aquele que tem poder sobre o Corpo Eucarístico” (PARRA, 1991, p. 73-75), a teologia não só ratificou a Ordem como o “Sacramento da Capitalidade”, que permite acesso e representação de Cristo Cabeça, como também admitiu as consequências de que, na Igreja, apenas o ministro ordenado “preside, decide, julga, ensina, perdoa e condena” (PARRA, 1991, p. 75-76).

Ainda no Concílio de Florença (Itália, 1438-1445) se declarou que na ação sacramental o sacerdote age *in persona Christi*⁹³, fórmula tomada das proposições de Tomás de Aquino. Em seguida, o Concílio de Trento (Itália, 1545-1563), diante do ministério dos leigos que Lutero defendia, colocando em questão o “sacerdócio ministerial” — distinto da participação de todo batizado na pessoa de Cristo Sacerdote —, reiterou que a Ordem é um dos sete sacramentos da Igreja e, da mesma forma que o Batismo e a Confirmação, confere ao ordenado uma espécie de selo e marca para sempre — o que é chamado caráter (PARRA, 1991, p. 153 a 155).

Tais prerrogativas históricas reforçaram o papel ministerial do sacerdote e permitiram ao Padre Dougherty, como religioso jesuíta e presbítero católico, construir uma imagem sagrada de sua pessoa, de modo a permitir a sua influência de líder religioso sobre os fiéis: “... sobre a validade dos carismas decide o livre reconhecimento deste pelos dominados, consolidado em virtude de provas — originariamente em virtude de milagres — e oriundo da entrega à revelação, da veneração de heróis ou da confiança no líder...” (WEBER, 1994, p. 159).

Principalmente, tratando-se de um sacerdote⁹⁴, que, pela própria natureza de sua profissão, representa uma instituição religiosa, essa liderança pode trazer consigo — mesmo no interior de um

⁹³ Até o Concílio Vaticano II (1962-1965), esta expressão latina significava que o padre, na consagração do pão e do vinho, não atuava apenas em nome de Cristo, mas como “um outro Cristo”.

⁹⁴ É possível, segundo Weber, “que a função sacerdotal esteja vinculada a um carisma pessoal, mas mesmo neste caso, o sacerdote, como membro de um empreendimento de salvação com caráter de relação associativa, permanece legitimado por seu cargo, enquanto que o profeta [...] atua somente em virtude de seu dom pessoal” (WEBER, 1994, p. 303). O profeta traz consigo sempre um conteúdo de rebeldia. Surgiu durante o período da monarquia na antiga Palestina (de 1020 a.C. a 586 a.C.), diante da insensibilidade dos reis ao sofrimento do povo. Como os Carismáticos foram paulatinamente se enquadrando institucionalmente na Igreja, as possibilidades de se apresentar como algo novo foram diminuindo, a ponto de o Movimento ser chamado, hoje em dia, de “Renovação Conservadora”. (O ESTADO DE S. PAULO, 24 jan. 1999, p. D-12). Realidade confirmada pelas palavras de Rubem Alves: “Eles (os profetas) pouco ou

movimento eclesial tido como conservador — algum conteúdo de novidade: o rompimento com o que se pode chamar de tradicional, sobretudo no que diz respeito à liturgia, apesar de toda inflexibilidade dos rituais católicos, se comparados aos dos protestantes. Dessa forma, poderá constituir-se, mesmo assim, um espaço em que se pode criar⁹⁵.

O fato de o Padre Dougherty continuamente divulgar e reproduzir a sua experiência espiritual e acreditar ser um escolhido, um eleito, entre os fiéis cristãos católicos – portador de dons e carismas especiais, como a glossolalia (capacidade de falar em línguas desconhecidas); de possuir o dom de cura⁹⁶, o dom da sabedoria; de ser acolhido como tal; e, principalmente, de desempenhar o papel de direção, assim como todos os membros do clero no interior da RCC, não só ratificou a sua presença, como também lhe rendeu lugar de destaque na liderança do Movimento: “*Fui ordenado em 1970 e, principalmente, quando voltei para o Brasil, comecei a espalhar a Renovação Carismática pelo Brasil...*” (DOUGHERTY, 2004b).

É perceptível no seu discurso a repetida afirmação: “*Deus me deu a Graça!*”, Graça aqui entendida como ação sobrenatural para a salvação e/ou santificação da pessoa e a concretização de projetos. Que também pode ser compreendida como sinônimo abrangente de dom ou carisma. Para Max Weber: “... o carisma pode ser uma transformação com ponto de partida íntimo, a qual, nascida de miséria ou entusiasmo, significa uma modificação da direção da consciência e das ações...” (WEBER, 1994, p. 161).

A exibição do Padre E. Dougherty na apresentação de programas televisivos desde o início

nada se preocupavam com aquilo que vulgarmente consideramos como propriamente pertencente ao círculo do sagrado: o cultivo das experiências místicas, das atitudes piedosas e das celebrações cerimoniais está praticamente ausente do âmbito dos seus interesses. Na verdade, boa parte de sua pregação era tomada pelo ataque às práticas religiosas dominantes em seus dias, patrocinadas e celebradas pela classe sacerdotal. E isso porque eles entendiam que o sagrado, a que davam o nome de vontade de Deus, tinha a ver fundamentalmente com a justiça e a misericórdia. Em suas bocas, as palavras tinham um sentido político e social que todos entendiam” (ALVES, 1999, p. 101).

A CNBB assim se pronunciou sobre o que significa ser profeta: “Na Bíblia, o profeta é aquele que fala em nome de Deus. Significa, pois, um evangelizador. É a comunicação de assuntos espirituais aos participantes de reuniões comunitárias, aos quais se dirigem palavras de exortação e encorajamento. ‘Aquele que profetiza, fala aos homens: edifica, consola, exorta’ (1Cor 14,3). É um dom para o bem da comunidade e não tem em vista adivinhações futuras”. (CNBB, 1994, p. 29).

⁹⁵ Os membros da Renovação Carismática Católica são criticados pelos católicos tradicionais justamente pela forma de se apresentar como Igreja; por ser o Movimento semelhante ao modo dos protestantes (entenda-se, pentecostais). Isso tudo é muito óbvio; porém, os membros do Movimento Carismático se defendem, dizendo que a Renovação Carismática tem sido a porta de entrada (ou de retorno) de grande número de fiéis para as comunidades católicas. E ainda ressaltam que é também por intermédio da Renovação que muitos desses fiéis têm assumido trabalhos nessas comunidades e/ou paróquias. Além disso, argumentam que a devoção a Maria, bastante presente na liturgia e nas orações da Renovação Carismática Católica, é um sinal indubitável da catolicidade do Movimento.

⁹⁶ A cura também representa um dos eixos do Movimento Carismático. Para Hugo Assmann: “*milagres é o termo que o povo usa para falar de alívios que sente mediante recursos religiosos*”. (ASSMANN, 1986, p. 162).

da década de 1980 também foi fator decisivo para que ele se constituísse em uma das mais conhecidas lideranças da RCC no Brasil e na América Latina. A sua proximidade com o publicitário e também administrador de empresas, Antônio Miguel Kater Filho, dinamizou a Associação do Senhor Jesus, colocando em evidência tanto o Padre Dougherty como os seus projetos.

O pronunciamento dos chamados “testemunhos” ocupa lugar de destaque nas práticas da Renovação Carismática. O testemunho faz parte da tradição eclesial e tem a sua origem nos primórdios da Igreja Católica, sobretudo nos três primeiros séculos, em que a perseguição implacável do Império Romano demandava do fiel a reafirmação de sua fé.

Na Renovação é ressaltada a “intervenção milagrosa de Deus” na vida das pessoas. Para o Movimento Carismático: “O testemunho há de ser a proclamação de uma ação divina que cause impressão e admiração em todos os que o escutam e não apenas no que o proclama. Os testemunhos devem ser a respeito de acontecimentos que signifiquem algo para toda a comunidade e não apenas para uma pessoa” (FLORES, 1978, p. 36).

Tradicionalmente, na Igreja Católica, são conhecidos como sendo sete os dons do Espírito: a *Sabedoria*, o *Entendimento*, a *Ciência*, o *Conselho*, a *Fortaleza*, a *Piedade* e o *Temor de Deus*, também chamados de dons ordinários. A Renovação Carismática Católica resgata outros dons além destes (I Cor 12, 4-11): o dom das curas, o da profecia, o de falar em línguas, o discernimento dos espíritos, conhecidos como os dons extraordinários. Porém, na realidade, a única novidade que traz o Movimento Carismático em termos de dons ou carismas é a glossolalia. Isso porque a oração em línguas — o dom mais difundido entre os carismáticos —, diferentemente dos outros dons extraordinários, chama a atenção por não ser usual entre os católicos, parecendo ser, num primeiro momento, algo fora do contexto católico. No entanto, observando-se mais profundamente, a oração em línguas é, antes de tudo, uma oração. O que a distingue das outras orações é o fato de os sons pronunciados não possuírem um significado aparente (OLIVEIRA et al., 1978, p. 58).

Desde o início do Movimento, têm-se dirigido à Renovação Carismática pessoas portadoras de doenças — físicas e/ou psicológicas — à procura de cura. Isso ocorre com mais frequência em sociedades onde as desigualdades sociais são correntes, onde convivem extensas populações desassistidas pelos poderes públicos, como tem sido o caso de boa parte do Brasil — resultado do descaso de políticos e da própria elite, ao longo das décadas. As populações pobres se encontram entre as principais vítimas de toda sorte de doenças e do tráfico de drogas, à deriva em meio à violência policial, às síndromes depressivas ligadas à vida estafante das grandes cidades, à miséria e

às péssimas condições de trabalho e moradia. Isso sem contar a ausência de saneamento básico estendido à maioria dos brasileiros.

Sem acesso ao gozo dos direitos de cidadania e desassistidos pela medicina⁹⁷, buscam no Padre E. Dougherty a promessa de saúde. Com enfoque principal sobre a chamada “cura interior” e ancorados na tradição da Igreja de rezar pelos doentes, as lideranças dos carismáticos acreditam que muitos males advêm de traumas e complexos não superados. A falência dos sistemas de saúde e segurança pública (DÁVILA, 2000, p. 109-112) produz a oferta desse tipo de serviço religioso para atender, pelo menos simbolicamente, à demanda de saúde e bem-estar das pessoas. A Irmã Nellie apresenta um relato dessa natureza:

Quero compartilhar uma das inúmeras graças recebidas pelo poder dos Sacramentos. Fomos ajudar num Retiro de Carnaval, no anfiteatro do Colégio São Luís, em S. Paulo. Três mil pessoas. No final deste Encontro, a cada dia, Pe. Eduardo passava com o Santíssimo Sacramento no meio do povo, abençoando quase que pessoa por pessoa. Ora, havia entrado no recinto, para participar do Retiro, sem mesmo saber o que viera fazer ali, uma jovem senhora. Meses atrás ela sofrera de um terrível desastre de carro. Clavícula e omoplata ficaram esmigalhados, o que a impedia de mover o braço para a direita ou para a esquerda. Quando Pe. Eduardo passou perto dela com o Santíssimo, tocou em seu braço, incontinenti, o braço foi restaurado e ela pôde movê-lo com a maior facilidade. No final do dia, a moça foi ao palco dar testemunho da poderosa ação curativa de Jesus Sacramentado. (GUIMARÃES, 2004, p. 23).

É sabido, no interior da Igreja Católica, a autoridade que os clérigos possuem sobre os não ordenados. Fica evidente, nos depoimentos seguintes, como os leigos ligados à RCC enxergam no Padre Eduardo Dougherty uma figura sagrada. O primeiro deles, de uma sócia da ASJ, que, em carta à revista *Brasil Cristão*, assina E. L. V.: “Padre Eduardo, a Trindade Santa o ama muito. Desejo que a cada dia o Pai, o Filho e o Espírito Santo venham fortalecê-lo, encorajá-lo! [...] A sensação que tenho todo mês é de estar escrevendo uma carta para Deus, e o melhor de tudo: Ele responde.

⁹⁷ Para Aloísio Tibiriçá Miranda, 2º vice-presidente do Conselho Federal de Medicina (CFM): “O sistema de planos de saúde, chamado suplementar, atende, somente, a 25% da população (46 milhões de pessoas) e, com isso, gasta 55% do valor total dos gastos com a saúde no Brasil. Com o nosso combalido SUS, gastam-se 45%. Vale salientar que a maioria dos países europeus, que garante o acesso a todos na saúde pública, tem cerca de 70 a 80% dos gastos públicos” (MIRANDA, 2011, p. 1). São também características da situação da saúde em nosso País: “... os níveis de saúde mais baixos do Brasil, quando comparados com os de outros países de economias similares; as grandes disparidades macro e microrregionais; o crescimento de problemas como a violência e as doenças, e agravos à saúde de origem ambiental e ocupacional; o reaparecimento de velhos problemas como o dengue e a cólera; a persistência de grandes endemias (doença de Chagas, esquistossomose, malária, etc.); e o envelhecimento populacional, ao lado de uma crise generalizada do sistema de assistência à saúde, com demanda crescente e insatisfeita”. Além disso: “... As recentes décadas vêm experimentando uma elevação do número de casos de tuberculose, hanseníase, malária, leishmaniose” (BARROS; PIOLA; VIANNA, 1996, p. 8 e 11).

Aleluia” (BRASIL CRISTÃO, jul. 1999, p.35). E o segundo, de uma telespectadora dos programas da ASJ, a advogada Elir Paniza Abib, que “ficou surpresa e bastante emocionada ao encontrar-se com o padre jesuíta Eduardo Dougherty ao entrar na loja da Associação do Senhor Jesus, no Centro [...] e continua: ‘Minha tia, que morreu há sete meses, gostava muito do padre Dougherty e assistia sempre a seus programas na TV. Não me contive quando o vi ao vivo’” (CORREIO POPULAR, Campinas, 29 ago. 1999, Cidades, p. 3).

A sacralização da pessoa do Padre Dougherty, como de suas obras, é capaz de produzir não apenas o seguimento, como a adesão e a colaboração de milhares de fiéis ao projeto que ele lidera: “... o maior sinal de que estamos cumprindo a Vontade de Deus é o grande número de pessoas que acreditam nessa proposta e se tornam sócios!” (DOUGHERTY, 2004b).

Nesse caso, a utilização da crença para legitimar um empreendimento torna-se imprescindível. Para Bourdieu, a força da crença está na contribuição do grupo no interesse da ocultação das contradições existentes no próprio conteúdo de fé (BOURDIEU, 1992, p. 56). Como se pode ver nas mensagens manuscritas nas cartas e nos boletins – que antecederam à Revista –, presentes principalmente quando a necessidade de doação foi maior diante das dificuldades financeiras, ou por ocasião da montagem do estúdio de televisão em Valinhos:

... Muito obrigado pelas orações e contribuições! A obra continua graças à vossa generosidade! Continue colaborando! Já estamos tentando escrever uma novela para a televisão. Queremos estar todo dia na televisão, cinco minutos, numa rede nacional. E já estamos filmando vídeos-cassete para treinar evangelizadores. Peço que vocês sócios sejam mais generosos. Precisamos trazer nosso novo equipamento do exterior (um aparelho de ar condicionado importado dos Estados Unidos). Vamos montar em Valinhos, uma bela produtora de televisão para a Igreja do Brasil. (DOUGHERTY, 1987).

Segundo o próprio Padre Dougherty:

Eu acho que Deus me fez líder para tomar a iniciativa e tentar arregimentar as pessoas. Então, com o exército da Renovação Carismática no fim dos anos 70, com uma fé e a graça de pedir coisas grandes. O dom de discernimento dos espíritos e toda aquela mentalidade ignaciana. Imagine o líder do exército que vai planejar, atacar e vencer! (DOUGHERTY, 2004b).

A militância religiosa encarada como uma guerra não é novidade no campo religioso. Já estava presente no início do cristianismo. Também, a ideia de “soldados de Cristo” e de “Exército de Cristo” aparece mais tarde nos escritos de Ignácio de Loyola no século XVI; na colonização jesuítica nas Américas; e, mais recentemente, foi também utilizada pelos pentecostais e

neopentecostais em oposição às religiões afro-brasileiras. No caso do grupo liderado pelo Padre Eduardo Dougherty, pode ser interpretado como a batalha para a conquista de espaço nos meios de comunicação social.

Assim, a natureza complexa do empreendimento empresarial aparece através das empresas associadas e, de certa forma, subsidiárias da empresa principal – a TV; é o caso da Editora Raboni, fundada por um casal da Comunidade do Castelo, que se dedica à distribuição de bens religiosos: livros, CDs e DVDs para o Brasil e o exterior. As ações desse clérigo como captador de capital e pessoal qualificado foram vitais para viabilizar a nova editora e para produzir e distribuir livros e material específico da Renovação Carismática Católica no Brasil.

Foram fundadas, sob a liderança do Padre Eduardo Dougherty, no início da década de 1980, a Comunidade de Aliança Jesus Te Ama e a Associação do Senhor Jesus – esta última, detentora de todo o patrimônio. Mais tarde, em 1989, seria criada a Fundação TV Século XXI — detentora da licença do canal de televisão — e, na primeira década deste século, a TELEMAGIS - Serviço de Comunicação de Multimídia (SCM).

A CRIAÇÃO DA TV SÉCULO XXI

O projeto do grupo fundador da Associação do Senhor Jesus era, sem dúvida, muito ambicioso: a criação de uma produtora de televisão com a intenção de fundar uma estação de televisão e transmitir sua mensagem via satélite; produzir telenovelas e levar as imagens da Associação para todo o Brasil, para toda a América Latina e para todo o Mundo.

A ideia de obter a concessão de um canal de televisão ganhou força a partir do ano de 1988, quando o então Diretor de Concessões do Ministério das Comunicações, professor Lorenzo Cherab, proferiu uma palestra para a Renovação Carismática Católica. Na ocasião, era ele quem aprovava a concessão de canais e, numa reunião em Brasília, dirigindo-se ao grupo de carismáticos lá presentes, disse *“que existiam canais que estavam à disposição e por que vocês não pedem?”* (DOUGHERTY, 2006).

Diante disso, o Padre Dougherty foi falar com o professor Cherab e perguntou-lhe o que precisava para receber a concessão de um canal de televisão, ao que ele respondeu que havia a necessidade da criação de uma fundação. A fundação foi organizada com o nome de “Fundação

Século XXI”, e o canal foi pedido em 1989. E, segundo palavras do próprio religioso: “... *demos entrada para conseguir um canal, tinha um canal livre e a concessão só saiu em noventa e oito, foi o Zimbaldi – parlamentar à época no PSDB/SP — que conseguiu, no fim do primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso*”. (DOUGHERTY, 2006).

Para o Deputado Federal Salvador Zimbaldi Filho — hoje no PDT —, a concessão do canal de televisão foi o resultado de sua atuação junto ao governo federal; porém, dentro da própria Associação, há controvérsia em torno dessa afirmação. Entretanto, diz Padre E. Dougherty: “apoiamos Zimbaldi porque ele nos conseguiu a emissora de TV”. O Padre referia-se às eleições de 1998, em que o Deputado “foi um dos campeões de votos” graças ao apoio do Movimento Carismático (CORREIO POPULAR, Campinas, 07 out. 1998. Eleições, p. 3).

A Associação do Senhor Jesus preparou-se para a entrada no mercado fechado e competitivo de comunicação eletrônica, montando em primeiro lugar uma produtora e gravadora de programas religiosos e telenovelas cristãs, os quais vendia ou exibia nos canais já existentes. Conta, hoje, com um moderno e bem equipado estúdio para produção de programas televisivos, com editora e livraria, além de consultórios para atendimentos individuais, linhas telefônicas para socorros, etc. Esse conjunto de organizações configura a Associação como um conglomerado de empresas no qual cada uma potencializa a ação das outras.

O crescimento desse conglomerado deu-se paulatinamente: o começo foi na garagem da paróquia do Bom Pastor, no bairro de São Bernardo, ao lado do Centro Kennedy, um bairro popular da cidade de Campinas. Depois, a sede foi transferida para uma casa alugada no Bairro Jardim Proença, um bairro de classe média, em um prédio alugado no centro comercial do Jardim Guarani. Mais tarde, em 1984, a entidade adquiriu um imóvel na Rua Padre Vieira, no Bairro Bosque e, a partir daí, comprou o terreno ao lado, em que montou o estúdio de televisão. Finalmente, em setembro de 1987, deu-se a aquisição de um hotel em construção, na cidade de Valinhos, pelo valor de cento e vinte mil dólares, pago em doze parcelas de dez mil dólares mensais.

Todo o complexo que envolve a Associação do Senhor Jesus e a TV Século XXI, que totalizava a despesa mensal, em dezembro de 2006, de 2,2 milhões de reais (DOUGHERTY, 2006), tem receita: 1) dos aproximadamente 214 mil sócios colaboradores (dados de junho de 2010), espalhados por todo o Brasil; 2) da venda de CDs, DVDs, livros e artigos religiosos produzidos por terceiros; 3) da venda dos produtos religiosos produzidos pela Associação; 4) da propaganda produzida para outras entidades religiosas; 5) das eventuais doações. O próprio livro de cantos

*Louvemos o Senhor*⁹⁸, muito difundido nos meios carismáticos, representou, além de uma fonte de renda para a instituição nascente, uma forma de divulgar as melodias⁹⁹ próprias de uma expressão religiosa pentecostal católica.

Para estabelecer o vínculo dos sócios com a Associação, os seus dirigentes lançaram mão do envio de cartas personalizadas e nominais, normalmente na primeira pessoa, em que o Padre Eduardo Dougherty se dirigia ao contribuinte do projeto como a um amigo¹⁰⁰:

Fundamos a Associação do Senhor Jesus e o segredo foi uma ideia básica que eu aprendi nos Estados Unidos, do grupo que levanta fundos: um dólar por mês, se você tiver mil pessoas para dar um dólar cada uma, você terá mil dólares por mês; se você tem cinco mil pessoas para dar um dólar por mês, você tem cinco mil dólares; se mil pessoas dão dez dólares por mês, você tem dez mil dólares. Com dez mil dólares por mês... a gente consegue fazer alguma coisa! E começamos a inscrever pessoas como sócias e a ideia básica da Associação do Senhor Jesus e tem sido até agora é a “fidelização”: “Apascentai as minhas ovelhas!” Se, por exemplo, um meio de comunicação é carta, e eu estou “alimentando” aquelas pessoas com as cartas, é a tremenda personalização e é para “A Maior Glória de Deus” (DOUGHERTY, 2004b).

Padre Dougherty afirma que, ao longo dos anos, a ajuda vinda do exterior vem sendo menor, se comparada à proveniente da contribuição dos sócios, 80% dos quais são mulheres com mais de 40 anos de idade. Porém, 2/3 dos afiliados não têm acesso ao canal de televisão Século XXI, por residirem em local não alcançado pelo sinal da referida TV¹⁰¹, segundo dados fornecidos pelo Departamento de Sócios da Associação do Senhor Jesus. Conforme a frase corrente no interior da ASJ: “*Acreditam sem ter visto*” (Jo, 20,29).

⁹⁸ Foi publicado pela Editora Loyola, S. Paulo, desde o ano de 1973 a 1994 e, de 1995 a 2010 — exceto 2006 —, passou a ser publicado pela Editora da Associação do Senhor Jesus. Em 1994, foram vendidos um milhão de exemplares, o que levou a diretoria da ASJ a pagar 14^o. salário aos seus funcionários.

⁹⁹ As canções na Renovação Carismática desempenham papel relevante, tanto no Grupo de Oração, como na liturgia da missa. Existem cantos específicos para cada situação: “cura”; “louvor”; “perdão”; “adoração”; “entrega”; “Espírito Santo”; “Maria”; “exaltação do Senhor”; “súplica”; “testemunho”; “confiança”. As palavras bastante frequentes nas letras das canções da Renovação Carismática são: “glória”; “louvor”; “aleluia”; “Jesus”; “cura”; “Senhor”; “alegria” “Espírito”, “salvação”; “graça”; “água viva”; “entrega”; “coração” O estilo musical carismático é um modelo importado de música e se aproxima da música pentecostal e *pop* de origem norte-americana.

¹⁰⁰ Essa técnica de *marketing* é também utilizada pelas empresas comerciais e por instituições financeiras. O que se pretende é proporcionar ao destinatário a sensação de que não está sendo tratado de maneira massificada. Outra tática também utilizada pela Associação para conquistar adeptos ao projeto na forma de contribuintes (sócios) foi a chamada *name acquisition*, que consiste em oferecer brindes – pequenos livros, por exemplo – ao fiel que deixar seus dados pessoais, endereço e telefone.

¹⁰¹ Apesar de o sinal da TV Século XXI, via satélite, poder ser recepcionado por dezesseis milhões de antenas parabólicas pelo interior do Brasil (DOUGHERTY, 2004b).

Nesse sentido ganhou importância a revista *Brasil Cristão*¹⁰², editada desde 1987 e distribuída apenas aos sócios com contribuição vigente. É um veículo de comunicação mais abrangente que o próprio canal de televisão.

Na década de 1980, a Associação recebeu ajuda financeira do exterior, como o donativo de 100 mil dólares, vindo dos Estados Unidos por intermédio de Bobby Cavnar, que é leigo, empresário e fundador da “Comunidade Católica da Alegria de Deus”, de Dallas, Texas, EUA. “Cavnar é conhecido como o pioneiro do ministério televisivo no combate aos pentecostais, sendo seus objetivos ‘combater o fogo com o fogo’ e salvar a América Latina do comunismo e da Teologia da Libertação, tudo isso através da mídia eletrônica” (DELLA CAVA, 1991, p. 87-125; HÉBRARD, 1992, p. 75, apud DÁVILA, 2000, p. 239-254).

Essa instituição texana também deu apoio técnico à Associação, à qual doou algumas câmeras que não estavam sendo utilizadas e ainda colocou gratuitamente à disposição um estúdio para o corpo técnico da Século XXI, em seu moderno centro católico de evangelização pela TV (KATER, 1999, p. 66). Assim, a Associação foi incorporando novos equipamentos e realizando o treinamento de pessoal.

Atualmente, a Associação do Senhor Jesus é uma empresa com cerca de 200 trabalhadores, profissionais registrados, e com um grupo permanente de pelo menos 20 voluntários. Isso sem contar as dezenas de pessoas que eventualmente auxiliam na organização dos eventos promovidos pela Associação. O envolvimento dos funcionários com os propósitos da organização se explica pelo fato de muitos daqueles que lá trabalham serem também membros do Movimento Carismático, a exemplo do que também acontece com os obreiros e as obreiras¹⁰³ das igrejas evangélicas.

Fundada no final da década de 1990, a TV Século XXI, cuja programação é uma mescla de programação religiosa e televisão educativa, constituiu-se num braço da Associação do Senhor Jesus.

¹⁰² A revista *Brasil Cristão* é uma publicação de circulação mensal, editada pela Associação do Senhor Jesus desde o ano de 1987. A tiragem é de 214 mil exemplares (BRASIL CRISTÃO, jun. 2010, p. 3), número que equivale ao contingente de sócios da entidade, porque os destinatários desse periódico são, exclusivamente, os sócios contribuintes da instituição, que o recebem pelo correio.

¹⁰³ Nessas igrejas, são incumbidos de auxiliar o pastor na evangelização e nos trabalhos na comunidade, em uma rede de ajuda mútua. A origem bíblica desses serviços está nas Epístolas do Segundo Testamento, em que está descrita a organização das primeiras comunidades cristãs.

As TVs religiosas usam as mesmas práticas do mercado comum das comunicações, participando das disputas e de alianças para sobreviver e se expandir conforme os interesses em pauta. Em 1999, por ocasião da instalação de uma torre retransmissora em Campinas, que serviria tanto à Rede Vida quanto à TV Século XXI, conforme depoimento do Padre José Luiz Nogueira Castro¹⁰⁴, pároco da Paróquia de Santa Luzia, no Jardim Novo Campos Elíseos, em Campinas,

o Padre Eduardo convidou padres para visitarem as instalações da TV Século XXI [...] [porque] haveria um convênio para a utilização da mesma torre de transmissão para as duas entidades televisivas, nessa altura foram feitos boletos pela mala direta das paróquias, banners, etc. criando alguma crise entre as Paróquias e a TV Século XXI e Rede Vida. (CASTRO, 2007).

A torre foi erguida e a TV Século XXI foi colocada no ar em julho de 1999.

Eduardo Dougherty, que veiculava na Rede Vida o programa chamado “Louvemos o Senhor”, pretendia continuar com a sua retransmissão pelo referido canal, mas sem os custos de 50 mil reais mensais pagos pela Associação, pois, dessa maneira, aplicaria esse valor na produção de novos programas para o canal concorrente, levando em conta que a Rede Vida tinha dificuldade em preencher a sua grade de programação e, de certa forma, dependia da produção de programas feitos pela Associação. A direção da Rede Vida, possivelmente incomodada com a concorrência, não aceitou o acordo.

Além desse programa, também fazem parte do acervo — um conjunto de 150 produções — produzido pela Associação (BRASIL CRISTÃO, jan. 2002, p. 15-16): “Boas Notícias”, programa de ensino religioso; as telenovelas: *Irmã Catarina*, a primeira novela católica da televisão brasileira, e *Antônio dos Milagres*, uma versão da vida de Santo Antônio; as minisséries: *A verdadeira história de Papai Noel*, exibida no Brasil e em países de língua espanhola; *A última semana* e *Ele vive*, que contam histórias de Jesus, de Ramos à Páscoa e após a Ressurreição, respectivamente, ambas traduzidas para o espanhol, o inglês e o russo; *A vinda do Messias*, sobre o nascimento de Jesus, e *Paulo Apóstolo*, uma adaptação do *Livro do Ato dos Apóstolos*; o filme: *O amor do Pai*, traduzido para o inglês, o espanhol e o quetci (língua nativa da América Central); e, por fim, os *Evangelhos encenados*.

O desempenho da TV Século XXI pode ser avaliado pela abrangência de sua programação. Os dados mostram que ela já transmitia, em 2002, cerca 35% de programação própria, ou seja,

¹⁰⁴ Há uma minibiografia no final do trabalho.

produzida pela Associação, e o restante graças a parcerias feitas com canais educativos. Cabe ressaltar que os canais educativos no Brasil, embora não exibam altos níveis de audiência, gozam de prestígio entre a população, e favoreceram a implantação do canal Século XXI. Para um de seus jornalistas: “... temos a consciência de que educar também é evangelizar. Embora haja uma tendência de, no futuro, a Associação produzir a maior parte da grade de sua programação” (BRASIL CRISTÃO, jan. 2002, p. 15).

A combinação entre produtora de televisão e detentora de canal de televisão possibilitou que atualmente a entidade produza praticamente toda a programação exibida: 39 programas gerados na própria produtora, a maioria exibida ao vivo.

Durante o dia predominam os documentários, os programas educativos e as entrevistas – principalmente ligadas à área de Saúde. A programação religiosa, a exemplo dos canais da Igreja Universal do Reino de Deus, fica concentrada no final da noite e pela madrugada.

O seu principal programa é: “Louvemos o Senhor”, que se estende por praticamente todo o domingo e é o mais extenso programa católico da televisão brasileira. Trata-se de um programa de auditório, que, nos moldes dos programas não religiosos desse gênero, recebe caravanas vindas de cidades paulistas e também de outros estados.

Teve a sua estreia em agosto de 1995, passando a ser transmitido pela TV Século XXI a partir de julho de 1999¹⁰⁵. Segundo o próprio *site* oficial, o objetivo do programa é: “... evangelizar e entreter através dos meios de comunicação”¹⁰⁶, o que, de certa maneira, o aproxima de outros programas de auditório exibidos pela TV aberta brasileira. De agosto de 1995 a abril de 1997, era apresentado todos os domingos pelo publicitário Antônio Miguel Kater Filho, o Kater (como é conhecido). Após o desligamento deste da ASJ, em 1997, o programa não tem mantido regularidade nos índices de audiência e, por essa razão, tem alterado continuamente o seu apresentador.

O programa vai ao ar todo domingo, ao vivo, diretamente do auditório Paulo Apóstolo, localizado na sede da ASJ, em Valinhos/SP. De maio a setembro de 2011, por decisão da equipe de

¹⁰⁵ Em 13/08/1995, teve início a exibição do programa “Louvemos o Senhor” (gravado) pela Rede Vida de Televisão, das 12h00 às 17h00. Tendo assim permanecido até 1999, quando entrou no ar a TV Século XXI, e este passou a exibido (ao vivo), das 9h00 às 17h00. Durante todo esse período, pequenas mudanças ocorreram no programa, que manteve um formato padrão constituído dos seguintes quadros: musicais; “Sal da Terra”; “Me chamaste”; “Com Maria”; palestras; adoração ao Santíssimo e missa. Durante os dezesseis anos de existência do programa “Louvemos o Senhor”, em doze deles, o programa foi veiculado na íntegra, ou seja, das 9h00 às 17h00. Fonte: Equipe de Produção da TV Século XXI.

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://www.tvseculo21.org.br/louvemos/?opcao=visualizarConteudo&ID=40>>. Acesso em: 31 jul. 2011.

produção do programa e da direção da TV Século XXI, quando o convidado como apresentador ou pregador fosse capaz de atrair mais pessoas para a plateia e maior audiência na TV¹⁰⁷ — o que correspondeu a 1/3 dos programas deste período —, o “Louvemos o Senhor” era transmitido das 9 às 17 horas. Caso contrário, embora o programa tivesse sido gravado em circuito fechado, só era transmitido na íntegra pela TV das 13 às 17 horas.

O conteúdo básico do programa se constitui de louvor, oração, adoração¹⁰⁸ ao sacramento da Eucaristia e palestras. Há também, a cada domingo, a participação de um grupo musical diferente — ligado ao Movimento Carismático — convidado para animar o programa, além da apresentação de cantores/as católicos consagrados pela mídia especializada e pelos fiéis. As atrações musicais ocupam cerca de um quarto do tempo de exibição do programa. Há ainda a possibilidade de os telespectadores interagirem por meio de testemunho e pedidos de oração. As atrações são protagonizadas por leigos ou clérigos, brasileiros e estrangeiros.

Usualmente o programa se inicia com a oração espontânea de Irmã Luíza Tecilla (fundadora e diretora da ASJ), em frente ao sacrário; ou em frente à imagem de Maria, para invocar a sua intercessão. O seu discurso tem ligação com o tema escolhido para aquele domingo, que, por sua vez, está relacionado à mensagem da liturgia da palavra (leituras bíblicas do dia), que se refere à data no calendário litúrgico — Natal, Páscoa, Pentecostes... — ou ao calendário civil: Dia dos Pais, Dia das Mães, etc. Os distintos quadros do “Louvemos o Senhor” são entremeados por intervalos para propaganda, que se somam à inserção de anúncios no próprio programa.

As chamadas publicitárias são majoritariamente ligadas à ASJ, à RCC e à Igreja Católica. Os anúncios têm como conteúdo, por exemplo: Cruzeiro Católico; livros de Dom Hélder Câmara e do Padre João Batista Libanio, ambos ligados à Teologia da Libertação, e do Padre Reginaldo Manzotti, ligado à RCC; livro da Irmã Dulce, beatificada em maio de 2011; Pastoral do Menor;

¹⁰⁷ É o caso de algum pregador estrangeiro de renome internacional que faça parte da RCC ou de algum expoente do movimento no Brasil, como, por exemplo, o Padre Reginaldo Manzotti, cantor — que apresenta cinco “Louvemos o Senhor” por ano - e frequenta programas de grande audiência da TV comercial, como o “Domingão do Faustão”, da Rede Globo de Televisão; e de Ironi Spuldaro, leigo, casado — que apresenta um programa por mês - e, com eloquência, relata a sua conversão, faz promessa de cura e é capaz de concentrar grande quantidade de pessoas para ouvi-lo.

¹⁰⁸ Tendo sido a sua prática reforçada na chamada sociedade medieval europeia, organização social que: “... foi se construindo desde o início da era cristã, se consolidando por volta do século V [...] vigorou até por volta do século X [...] fundada na presença ativa de Deus, constituindo-se, pois, como um corpo acabado, se via como plenamente constituída”. Sendo esta condição um convite à contemplação, porque: “Contemplar é a atitude de quem se acha diante da plenitude” (PAIVA, 2011, p. 9-12). Em todo caso, a adoração pode esvaziar o sentido de partilha, comunhão e solidariedade da Eucaristia.

orientações de como contribuir com a TV Século XXI; propaganda da Revista *Brasil Cristão*; propaganda do DVD do filme *Antonio dos Milagres*, pelo ator Eriberto Leão, da Rede Globo; orientações de como cadastrar-se, via internet, para efetuar compras no *Diskshop* e como receber orações no celular, enviando SMS para a TV; liturgia diária da Editora Paulus; propaganda do Sistema Único de Saúde — SUS — do governo federal.

A palestra ou pregação corresponde ao eixo do programa e ocupa cerca de metade do seu tempo de exibição. O assunto da preleção, geralmente, é o mesmo do tema do programa apresentado. Mas pode ocorrer também uma forma de testemunho, em que o pregador faz um histórico da sua conversão pessoal ou discorre sobre uma graça alcançada. Ele interpela a plateia e os telespectadores e, em alguns momentos, pede a participação dos espectadores: palmas, aplausos, silêncio. As falas são intercaladas por leituras bíblicas e cânticos relacionados com a temática do dia. As canções têm as palavras da letra repetidas em tom de oração pelo palestrante e pelo grupo musical, alternadamente. Os temas mais frequentes nas pregações de 2005 a 2010 foram: a exaltação da família e dos sacramentos; a busca da salvação; a cura para a alma; a ação do Espírito Santo; o engajamento na comunidade.

Na penúltima hora do programa é transmitida a oração de intercessão e adoração da Eucaristia. Padre Dougherty entra no palco, exibindo a hóstia num ostensório dourado para adoração dos espectadores e telespectadores. As câmeras focalizam a hóstia. Ele faz oração em voz alta, com acompanhamento de uma música de fundo, executada ao teclado por um jovem convidado. Em seguida, reza pelas pessoas que escreveram para o programa, citando o nome, a cidade de origem e os seus problemas.

A última hora do programa é dedicada à transmissão da missa. Normalmente a celebração é presidida pelo Padre Eduardo Dougherty, acompanhado do Frei Rinaldo Stecanella (Diretor da TV Século XXI) e de outros padres convidados ou daqueles que vierem com a excursão de fiéis.

As missas são um misto de oração, *show* e espetáculo. O padre pergunta à plateia quem veio pela primeira vez ao programa. O mesmo grupo que animou o programa interpreta as canções na celebração. É apresentada a dramatização — previamente gravada — do Evangelho da missa.

A comparação do programa “Louvemos o Senhor”, com os programas tradicionais de domingo da TV aberta permite identificar algumas semelhanças entre eles. Algumas delas estão aqui destacadas:

- Após o intervalo para anúncios publicitários há a participação do grupo musical convidado para o programa. É o mesmo formato de sucesso dos demais programas de auditório de domingo, como o “Domingão do Faustão”, da Rede Globo de Televisão.
- Após a apresentação de grupo musical ou cantor/a, o apresentador aproxima-se para breve e informal diálogo, perguntando sobre o novo CD/DVD e solicitando a interpretação de algumas de suas músicas. Enfim, os cantores convidam o público para participar da nova gravação e agradecem às pessoas que os ajudaram na concretização da carreira. Essa fórmula está igualmente presente nos programas do “Gugu”, da Rede Record de Televisão, e no “Domingão do Faustão”.
- O agradecimento pelos *e-mails* das pessoas que estão assistindo ao programa e a chamada das caravanas das diferentes cidades presentes no auditório também fazem parte do *script* do “Domingão do Faustão”.
- Em ocasiões como Dia das Mães, Dia dos Pais ou aniversário de alguém de destaque da TV Século XXI costumam-se apresentar depoimentos de convidados, previamente gravados, sobre o homenageado ou aniversariante, com a presença inesperada de seus familiares no palco. Isso ocorreu em janeiro de 2011, por ocasião do aniversário de 70 anos do Padre Eduardo Dougherty, quando seus irmãos vieram dos Estados Unidos para prestigiá-lo. Fato semelhante aconteceu em agosto de 2011, no Dia dos Pais, em que houve a homenagem dos filhos do Bernardinho, ex-jogador de voleibol e atual técnico da seleção brasileira masculina de voleibol, no programa “Domingão do Faustão”.
- Se, no programa “Sílvio Santos”, do Sistema Brasileiro de Televisão — SBT, há chamadas publicitárias para que os telespectadores adquiram a Telesena, no programa “Louvemos o Senhor”, há chamadas para que se tornem sócios da ASJ, contribuindo mensalmente. A inserção de propagandas no “Louvemos o Senhor”, se dá do mesmo modo que no programa “Domingo Legal”, do apresentador Celso Portioli, do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT; no “Domingão do Faustão”; e no programa do “Gugu”.
- Finalmente, a maior semelhança entre o “Louvemos o Senhor” e os programas da TV comercial aqui elencados não está no uso de técnicas de televisão, roteiros e quadros, e, sim, na falta de profundidade ao tratar da realidade dos problemas sociais, mostrando situações de miséria de toda ordem, com a finalidade de exploração fácil das emoções, sem qualquer análise das contradições ou da complexidade dos problemas sociais contemporâneos. Se, por um lado, no “Louvemos o Senhor” há a promessa de bens

espirituais: paz, cura, salvação, etc., no quadro “Construindo um Sonho”, do “Domingo Legal”, o programa promove, por meio de patrocínios, a reconstrução da casa de um telespectador antecipadamente selecionado. Geralmente acrítico, via de regra, o conteúdo dos programas reforça o *status quo*, naturalizando-o. O que impede de se fazer perceber que as mazelas que geram sofrimento à maioria do povo brasileiro são o resultado do não investimento, da inadequada aplicação de recursos, da corrupção e da ausência de vontade política dos agentes públicos para melhorar o atendimento do SUS e diminuir o déficit de moradias no Brasil.

Toda quinta-feira à noite, é exibido, ao vivo, o programa: “Noite Carismática”. Consiste num grande Grupo de Oração realizado no auditório da ASJ — o maior televisionado do Brasil — sob a direção do Padre Eduardo Dougherty, do Frei Rinaldo Stecanella ou de outro padre convidado. Com duração de cerca de uma hora e meia — das 19h30min às 21 horas —, chega a reunir até três mil pessoas. Segundo o próprio *site* oficial, o objetivo do programa é manter “... o carisma dos primeiros grupos de oração da Renovação Carismática Católica com muitas orações, músicas, testemunhos e a bênção do Santíssimo Sacramento com Padre Eduardo Dougherty”¹⁰⁹. No ar desde a estreia, em 2002, pela TV Século XXI, o formato é o mesmo das primeiras exibições.

São dois os eixos do programa: a oração de cura conduzida pela Ir. Luiza Tecilla — que será descrita abaixo — e a pregação, feita, usualmente, por um padre convidado. Com plateia predominantemente feminina, normalmente, o programa se inicia com uma canção de louvor animada pelo grupo musical, composto de vocalista, teclado, guitarra e bateria. Em seguida, o padre dirigente faz uma pequena introdução. Novamente ouve-se uma música, agora de maneira mais emotiva. Os fiéis presentes fecham os olhos, inclinam o rosto para o alto e cantarolam juntamente com a banda musical.

Invariavelmente, o programa conta com a participação da Ir. Luiza Tecilla, que conduz uma oração de pedido de perdão (conhecida como de “cura interior”). Com a Bíblia nas mãos, expressa-se através de trechos da letra da música executada. Reza por todos que se encontram enfermos, com dificuldade de relacionamento na família e aflitos por outros problemas.

¹⁰⁹ Disponível em: <<http://www.tvseculo21.org.br/noitecarismatica/?opcao=visualizarConteudo&ID=45>>. Acesso em: 31 jul. 2011.

Novamente o padre dirigente assume a palavra e reza em línguas. Pede que cada um imponha a mão direita sobre a pessoa que está ao seu lado e reze por ela. Recomeça a oração em línguas e é acompanhado pelo público. Ao mesmo tempo, a Ir. Luiza Tecilla diz que no auditório há pessoas que estão sendo curadas de pensamentos negativos: desejo de traição, trauma de infância e rejeição, como também de alcoolismo, dependência de drogas, depressão, etc. A câmera focaliza fiéis balançando a cabeça em sinal de positivo e outros claramente emocionados. A banda toca outra música e são exibidas imagens percorrendo transversalmente o auditório. As pessoas cantam em voz alta, levantando os braços.

Inicia-se a pregação. O dirigente cita um trecho do Evangelho. Embora haja variação de assunto de um programa para outro, alguns temas são recorrentes: sacramentos — “matrimônio, duas pessoas unidas em Cristo”, “unção dos enfermos, consolo para os doentes”, “recebemos Deus pela comunhão”, “ordem, o padre é servo de Cristo para falar de Deus para as pessoas”; e frases como “*Jesus morreu por nós*”, “*o Espírito Santo quer nos conduzir*”. O pregador encerra a sua fala e recebe uma salva de palmas.

Principia-se nova música e, gradativamente, aumenta-se o volume da voz. Imagens feitas de cima focalizam de perto alguns espectadores. O vocalista pede novamente aplausos. A Ir. Luiza Tecilla retoma a palavra. Fala das pessoas que perderam os seus entes queridos: esposo(a), filho(a). E diz: “*Jesus quer hoje curar você*”. Novamente se assiste a um clima de comoção.

Música de adoração: o padre dirigente volta ao auditório com o ostensório nas mãos, acompanhado de alguns ministros, um dos quais carrega incenso. Os fiéis põem a mão no ostensório e fazem o sinal da cruz. O palco enche-se de crianças. As pessoas ajoelham-se e parte das luzes são apagadas. Observa-se a estratégia para criar uma atmosfera de recolhimento e entrega a Deus. A Ir. Luiza Tecilla novamente faz referência às doenças. O padre dirigente inicia a leitura dos nomes dos telespectadores que escreveram para o programa e indica a cidade de origem. Simultaneamente, o grupo musical toca canção de exaltação à Eucaristia. São exibidas imagens sobrepostas do ostensório e da plateia. O padre recita a oração tradicional de adoração da Igreja e abençoa as pessoas, movimentando o ostensório e fazendo o sinal da cruz: a bênção final. As pessoas deixam o auditório.

Também a comparação do programa “Noite Carismática” com os programas da TV comercial aberta revela algumas semelhanças:

- “Noite Carismática” — a reprodução de um Grupo de Oração – é um ambiente no qual as pessoas se desligam do mundo (DÁVILA, 2000, p. 50), assim como no programa do “Ratinho”¹¹⁰, que também pode promover esse desligamento da realidade, por meio do que se aproxima do *panis et circus*, do Império Romano, presente, sobretudo, no quadros *Exames de DNA* e de calouros; o humor, as piadas e as palhaçadas permeiam todo o seu programa, tornando-o parecido com um circo.

É importante destacar também que “Madrugada de Bênçãos”, transmitido todas as madrugadas, e “Você pode ser feliz!”, exibido todos os dias, ao meio-dia, são programas que trazem normalmente padres como apresentadores e, às vezes, leigos/as. Contam com orações e com os depoimentos — colocados no ar, ao vivo — dos fiéis telespectadores, oportunidade em que contam a graça ou a cura alcançada ou o bem recebido. A dinâmica desses programas assemelha-se aos de R. R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus: “a pregação, veiculada pela Igreja da Graça, é a que mais utiliza a televisão como meio de cura” (FONSECA, 2003, p. 38). A crença na cura, para H. Assmann, tanto nos meios pentecostais como nos carismáticos, tem a função de ocultar as contradições e os interesses sociais, pois: “O novo, na ‘Igreja Eletrônica’, é que essa industrialização dos milagres se dá descaradamente, para que o sistema opressor tenha menos problemas e continue igual” (ASSMANN, 1986, p. 163-164).

A TV Século XXI iniciou sua programação na era da interatividade, usa consulta aos sócios, o que na realidade, se configura como uma estratégia de *marketing*¹¹¹, a tentativa de proporcionar a

¹¹⁰ Se no “Noite Carismática” se promete cura pela oração, no programa do “Ratinho”, do Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, oferece-se cura por meio do custeio do tratamento pelo programa, como, por exemplo, para um senhor cuja infertilidade foi detectada no quadro *Exames de DNA*. Para R. Janine Ribeiro, diante da ausência do Estado, pode haver, neste caso, a emergência de um apresentador de programa que assume papel análogo ao de um líder populista (RIBEIRO, 2001, p. 37). O mesmo pode acontecer com o Padre ou a Irmã que promete cura.

¹¹¹ Dom Pedro Casaldáliga, claretiano, um dos expoentes da Teologia da Libertação e crítico contundente do neoliberalismo, bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia/MT, de 1971 a 2005 nasceu em 1928, em Barcelona, na Espanha, e está há décadas no Brasil., Sobre o anúncio de Jesus Cristo, ele afirmou:

“É importante e também necessário. Recordo-me sempre do que Jesus disse aos seus Apóstolos, que aquilo que estavam ouvindo, no segredo dos ouvidos, o proclamasse de cima dos telhados. Os telhados de hoje, são os meios de comunicação. São grandes telhados! É importante, também, pensar que os grandes meios anunciam o Evangelho. Mas, deve-se anunciá-los a partir da pobreza. Sem desprezar a técnica, que não deixa de ser um dom de Deus, fruto da inteligência que Ele nos deu, não se deve cair na tentação dos *marketings*, que incentivam o consumismo entre os cristãos. Todos nós somos regidos pelo Espírito Santo e enviados para anunciar a Boa Notícia aos pobres. E a Carta Magna do Evangelho continua sendo ‘As Bem-Aventuranças’, que para nós, hoje, em outras palavras, seria: ‘Felizes os que têm os meios de comunicação nas mãos, os construtores da paz. Mas sem cair no neoliberalismo evangelizador, que faz da evangelização um Mercado’”. (CASALDÁLIGA, 2002).

“satisfação” dos “clientes”¹¹², que, neste caso, são os fiéis crentes. Tudo isso possibilita a criação dos programas com temas que aparentemente respondem aos anseios dos telespectadores. Em 1999, por exemplo, entre os cem mil sócios contatados mensalmente através do sistema de mala direta, a Associação encontrou como temas de maior interesse: a relação familiar, em primeiro lugar, seguida das questões ligadas à segurança. A falta de emprego e o envolvimento de jovens e adolescentes com drogas também foram preocupações que frequentemente apareceram nas pesquisas. Para o Padre Eduardo Dougherty: “A troca de informações é necessária. De nada adianta ficarmos discursando sobre algo que não interessa à população”. (CORREIO POPULAR, 1999, p.1).

Entretanto, a característica da TV Século XXI que mais interessa para este estudo é sua veiculação de programas educativos. Comparada com os outros canais religiosos, ela possui um percentual maior de programas educativos, fato explicado pela natureza da sua concessão, que, inclusive, proíbe a veiculação de qualquer propaganda de produto com divulgação de preço. Nesse aspecto, a TV Século XXI aproxima-se da TV Aparecida, também detentora de canal educativo.

A primeira emissora educativa brasileira foi a TV Universitária de Pernambuco, no ano de 1967, quase duas décadas depois de ter surgido no País a TV comercial, no início dos anos 1950 (CARRATO, 2005, p. 5). Segundo dados do Ministério das Comunicações, atualmente há no Brasil 71 canais educativos, distribuídos entre 20 estados brasileiros, sendo São Paulo o que mais possui canais nesta modalidade: 17¹¹³. No Brasil, as emissoras educativas são mantidas por uma fundação, que pode ser de direito público — financiada por verba pública —, como, por exemplo, a TV Cultura de São Paulo; ou de direito privado, financiada por verba particular, como, por exemplo, a TV Século XXI.

A princípio, os canais educativos são destinados a divulgar programas educacionais. Até 1998, havia a proibição da veiculação de qualquer tipo de propaganda, reforçando o caráter não comercial da emissora. Porém, a partir desse ano, diante das dificuldades financeiras para

¹¹² Para o Pe. João B. Libanio: “Na modernidade em que nossas cidades mergulharam, ‘tempo é dinheiro’, ‘dinheiro é poder’ e ‘informação é a chave’. Esta nova trilogia comanda nossa vida. A fé não é nem dinheiro, nem poder, nem informação. É gratuidade, serviço e compromisso. As ameaças vêm de ela deixar-se influenciar pela trindade da modernidade, mercantilizando-se, tornando-se instrumento de poder e fazendo-se simplesmente notícia. A mercantilização da fé acontece ao transformarem-se os sinais, ritos, símbolos, celebrações com que ela se reveste – sua expressão religiosa em produto de consumo. As instituições religiosas produzem tais mercadorias religiosas para saciar a fome consumista das pessoas. O impacto direto da cidade se faz sobre as formas religiosas da fé e só indiretamente sobre ela como tal. Quanto mais religiosa é uma fé, tanto mais ela se sente ameaçada pela cidade” (LIBANIO, 2002, p. 102-103).

¹¹³ Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/radiodifusao/dados-de-outorga/23457-dados-gerais>>. Acesso em: 11 ago. 2011.

acompanhar o desenvolvimento técnico e tecnológico das emissoras comerciais, esses canais puderam, segundo o artigo 19 da Lei nº 9.637/98, começar a receber ajuda financeira: “... a título de apoio cultural, admitindo-se o patrocínio de programas, eventos e projetos...” (CARVALHO, 2005, p. 7).

Outra dificuldade — além dos custos da produção de parte de sua programação — pelas quais passam as TVs Educativas é desembolsar mensalmente valor elevado em relação aos seus parcos orçamentos para que a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), privatizada em 1998, transmita via satélite o seu sinal. Em novembro de 2002, a transmissão da TV Educativa, gerada no Rio de Janeiro, foi interrompida pela Embratel em razão de atraso no pagamento. O mesmo só não aconteceu com a TV Amazonsat, de Manaus, dedicada à cultura e ao turismo, porque a emissora conseguiu uma liminar na Justiça. Neste contexto, as emissoras menores são as que mais sofrem (FOLHA DE S. PAULO, 24 nov. 2002).

Criada em 1999, a Rede Pública de Televisão (RPTV) se constitui de faixas de programação transmitidas, simultaneamente, por todas as emissoras que integram a Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (ABEPEC¹¹⁴). A RPTV conta com 26 horas semanais, nas quais são exibidos desenhos infantis, documentários, *shows* e telejornais. A maior produtora de conteúdos da RPTV é a TV Cultura de São Paulo (CARRATO, 2005, p. 9-16). Segundo A. Fradkin: “esta programação não tem um caráter estritamente educativo, como ocorria no início das transmissões dessas emissoras. A tendência atual é a da transmissão de programas jornalísticos, culturais e de entretenimento, todos tendo a educação como fio condutor” (FRADKIN apud CARMONA; FLORA et al., 2003).

Tomando como exemplo a TV Cultura, já na segunda metade da década de 1990, 31% de sua programação era do gênero infantil, com vários programas de produções próprias e consagradas, o que evidencia o fato de a emissora investir naqueles que seriam os seus futuros telespectadores. Nesse mesmo período, as séries — várias delas para o público infantil —, na maioria importadas, ocupavam 24% da programação semanal, incluindo os documentários e os programas educativos. Ainda naquela década, o objetivo da emissora era a produção de programas educativos, que correspondiam a 15% da programação. O telejornalismo, constituído de telejornais, entrevistas e

¹¹⁴ Fundada no ano de 1998, sob a liderança dos então dirigentes da TV Cultura, e com apoio da direção das TVs educativas estaduais de 19 Unidades da Federação, para representar os interesses desse segmento junto aos respectivos governos e fazer frente às TVs comerciais (CARRATO, 2005, p. 2).

debates, preenchia 13% do tempo de exibição da emissora. Os programas musicais e de variedades empatavam com 5%, enquanto os filmes ficavam com 4% e os programas esportivos 3%. De longe, a TV Cultura é a que mais exhibe programas educativos na televisão brasileira (SOUZA, 2004, p. 80-81). Em 2003, a TVE Rede Brasil, seguida da TV Cultura, firmou parceria com o “National Geographic Channel para realizar intercâmbio de programação e projetos de co-produção de programas brasileiros e colaborações na área técnica e operacional” (FOLHA DE S. PAULO, 05 maio 2003).

Os jesuítas sempre tiveram interesse pela educação e a compreendem como evangelização, missão jesuíta que remonta ao século XVI. Para a Companhia de Jesus, educação “religiosa” é um tipo de educação ¹¹⁵, entre outros. O carisma dos jesuítas é realmente ensinar e não se restringe ao sentido “espiritual”, mas atende à formação integral da pessoa. Esse caráter está presente, em especial, na educação praticada nos colégios da Companhia (DOUGHERTY, 2004b).

Já na segunda metade do século XVI, os jesuítas construíram no Brasil três colégios: em Salvador, no Rio de Janeiro e em Olinda (CODES, 1998, p. 71). Nessas primeiras décadas de trabalho missionário no Brasil, como a espiritualidade ignaciana determinava que os padres não realizassem pessoalmente atividades temporais nem recebessem gratificação pecuniária a título pessoal por seu trabalho, a única maneira de obter o necessário para o próprio sustento era por meio de esmolas ou doações ou, coletivamente, através do ensino nos colégios da Companhia. No entanto, os colégios também serviriam como ponto de apoio espiritual e moral, e não apenas econômico: ali os padres se reuniam, viveriam, se dedicariam a suas práticas piedosas e, a partir dos colégios, buscariam os índios para intentar reduzi-los nas aldeias e, assim, realizariam a sua tarefa missionária (GONZÁLEZ, 2004, p. 486).

Atualmente, no Brasil, a Companhia conta com 14 colégios de ensino médio e fundamental e três universidades: a Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio); a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), em São Leopoldo/RS; e a Universidade Católica do Pernambuco (UNICAP), em (Recife/PE). No mundo, os jesuítas possuem cerca de 200 instituições de ensino

¹¹⁵ Até o século XIX essa separação não se fazia, porque na prática educativa dos jesuítas havia unidade entre educação religiosa e educação escolar.

superior, com 2,9 milhões de alunos¹¹⁶. Os colégios e as universidades jesuítas têm sido a principal fonte de recursos econômicos da ordem desde a sua fundação.

Um paralelo entre todo esse empreendimento — a fundação da Associação do Senhor Jesus, a obtenção da concessão de um canal de televisão, a produção de telenovelas cristãs (inclusive, para exportação) — e parte do que significa ser um jesuíta: dedicar-se à pregação e ao anúncio da fé católica revela que falta, aos carismáticos, e, por extensão, ao Padre Dougherty, a atuação na outra frente assumida como prioritária pelos jesuítas — a promoção da justiça.

Quando da fundação da Associação do Senhor Jesus, os programas protestantes já somavam quase duas décadas de presença na televisão brasileira. Somente mais de 20 anos depois, os católicos marcariam presença na televisão brasileira em rede nacional, por meio do programa “Anunciamos Jesus”, transmitido pela Rede Bandeirantes, tendo como seu principal apresentador o Pe. Eduardo Dougherty.

No dia de 12 de julho de 2009, domingo, aproximadamente vinte mil católicos participaram de uma missa campal, dos *shows* e das festividades realizadas — o que ratifica a Renovação Carismática também como movimento de massa¹¹⁷ — para comemorar os dez anos da TV Século XXI¹¹⁸, no Estádio da Ponte Preta, em Campinas. O evento ocorreu durante todo o dia, e a celebração foi presidida pelo arcebispo de Campinas, Dom Bruno Gamberini.

Tendo ao lado o Padre Eduardo Dougherty, presidente da TV Século XXI, o Arcebispo “destacou a importância da emissora e do uso dos meios de comunicação para evangelizar e educar. Dom Bruno lembrou também do papel importante que a emissora cumpre ao difundir o espírito católico e fortalecer os valores da família” (GAMBERINI, 2009).

O diretor da emissora, Frei Rinaldo Stecanella, que também esteve presente, afirmou:

O evento foi histórico: foram os primeiros dez anos de trabalho educativo, social e de evangelização, mas é fruto de um trabalho iniciado há mais de 30 anos pela Associação do Senhor Jesus, pioneira no País na comunicação católica. É também fruto da ascensão da renovação carismática na Região

¹¹⁶ Disponível em: <<http://www.jesuita.org.br/educacao-e-pesquisa/>>. Acesso em 18 ago. 2011.

¹¹⁷ A RCC no Brasil é o único movimento religioso católico contemporâneo capaz de aglutinar massivamente as camadas populares em seus eventos (DÁVILA, 2000, p. 50).

¹¹⁸ A TV Século XXI, com sede em Valinhos, está presente em 14 estados do País, transmitida por sinal aberto ou por cabo. Em São Paulo, 94 cidades recebem os sinais da emissora, 54 pelos sistemas VHF/UHF e outras 40 por operadoras de televisão por assinatura. Na cidade de Campinas, a TV Século 21 pode ser sintonizada nos canais 24 (Net) ou 30 (MMDS). (CORREIO POPULAR, 13 jul. 2009. Cidades p. 9).

Metropolitana de Campinas (RMC) e em todo o País (STECANELLA, 2009).

Com a concessão do canal educativo para a Associação do Senhor Jesus, o início das atividades do Canal TV Século XXI garantiu ao Padre Dougherty, seu fundador e presidente, maior presença na televisão, um dos mais importantes, talvez o principal, recurso midiático contemporâneo¹¹⁹.

O RECONHECIMENTO DA CNBB

O grupo idealizador da TV Século XXI, liderado pelo padre Eduardo Dougherty, para garantir o seu lugar social de destaque, necessitava conseguir, além da aceitação do público, alcançar o reconhecimento da hierarquia da Igreja. Como já foi mencionado, no início da década de 1980, o então Arcebispo de Campinas, Dom Gilberto Pereira Lopes, quando indagado pelo Padre Dougherty se lhe concederia autorização para constituir uma produtora nacional de televisão, negou o pedido.

Diante disso, o religioso decidiu procurar a CNBB. Nessa ocasião ocorreu o primeiro contato entre ele e a entidade, com o objetivo de solicitar a autorização para constituir uma empresa de alcance nacional, que daria suporte ao seu projeto televisivo. Nesse período, a CNBB era presidida por Dom Ivo Lorscheider e tinha como Secretário Geral o bispo, também jesuíta, Dom Luciano Mendes de Almeida¹²⁰, ambos de posições notadamente progressistas, o que os colocava em posição crítica em relação ao Movimento Carismático. Nessa época, a resistência ao Movimento Carismático e aos nascentes programas de televangelização era muito presente¹²¹. Trata-se do período imediato pós-ditadura, em que era hegemônica no Setor de Comunicação a posição política e religiosa da CNBB, compreendida como legítima representante do catolicismo no País. Havia o entendimento de que a opção por um tipo de comunicação alternativa, principalmente aquelas surgidas dentro do Movimento Popular — impulsionadas pela popularização dos temas da Campanha da Fraternidade

¹¹⁹ Para Pierre Bourdieu: “... a televisão pode, paradoxalmente, ocultar mostrando, mostrando uma coisa diferente do que seria preciso mostrar caso se fizesse o que supostamente se faz, isto é, informar; ou ainda mostrando o que é preciso mostrar, mas de tal maneira que não é mostrado ou se torna insignificante, ou construindo-o de tal maneira que adquire um sentido que não corresponde absolutamente à realidade”. (BOURDIEU, 1997, p. 24).

¹²⁰ Secretário Geral da CNBB, no período de 1979 a 1987; Presidente da CNBB no período de 1987 a 1995 e Vice-Presidente do Conselho Episcopal Latino-Americano (Celam), de 1995 a 1998.

¹²¹ Neste caso é possível aplicar o conceito de “campo de embate”, desenvolvido por Pierre Bourdieu. Para aprofundar, consultar Bourdieu, 1992.

que traduziam o sofrimento do oprimido — significava a garantia de uma ação pastoral unificada e libertadora, na concepção da CNBB. Não havia lugar para a corrente reacionária da Renovação Carismática Católica.

Os projetos sociais divergentes avançavam, cada qual com suas estratégias e com seus poderes aliados. Por fim, as divergências e as disputas herdadas do período altamente politizado da Igreja Católica no Brasil – anos 1960/1980 – levaram a CNBB a criar um novo instrumento para definir a política do Setor de Comunicações Sociais. Tratava-se da “Equipe de Reflexão” (ER).

Em seus relatos, o Padre Eduardo Dougherty alega que no Setor de Comunicação Social da CNBB não encontrou oposição, “*só aplausos*”. Mas o início das atividades da Associação foi fortemente questionado, com absoluta objeção ao seu projeto televisivo. Só mais tarde, na década de 1990, quando se obteve concessão da televisão, houve o reconhecimento do trabalho da Associação e o interesse no projeto, por parte de autoridades da Igreja.

A demonstração das investidas de Eduardo Dougherty e a resistência da CNBB ao projeto podem-se medir pelo número de pedidos negados. No ano de 1983, o religioso fez três pedidos de autorização à CNBB para o seu trabalho de evangelização na TV, “*como um serviço em prol de toda a Igreja*”, frase esta por ele constantemente repetida. Em novembro de 1984, pediu o aval da CNBB para conseguir financiamento para novos equipamentos, pois, com o reconhecimento, o Padre conseguiria recursos no exterior para fazer fortes investimentos na mídia eletrônica no Brasil. Mesmo com a intermediação do também jesuíta Dom Davi Picão, então bispo de Santos, um dos primeiros bispos a aderir ao Movimento Carismático no Brasil, o pedido de aval foi negado à Associação: “... seu propósito de oferecer uma alternativa televisiva à missa dominical ‘como um serviço para toda a Igreja’, para o qual conquistar o beneplácito da CNBB, acabou sendo rechaçado de uma vez por todas” (DELLA CAVA, 1991, p. 76).

A negativa foi o resultado da associação de dois fatores: o primeiro, o fato de o Pe. Eduardo Dougherty rejeitar a assessoria do Setor de Comunicação Social da CNBB; e o segundo, a objeção ideológica da Equipe de Reflexão da CNBB ao conteúdo dos programas televisivos da Renovação Carismática, sobre o qual o religioso assim se manifestou: “É certo que há um preconceito da Igreja contra a Renovação Carismática, dizendo ser ela espiritualmente alienante”. E afirmou ainda: “... que deseja mudar o vocabulário carismático do programa, pois a Associação pretende estar a serviço da Igreja, e ser... um momento de pregação às massas, um momento de catequese” (DELLA CAVA, 1991, p. 117).

Padre Dougherty “desejava não só melhorar a qualidade técnica do programa religioso da equipe – que, na forma de videotape de um segmento típico de quinze minutos foi mostrado aos membros da ER na reunião de setembro (de 1983), sendo por eles considerado fraco” (DELLA CAVA, 1991, p. 78). Além disso,

o programa da TV “Anunciamos Jesus”, patrocinado pela Associação do Senhor Jesus, produzido e gravado pelo Jesuíta, Pe. Edward Dougherty, em Campinas, São Paulo, vai ao ar todos os sábados desde 1983, em 9 emissoras do país, numa linha desencarnada, pentecostal, espiritualista, autoritária e verticalista, contrária à caminhada pastoral da CNBB. (DELLA CAVA, 1991, p. 80).

A manifestação da Equipe de Reflexão concluía de forma ainda mais dura: “que em circunstância alguma a CNBB deveria fortalecer essa prática evangelizadora, de quem não quer sua assessoria, não soma esforço na sua caminhada pastoral e caminha na linha reprovável das seitas [pentecostais]”. (DELLA CAVA, 1991, p. 80).

A maioria dos membros da Equipe de Reflexão demonstrava um claro envolvimento com a Teologia da Libertação, e a resposta ao Pe. Eduardo Dougherty não poderia ser diferente. Sob a interpretação da Teologia da Libertação, só é possível compreender a ação de Deus na história a partir da prática coletiva e social da religião, em contraposição à visão dos carismáticos, que insistem na dimensão pessoal e intimista da relação com Deus. Para a Equipe de Reflexão, isso os faz não enxergar as desigualdades como consequência de uma estrutura injusta e os aproxima das seitas fundamentalistas. Ademais, a clara opção pelos ricos e uma concepção personalista e hierárquica de Igreja também contribuíram para a objeção da comissão.

Durante a década de 1980, a Teologia da Libertação perdeu a hegemonia, e começou a verificar-se no interior da Igreja certa tensão entre os que defendiam um modelo de comunicação socialmente engajado e os partidários de uma comunicação intimista, voltada para explicitação da fé e do louvor. Havia, por parte de muitos, a preocupação com a preservação do especificamente católico, para, ao mesmo tempo, fazer frente às “seitas” e ser capaz de responder às necessidades religiosas das pessoas, principalmente entre as classes médias urbanas. Essa nova tendência ganhou muito espaço nos anos 90, não só nos meios impressos, mas, sobretudo, nos meios eletrônicos (CNBB, 2005, p. 26).

Havia, nesses anos, por parte dos bispos brasileiros, uma acentuada desconfiança em relação à Renovação Carismática Católica e um crescente medo do aumento das igrejas evangélicas. A desconfiança explica-se por vários motivos, entre os quais se destacam:

- a origem pentecostal do Movimento, com clara semelhança entre os ritos e as orações nele praticados e as expressões litúrgicas próprias dos protestantes (pentecostais);
- o fato de a Renovação ter significado, nesse período, menos a porta de entrada ou de retorno de católicos *desgarrados* e mais a migração de fiéis católicos para outras Igrejas cristãs;
- a origem estadunidense do Movimento, vindo ao Brasil justamente no período de ditadura militar, e que não apresentava nenhuma resistência ao regime autoritário.

A preocupação da CNBB com o Pentecostalismo também se fazia presente desde a década de 1970. Em meados de 1973, preocupada com os rumos e a ascensão do Movimento, a CNBB apoiou o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS) no desenvolvimento de um projeto de pesquisa sobre o “Pentecostalismo no Brasil”, do qual resultaram dois relatórios: um sobre o pentecostalismo protestante e o outro sobre o pentecostalismo católico. Deste último, originou-se uma obra chamada: *Renovação Carismática Católica — uma análise sociológica/interpretações teológicas*, organizada pelo sociólogo Pedro Ribeiro de Oliveira (OLIVEIRA et al., 1978).

Este foi um dos primeiros trabalhos acadêmicos realizados sobre o Movimento Carismático no Brasil, publicado em 1978 pela editora Vozes, e traz a gênese da Renovação Carismática Católica, a sua proposta, o seu desenvolvimento no Brasil e a sua relação com a hierarquia da Igreja; o depoimento de religiosos e leigos, membros do Movimento; os quadros estatísticos acerca da Renovação Carismática; a análise das letras das músicas, das orações e da prática religiosa do Movimento (os dons e os carismas); uma pequena bibliografia comentada, além das considerações sociológicas do organizador e as reflexões teológico-pastorais de três teólogos católicos: Frei Leonardo Boff, Pe. J. B. Libanio e Pe. Estêvão T. Bettencourt.

Nesse trabalho, as principais conclusões relativas à composição dos Grupos de Oração, inferidas a partir da pesquisa de campo com trezentos deles em todo o Brasil e mil e oitocentos questionários, foram as seguintes:

- predominam as mulheres, porém de modo menos acentuado entre seus dirigentes;

- predominam as pessoas adultas, sobretudo entre os dirigentes;
- predominam pessoas vindas da classe média, sendo as lideranças originárias dos níveis sociais mais altos.

Conforme a “Estatística do Culto Protestante”, em 1960 e 1970, dentre os membros das Igrejas evangélicas, 37% e 48,1%, respectivamente, eram pentecostais. Números que são mais significativos ao levar-se em conta que a denominação “pentecostal” teve início no Brasil apenas em 1910 (OLIVEIRA et al., 1978, p. 7).

Se, por um lado, a liderança do Movimento Carismático percebeu a necessidade de firmar-se como um Movimento eclesial presente na vida da Igreja e, ao institucionalizar-se, aproximou-se e apoiou-se acintosamente na hierarquia, por outro, parte dessa mesma hierarquia, preocupada não apenas com o fenômeno pentecostal e as suas implicações, mas também com a passagem de católicos para as Igrejas pentecostais e neopentecostais¹²², ou seja, com a diminuição do número de fiéis católicos, começava a ver com simpatia a Renovação.

Essa posição é criticada por L. Boff: “A hierarquia pode cair na tentação fácil de apoiar aqueles grupos por critérios de pouco alcance: porque são piedosos, animadores da vida paroquial e da vida cristã em geral, porque não se opõem, mas antes pelo contrário, reforçam a estrutura atual da Igreja etc.” (OLIVEIRA et al., 1978, p. 183).

Na década de 1990, apresentou-se um novo quadro político para a Igreja Católica: a direção da CNBB passou por uma brusca mudança – assumiu a Presidência da Conferência o dominicano Cardeal Dom Lucas Moreira Neves¹²³ (1925/2002), prelado notadamente conservador, cujo mandato se estendeu de 1995 a 1998.

¹²² Segundo dados do IBGE:

	<u>CATÓLICOS</u>	<u>PENTECOSTAIS</u>
1980	105,9 milhões	3,9 milhões
1991	122,4 milhões	8,8 milhões
2000	125,52 milhões	18,0 milhões

(O ESTADO DE S. PAULO, 17 abr. 2005. H2 Especial).

¹²³ O Cardeal Dom Lucas Moreira Neves era “mineiro de São João Del Rey e primo do ex-Presidente Tancredo Neves, [...] Ele conheceu João Paulo II, em 1974. [...] Cardeal Primaz do Brasil (é o Arcebispo de Salvador, a primeira arquidiocese criada no Brasil), D. Lucas ocupa hoje oito cargos no Vaticano. No início deste ano, D. Lucas chegou a ser apontado por vaticanólogos como um dos prováveis sucessores do papa. Arcebispo de Salvador (BA) desde 1987, D. Lucas passou 13 anos em Roma: depois de presidir o Conselho para os Leigos, ele também foi Secretário da Congregação para os Bispos. Como executivo dessa Congregação, influiu na nomeação de mais de cem dos atuais bispos brasileiros – mais de um terço dos eleitores da Assembleia da CNBB. [...] Bispo – Auxiliar de São Paulo entre 1967 e 1974, D. Lucas teve chance de ser eleito para a presidência da CNBB em 1991: a reeleição de D. Luciano Mendes de Almeida só foi garantida após uma terceira rodada de votações. Em 1991, a Chapa encabeçada por D. Lucas

No Brasil, nesses mesmos anos, a parcela da sociedade organizada em movimentos e partidos progressistas, em especial o sindicalismo, depois de assumir postura de confrontação com o empresariado e com o governo, colocou-se em posição defensiva diante da crise econômica (ALMEIDA, 1996, p. 32). Vivia-se no País o reflexo dos reveses sofridos mundialmente pelo socialismo, ao mesmo tempo que a onda neoliberal chegava ao Brasil, com a privatização das empresas públicas e a tentativa de minimização do Estado, fomentadas no governo do Presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB), a partir de 1995.

Também o desencanto político pós-ditadura e a constatação dos limites da democratização, por si só, como processo capaz de promover transformações socioeconômicas profundas imediatas, provocaram refluxo nas forças brasileiras de esquerda.

Ademais, nos anos de 1990 já era possível sentir as consequências da onda neoconservadora, deflagrada no início dos anos 80 pela cúpula da Igreja Católica — sob a liderança do Cardeal Joseph Ratzinger, com o aval do Papa João Paulo II —, combatendo de maneira sistemática a Teologia da Libertação, minando, assim, as bases da Igreja popular no Brasil e em toda a América Latina.

Essa realidade ficou evidente na 4ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, ocorrida em Santo Domingo (1992), na República Dominicana. Esta conferência ratificou a opção preferencial pelos pobres, assumida em 1968, em Medellín e proclamada em 1979, em Puebla. Mostrou a juventude como uma das maiores vítimas da situação socioeconômica injusta presente no subcontinente. No entanto, as discussões em torno do tema da inculturação e do processo de evangelização da América Latina assumiram lugar central nesta reunião dos bispos, deslocando o enfoque da libertação para o debate sobre a cultura. Para o teólogo Oscar Beozzo, esse fato significou: “... uma importante mudança na ‘leitura’ ou ‘releitura’ da realidade cultural e religiosa do continente” (BEOZZO, 1994, p. 309). De modo que “o problema de fundo em Santo Domingo não era mais o pobre e sua libertação, mas a cultura moderna e seu secularismo” (SOFIATI, 2009, p. 135).

chegou a ser conhecida como ‘a chapa do Papa’. Ao lado do Cardeal-Arcebispo do Rio, D. Eugênio Sales, D. Lucas foi um dos maiores adversários da Teologia da Libertação [...] ele afirmou ser ‘contra apenas a Teologia da Libertação de caráter marxista.’ [...] e que ‘o marxismo havia fracassado em todos os setores.’ [...] Na Arquidiocese de Salvador, D. Lucas tem procurado conter o sincretismo religioso – a mistura de ritos católicos e ritos africanos. Na Bahia, D. Lucas foi criticado por diversas lideranças negras, que o acusam de ‘não assumir a sua condição de negro’”. (FOLHA DE S. PAULO, 16 maio 1995, p. 1-15).

Nesse contexto, cresceu o apoio oficial à Renovação Carismática, ao mesmo tempo que a Teologia da Libertação entrava em crise. O seguinte trecho de carta enviada pelo Cardeal, Dom Lucas Moreira Neves, ao Padre Eduardo Dougherty comprova essa constatação:

... impossibilitado de manifestar-lhe mais operativamente nesta batalha sem tréguas, nem fronteiras, estou em profunda comunhão com você pela oração! Invoco de coração o Espírito de Jesus Ressuscitado para que você possa prosseguir na obra que começou só por amor ao Nome e a serviço da Igreja missionária (ANUNCIAMOS JESUS, jun. 1995).

O referido Cardeal via com simpatia a possibilidade de a TV Século XXI representar uma alternativa frente aos canais comerciais, pois Dom Lucas Moreira Neves ficou conhecido pelas suas fortes críticas à programação da televisão brasileira, principalmente quanto ao aspecto que envolve a moral sexual.

Padre Eduardo Dougherty contava com outros aliados no conjunto dos prelados brasileiros. Exemplo disso é o Arcebispo de Salvador/BA, Dom Murilo Krieger¹²⁴ — membro do Conselho da Associação do Senhor Jesus — que atualmente grava programas para a TV Século XXI e foi também Vice-Presidente do Regional Sul II da CNBB, que compreende as dez dioceses do estado de Santa Catarina.

Da sua relação com o Movimento Carismático Católico, segundo o próprio bispo:

Já como padre, acompanhava e orientava pessoas ligadas à Renovação Carismática Católica. Nunca participei diretamente do Movimento. Como bispo, por dever de ofício, acompanho os passos da Renovação Carismática na Arquidiocese de Florianópolis (KRIEGER, 2005).

Para evitar este receio de membros da hierarquia da Igreja serem tidos como participantes da RCC, desde o início do Movimento Carismático Católico, o Cardeal Suenens¹²⁵, um dos seus principais teólogos, fazendo uso de sua influência na Cúria Romana, procurou imprimir à Renovação Carismática Católica o caráter de espiritualidade universal, e não de movimento eclesial. Supõe-se que ele já temesse as divisões, as controvérsias e os conflitos. As autoridades eclesiais,

¹²⁴ Minibiografia no final do trabalho.

¹²⁵ Leo-Jozef Suenens nasceu em Ixelles, na Bélgica, no ano de 1904. Foi arcebispo de Malinas-Bruxelas de 1961 a 1979, tendo sido nomeado cardeal em 1962. Também presidiu a Conferência Episcopal Belga. Favorável à abertura da Igreja Católica, foi um dos quatro moderadores nomeados pelo Papa Paulo VI para participar do Concílio Vaticano II (1962/1965). As suas principais obras sobre a RCC, que recebeu o seu apoio desde o surgimento, são: *Espírito Santo nossa esperança* (1975); *A experiência de Pentecostes* – em coautoria com outros autores (1976); *Orientações teológicas e pastorais da Renovação Carismática Católica* - Org. (1976); *Repouso no espírito: um fenômeno controvertido* – em coautoria com Pe. Aldunate (1991); *A Renovação Carismática: um novo pentecostes* (1996). Em 1996, o Cardeal Suenens morreu em Bruxelas.

mesmo envolvidas com um determinado movimento, evitam ser identificadas com ele, porque isso poderia gerar discriminações e preconceitos.

Dom Murilo Krieger participou da Associação do Senhor Jesus desde 1987. Mais tarde, por vários anos, participou, também, do programa “A palavra de Deus”. Este foi o segundo programa produzido pela Associação do Senhor Jesus. Além de ter gravado muitos outros programas, sobre temas diversos, Dom Murilo escreve mensalmente para a revista *Brasil Cristão*.

Recentemente, ministrou um Curso de Mariologia — parte da Teologia que estuda Maria, Mãe de Jesus, segunda pessoa da Trindade —, na TV Século XXI. O Programa conta com duas partes: a primeira, com trinta e seis aulas, em que é apresentada uma síntese do que a Palavra de Deus e a Igreja ensinam a respeito de Maria. Já a segunda parte, com número de programas ainda não definidos, responderá a perguntas dos telespectadores sobre Maria (KRIEGER, 2005).

Quando indagado sobre o relacionamento entre o Colégio Episcopal brasileiro e o Movimento Carismático, o prelado afirmou que a grande maioria aceita a Renovação Carismática. Tanto isso é verdade que a Renovação está presente em quase todas as dioceses do Brasil. Mas, segundo ele, isso não significa que os bispos tenham aderido à Renovação, pois o bispo não tem condições de se ligar a nenhum movimento, mas deve orientar a todos. Um ou outro bispo se dedica mais a este ou àquele movimento, até assumindo alguma responsabilidade em nível regional ou nacional. Mas isso não significa que “pertença” àquele movimento.

Quanto à ligação dos bispos brasileiros com a Associação do Senhor Jesus, Dom Murilo afirmou:

Há vários níveis de participação dos bispos na vida da Associação: por exemplo, já há vários anos, cada número da revista Brasil Cristão traz uma reportagem com um dos bispos da CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Outro nível de participação é o daqueles que vão a Valinhos para gravar. Esses são em menor número, ou porque não se sentem capacitados para esse trabalho, ou pelo problema das distâncias, do tempo que necessitariam para isso, etc. (KRIEGER, 2005).

A posição cautelosa em relação ao Movimento Carismático por parte dos membros da CNBB expressou-se quando os bispos brasileiros reunidos em Assembleia Geral, no ano de 1994, publicaram um documento¹²⁶ sobre a Renovação Carismática Católica, no qual concluíram:

Reconhecendo-se a presença da RCC em muitas dioceses e também a contribuição que tem trazido à Igreja no Brasil, é preciso estabelecer o diálogo fraterno no seio da comunidade eclesial, apoiando o sadio pluralismo, acolhendo a diversidade de carisma e corrigindo o que for necessário. (CNBB, 1994, n. 19, p. 17).

E continuam:

Haja muito discernimento na identificação de carismas e dons extraordinários. Diante das pessoas que teriam carismas especiais, o juízo sobre sua autenticidade e seu ordenado exercício compete aos pastores da Igreja. A eles em especial cabe não extinguir o Espírito, mas provar as coisas para ficar com o que é bom. (cf. 1Ts 5, 12.19.21) ... (CNBB, 1994, n. 57, p. 27- 28).

Ao comentar a relação entre a Associação do Senhor Jesus e a CNBB, os membros da Renovação Carismática Católica no Brasil conhecem e se orientam pelo Documento no. 53 da CNBB (CNBB, 1994). Dom Murilo Krieger afirmou: *“Sem dúvida, o Documento 53 tem servido para a Renovação Carismática como uma orientação clara e segura. Se todos seguem esse documento, não teria condições de responder. Sem dúvida, a maioria o segue”* (KRIEGER, 2005). Ressaltou ainda, na mesma entrevista, que *“a Renovação Carismática tem trazido novo dinamismo e entusiasmo para a vida de muitos cristãos e comunidades”*.

Outro aliado do Padre Eduardo Dougherty na CNBB é o Arcebispo de Palmas/TO, Dom Alberto Taveira Corrêa, nascido em maio de 1950, mineiro de Nova Lima/MG. No Movimento desde 1974, atuou como Assistente Nacional da Renovação Carismática, a pedido de Dom Luciano Mendes de Almeida, tendo permanecido no cargo durante a presidência de Dom Lucas Moreira Neves, de 1995 a 1998 (BRASIL CRISTÃO, jul. 2002, p. 5-6).

¹²⁶Os bispos do Brasil, preocupados com o crescimento e os rumos do Movimento Carismático, elaboraram no início da década de 1990 o referido Documento, o qual se destinou à orientação tanto dos seus membros como das suas lideranças, sobretudo em relação a temas polêmicos e controversos, como: o exorcismo, as curas e a glossolalia. Esse Documento recebeu o nome de *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. (CNBB, 1994). Depois disso, *“não houve alguma nova manifestação da Conferência dos Bispos sobre a Renovação Carismática”*. (KRIEGER, 2005).

Para este prelado, o fato de a CNBB ter elaborado um documento especial sobre a Renovação Carismática¹²⁷ — o único Movimento que possui um documento específico — já revela a importância que os carismáticos têm para os bispos do Brasil. E continua: “Pode ser que o bispo, na função dele, em seu discernimento, muitas vezes, tenha que questionar uma forma ou outra de exageros, mas de modo geral sinto que ela está sendo muito bem acolhida pelo Brasil” (CORRÊA, 2002).

Em 1992, período em que Dom Luciano Mendes de Almeida era o Presidente da CNBB, José Monteiro Filho, fundador da Rede Vida de Televisão, também teve dificuldade em convencer a CNBB a aprovar o seu projeto televisivo. Desde a sua fundação, em 1952, tendo como seu primeiro Secretário Geral, Dom Hélder Câmara, um de seus fundadores, a CNBB atuou de modo bastante engajado nas lutas sociais em favor dos trabalhadores.

Em 2004, nove anos depois de deixar a presidência da Conferência, em entrevista à Revista *Brasil Cristão*, Dom Luciano, declarou:

... Aprecio muito a realização dos outros canais católicos, que coloco ao lado da TV Século XXI, empreendida pela Associação do Senhor Jesus, esperando que até outras (pessoas) mais possam mais se associar, para que a mensagem do Evangelho seja difundida não só pela pregação oral, não só pelas missões populares, não só pelas mensagens escritas, jornais, revistas, etc., mas também como hoje é tão importante para a nossa geração a divulgação por meio da televisão (ALMEIDA, 2004).

No ano de 2003, Dom Celso Queiroz, que foi padre da Arquidiocese de Campinas e ocupou o cargo de Secretário Geral da CNBB (1987 a 1995) e de Vice-Presidente da CNBB (2003-2007), também declarou:

Acho que a evangelização através dos meios de comunicação é algo muito importante e fundamental. [...] Porque o que não aparece na televisão, na nossa cultura moderna, não existe! [...] Muitas vezes, assim como não gostamos de certos programas de outros canais, não os católicos, e ‘torcemos o nariz’ para eles, assim os nossos canais católicos, com seus programas, estarão sujeitos a este tipo de julgamento a este tipo de escolha (QUEIROZ, 2003).

¹²⁷ Pelo número de adeptos no Brasil, a dimensão do Movimento é significativa. Porém, a existência desse Documento de Orientação não se explica apenas por esse motivo, mas, também, e principalmente, pela preocupação dos bispos brasileiros com os rumos da Renovação Carismática. Isso se comprova, porque, por ocasião da elaboração do Documento, a Conferência pretendia: “... evitar o excesso quanto à avaliação do poder do mal e, conseqüentemente, não presumir ter o poder de expulsar demônios [...] que a Renovação Carismática assuma a Opção Preferencial pelos Pobres, que assumam a dimensão social da fé, que não explore a emotividade, não acentue carismas secundários e não presuma ter carismas extraordinários” (CORREIO POPULAR, 19 abr. 1994. Geral, p. 8).

Outro fato que também demonstra a aproximação da Renovação Carismática com a CNBB é a TV Século XXI ter-se prontificado a colaborar com os projetos de evangelização da CNBB. Os bispos reunidos, em maio de 2003, escolheram o tema: “*Queremos ver Jesus*”, para o quadriênio (2003-2006), que procuraria traduzir na prática as grandes linhas das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da CNBB e giraria em torno de dois conceitos: “evangelizar” e “proclamar a boa nova de Jesus Cristo”, de modo que a Igreja não fique indiferente diante dos muitos batizados que nunca foram incluídos na vida cristã, principalmente os pobres e necessitados de todos os tipos.

A Associação do Senhor Jesus tem participado de todas as reuniões promovidas pelo Departamento de Comunicações da CNBB para as televisões católicas. E também tem marcado presença todos os anos, juntamente com as outras emissoras católicas, na Assembleia Anual da CNBB, realizada todo mês de abril no Bairro de Itaici, em Indaiatuba, município da Região Metropolitana de Campinas.

A cada quatro anos, nessa mesma Assembleia, os bispos realizam a eleição dos responsáveis para os diversos serviços da CNBB, reveem as Diretrizes implementadas no quadriênio anterior e promulgam as Diretrizes para um novo período de igual tempo. Para os anos de 2003-2006, o objetivo geral da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil foi assim formulado:

EVANGELIZAR proclamando a Boa Nova de Jesus Cristo, caminho para a santidade, por meio do serviço, diálogo, anúncio e testemunho de comunhão, à luz da evangélica opção pelos pobres, promovendo a dignidade da pessoa, renovando a comunidade, formando o povo de Deus e participando da construção de uma sociedade justa e solidária, a caminho do Reino definitivo. (ARQUIDIOCESE..., 2003, p.73).

Embora o Colégio Episcopal não possua o mesmo perfil político-pastoral das décadas de 1970/1980, persiste clara distinção entre a forma de atuação da CNBB - práxis¹²⁸ - e as atividades da Renovação Carismática no Brasil. À medida que crescem a colaboração e o trabalho conjunto entre a Conferência dos Bispos e a Associação do Senhor Jesus, a tendência é que essas diferenças deixem de ter o mesmo peso que já possuíram no passado.

¹²⁸ Conceito de origem marxista muito utilizado nos ambientes eclesiais, que consiste na prática refletida ou na síntese entre teoria e a prática. Porque se parte da premissa de que, para cada prática pastoral (trabalho litúrgico, sacramental e de organização dos fiéis) e social (forma de encarar e agir diante dos problemas sociais, por exemplo), há uma concepção político-teológica que lhe dá fundamentação.

CONCLUSÃO

A trajetória do Pe. Eduardo Dougherty, da Associação do Senhor Jesus e da TV Século XXI, objeto desta dissertação, só pode ser bem entendida no contexto político brasileiro e das lutas internas da Igreja Católica e aliada ao estudo do Pentecostalismo Católico inserido nos movimentos de contracultura surgidos no final da década de 1960. Pe. Dougherty, como o pentecostalismo, expressa um modelo de Igreja importado dos EUA, cuja realidade em muito se diferenciava da brasileira dos anos 60. Se, na América do Norte, a satisfação das necessidades básicas da maioria levou as pessoas a procurar o pentecostalismo católico para dar-lhes sentido à vida, na América Latina, a miséria e a ausência do Estado nos serviços essenciais têm conduzido grande número de fiéis aos quadros da Renovação Carismática Católica em busca de milagres e curas.

Esta, ao lado de outros movimentos, significou, no âmbito da Igreja Católica, a tentativa de inserção dos leigos na estrutura eclesial, no contexto da renovação litúrgica e bíblica do período pós-conciliar.

No caso brasileiro, foi justamente nesse período, que coincidiu com a ditadura militar, que — incentivados pelo governo norte-americano e pelos organismos internacionais — mais cresceram os movimentos conservadores, comprometidos com a crítica ao comunismo, entre eles a RCC, por significarem a possibilidade de atrair para a Igreja os católicos *só de nome*.

A desaprovação inicial da CNBB revelou o conflito, no interior da Igreja, provocado pelo surgimento da RCC no Brasil. Sua aprovação geral depois de 20 anos de disputa da Renovação Carismática com as autoridades da Igreja não impediu a existência, em cada diocese, de vários conflitos. Pois, se não há grandes contradições no que diz respeito à Doutrina da Fé, há diferenças marcadas na prática pastoral (LIBANIO apud OLIVEIRA et al., 1978, p. 203-204).

Diante da insegurança em que se vive nas grandes cidades, marcada pelo anonimato e pela solidão, a RCC restitui a identidade, num espaço religioso pouco heterogêneo, em que se oferece a ideia de segurança, sem questionamentos e provocações. Calcada no subjetivismo, propõe soluções mágicas como forma de enfrentar problemas objetivos, fazendo da experiência religiosa um afastamento do mundo real. De caráter intimista, o Movimento Carismático pode representar uma alternativa ao movimento de libertação no sentido mais profundo do que fora assumido em

Medellín, esvaziando, dessa maneira, a dimensão pastoral libertadora da Igreja latino-americana (LIBANIO apud OLIVEIRA et al., 1978, p. 205-206).

No interior da Companhia de Jesus, cujos membros são muito intelectualizados, a maioria não participa da Renovação Carismática Católica ou dela fazem parte em segredo, para não serem criticados (DOUGHERTY, 2004a). Entre os religiosos intelectuais, a atitude da maioria é desfavorável à RCC (QUEVEDO, 2006). Não se pode esquecer que os jesuítas, no Brasil, durante o século XX, estiveram muito mais comprometidos com a criação de colégios e universidades destinados aos filhos das elites e muito menos ligados a obras sociais. Hoje justificam sua crítica ao pentecostalismo por verem nele uma aproximação das práticas próprias às seitas protestantes.

Há, por outro lado, uma crítica não formal, tácita, no ambiente jesuítico da Província do Brasil Centro-Leste, vinda, sobretudo, do grupo ligado aos Movimentos Populares e à Teologia da Libertação, de que, sob o ponto de vista pastoral, parte dos métodos utilizados pela Renovação Carismática talvez não seja o que mais responda à realidade brasileira e latino-americana (QUEVEDO, 2006). Pe. Dougherty cultiva o espírito ignaciano a seu modo, o que evidentemente faz parte da sua formação; além disso, é ele o Superior da Comunidade de Padres e Irmãos que reside no Centro Social Presidente Kennedy, em Campinas. Para ele, seu relacionamento com seus companheiros de Ordem na província é cordial, marcado por respeito mútuo. Em suma, apesar das diferenças, prevalece a unidade jesuítica.

A combinação entre a espiritualidade ignaciana, os Exercícios Espirituais e a Renovação Carismática foi possível porque há, no interior da Companhia de Jesus, adeptos deste Movimento — na realidade, um grupo maior que o que aparenta ser, porque existem os “carismáticos anônimos”. O então Superior Geral da Companhia de Jesus, o padre holandês, Peter-Hans Kolvenbach, sobre isso afirmou aos jesuítas “carismáticos”, reunidos na Cúria Generalícia, em maio de 2000: “Pode-se dizer que a Experiência dos Exercícios Espirituais é, com efeito, verdadeiramente pentecostal, com suas consolações e desolações, suas moções e sua eleição, por mais que Ignácio não nos convide a contemplar o acontecimento de Pentecostes” (REVISTA DE ESPIRITUALIDADE INACIANA, mar. 2002, p. 66).

A Espiritualidade Ignaciana fundamenta-se no discernimento das moções interiores, ao passo que a Renovação Carismática busca compreender as emoções vivenciadas. Há, aí, um ponto de contato entre essas espiritualidades. Ademais, os Exercícios auxiliam o exercitante, depois de cuidadosa eleição, a decidir sobre os rumos da própria vida, sempre à procura do que é resultado de

discernimento como a “Vontade de Deus”. É por essa razão que o Pe. Dougherty insistiu na consecução dos seus objetivos e projetos.

Os padres formadores têm tido dificuldade quando se deparam com jovens em formação, adeptos do Movimento Carismático. A Renovação Carismática tem suprido a Companhia de Jesus, outras ordens e congregações religiosas e também as Dioceses com vocações sacerdotais e religiosas, pois os membros da Renovação Carismática que ingressam na vida religiosa acabam adaptando-se às normas mais gerais da Igreja. Isso acontece porque, embora haja distinção na forma de expressão da fé, não há diferenças doutrinárias entre o Movimento e o que prega a tradição da Igreja.

Desde o início a Renovação Carismática tem contado com a assessoria de teólogos de renome, todos bem vistos pela Cúria Romana, como: Yves Congar, um dos principais teólogos do Concílio Vaticano II; F. Sullivan, professor da Gregoriana; Aldunate; Cardeal Suenens; e, principalmente, um dos maiores conhecedores da teologia do Espírito Santo, o teólogo alemão Heribert Mühlen. Isso fez com que a parte estritamente teológica seja bem fundamentada e resista às críticas (LIBANIO apud OLIVEIRA et al., 1978, p. 201), além de estar, este Movimento, coerente com o projeto mais conservador, adotado pela Igreja Católica depois da morte de João XXIII.

A inserção da Igreja Católica nos meios de comunicação social significou uma resposta à presença dos pentecostais protestantes na mídia. A partir da década de 1990, cresceu sobremaneira o número de canais e programas religiosos, católicos ou neopentecostais, presentes na televisão brasileira, sendo cada vez mais acirrada a concorrência entre eles. Trata-se de uma disputa dentro do mercado religioso, também chamada de “Guerra Santa”.

As empresas religiosas têm servido a interesses privados e/ou partidários. Porque não tem sido incomum o uso das telas da televisão católica para a promoção pessoal, seja de profissionais liberais, apresentadores de TV, atores e cantores. Também têm-se aproveitado dessa oportunidade religiosos e autoridades eclesiais que, na busca de prestígio e legitimação de seus propósitos, se utilizam do aparato de comunicação dos canais religiosos.

Para atingir esses interesses, os pregadores, os teóricos e os empresários convertem princípios e valores cristãos históricos em bandeiras políticas, usando o nome de Deus, a autoridade e a influência da Igreja e a boa fé dos fiéis telespectadores para obter prestígio e poder político, no interior da Igreja Católica ou fora dela. Os partidos políticos e os parlamentares também se têm aproximado das lideranças do Movimento Carismático e, com seu apoio, têm tido presença

garantida na programação religiosa católica, como forma de conquistar eleitores e manter-se no poder.

A crítica mais contundente que se pode fazer ao Movimento Carismático é, pois, que suas lideranças, no que tem a ver com as questões político-sociais, tomam partido do explorador, uma vez que, ao recusar-se a tratar das desigualdades presentes na realidade histórica, assumem o lado do mais forte. Essa posição aparece de forma ainda mais clara quando se trata de apoiar algum político em tempos de eleições. Nesse momento, aproveitando-se da ingenuidade e da crença de seus fiéis, trabalham para eleger aqueles que vão defender os interesses dos dirigentes das empresas religiosas nas Câmaras Municipais, nas Assembleias Legislativas ou mesmo no Congresso Nacional. Esses políticos, entretanto, não se configuram como candidaturas populares, nem se vinculam a mandatos participativos, depois de eleitos.

A RCC combina elementos da modernidade - como o uso de sofisticadas tecnologias - com as novenas, as horas de adoração à Eucaristia, a veneração aos santos, a devoção a Maria e a reza do terço, que fazem parte da tradição da Igreja Católica. Assim, apesar de sua aparência moderna, revela posição conservadora em relação à moral sexual e econômica e à realidade social.

O uso de técnicas de *marketing* pela Renovação Carismática não recebe, principalmente por parte do Vaticano, a mesma carga de crítica que recebeu o uso de conceitos marxistas pelos Teólogos da Libertação. Isso quer dizer que considerar Jesus e a salvação como um produto e a fé cristã como uma mercadoria não tem causado desconforto à alta hierarquia da Igreja Católica. Isso se explica porque a RCC não ataca as bases clericais e a estrutura hierárquica da Igreja.

Os carismáticos são acusados pelos grupos ligados à Teologia da Libertação de promover a alienação política e de não se engajarem na luta pela transformação social do País, embora os membros do Movimento e as suas lideranças sigam dizendo que atuam no campo social por intermédio de suas obras assistenciais. Esse tipo de atuação, apesar do seu valor, apresenta limites em relação à transformação estrutural da sociedade. A análise da situação de miséria e desigualdade social de nosso País, feita pelos teóricos e pelos pregadores da Renovação Carismática, constitui-se em críticas genéricas à ganância e ao apego aos bens materiais por parte das pessoas. O fato de o progresso material ser sido considerado pela direção do Movimento como uma bênção de Deus (Teologia da Prosperidade) contribui para negar qualquer condenação da acumulação que possa aparecer nos discursos.

O que este estudo se propôs a mostrar é a forma como o Movimento Carismático, ausente das lutas sociais em favor dos trabalhadores, abriga em seus quadros um considerável número de empresários, principalmente entre as lideranças do Movimento, de modo que, na sua pregação, esse segmento leva para o campo da consciência o tratamento com os trabalhadores, evitando qualquer crítica à exploração capitalista e à desigualdade social por ela gerada. Sendo assim, a Renovação Carismática Católica e suas organizações de base, entre elas a Associação do Senhor Jesus, pregam apenas a conversão pessoal como método de transformação social, como se fosse possível à somatória das conversões individuais romper com as estruturas sociais de opressão e exploração.

Constatou-se na pesquisa a discrepância, por vezes, entre a forma como o Movimento Carismático encara o trabalho de evangelização e a maneira como o faz o episcopado brasileiro, porque, enquanto os primeiros veem os pobres como objeto de suas obras assistenciais e possíveis simpatizantes do movimento, os últimos os consideram os principais agentes de transformação social, inspirados tanto pela Teologia da Libertação, como também pelas conclusões do Sínodo Latino-Americano dos Bispos, em 1979, na cidade de Puebla, no México, em que se declarou a *opção pelos pobres*. Todavia, a aprovação ao Movimento, oferecida nos últimos anos pela CNBB, nega a divergência.

A glossolalia (falar em línguas), os exorcismos e as curas são as práticas do Movimento que mais suscitam preocupação nas autoridades da Igreja Católica. A principal novidade do Movimento Carismático concentra-se no aspecto litúrgico e parte das orientações e das advertências também aí se encontram. Sobre a oração em línguas, os bispos afirmaram que os destinatários da oração em línguas são o próprio Deus e a comunidade, pois o apóstolo Paulo ensina: “Numa assembleia prefiro dizer cinco palavras com minha inteligência para instruir também aos outros, a dizer dez mil palavras em línguas” (1Cor 14,3). Isso porque é difícil discernir, na prática, entre a inspiração do Espírito Santo e os apelos do animador do grupo reunido, de maneira que os bispos advertem para que não se incentive a oração em línguas e nunca se fale em línguas sem que haja intérprete. Apesar das recomendações da CNBB em relação à glossolalia, Pe. Eduardo Dougherty afirmou que é preciso ser humilde e estar disposto a adorar a Deus, mesmo sem entender as palavras que são pronunciadas.

Já sobre o dom da cura, a CNBB afirma que Deus dá a algumas pessoas um carisma especial de cura, para que seja manifestada a força da graça do Ressuscitado. Esclarece, entretanto, que, mesmo as orações mais intensas não conseguem obter a cura de todas as doenças. E ainda menciona

São Paulo: “basta minha graça, pois é na fraqueza que minha força manifesta todo seu poder.” (2 Cor 12,9), pois para os cristãos os sofrimentos que enfrentam na vida devem ter o sentido de “completar na minha carne o que falta às tribulações de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja” (Cl 1, 24).

O Padre Dougherty considera impressionantes as curas e os milagres que acontecem quando se está em sintonia com Deus. Tomando a Teologia cristã como critério, só pode haver alguma cura que seja considerada milagre, se houver a conversão profunda e autêntica da pessoa beneficiada. Ademais, não é possível que Deus esteja, a todo o momento, contrariando as leis próprias da natureza para efetuar curas, pois isso iria contra o mistério da Encarnação, segundo o qual Deus se fez pessoa humana.

Por fim, em relação ao conjunto de Orientações da CNBB dirigidas à Renovação Carismática, o Padre defende-se, dizendo que os documentos da Igreja são ambíguos, porque aconselham os membros da Renovação Carismática a tomar cuidado com os exageros, o que para ele parece demasiadamente subjetivo. Afirma ainda que é preciso haver discernimento, porque a Renovação Carismática não parou de crescer e, por meio dos retiros, as pessoas foram transformadas.

A hierarquia da Igreja sabe que o Movimento Carismático pode trazer de volta católicos afastados, bem como evitar que estes migrem para as Igrejas pentecostais. Por essa razão, também, a RCC cada vez mais tem sido absorvida pela Igreja Católica, o que pode ser configurado como processo de cooptação. Com o passar das décadas, o Movimento será dissolvido no interior da instituição, a exemplo de outros movimentos de renovação que surgiram e desapareceram na história da Igreja. Por isso, tem sido cada vez maior a aceitação do Movimento Carismático pelos bispos brasileiros. Embora seja difícil precisar quantos são seus simpatizantes, a realidade é que a Renovação Carismática está presente em todas as dioceses do País.

A expressão corporal, a espontaneidade e a quebra da rigidez da liturgia católica são aspectos que significaram novidade trazida pela Renovação Carismática. Porém, o novo aí contido é apenas aparente, porque essas práticas não vêm acompanhadas de mudança na concepção da corporeidade nem da moral sexual. Trata-se apenas de outra forma de relacionamento com a tradição (DÁVILA, 2000, p. 307).

Isso porque, embora o Movimento Carismático tenha trazido alegria para as celebrações litúrgicas, rompendo com o excesso de racionalização na missa desde o período tridentino – marcado pelo Concílio realizado na cidade de Trento, no norte da Itália, de 1545-1563, que redefiniu os dogmas essenciais da Igreja Católica e as estratégias da Contra Reforma —, não é possível para o cristão apenas contemplar o Jesus Glorioso¹²⁹. Porque o caráter humanizador da religiosidade ou mesmo da espiritualidade não pode ser fundamentado apenas na emoção. Os cristãos talvez deveriam considerar que Cristo pode ser comparado a um preso político — que foi torturado e assassinado —, como também o foram tantos mártires nos primeiros séculos do Cristianismo, se se consideram suas posições políticas no contexto de seu tempo.

Finalmente, a religião e a religiosidade — do latim *religare* = religar —, que se destinariam a dar sentido e significado à vida das pessoas, são utilizadas como suposta solução para aparentes problemas pessoais, cujas raízes são de caráter essencialmente social. Em todo caso, o problema não está na busca, por meio da fé, de cura e bem estar pelas pessoas - prática também presente no relato dos evangelhos - mas naqueles que, pelos mais diferentes interesses, manipulam essa crença.

De qualquer maneira, no século XXI, a efervescência religiosa significou surpresa para aqueles que apostaram na racionalização do mundo secularizado.

¹²⁹ Diante do rosto desfigurado de Jesus, os cristãos são impelidos a agir. Da mesma forma que, frente ao rosto transfigurado de Jesus, os cristãos são chamados a contemplar.

BIBLIOGRAFIA

ABICHT, L. Loyola, Lenin and the road to liberation. *Monthly Review*. New York, v. 36, n. 5, p. 24-41, Oct. 1984.

ALMANAQUE Abril 1980. São Paulo: Abril, 1979.

ALMEIDA, Dom Luciano Mendes de. Entrevista. *Brasil Cristão*, Campinas, ano 7, n. 81, p. 6, abr. 2004.

ALMEIDA, Maria H. T. *Crise econômica e interesses organizados: o sindicalismo no Brasil dos anos 80*. São Paulo: Edusp, 1996.

ALVES, Rubem. *O que é religião*. São Paulo, Loyola, 1999. p. 101.

ALVIM, C. R. *Entrevista*. Coordenador da Comissão Arquidiocesana da Renovação Carismática em Campinas, 26 out. 2004. Entrevista concedida a Paulo de Tarso do Canto. Não publicada.

ANTONIAZZI, Alberto et al. *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do Pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ANUÁRIO DA COMPANHIA DE JESUS. Roma, 1982-1986.

ANUNCIAMOS JESUS. *Boletim mensal*, Campinas, ano 7, n. 75, jun. 95.

ARNAUT, César; RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. Estrutura e organização das Constituições dos jesuítas (1539-1540). *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 24, n. 1, p. 103-113, 2002.

ARNS, Paulo E. et al. *Brasil: nunca mais*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. *Documento final da Revisão Ampla*. 2. ed. Campinas, jul. 1999.

ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. *Plano de Pastoral Orgânica (quatriênio 2003-2006)*. Coordenação Arquidiocesana de Pastoral, Campinas, ago. 2003.

ASSMANN, Hugo. *O impacto da igreja eletrônica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986.

ASSOCIAÇÃO DO SENHOR JESUS. *Ata de Fundação da Associação do Senhor Jesus*, Campinas, 16 abr. 1982.

ASSOCIAÇÃO DO SENHOR JESUS. *Carta aos sócios*. Valinhos, abr. 1993. Documento não publicado, pertencente aos arquivos da Associação do Senhor Jesus.

BARROS, M.E; PIOLA, S.F.; VIANNA, S.M. *Política de Saúde no Brasil: diagnóstico e perspectivas*. Brasília: IPEA, fev. 1996. Texto para Discussão n. 401.

BARRY, William A.; DOHERTY, Robert G. *Contemplativos em ação: o caminho jesuíta*. São Paulo: Loyola, 2005.

BARTHES, Roland. *Sade, Fourier, Loyola*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BELTRAMI, Arnaldo. *Como falar com os meios de comunicação da Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1996.

BENEDETTI, Luiz Roberto. *Templo, praça, coração*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

BERTRAND, Dominique. *La política de San Ignacio de Loyola: el análisis social*. Tradução de Francisco Goitia. Bilbao/Santander: Mensajero/Sal Terrae, 2003.

BETTINI, Rita Filomena Andrade Januário. A Companhia de Jesus, das origens ao ocaso: uma proposta de análise historiográfica. *HISTEDBR* — FE/Unicamp, Campinas, n.22, p. 13-25, jun. 2006.

BINGEMER, Maria Clara Luchetti; NEUTZLING, Inácio; MAC DOWELL, João A. (Org.) *A globalização e os jesuítas: origens, história e impactos*. Anais. São Paulo: Loyola, 2007. v. 1.

BITTENCOURT, Agueda B. *Comunhão leiga: o Rotary Club no Brasil*. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 1991.

_____; LEONARDI, Paula. *Catolicismo: o lugar das congregações religiosas na educação brasileira*. Campinas, 2009. Não publicado.

BOFF, Leonardo. *A Trindade e a sociedade: O Deus que liberta seu povo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Igreja, carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAGA, Antônio M. da Costa. TV Católica Canção Nova: providência e compromisso X mercado e consumismo. *Religião & Sociedade* — Instituto de Estudos da Religião (ISER), Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p.113-123, out. 2004.

BRASIL CRISTÃO, Campinas, ano 3, n. 24, jul. 1999.

- BRASIL CRISTÃO, Campinas, ano 5, n. 42, jan. 2001.
- BRASIL CRISTÃO, Campinas, ano 6, n. 54, jan. 2002.
- BRASIL CRISTÃO, Campinas, ano 6, n. 60, jul. 2002.
- BRASIL CRISTÃO, Campinas, ano 13, n. 155, jun. 2010.
- BRITO, Lucelmo Lacerda. Medellín e Puebla: epicentros do confronto entre progressistas e conservadores na América Latina. *Espaço Acadêmico*, São Paulo, ano 10, n. 111, ago. 2010. Publicação mensal.
- CARMONA, B.; FLORA, M. et al. *O desafio da TV pública: uma reflexão sobre sustentabilidade e qualidade*. Rio de Janeiro: ACERP/TVE Rede Brasil, 2003.
- CARRATO, Ângela. A TV pública e seus inimigos. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL LATINOAMERICANO DE INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN, 3., 2005, São Paulo.
- CARVALHO, Cristiane M. Uma reflexão sobre o papel dos canais educativos no Brasil. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* São Paulo: Intercom.
- CASALDÁLIGA, Dom Pedro. Entrevista. *Brasil Cristão*, Campinas, ano 6, n. 61, p. 7, ago. 2002.
- CASTRO, José Luiz Nogueira. *Entrevista*. Campinas, 10 jan. 2007. Entrevista concedida a Paulo de Tarso L. do Canto. Não publicada.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola; Vozes, 1993.
- CHAGAS, Cipriano, OSD. *A Descoberta do Espírito e suas Implicações para uma Transformação Eclesial – Um Estudo sobre a Renovação Carismática*. Dissertação (Mestrado), Departamento de Teologia, PUC do Rio de Janeiro, RJ: 1976.
- CODES, Rosa María Martínez de. Los jesuitas brasileños y la agricultura de la caña entre la economía profana y la finalidad misional. *Revista Complutense de Historia de América*, n. 24, p. 69-85. Madrid: UCM, 1998.
- COMBLIN, José. Os movimentos e a Pastoral latino-americana. *Revista Eclesiástica Brasileira (REB)* — ITF, Petrópolis, fasc. 70, 1983.
- COMBLIN, José. *Teologia da libertação. Teologia neoconservadora e teologia liberal*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- COMBLIN, José. *Palestra*. Campinas, outubro de 1988.

COMISSÃO EPISCOPAL DE DOCTRINA. Comunicado mensal, dez. 1993, 2217. In: CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 1994. Documento n. 53, p. 26 e 27.

COMISSÃO EPISCOPAL DE DOCTRINA - CNBB - *Teologia dos Movimentos*. Itaiçi, 1997.

COMISSÃO NACIONAL DE SERVIÇOS DA RCC. *Renovação Carismática Católica: o que é?* Brasília/DF: SCE, 1984.

CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição dogmática Lumen Gentium*. In: CONCÍLIO VATICANO II. Compêndio. Petrópolis: Vozes, 1967.

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões de Medellín*. Petrópolis: Vozes, 1971.

CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla*. São Paulo: Paulinas, 1979.

CONFERÊNCIA DOS PROVINCIAIS JESUÍTAS DO BRASIL. *Nossa vida de jesuítas*. São Paulo: Loyola, 1990.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil (1983-1986)*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983. Documento n. 28.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Orientações pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. São Paulo: Paulinas, 1994. Documento n. 53.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (2003-2006)*. 4.ed. São Paulo: Ed. Paulinas, 2003. Documento n. 71.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Igreja e comunicação: rumo ao novo milênio*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. Documento n. 59.

CONGREGAÇÃO GERAL. 31. ed. Lisboa: Província Portuguesa, 1967.

CORRÊA, Dom Alberto Taveira, Entrevista. *Brasil Cristão*, Campinas, ano 6, n. 60, p. 7, jul. 2002.

CORREIO POPULAR, Campinas, 19 abr. 1994. Geral, p. 8.

CORREIO POPULAR, Campinas, 07 out. 1998. Eleições, p. 3.

CORREIO POPULAR, Campinas, 29 ago. 1999 Cidades, p. 1 e 3.

CORREIO POPULAR, Campinas, 06 out. 2001, p. 1.

CORREIO POPULAR, Campinas, 01 ago. 2004. Cidades, p. 6.

CORREIO POPULAR, Campinas, 13 jul. 2009. Cidades p. 9

DÁVILA, Brenda M. Carranza. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. Aparecida: Santuário, 2000.

_____. Lógicas e desafios do contexto religioso contemporâneo. In: CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB), ago. 2004, São Paulo.

DEGRANDIS, Robert. *A cura pela missa*. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Loyola, 1987.

DELLA CAVA, Ralph; MONTERO, Paula. *E o Verbo se fez imagem*. Petrópolis: Vozes, 1991.

DIÁRIO DO POVO, Campinas, 14 ago. 1993, p. 6.

DIAS, Geraldo J. A. Coelho. *Glossário monástico beneditino*. Porto: IHM-UP, 2005.

DOUGHERTY, Padre Eduardo. *Carta aos fundadores da ASJ*. Campinas, 1984. Documento não publicado, pertencente aos arquivos da Associação do Senhor Jesus.

DOUGHERTY, Padre Eduardo. *Carta aos sócios*. Campinas, nov. 1987.

DOUGHERTY, Padre Eduardo. *Entrevista*. Valinhos/SP, 20 jan. 2004a. Entrevista concedida a Paulo de Tarso do Canto. Não publicada.

DOUGHERTY, Padre Eduardo. *Entrevista*. Valinhos/SP, 02 nov. 2004b. 1 fita cassete. Entrevista concedida a Paulo de Tarso do Canto. Não publicada.

DOUGHERTY, Padre Eduardo. *Entrevista*. Valinhos/SP, 13 dez. 2006. 1 fita cassete. Entrevista concedida a Paulo de Tarso do Canto. Não publicada.

EISENBERG, J. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FÁVERO, Padre João Luiz. *Entrevista*. Campinas, 20 abr. 2005. 1 fita cassete. Entrevista concedida a Paulo de Tarso. Não publicada.

FLORES, José H. Prado. *As reuniões de oração: como prepará-las e dirigi-las*. Tradução de Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 1978.

FOLHA DE S. PAULO, 23 abr. 1993. Sudeste, p. 2 e 10.

FOLHA DE S. PAULO, 16 maio 1995. Brasil, p. 1-15.

FOLHA DE S. PAULO, 24 nov. 2002. Ilustrada.

FOLHA DE S. PAULO, 05 maio 2003. Ilustrada.

FONSECA, Alexandre Brasil. Fé na tela: características e ênfases de duas estratégias evangélicas na televisão. *Religião e Sociedade* — Instituto de Estudos da Religião (ISER), Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, dez. 2003.

GAMBERINI, Dom Bruno. Entrevista. *Correio Popular*, Campinas, 01 ago. 2004a. Cidades. p. 6.

GAMBERINI, Dom Bruno. Entrevista. *Brasil Cristão*, Campinas, ano 8, n. 86, p. 5, set. 2004b.

GAMBERINI, Dom Bruno. Entrevista concedida a Gílson Rei. *Correio Popular*, Campinas, 13 jul. 2009. Cidades, p. 9.

GIARD, L.; VAUCELLES, L. de (org.) *Les Jésuites à l'âge baroque 1540-1640*. Grenoble: Éditions Jérôme Millon, 1996.

GONÇALVES, Carlos W. Porto. *Geografia hoje*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1989. v. 4.

GONZÁLEZ, Rafael Ruiz. El modelo jesuítico frente a las experiencias producidas por la práctica de la catequesis en el Brasil colonial. *Revista de Índias*. v. 64, n. 231, p. 485-502. São Paulo: Editora da USP, 2004.

GUIMARÃES, Maria Nellie Camargo, *O segredo da Renovação Carismática*. Campinas: ASJ, 2004.

HÉBRARD, Monique. *Os carismáticos*. Porto, Portugal: Editorial Perpétuo Socorro, 1992.

HERNANDES, Paulo Romualdo. Os Exercícios Espirituais da Companhia de Jesus e a Educação. *HISTEDBR*, Campinas, n. 30, p. 292-312, jun. 2008.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. *Vers un nouveau christianisme?* Paris, Cerf, 1986.

HORTAL, Jesús (Org.) *Código de Direito Canônico*, 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 1987.

IGREJA INTERNACIONAL DA GRAÇA DE DEUS. *Folheto*. Ficha de adesão promocional de outubro de 2009, São Paulo.

KATER, A. M. *O marketing católico aplicado à Igreja Católica*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

KOLVENBACH, Padre Peter-Hans. Alocução do Padre Geral aos Jesuítas da Renovação Carismática, proferida aos jesuítas “carismáticos”. Cúria Generalícia. Roma, 03 de maio de 2000. Tradução Armando Cardoso. In: *Revista de Espiritualidade Inaciana*, Itaiçi, mar. 2002, p. 66.

KOLVENBACH, Padre Peter-Hans. *Conferência*. As origens universais da Companhia de Jesus. Roma, 2000. In: BINGEMER, Maria Clara Luchetti; NEUTZLING, Inácio; MAC DOWELL, João A. (Org.) *A globalização e os jesuítas: origens, história e impactos*. Anais. São Paulo: Loyola, 2007. v. 1, p. 25.

KRIEGER, Murilo Sebastião Ramos. *Entrevista*. Campinas, 06 fev. 2005. Entrevista concedida a Paulo de Tarso do Canto. Não publicada.

LAPASSADE, Georges. *Grupos, organizações e instituições*. Tradução de Henrique Augusto de Araújo Mesquita. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

LIBANIO, João Batista. *Cenários da Igreja*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. *As lógicas da cidade: o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

LOYOLA, Ignácio de. *Exercícios Espirituais*. 3. ed. Braga, Portugal: Livraria do Apostolado da Imprensa. 1999.

LOYOLA, Ignácio de. *Constituições da Companhia de Jesus e Normas Complementares*. São Paulo: Loyola, 2004.

MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MARTIN, Malachi. *Os jesuítas: a Companhia de Jesus e a traição à Igreja Católica*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

MASSINI, M. A psicologia dos jesuítas: uma contribuição à história das ideias psicológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 14, n. 3, p. 625-633, 2001.

MATEO, R. G. El cuerpo de la Compania en el contexto socio-religioso del siglo XVI. In: MATEO, R.G. *Ignacio de Loyola, su espiritualidad y su mundo cultural*. Bilbao: Mensajero, 2000. p. 387-400.

MENEGAZZI, Carlos et al. *Arquidiocese de Campinas: subsídios para a sua história*. Campinas: Komedi, 2004.

MIRANDA, Aloísio Tibiriçá. *Alerta no SUS*. 25 jul. 2011. Disponível em: <<http://portal.cfm.org.br>>. Acesso em: 10 ago. 2011.

O ESTADO DE S. PAULO, 24 jan. 1999, p. D-12.

O ESTADO DE S. PAULO, 25 nov. 2004, p. A-14.

O ESTADO DE S. PAULO, 17 abr. 2005. H2 Especial.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro et al. *Renovação Carismática Católica: uma análise sociológica/interpretações teológicas*. Petrópolis: Vozes, 1978.

O PÃO DA VIDA, Campinas, n. 40, set./out. 2002. Especial.

OS PAPAS falam sobre a Renovação Carismática: textos de João XXIII, João Paulo I e João Paulo II. São Paulo: Loyola, 1992.

PAIVA, J. M.; PUENTES, R. V. A proposta jesuítica de educação: uma leitura das Constituições. *Comunicações*, Piracicaba, ano 7, n.2, p. 101-118, nov. 2000.

PAIVA, José Maria de. *Sobre a civilização ocidental*. Piracicaba, 2011. Não publicado.

PAIVA, Vanilda Pereira. *Educação popular e educação de adultos*. São Paulo: Loyola, 1983.

PAPA JOÃO PAULO II. *Discurso*. Puebla, México. 1980.

PAREDES, José Cristo Rey Garcia. *Sacerdócio: instituição, carisma ou função*. Tradução de Atílio Cancian. São Paulo: Ave Maria, 1985.

PARRA, Alberto. *A Igreja, sacramento da libertação: os ministérios na Igreja dos pobres*. São Paulo: Vozes, 1991.

PEREIRA LOPES, Dom Gilberto. *Carta Pastoral*. Cúria Metropolitana de Campinas, 1978.

PEREIRA LOPES, Dom Gilberto. Entrevista. *Brasil Cristão*, Campinas, ano 6, n. 70, p. 7, maio 2003.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do espírito*. 2. ed. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1998.

QUEIROZ, Dom Celso. Entrevista. *Brasil Cristão*, Campinas, ano 6, n. 72, p. 7, jul. 2003.

QUEVEDO, Luís González-. *Entrevista*. Indaiatuba/SP, 19 dez. 2006. Entrevista concedida a Paulo de Tarso do Canto. Não publicada.

RAHM, Haroldo J.; LAMEGO, Maria J. R. *Sereis batizados no Espírito*. São Paulo: Loyola, 1991.

RAHM, Haroldo Joseph. *Entrevista*. Campinas, 10 set. 2003. Entrevista concedida a Paulo de Tarso do Canto. Não publicada.

RIBEIRO, Renato Janine. O poder público ausente: a TV nas mãos do mercado. *Cadernos de Nosso Tempo* — Edições Fundo Nacional de Cultura (Ministério da Cultura), Rio de Janeiro, nova série, v. 2, n. 5, p. 207-79, 2001.

SAVIANI, Dermeval. As concepções pedagógicas na história da Educação brasileira. *HISTEDBR* — FE/Unicamp, Campinas, Projeto 20 anos do *Histedbr*, p.1-38, ago. 2005.

SEGUY, Jean. *Les conflits du dialogue*. Paris: CERF, 1973.

SILVA, Paulo J. Carvalho. Psicologia organizacional e exercício do desejo na Antiga Companhia de Jesus. *Revista de Estudos da Religião (ISER)*, São Paulo, n. 4, p. 79-95, 2006.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Tendências Católicas: Perspectivas do Cristianismo da Libertação. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, v.14, n. 26, p. 121-140, 2009.

SOMBART, Werner. *El burgués*. Madrid: Alianza Editorial, 1993.

SOUZA, José Carlos A. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.

STECANELLA, Frei Rinaldo. Entrevista concedida a Gílson Rei. *Correio Popular*, Campinas, 13 jul. 2009. Cidades, p. 9.

TANGERINO, Márcio Roberto Pereira. *Pontifícia Universidade Católica de Campinas: vicissitudes históricas e busca de uma identidade*. Tese (Doutorado) — Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas, 2004.

TEIXEIRA, Fabrício; PACETE, Luiz Gustavo. Ver pra crer. *Imprensa*, São Paulo, n. 243, p. 24-31, mar. 2009. Matéria de capa.

VEJA, São Paulo, ano 31, n. 4, 28 jan. 1998.

VEJA, São Paulo, ano 31, n. 14, 08 abr. 1998.

VEJA, São Paulo, ano 33, n. 37, 13 set. 2000.

WEBER, Max. *Economia e sociedade: fundamentos da Sociologia compreensiva*. 3. ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1994.

WRIGHT, Jonathan. *Os jesuítas: missões, mitos e histórias*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.

Sites consultados

<http://www.arquidiocesecampinas.org.br/bispoemerito.php>

http://www.asj.org.br/cartas_detalhes.asp?cod_carta=78

<http://www.cancaonova.com/portal/canais/tvcn/retransmissoras.php>

<http://www.impd.com.br>.

www.inclusao.com.br.

<http://www.jesuita.org.br/educacao-e-pesquisa>.

<http://www.mc.gov.br/radiodifusao/dados-de-outorga/23457-dados-gerais>.

<http://www.padreantoniomaria.com.br>.

<http://www.padremarcelorossi.com.br/perfilpadremarcelo.php>.

http://www.paroquiadivino.org.br/pastorais_elshaddai.asp.

<http://portal.cfm.org.br>

http://www.raboni.com.br/raboni_editora.asp?lang=port.

<http://www.redevida.com.br>

www.redemptor.com.br/default2.asp?pg

<http://www.renascere.com.br>.

<http://www.salvemaria.org.br/?system=news&action=read&id=96>.

http://www.tvaparecida.com.br/historia_tv.php.

<http://www.tvseculo21.org.br/louvemos/?opcao=visualizarConteudo&ID=40>.

<http://www.tvseculo21.org.br/noitecarismatica/?opcao=visualizarConteudo&ID=45>

MODELO DE AUTORIZAÇÃO PARA DIVULGAÇÃO E PUBLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Eu, **Paulo de Tarso Leite do Canto**, aluno do Curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, sob orientação da Profa. Dra. Agueda Bernardete Bittencourt, trabalho intitulado: **Um projeto de vida na Igreja**, tendo as entrevistas como parte da metodologia de pesquisa utilizada, solicito autorização de V.Sa. para divulgação e publicação do conteúdo do depoimento realizado em/...../..... .

Autorizo a divulgação e publicação.

Nome do entrevistado:

Campinas, ____ de _____ de ____.

ENTREVISTAS

Entrevista com o Pe. Haroldo Joseph Rahm, Campinas, em 10/09/2003.

P. – O senhor poderia contar como foi a experiência fundante da Renovação Carismática nos EUA?

R. - Tratava-se de um grupo de católicos na Universidade, jovens universitários, que sentiram fortemente a presença do Espírito Santo e, assim, começaram a comparar os sentimentos e movimentos interiores e, concomitantemente, a promover novenas ao Espírito Santo e a falar em línguas. Na realidade, nos Estados Unidos, os católicos foram até as Igrejas pentecostais (fundamentalistas), para aprender – porque não sabiam - as práticas pentecostais como impor as mãos; regressão de idade – para se chegar ao processo de cura interior; cantar com o acompanhamento de guitarras e violões. Neste período, final da década de 1960, a liderança mundial dos pentecostais católicos era o católico americano Ralph Martin. Hoje, evidentemente, ele não é mais o expoente do pentecostalismo católico. Todas essas experiências estão descritas no livro de autoria de Kevin Ranaghan, *Católicos Pentecostais Universitários*.

P. – Como foi a fundação do Treinamento de Liderança Cristã – T.L.C.?

R. - O T. L. C. nasce do Cursilho de Cristandade, que já estava presente no Brasil desde o ano de 1964. Origina-se da síntese entre as ideias do Cursilho com os Exercícios Espirituais de Santo Ignácio de Loyola. Isso foi, mais ou menos no ano de 1970, quando eu trabalhava no Centro Kennedy, no bairro do São Bernardo, em Campinas, e via os operários pobres desse lugar, que, em razão da sua elevada carga horária de trabalho, não podiam participar do Cursilho. Assim, os encontros do T.L.C., tendo início na quinta-feira à noite, se estendendo pelo final de semana até o domingo, possibilitavam a participação dessa parcela de fiéis. O T.L.C. foi o que sobreviveu durante a ditadura militar, “porque eu, como estrangeiro, nem sabia o que se passava no país”. E, desde então, esse Movimento se difundiu por todo o Brasil, por outros países da América Latina e Itália.

P. – O senhor poderia explicar no que consiste o Movimento “Amor Exigente”?

R. - O Movimento Amor Exigente conta hoje em dia com mais de 150 fazendas de recuperação de narcod dependentes e, visa, também, a orientação e o apoio aos pais – curar as famílias e não os jovens. Tem o nome originado da tradução da expressão em inglês *Tough Love*, que quer dizer amor rijo, duro, tenaz; dando origem à denominação atual em português, proposta pelo Pe. Aquino: Amor Exigente. Na verdade, existem atualmente no Brasil mais de 2000 Comunidades Tough Love. O

Movimento Amor Exigente, como o próprio nome já indica, exige da pessoa em acompanhamento uma autêntica conversão, de modo que se transforme num verdadeiro cavalheiro cristão. Está presente em todo o Brasil e em outros países também.

Entrevista com o Pe. Eduardo Dougherty, Valinhos/SP, em 20/01/2004.

P. - Como o senhor encara o fato de a Renovação Carismática Católica ser identificada como responsável por alienar as pessoas?

R. - A R.C.C. responde a uma necessidade do povo brasileiro, trata-se de um produto. Eu sempre fui acusado de ser alienado, mas levo em conta todas as necessidades do povo (precisa haver melhoria do nível de vida do povo). A Igreja precisa fazer por esse povo, o que o governo nunca fará. Isso porque os políticos não se preocupam com o povo. A R.C.C. vem para transformar – marketing e criatividade – são necessários para propagar essa nova maneira de ser Igreja: os leigos como protagonistas “fazem o gol” e os padres, os/as religiosos/as e os bispos apenas confirmam. O problema da Igreja hoje é o clericalismo: a Igreja é feita dos leigos e não dos padres. Por exemplo, na Ordem à qual eu pertencço, a Companhia de Jesus, cujos membros são muito intelectualizados, muitos jesuítas não aceitam a R.C.C. ou dela fazem parte em segredo, para não serem criticados. O leigo que diz só “sim” ao padre é “bonzinho”, não faz com que aja o Espírito de Deus, pois é barrada a criatividade. Não há Igreja sem a experiência de Pentecostes. A R.C.C. é uma fecunda experiência de Igreja que nasce no período da ditadura militar. Os católicos aprenderam com os pentecostais essa nova forma de ser Igreja. Porém, há uma diferença entre religiosidade do povo e espiritualidade.

Entrevista com o Padre Eduardo Dougherty, Valinhos/SP, em 02/11/2004.

P. – O senhor poderia contar sobre a sua participação na Igreja na infância?

R. - Íamos à missa aos domingos e eu gostava da missa, depois da minha primeira comunhão – como que eu orava! No primeiro ano primário recebi a primeira comunhão. Por quase toda a minha vida fui à comunhão, só aos domingos... eu sempre queria ajudar lá no altar, sempre aspirava, mas falavam “você é alto demais, você é magro demais”! Fui proibido!

P. – Como foi o ingresso no Colégio Jesuíta de Nova Orleans?

R. - Daí com 13-14 anos entrei no colégio dos jesuítas e do primeiro ao quarto colegial eu ajudava lá no altar... e eu com 14 anos tinha que levantar às cinco e meia da manhã e a minha vocação realmente surgiu ao “pé do altar”! O colégio dos jesuítas era muito exigente, e eu saía com aquela pilha enorme de livros e tinha que estudar três horas à noite, então, religiosamente, das 7 às 10 da noite, de tão puxado que era o colégio. Eu levantava na quarta-feira, às cinco e meia, pegava o ônibus e depois o bonde, chegava às seis horas e vinte minutos, a missa começava às seis e meia – ajudava na missa - que acabava às 7 horas e pegava o bonde de volta ao colégio dos jesuítas. Mesmo durante o verão, nas férias, eu não faltava!

P. - Qual foi a importância da Congregação Mariana e dos esportes na sua vida?

R. - Eu me lembro que a Congregação Mariana foi muito importante para mim. Nesses quatro anos de colegial, a Congregação Mariana. A Congregação Mariana sempre fazia retiros, eu gostava muito dos retiros e foi no último retiro, no último ano de colegial, eu pensei que seria empresário, que estudaria Administração de Empresas, porque era o meu dom: imaginar coisas, liderar coisas e que seria um jogador de basquete. Faria o colegial, seria um jogador de basquete (era sempre o meu dom – jogava bem!) e estudando Administração de Empresas. Sempre tinha namoradas. E depois do retiro, último ano do colegial, avisei a namorada, ela chorou! Avisei a minha família, falei com os jesuítas, fiz todas as entrevistas e fui para os jesuítas. Namorei até entrar nos jesuítas. Sempre gostei dos jesuítas. Sempre gostei de tudo: gostei dos retiros – tive a graça! Naquele tempo todos de batina. Sempre falando aos jesuítas: -“eu quero ir para as missões... eu quero ir para as missões”! O mestre de noviços acabou me falando: -“você acabou de chegar aqui e já quer ir para as missões”! São assim os jesuítas: dois anos noviciado, dois anos de juniorado, a Filosofia e depois no magistério.

P. – Como foi a sua chegada ao Brasil?

R. - Fui trabalhar no Seminário do Swift. Lá, achei engraçado, a molecada me ensinou a falar português e a partir de agosto de 1966, frequentei aulas de português numa escola, todos os dias, durante nove meses. Num prédio em frente à Catedral de Campinas, Escola Crismi. Naqueles anos, eu não estava cheio do Espírito Santo, eu era muito... eu me dediquei ao esporte: ensinei as pessoas a jogar basquete.

P. - Como foi o seu envolvimento com o esporte em Campinas?

R. - Ensinei as pessoas a jogar basquete e conheci o Argemiro Roque, técnico de atletismo, na Praça de Esportes do São Bernardo (Campinas), que administrava e coordenava a equipe de atletismo da cidade de Campinas e eu naquele tempo competia, também, mas nunca consegui fazer nada: nunca tinha velocidade. O meu corpo não é de velocidade! De fazer nenhuma prova bem de atletismo! Mas acompanhei! Eu fiz no Centro Kennedy, no meu magistério, campeonatos de futebol, escoteiros e grupo de jovens e coordenei em nível municipal, o atletismo. No primeiro ano, de nossa Coordenação, a seleção feminina de basquete de Campinas ganhou o campeonato estadual.

P. - Quando iniciou o curso de Teologia?

R. - Em 1968, eu queria ser padre e então eu implorei para começar os estudos de Teologia. Deram-me licença, fui visitar o Rio Grande do Sul. E eu disse: -“isso não é Brasil, parece Alemanha! São Leopoldo! Pelo Amor de Deus! Parece Alemanha! Totalmente diferente! É outro país! Eu posso ir para São Paulo”?

P. – Como foi a experiência em São Paulo?

R. - Fui cursar Teologia em Perdizes. Um dos professores era o Frei Betto. Quando estourou o negócio. Graças a Deus me mandaram embora para o Canadá para fazer a Teologia! Para ser mergulhado no Espírito Santo; o Espírito Santo “me pegou”, no dia 15 de março de 1969.

P. – Como foi a passagem pelo Canadá?

R. – No Canadá me especializei nos Exercícios Espirituais de Ignácio de Loyola. O meu diretor espiritual era o Pe. George Asselin S.J., que era um tremendo estudioso, um tremendo sábio dos Exercícios Espirituais. Ele influenciou muito a minha formação, a ponto de eu me tornar um verdadeiro discípulo dele! A partir de 15 de março de 1969, fui falar com o meu diretor espiritual: “Eu quero mudar a minha vida”! Durante o curso de Teologia, intensifiquei a minha dedicação à oração pessoal diária, encontrando-me uma vez por semana com o meu orientador espiritual, para falar o que o Espírito Santo estava fazendo em mim... o que Deus estava fazendo em mim. Fizemos aulas especiais, o tempo todo, sobre os Exercícios Espirituais. Nesse mesmo período, aprendi a orientar retiros. Eu me tornei “um técnico de oração” de retiros orientados e dirigidos. Com diretor espiritual, com os Exercícios Espirituais e a Renovação Carismática, aquela combinação... tudo. Assim: “Ignácio era carismático, Ignácio vivia em sintonia com o Espírito Santo, pois quando ele escreveu os Estatutos (as Constituições dos jesuítas), foi lá em Roma, no Gesù, escutando a Deus. Realmente, é um carismático o nosso fundador, Santo Ignácio”.

P. – Quando foi a sua Ordenação?

R. – Acabei sendo ordenado no ano de 1970, terminando o curso de Teologia em 1971. Logo após a minha Ordenação, falei com o meu Provincial (Província do Sul dos Estados Unidos). “Você quer renovar os jesuítas? Volta a fazer os Exercícios Espirituais como Ignácio mandou. Porque o retiro ignaciano não é pregado. Porque o discernimento é diário e Deus vai orientar você, diferente de outro”. O Provincial me deu razão plenamente e me disse: -“vai ao Brasil e qualquer coisa eu te chamo”. Apesar de já estar “acostumado no Brasil”, fiquei de setembro de 1971 até agosto de 1972, um ano, orientando retiros para os jesuítas do sul dos Estados Unidos, com os grandes pregadores da América do Norte. Chamei até um da Inglaterra e outro da Espanha. Tornando-me discípulos deles.

P. – Como foi a sua passagem pela cidade de Osasco?

R. - Em 1972, fui enviado novamente ao Brasil, agora para a cidade de Osasco, na Grande São Paulo. Permaneci um ano em Osasco, sendo o responsável por uma paróquia. “Foi fantástico estar em Osasco”! Nesse período – 1972-1973 – preguei retiros pela Grande São Paulo: “um mundo em si mesmo”! Mas o trabalho em paróquia me “prendia”. Eu queria ser “livre”, sentia o forte desejo de pregar por todo o Brasil. Assim, em 1973, “de tanto implorar”, mandaram um padre para me substituir. Estive pregando retiros pelo Brasil de 1973 a 1979.

P. – Como foi o início e o desenvolvimento da Associação do Senhor Jesus?

R. - Uma Associação para converter o Brasil, evangelizar o Brasil e o mundo. Nós vamos fazer uma produtora de televisão; nós vamos ter uma estação de televisão, nós vamos comunicar via satélite... nós vamos fazer telenovelas e vamos exportar boas notícias. Ficamos convencidos de que isto foi a Vontade de Deus: que São Paulo, o apóstolo Paulo estaria na televisão; Santo Ignácio diria: isto é para “A Maior Glória de Deus”. Ficamos convencidos de que esta é a Vontade de Deus. A gente vê a Graça de Deus, a gente vê e, certamente, vocês acompanharam o crescimento: começamos numa garagem no bairro de São Bernardo, ao lado do Centro Kennedy, perto do Centro Kennedy. Evoluímos passo a passo, depois fomos para uma casa alugada e um prédio alugado: Centro Comercial, no Jardim Guarani. Conseguimos comprar um imóvel na Rua Padre Vieira, em 1984. Mais depois, a partir da Padre Vieira (no Bairro Bosque – também em Campinas), compramos um lote, fizemos o estúdio lá dentro, era pequeno. E depois “Deus tinha falado para mim”: “como seria bom comprar um hotel que estava em construção”. Daí este prédio (sede em Valinhos/SP), era um hotel que estava em construção. Compramos por 120 mil dólares, pagando 10 mil dólares por mês durante doze meses (em setembro de 1987). E o povo fiel. O povo brasileiro é um povo generoso. A

solidariedade dos pobres e dos pequeninos. Realmente, se você tiver 20 mil pessoas para dar dez reais, você tem 200 mil reais. E tem 20 mil pessoas orando por você. Grande, grande união! A Igreja... A Igreja tem visto os bons frutos! Agora se esta Associação é do “Senhor Jesus”. É “propriedade do Senhor Jesus”. Ele vai tomar conta daquilo que é d’Ele! E nós vamos ser apenas servos D’Ele! Então, foi com a inspiração, escolher esse nome: “Associação do Senhor Jesus”. A ideia veio em 1979-1980 e, em 1981, juridicamente foi fundada. Com um impulso internacional, em 1983, em janeiro, eu fui convidado para uma reunião em que nós fundamos o *Lumen 2000* (uma federação internacional de evangelizadores pelos meios de comunicação). E aquela reunião do *Lumen 2000*, deu-nos o impulso para que em junho de 1983, fundássemos o programa: “Anunciamos Jesus”.

P. - O senhor poderia contar qual foi a sua participação no desenvolvimento da Renovação Carismática no Brasil?

R. - A gente olha para trás e a gente vê a mão de Deus. Eu acredito que foi a “mão de Deus” que me chamou, em 1959, para ser sacerdote... para entrar nos jesuítas. Eu estava fazendo um retiro e “Deus falou” - numa madrugada durante um retiro - para eu entrar nos jesuítas e para eu ser missionário. Então, em 1959, entrei nos jesuítas. Falando que eu queria ir para as missões; no fim, pensei que iria para a Índia e me mandaram para o Brasil. Dez anos mais tarde, em 1969, estava estudando no Canadá, já tinha vindo para o Brasil em 1966. Estava mais uma vez num retiro, num retiro carismático e eu fui “mergulhado no Espírito Santo”, tive uma experiência profunda do Espírito Santo. Foi no dia 15 de março de 1969... Eu acho que a partir de uma experiência de Pentecostes: “um zelo da Casa do Senhor começou a me consumir”. Uma transformação aconteceu comigo em que perdi o medo de falar, de evangelizar. A partir desta data eu comecei a evangelizar. Eu me lembro pregando retiros para jovens: “o zelo da Casa do Senhor, começou a me consumir...” e me ordenei em 1970, em junho; mas, um ano antes, já estava aqui na cidade de Campinas, pregando a Renovação Carismática, orando pelas pessoas, usando os dons do Espírito Santo. Fui ordenado em 1970 e, principalmente, quando voltei para o Brasil, comecei a espalhar a Renovação Carismática por este País... Deus tem me dado a graça de ser um empreendedor, de ser um visionário e de fundar coisas. Então, fundamos a Equipe Nacional de Serviço, em 1972. A partir de 1973, fizemos a primeira reunião nacional e depois outras reuniões: começamos a estruturar a Renovação Carismática. Mas, o mais importante é o zelo, um zelo pela evangelização. Eu acho que o transbordar do Espírito Santo é a evangelização. Um desejo de falar, de comunicar boas notícias para as outras pessoas. A Renovação Carismática Católica teve uma liderança inicial do Pe. Eduardo

e esse “zelo” me impulsionava a viajar pelo Brasil inteiro: de 1972 a 1979. Em 1972, eu estava na paróquia São José, em Osasco; isto foi muito importante e eu voltava para a cidade de Campinas. Então, tinha Grupo de Oração, na Cúria de Campinas (Rua Irmã Serafina), e um Grupo de Oração, em Osasco. E eu seguia pregando retiros na Grande São Paulo. E depois eu pedi e os jesuítas concordaram em me liberar da paróquia, para eu me tornar um viajante nacional, isto em 1973. Eu passei a ser um pregador nacional e através das orações da gente... as pessoas foram “mergulhadas no Espírito Santo...” Eu sou empreendedor. Tenho a coragem de me lançar, de viajar e fui de cidade em cidade, de um modo especial de capital em capital, chamando pessoas, recebendo convites: as primeiras cidades foram Recife, Salvador e Fortaleza. Depois fui para Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre. E passamos a ser notícia. As pessoas vieram. E alguns artigos foram publicados. A gente aceitou os convites e a gente ia de cidade em cidade: andando de ônibus, de avião ou de fusquinha... A partir de 1977, a irmã Nellie entrou na equipe conosco e a partir de 1979, a irmã Luísa, então o que fortaleceu muito, muito a gente. Em 1979, em dezembro, foi uma data muito especial, veio a ideia, e a ideia está com a gente até agora. Se Jesus estivesse aqui, como nós estamos aqui, certamente, Ele estaria na televisão. Daí, a afirmativa ignaciana: para “A Maior Glória de Deus”. É meio de comunicação. É óbvio, que é meio de comunicação. E naquele tempo a Igreja não estava fazendo nada... E Deus colocou no coração um zelo pela Evangelização: “O zelo da Tua Casa me consome”. Em 1979, com o apoio da Ir. Nellie e da Irmã Luísa, nós fizemos com mais Pe. Jack e Pe. Canoas, também nosso amigo, vamos fazer uma entidade. Eu me lembro na véspera de eu me ordenar padre, eu pensava: eu padre? Eu vou saber celebrar missa? Eu vou saber confessar as pessoas? Eu vou saber aconselhar as pessoas? E fui falar com o diretor espiritual lá no Canadá, e ele disse: -“Se Deus te trouxe até agora, Ele vai te dar a graça de fazer aquilo que Ele quer de você! Porque o nosso Deus não é um Deus te que leva até a metade e depois corta e joga fora. Não, Deus é fiel”! Eu sou fiel? E eu fiquei convencido: não, Deus vai dar a graça de fazer aquilo que é a vontade D’Ele. É um raciocínio bem espiritual. Agora, realmente o “grande segredo”, é uma força, uma bênção, uma luz e os dons do Espírito Santo. Quando a gente é impulsionado com o “jatão” que é o Espírito Santo... é força espiritual: você tem a graça e a força. Daí as perguntas: o que os superiores falaram? Eu me lembro naquele tempo que eu pedi licença para o bispo e o bispo disse: -“Eu não posso te dar licença para um projeto nacional! Vai falar com a CNBB”. Eu fui falar com CNBB e a CNBB disse: -“nós não damos licença, nós não costumamos dar licença. Porque você não tem licença do seu bispo local”. Então, daí fui falar com o meu superior, o Pe. João Macdowell, e o Pe. João Macdowell, disse: -“Tudo bem, se Deus está chamando você, vai! Tenta fazer”! E eu tentei fazer... decolou! E naquele tempo, pela Graça de Deus, eu não estava inserido num colégio dos

jesuítas ou numa Casa de Retiros. Eu estava como se fosse sobrando ali. Então me deixaram fazer alguma coisa daquilo. Não estava aplicado a essa província naquele tempo. Estava livre! Mas foi realmente a mão de Deus, foi a Graça de Deus: por eu ter uma visão internacional, por eu falar espanhol - falar espanhol antes de falar português -, por eu falar inglês e depois eu via o que estava acontecendo nos Estados Unidos: de um modo especial Jimmy Swaggart, e o grande sucesso de Jimmy Swaggart, e porque o crente faz e o católico não faz? Eu realmente, eu sou ofensivo, aprendi no esporte de entrar ofensivo. O esporte fez isto para mim. Eu era jogador de basquete, ofensivo sempre! Mas, além de basquete eu fazia atletismo e beisebol. Eu tentei o futebol americano, mas eu era magro demais. Era alto e magro demais. Nunca consegui. Mas sempre na ofensiva. É o espírito “americano” de esportista: então vamos e vamos fazer! Eu acho que Deus me fez líder para tomar a iniciativa e tentar arregimentar as pessoas. Então, com o exército da Renovação Carismática no fim dos anos 70, com uma fé e a graça de pedir coisas grandes. O dom de discernimento dos espíritos e toda aquela mentalidade ignaciana. Imagine o líder do exército que vai planejar, atacar e vencer! Se ele vai atacar do lado fraco, tudo aquilo ali e... de consolação e desolação. Quando eu pensava, por exemplo, em iniciar uma produtora de televisão, e sentia aquela consolação e falava com os superiores e os superiores incentivavam... Foi excelente! Fundamos a Associação do Senhor Jesus e o segredo foi uma ideia básica que eu aprendi nos Estados Unidos, do grupo que levanta fundos: um dólar por mês, se você tiver mil pessoas para dar um dólar cada uma, você terá mil dólares por mês; se você tem cinco mil pessoas para dar um dólar por mês, você tem cinco mil dólares; se mil pessoas dão dez dólares por mês, você tem dez mil dólares. Com dez mil dólares por mês... a gente consegue fazer alguma coisa. E começamos a inscrever pessoas como sócias e a ideia básica da Associação do Senhor Jesus e que tem sido até agora é a “fidelização”: “Apascentai as minhas ovelhas”! Se, por exemplo, um meio de comunicação é carta, e eu estou “alimentando” aquelas pessoas com as cartas, é a tremenda personalização e é para “A Maior Glória de Deus”. Com pureza de intenção e faz um exame de consciência. Estou fazendo isso para o Rei Jesus? Daí você vê: Associação do Senhor Jesus! Isto é baseado na meditação do Reino. Eu me lembro de um professor durante a filosofia que disse: -“a maior parte dos jesuítas nunca fez direito a meditação de Reino de Deus! Se Ele é Rei, Ele está reinando”. A pessoa “morre para si”! E o Rei toma conta do súdito, que é d’Ele! Esta é a meditação! Porque o anúncio é uma pessoa que é o Rei! Você vê a mentalidade ignaciana aqui. Eu anuncio a mim mesmo? Não, não a mim mesmo. Eu anuncio Jesus! Anunciamos Jesus! A boa notícia se chama Jesus Cristo, porque Jesus Cristo é o Senhor! É o Reino... é o Rei. A palavra Jesus é o Salvador, a primeira semana; Cristo, é o Iluminado, é o Inspirado, a segunda semana; e Ele - se você passar pela Morte de Cruz e ressuscitar - Ele reina pela sua Ressurreição e por Pentecostes

porque Ele é o Senhor, Ele é o “Cabeça”, do “Corpo Místico” que é formado na Graça de Pentecostes! Então, todos os Mistérios da Cruz, da Ressurreição e de Pentecostes e a Igreja... que são as regras para pensar com a Igreja, estão realmente totalmente aqui! Você vê na espiritualidade ignaciana uma espiritualidade altamente contemporânea, para ser “contemplativos em ação”! A contemplação para alcançar o Amor de Deus, a gente não pode perder a “presença de Deus”. A gente vive discernindo o que é a Graça de Deus, então, nós anunciamos um Jesus, com uma espiritualidade totalmente contemporânea, ignaciana, que é altamente apostólica e missionária, para sair para fazer Jesus mais universal! ... Fazer mais a Vontade de Jesus! Foi fundada uma “Associação do Senhor Jesus”. Naquele tempo da fundação, já falávamos numa estação de televisão, já falávamos em satélite e de telenovelas! Nós vamos fazer telenovelas e nós vamos exportar. E já em 1979, já vimos isso, essa iluminação, essa bênção! Essa Associação do Senhor Jesus, 151 mil pessoas que recebem a revista: “pelos frutos conhecereis”! Daí você vê! - pelos frutos – frutos da Renovação Carismática Católica! Que a Associação é um dos frutos. A TV Século XXI é um dos frutos a partir de uma experiência de Deus que aconteceu comigo na vocação, que aconteceu comigo em “Pentecostes”, que aconteceu em 1979! É aí que está! Qual é a vocação do Pe. Eduardo? A vocação tem sido de pregar, de ensinar. Agora, qual é o carisma dos jesuítas? Jesuítas são educadores. Não é? Aí que está a TV educativa, tem tudo a ver: porque a gente não é só espiritual, a gente se preocupa, como jesuítas, com a pessoa toda. Com a formação toda. Qual é a Vontade Divina, realmente, em todos os sentidos? Então, não é só pregação! Estamos preocupados com a formação total de todas as pessoas. E graças a Deus caiu em nossa mão uma TV Educativa. Foi uma bênção! Um tipo de educação é a educação espiritual, religiosa. Porque, realmente, com esta mentalidade de ser Igreja. De pensar com a Igreja. Tem sido realmente o segredo! Tem sido o segredo! Então, vamos servir! Vamos servir! Vamos servir! Cada vez mais, servindo! Cada vez mais fazendo favor! E daí a Igreja é a Igreja! Os jesuítas não são a Igreja; são uma parte da Igreja! Os carismáticos não são a Igreja: são uma parte da Igreja! A Igreja não é Campinas, a Igreja não é o Estado de São Paulo. A Igreja é a Igreja! Não é isso? Então, a Igreja como servo de educação, aí sim, agora!

P. – O senhor poderia falar sobre os projetos educativos?

R. - Falando do futuro: entendido que, multimídia é mais que um meio de comunicação. Se nós tivermos dez pessoas que são multimeios de comunicação, para comunicar alguma coisa, é mais que um meio. Se nós tivermos 151 mil meios, pessoas que são instrumentos para comunicar, isto é mais! 152 mil revistas são mais que 151 mil revistas! Mas, se nós tivermos televisão, além de televisão nós

temos uma revista. Nós temos a carta. Nós temos Internet. Se nós tivermos banda-larga. Se nós tivermos uma Companhia de Telecomunicações... e nós temos! Se nós somos um meio de dar banda-larga. Se nós somos um meio de comunicar vídeo sob demanda. Se nós temos uma fábrica de programas de evangelização, mas de educação também. Se nós fazemos um curso de formação de professores de Educação Básica. Mas, também, de Ensino Médio ou universitários. Se nós fizermos cursos de profissionalização. Se nós estamos comunicando via satélite. Se nós estamos dando conectividade aos grupos escolares, aos colégios, e às casas e às indústrias, aos comércios do Brasil inteiro. Estamos fazendo um grande favor! Isto é “A Maior Glória de Deus”. Isto é para “A Maior Glória de Deus”. Então, há, por exemplo, no espírito ignaciano, uma inquietação para o *magis*: a gente quer fazer mais, a gente quer fazer melhor, é o caminho! Vamos tentar fazer mais. É uma inquietação constante. Agora, o ser humano é um ser totalmente insatisfeito. Nada aqui satisfaz a gente! Mas, nada! Nada aqui é perfeito! Não é? Mas, quando eu e Deus. Eu sendo orientado por Deus. Nós vamos conseguir fazer o “mais”! “A Maior Glória de Deus”! Somos apenas “instrumentos de Deus”! Voltemos a pensar no Reino de Deus! Se eu disser para você: “mude”! “Ah, eu vou tentar, mas não sei se vou conseguir”! Mas, se eu digo para você: “ore”! E você consegue ter um contato com Deus. E Deus começa agir. Então: “é Deus que vai mudar as coisas em você”! É Ele que comanda! É Ele que comanda as coisas! Não é isso? Daí, é a Vontade de Deus de ensinar o Brasil e as Américas a orar. Porque, se as pessoas estão tendo contato com Deus. Experimentando Deus e Deus está, realmente, falando com as pessoas. Deus vai orientar as pessoas sobre o que tem que fazer. Como melhorar o nosso querido Brasil! Agora, daí você vê a vantagem de uma experiência religiosa, para o seu transbordar de educação. Porque existe o que se chama caridade, a gratuidade. Eu estou preocupado com a qualidade de vida daquela pessoa que não sabe, e não quero me eleger e nem ficar rico, nem nada... Para “A Maior Glória de Deus”, com pureza de intenção, nós vamos fazer algo significativo para o nosso querido Brasil! Daí vem a fé: em creio em Deus! A esperança: eu vou conseguir – eu tenho esperança de um futuro glorioso! E a caridade: o amor... aquela gratuidade! Que, com gratuidade a educação é feita! Porque, realmente, querendo o bem da outra pessoa! E a outra pessoa vem para o abraço! Porque todo professor tem que ter caridade! Se não, não vai se sacrificar. Vai querer ficar rico! Só vai querer ter o seu prazer! Não vai se desgastar. A gente vê verdadeiras heroínas: professoras, pelo Brasil todo, dando a sua vida! Agora, por exemplo, a inquietação da gente: uma mudança de paradigma. De formação de professoras pelo Brasil, por aquele interior. Que são os verdadeiros excluídos! Se, apenas 10% dos municípios, tem Internet! E Internet, e banda-larga, e vídeo sob demanda. Pode ser dado por nós, de uma região privilegiada, São Paulo, Campinas, que via satélite, nós podemos descer banda-larga, e

Internet interativa, com vídeo sob demanda. Daí esta entidade vai fazer uma biblioteca virtual e a biblioteca virtual cheia de cursos de formação de qualquer coisa... reforço escolar para os alunos; reforço de formação para os professores; reforço para médicos, para dentistas, para advogados, para comércio, para indústria... qualquer coisa. Então, o que nós temos aqui? Nós temos uma “fábrica de conteúdos”! A “fábrica de conteúdos” está na universidade, mas a universidade olha para dentro de si. Nós somos meios, nós somos meios de comunicação para que esse conteúdo chegue. Nós temos aqui uma TV, nós temos uma produtora, nós sabemos fazer revistas, nós sabemos fazer cartas, nós temos o programa de computação que vai ser muito abrangente! E nós podemos, por exemplo, ter alianças estratégicas com as universidades ou com o próprio governo: ou, municipal, ou estadual, ou federal, para um Projeto que nós chamamos “Servir Brasil”! Realmente, vale a pena analisar esse Projeto nosso “Servir Brasil”! Com o quê? Com educação e com evangelização! Para a “Maior Glória de Deus”! E está ligado com uma firma que nós temos que se chama Telemagis – Serviço de Comunicação de Multimídia (S.C.M.), temos licença da Anatel – Agência Nacional de Telecomunicações. A Anatel deu licença para uma firma nossa para o serviço de comunicação de multimídia, quer dizer, via satélite. Eu posso comunicar via satélite ou via micro-ondas, ponto/multiponto, dando conectividade e passando conteúdos. Isto é “A Maior Glória de Deus!” Já falei isto para o meu Superior Provincial, ele não entendeu! Mas ele deu licença! Eu disse: - “eu vou dar conectividade para o Brasil e nós vamos ter antenas bidirecionais, porque eu estou trazendo a tecnologia de antenas bidirecionais: uma tecnologia revolucionária!” Eu disse: -“Posso ir buscar?” E ele me disse: -“Pode! Não entendo o que é bidirecional!” E depois vai descer dentro de um banco de dados nosso, uma biblioteca virtual que são computadores, em que a pessoa da sua casa manda um sinal e via satélite desce aqui! Eu mando vídeo para a pessoa banda-larga. Aí, esse dez por cento dos municípios, só dez por cento que tem Internet, passa a ser cem por cento. Só pela tecnologia. Ah, então, Pe. Eduardo, esse cara é um visionário? É um visionário! É um empreendedor, sim! Graças a Deus! Mas eu estou visualizando. Quanto vale a conectividade? Quanto vale a conectividade com Deus? Conectividade com Deus vale tudo! Conectividade com os irmãos vale tudo! Existe a conectividade e foi uma mudança de paradigma. Quando se passou do telegrama para o telefone. Porque passou a ser interativo. Houve mudança de paradigma, também, quando inventaram o rádio. Embora unidirecional. Foi uma mudança de paradigma, ainda, quando inventaram a televisão. Faz uns 60 anos que ela está aí. Porém, não interativa. A mudança de paradigma será a televisão interativa. E vídeo-conferência; e a licença que nós temos é de vídeo-conferência. Na verdade de tele-conferência! Quer dizer que a tecnologia de telefone, das companhias telefônicas, é uma tecnologia arcaica... Sim! Mas, aí vem uma V-Sat. Uma antena bidirecional. Uma antena aqui e

outra em qualquer ponto do Brasil. E a gente vê um ao outro! A gente se vê! E não passa pela linha telefônica. Essa tecnologia pode possibilitar que duas pessoas, pagando apenas uma pequena taxa, pudessem manter contato de qualquer lugar do planeta. Esta é uma tecnologia “desrompitiva”, ou seja, rompe com as outras tecnologias. Mudança de paradigma! Quanto vale a conectividade? Vamos imaginar: eu tenho o melhor ensino do planeta: que resolve os seus problemas, que forma você! Faço um curso de inglês como a segunda língua. E nós temos 100 mil centros comunitários digitais com V-Sat. E 100 mil pontos no Brasil: as pessoas podem ir lá e sentar no computador e com uma pequena câmera assistir ao vídeo sob demanda “número um” ou “número novecentos e noventa”! E pode ter o tutorial para você! E você pode estar nesta mesma sala virtual e receber orientação e ser corrigido. É um avanço tecnológico! É uma mudança de paradigma! Quanto vale a conectividade? Quanto vale multimeios de comunicação? Quanto vale dez milhões de professoras e professores altamente treinados (as) para treinar o Brasil? Quanto vale o *mix* de todos os meios de comunicação? Impressa, correio, telefone, rádio, televisão e Internet banda-larga? Interativa, com vídeo-conferência e a parte tutorial? Quanto vale isto? Quanto vale a conectividade? Mas, se, pela conexão está passando tesouros? Isso vale muito, muito! Tesouros! Não de dinheiro, mas de ensino, de “palavras de sabedoria”. Quanto vale a conectividade? Quanto vale um canal? Quanto vale uma estrada? Uma boa rede de estradas e conectividade. Quer dizer que, o produtor de caju, naquela cidade pobre, no interior do Maranhão, onde não existe asfalto... e ele conectado com a fábrica de caju, e com o exportador de castanha de caju ou de suco de caju. Vale muito esta conectividade! Naquele sítio que não tem nem estrada e nem asfalto. Isto vale muito!

P. – Quais as empresas que compõem o complexo de comunicação ligado à Associação do Senhor Jesus?

R. - A Fundação Século XXI, sendo a detentora da licença do canal de televisão; a Associação do Senhor Jesus, a detentora de todo o patrimônio e a Telemagis (Serviço de Comunicação de Multimídia).

P. – Quais Departamentos compõem a Associação do Senhor Jesus?

R. - A livraria, que também gera recurso para a Associação; o Departamento de Sócios (do qual provém parte da arrecadação da Associação do Senhor Jesus); a Produção, responsável pela grande maioria dos programas exibidos pela TV Século XXI; o Grupo de Internet; o Setor de Computação; a Área Administrativa, responsável pela administração da instituição.

P. – Qual é a cobertura da TV Século XXI?

R. - O mais importante é que nós temos um canal de satélite, o Brasil/SAT1, que “desce” para 16 milhões de antenas parabólicas. Nós começamos com programas espirituais, mas já temos alguns programas educativos e nós queremos evoluir. É o sentido ignaciano do cuidado com a formação da pessoa toda, daí a razão porque os jesuítas se preocuparem com a formação integral da pessoa: se você for a um colégio ou universidade jesuíta, verá que a formação não é só Teologia.

P. – Os noviços frequentam a Associação do Senhor Jesus?

R. - A Renovação Carismática não é o estilo da formação de muitos, nem dos jesuítas. Os noviços jesuítas não passam aqui, não vêm frequentar aqui. Não é o estilo, é um estilo diferente! Não é o estilo que se sente confortável! Esse negócio de bater palmas e dançar...

P. – O senhor poderia dizer como é a aceitação da CNBB em relação à Renovação Carismática?

R. - Já a relação com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, vai depender de como cada bispo vê... é descentralizada. E a Renovação Carismática vai dizer: “Vamos produzir bons frutos”!

Entrevista com o Padre Eduardo Dougherty, Valinhos/SP, em 13/12/2006.

P. - O senhor poderia falar sobre a sua origem, a sua infância e a sua formação escolar nesse período?

R. - Eu, Padre Eduardo, sou uma mistura de muitas coisas, descendente de alemão, que eu acho que é muito cabeça dura, entendeu? Irlandês, formação de americano, eu acho que a fé vem desde o nosso batismo. Na infância, fiz a primeira comunhão no grupo escolar mantido pelas “Irmãs do Verbo Encarnado”, o Saint Catherine of Siena School, na cidade de Nova Orleans, nos primeiros oito anos. A partir daí, fui estudar no colégio jesuíta de Nova Orleans, é bom lembrar que esse colégio, Jesuit High School, de Nova Orleans, é um colégio militar. Nós nos vestíamos de uniformes de soldados durante os quatro anos no colégio jesuíta, do nono ao décimo segundo ano. Nós marchávamos com armas, era uma simulação, mas era toda uma formação: de marchar, de uniformes; realmente todo mundo com o seu uniforme militar. Lembro-me que no grupo escolar eu queria ser acólito, não deixaram por causa do meu tamanho, era alto demais, era magro demais. Quando entrei no colégio dos jesuítas, já senti uma inclinação para ser acólito. Lembro-me que no grupo escolar e também no colégio, já sentia muita inclinação para o esporte, para trabalhar com

equipes, de coordenar equipes, de liderar equipes. Quando entrei no colégio dos jesuítas, logo me apresentei para os esportes, consegui me classificar bem para o basquete, neste torneio me tornei um jogador de basquete. Com a Congregação Mariana, muita formação de Congregação Mariana; aí toda a espiritualidade ignaciana, de sermos militantes, do colégio militar, de começar campanhas para “vencer o mundo para Cristo”.

P. – Outros colégios dos Estados Unidos, nesse período, também eram de estilo militar?

R. - Não, só esse.

P. – O senhor poderia contar como foi o seu ingresso na Companhia de Jesus?

R. - Eu me lembro, na Congregação Mariana, a vida de São Francisco Xavier passou a ser um ideal para mim, que eu li, e pensei: “quero ser como Francisco Xavier”, quero ir também para Índia, para o outro lado, entrei nos jesuítas e descobri que tinha uma missão lá na Ásia, ao lado da Índia ou no Sri Lanka (antigo Ceilão). Então, logo que eu entrei, eu pensei: eu quero ir para a Índia, “quero ser como São Francisco Xavier”. Sempre tive uma grande inclinação para retiros e, no fim, a minha missão principal tem sido a de pregador de retiros. Entrei nos jesuítas e foi muito legal, gostei muito de todos os retiros que fiz durante o noviciado e o juniorado - de 1959 a 1963 - no Saint Charles College, na cidade de Grand Coteau, que quer dizer “grande colina”, em Louisiana; cidade que fica no canto sudoeste do Estado de Louisiana, perto da divisa com o Texas.

P. – Como foi a sua formação na Companhia de Jesus?

R. - Fui para fazer a faculdade, o Spring Hill College, em Mobile, no Estado de Alabama. Fiz a Filosofia e a faculdade de Espanhol, também. E, durante essa faculdade, por duas temporadas, fui passar no México e viver no noviciado dos mexicanos, para dominar o espanhol, e foi maravilhosa a submersão, porque os jesuítas deixam o indivíduo ir no sentido que Deus está chamando. Então, eu realmente entrei nos jesuítas para ser missionário, no fim, decidiram me mandar para a América Latina, fui aprender espanhol - fiz faculdade de espanhol - e, no fim, mandaram-me, um semestre de magistério, na divisa entre Texas e México, na cidade de El Paso, no Texas, onde trabalhei com os mexicanos e americanos, no Jesuit High School e, depois, em julho de 1966, vim direto para Campinas, para o Centro Social “Presidente Kennedy”. Foram excelentes os nove meses de estudo, estudo aprofundado de português, estudei em uma escola na cidade de Campinas, Crismi. Quando cheguei ao Centro Kennedy, estavam lá todos americanos, eu pensei: vou embora daqui, porque eu não vou aprender a falar português vivendo com americanos, fui viver no seminário do Swift e foi

simplesmente maravilhoso estar junto com os seminaristas do colegial. Depois, trabalhei no Centro Kennedy, logo no ano de 1968, fiz o primeiro ano de Teologia, na Faculdade de Teologia dos Dominicanos, na cidade de São Paulo, de fevereiro até dezembro. Em janeiro de 1969, eu já fui embora para fazer o curso de Teologia no Regis College, na cidade de Toronto, no Canadá. O que aconteceu quando eu estava estudando no Canadá, poucos meses depois que eu cheguei lá, foi uma grande experiência de Pentecostes: no dia 15 de março, nos Estados Unidos, na cidade de East Lansing, no Estado do Michigan, eu acho que o “Espírito Santo me pegou, me inflamou”. Passei um fim de semana lá, dirigindo seis horas de ida e seis horas de volta. Tive uma experiência muito profunda de Deus, e foi assim que eu entrei na Renovação Carismática. Já em junho de 1969, vim de volta, cheio do fogo do Espírito Santo, impondo as mãos para a cidade de Campinas, e foi em junho que a Renovação Carismática veio, pelo menos através de mim, decerto veio através de outras pessoas.

P. - O senhor tem notícia de outras pessoas que trouxeram a Renovação Carismática, neste período, para o Brasil?

R. - No mesmo período, padres diocesanos canadenses trouxeram o Movimento para a cidade de Manaus e de Itaquatiara, no interior do Estado do Amazonas. Veio também um grupo de padres carismáticos redentoristas americanos para a cidade de Campo Grande e de Goiânia.

P. – Quando foi a sua Ordenação?

R - A Ordenação foi em junho de 1970, depois tive que passar mais um ano lá no Canadá, em 1971. Eu tive também que morar um ano em Nova Orleans, de setembro de 1971 até agosto de 1972, pregando retiros para os jesuítas, recém ordenado com o “fogo do Espírito Santo”, seguraram-me em Nova Orleans para promover retiros, promovi oito retiros na Província do Sul, Província de Nova Orleans. Chamei aqueles jesuítas da Espanha e da Inglaterra e, depois, a partir de 1972, vim de volta para Osasco, e de 1977 até 1979 para Campinas, na Vila Brandina. Morei lá com o Padre Haroldo, saí de lá para a “televisão”. Em dezembro de 1979, “Deus falou” para organizar uma produtora de televisão, a partir daí, nos anos 80, fundamos a Associação do Senhor Jesus e, em 1989, começamos a organizar a Fundação Século XXI. Em 1998, conseguimos um canal de televisão, mantemos um canal de televisão desde 1999.

P. - Todos os lugares em que o senhor estudou são mantidos pelos jesuítas?

R. – Sim, a formação é muito jesuítica; agora, eu acho que a coisa principal foi aqui, foi a experiência de Pentecostes em 1969, em Toronto, um lugar de muita espiritualidade, em que eu estudei, e passei a ser um “técnico de oração”. Quando uma pessoa de oração, adorador, e também aquele que escuta, “Deus fala”, então você pergunta: como é que crê nessa coisa toda aqui? Eu digo: “Deus é que fez”, a gente escuta o que Ele diz e a gente obedece ao que Ele fala, então, é como dizem: “O Senhor fez por nós maravilhas”! É a mão de Deus, discernimento, é a sintonia com Deus. Deus, Deus mostra o caminho, passo por passo, a palavra de sabedoria vem de saber o que é, e o que Ele quer, de cada um de nós. Podemos dizer que: “O Senhor fez em nós maravilhas, Santo é o Seu nome, Toda Honra e Toda a Glória a Ele”.

P. - Qual a importância do discernimento na vida do jesuíta?

R. - Eu me lembro que, quando, no dia 15 de março, lembro-me muito bem, a experiência de Pentecostes, eu falei que depois que os jovens impuseram as mãos na minha cabeça, eu falei para uma pessoa que eu acho que dou mais importância ao dom do discernimento dos espíritos, porque é preciso reconhecer se é Deus ou não é Deus que está agindo, se é Deus, tudo bem, eu vou; se não é Deus, não me interessa. A partir dessa experiência e por causa dela entrei na Renovação. Sim, é muito importante viver discernindo o que Deus quer. Eu acho que, agora, o meu dom principal é de sabedoria.

P. - Quais os seus projetos para o futuro?

R. - Podem dizer que sou visionário, se estou visualizando coisas maravilhosas para o futuro: não há dúvida que a Igreja vai ter as bibliotecas virtuais; não há dúvida que nós temos que fazer cursos de educação à distância; não há dúvida que nós precisamos entender que existe a “morte da distância” e que é possível fazer telecentros de evangelização, de educação, utilizando toda a infra-estrutura da Igreja. Mas, também, todas as prefeituras, as associações comerciais, cooperativas, tudo que existe por aí, nós temos que formar as pessoas. Agora, a gente vê que nós moramos aqui na cidade de Campinas: uma região privilegiada. Estamos perto da cidade de São Paulo, é mais fácil trabalhar aqui do que lá: naquele trânsito, na multidão que tem lá. Mas, São Paulo está à nossa disposição e os conteúdos estão nas faculdades por aqui, a obrigação nossa não é apenas ensinar religião - Teologia - e oração para as pessoas, mas, também, todos os cursos de profissionalização ou mesmo a educação continuada dos profissionais, os médicos, os dentistas, contadores, advogados, etc. Eu acredito que um dos dons principais que Deus me deu é de visualizar o futuro, planejar o futuro, pedir aquilo que é do futuro e começar a fazer aquilo que é do futuro. Deus chamou a gente para

trabalhar nos meios de comunicação, agora cada pessoa é um meio de comunicar com a língua, mas a extensão da nossa língua é o microfone na rádio, na televisão; agora, na Internet. São muitos os meios de comunicar: a caneta, a palavra impressa, o telefone... Os comunicadores, os programas, são todos meios de comunicação. Agora, utilizando todos os meios e trabalhando com multimídia - mistura de televisão, de Internet, dos livros - com todos os conteúdos que estão nas faculdades e os professores que são meios e que têm uma bagagem, que tem uma riqueza, cada professor é um meio. Colocando todas essas multimídias no seu lugar, nós temos uma força tremenda para beneficiar o povo, e aqui que o povo está tão carente, se nós temos as faculdades e estamos numa região que tem maior facilidade de fazer as coisas, está tudo num lugar para fazer uma revolução de ensino ou de evangelização, de ensino normal, de grupo, de ensino médio, de universidade, de pós-graduação - todas as matérias - e também espirituais. Eu posso dizer que eu, Padre Eduardo, tenho sido abençoado, eu acredito que uma pessoa abençoada tem que se tornar uma benção para os outros. Se eu recebi tanto, eu acho que tenho que dar muito, então, por favor, eu recebi uma cultura internacional de um outro ponto de vista, não só o brasileiro, daquele que sempre viveu no Brasil, que pensa só como brasileiro. Tive a felicidade de viajar para trinta e cinco países, estive esse ano no Japão, na China, nas Filipinas, na Coreia, países da Europa, maior parte da América Latina, estudei no Canadá, sou americano, estive no Caribe, a nossa obrigação é enorme: “quem recebeu muito tem que dar muito”. As coisas não são coincidências, chamam-se “Divina Providência”. Então, se Deus colocou a gente numa companhia mundial, Companhia de Jesus, os jesuítas que têm uma visão mundial e não estão presos só com uma diocese. Pensam mundialmente com uma mentalidade militar de um Ignácio que “venceu o mundo para Cristo”, e um Francisco Xavier que foi para a Índia, depois para o Japão e depois ia para a China, é por aí. Realmente, a interiorização da mentalidade da “AMDG” - para “a maior Glória de Deus”. Existe um zelo de fazer o “mais” e não apenas qualquer coisa, toda a inquietação: um Vieira, Manoel de Nóbrega, que queriam desbravar. Xavier, foi realmente na minha infância, a vida de São Francisco Xavier me impulsionou, que cara corajoso, em 1540, passava para o outro lado, para chegar à Índia, para anunciar Cristo. Eu acho que é a encarnação daquilo que significa a “AMDG”. Os jesuítas são fantásticos, os jesuítas são maravilhosos.

P. – Como foi o seu primeiro contato com Dom Gilberto?

R. - No início da década de 1980, eu me lembro que o bispo falou, quando eu disse: -“eu quero fazer uma produtora nacional de televisão e nós vamos fazer um canal de televisão, vamos ser nacional, vamos para o satélite, vamos exportar os programas”, e ele disse: -"eu não posso dar a licença de

fazer uma coisa nacional, vai falar com a CNBB”. Eu fui falar com eles, e pedi a licença, e eles me disseram não conceder licença. Voltei a falar com o bispo e ele disse para eu falar com o meu superior. Fui falar com o meu superior e ele falou que: -“se o Senhor Deus quer que de você isto, vá fazer”! Então, comecei a organizar uma entidade sem fins lucrativos para fazer isto aqui e vai ser assim.

P. - O senhor tem parentes religiosos?

R. - Nenhum.

P. - Como é a sua família, a família participava da Igreja, a família é bastante católica?

R. - Sim, toda a minha família é católica praticante de ambos os lados, não houve nenhuma influência de nenhum membro da minha família para eu entrar na vida religiosa, isso os surpreendeu.

P. – Qual foi a influência do grupo escolar católico na sua formação?

R. – A influência do grupo escolar católico das freiras, das irmãs do “Saint Catherine Of Siena School”, das “Irmãs do Verbo Encarnado” e é lógico, dos jesuítas, foram decisivas em minha vida.

P. - A Congregação Mariana também foi fundada pelos jesuítas, não é?

R. - Sim, a espiritualidade para o leigo.

P. - A que o senhor atribui o fato de ir ao Sul do Brasil e desejar voltar para Campinas, por lá “se parecer com a Alemanha”?

R. - Eu descobri, depois de estar algum tempo no Brasil, que existem muitos “Brasis”, existe o “Brasil de São Paulo”, existe o “Brasil do Rio Grande do Sul”. São muitos descendentes de alemães, de italianos; muitos deles falando com sotaque, eu já falava com sotaque, também.

P. – Nesse período, o senhor já dominava a língua portuguesa?

R. - Sim, mas, para mim, foi mais fácil estudar Teologia em inglês que no Rio Grande do Sul, que, além de ser em outro país, Rio Grande do Sul é “outro Brasil”.

P. – Como foi a experiência do senhor na Faculdade de Teologia, em São Paulo?

R. - A Faculdade de Teologia de São Paulo entrou em crise por causa da Teologia da Libertação, que não foi uma bela experiência. Mas eu tinha certeza, porque no Canadá tinha uma Teologia muito sólida e acho que foi Deus também que fechou meu coração para ir para o Sul, para ir para o Canadá, para que o Espírito Santo me pegasse para ter uma experiência. Deus coloca no coração aquilo que Ele quer. A dúvida é que a Teologia não seria tão boa, o curso de Teologia não foi tão legal. Eu estava lá com Frei Betto.

P. - O senhor vivenciou a perseguição nesta faculdade?

R. - Tinha a pressão da ditadura, muita perturbação.

P. - Como foi o relacionamento do senhor com o Arcebispo Dom Gilberto durante essas décadas em que ele esteve à frente da Igreja de Campinas?

R. - Foi muito cordial, sendo jesuíta, religioso com o bispo, é diferente de um diocesano com o bispo, não é isso? No início, a Renovação Carismática sofreu muita pressão da Teologia da Libertação, medo de se expressar.

P. - Na Arquidiocese de Campinas, o senhor percebeu essa pressão, tiveram grupos pressionando?

R. - Não, abertamente não,

P. - Qual a principal crítica que eles faziam?

R. - O nosso princípio é o seguinte: nós somos da Renovação Carismática, nós temos uma espiritualidade, acreditamos em Pentecostes. Eles nos chamam de alienados, porque não estamos muito na linha social, eu sempre pensei que cada um tem a sua missão: um só que está na linha social e eu estou na linha espiritual, não digo que não cuido do social, pelo contrário, por exemplo, a nossa obra, Centro Social “Presidente Kennedy”, fundado pelo Padre Haroldo, sempre cuidou do social e eu morava dentro do Centro Social. Então, falam que não gostam do estilo carismático, da espiritualidade, mas desde sempre trabalhamos com o social. As pessoas não falavam para mim. O princípio é o seguinte: “pelos frutos, conhecerão”! Então, nós vamos produzir muitos e bons frutos, eu morava no Centro Kennedy e lá tinha todos os cursos para os pobres e para as diferentes profissões. Então, não adianta me chamarem de alienado, se eu estou trabalhando. Estava vivendo no Centro Social, cuidando dos pobres: “pelos frutos conhecereis”! E a gente via frutos no início da Renovação Carismática, nos anos 1972, 1973 e 1974.

P. - A pressão era grande, nesse período, o senhor acha que houve um grupo de padres pressionando o bispo para conter a Renovação Carismática?

R. - Não, ele não contava.

P. - Houve alguma proibição da parte do bispo ou da Coordenação de Pastoral ou da própria Comissão da Renovação Carismática?

R. - Existiam alguns documentos ambíguos da Igreja, cuidado com os exageros... “e nós pensávamos: o que era exagero? Exagero é experimentar Deus, exagero é orar uns pelos outros, exagero é escutar a voz de Deus, exagero é ter fé, o que é o exagero”? É subjetivo o que é exagero? Existem demônios ou não existem demônios? Existem exorcismos ou não existem exorcismos? Certamente estamos numa “guerra espiritual”, não há dúvida, atenção à falta de discernimento. Também: “pelos frutos conhecereis”! A Renovação Carismática não parou de crescer, pelos retiros, pelo Brasil inteiro. As pessoas experimentaram Deus, foram transformadas; excelentes frutos.

P. – O senhor se refere aos documentos da CNBB? A glossolalia?

R. - Sobre o que você está me dizendo, eles diziam: -“muito cuidado”!

P. – Por que parte dos padres e religiosos não adere à Renovação Carismática?

R. - Existe um problema, a formação religiosa dos padres, das religiosas, tem sido muito intelectual e quando vem para o emocional: de gestos, de levantar os braços, de bater palmas e cantar muito, de exteriorização, eles têm problemas. Agora, com razão, eu acho que uma pessoa veterana não vai estar tão interessada em exteriorização como em interiorização. Se virem os jovens fazendo o carnaval, cantando e dançando, os outros mais veteranos dizem que isso não é o estilo deles, e realmente não é. Agora, vamos dizer, o noviço, alguém novo na vida espiritual, que não chegou a ter aquele aprofundamento espiritual, vai gostar muito de um carnaval do Espírito Santo ou de uma tremenda exteriorização, mas os veteranos, não. O que é mais importante: eu ficar falando, gritando ou escutando a Deus? Certamente, escutar a Deus é o mais profundo, mas oração de quietude, de silêncio, depois da comunhão, naquele longo tempo de comunhão, de silêncio, de escuta, como é bom, como é gostoso. Há grande conflito nos jesuítas nesse estilo de muita exteriorização.

P. - Como foi na Província jesuíta no Brasil, teve algum grupo que se opôs ou se opõe ao projeto do senhor?

R: Sempre diziam “cuidado, cuidado com todos os exageros”!

P. - Isso da parte do Provincial?

R. - Não, os jesuítas são muito bons de discernimento e, sobretudo, é lógico que falamos tudo para o superior e o superior nunca se objetou, dizendo: -“não, essa espiritualidade você não pode fazer”! Chegaram a dizer que essa coisa carismática não é o estilo dos jesuítas, porque os jesuítas são mais de contemplação, sem toda essa parte de exteriorização.

P. - Teve alguma proibição?

R. - Não, nunca fui proibido. Nós que somos da Renovação Carismática, no contato com todos os colegas, somos muitos cordiais, muito amigos e cada um na sua e respeitando o outro. Agora, interessante é ver quantas vocações têm vindo para o sacerdócio, para algumas congregações, da Renovação Carismática. E muitos formadores, então... há um conflito, quando um jovem carismático, às vezes, entra em algum seminário, inclusive o dos jesuítas, com muito estilo carismático.

P. - A visita do Padre Geral foi no final da década de 1990, ele visitou a Associação do Senhor Jesus?

R. - Não, ele não veio aqui (Valinhos), nunca veio. Ele foi à Rua Padre Vieira, lá em Campinas, veio em 1997. Ele tem acompanhado as atividades, tanto que, no final de 2004, eu fui chamado para uma reunião em Roma, dos jesuítas, eram dez jesuítas do mundo inteiro, trabalhando nos meios de comunicação, e nós fomos aplaudidos por tudo o que fizemos na televisão. Tinha jesuítas da Ásia: de Cingapura, da Índia; dos Estados Unidos; da África. A ideia sobre os meios de comunicação, eu repito, que eu pensei em dezembro de 1979... “se Jesus Cristo estivesse aqui, como nós estamos aqui, Ele estaria na televisão”. Paulo Apóstolo, também. Ignácio também, estaria na televisão. Nós tínhamos que estar na televisão: é para “a maior Glória de Deus”.

P. - O que disse ao senhor o Padre Geral quando esteve em Campinas?

R. - Sempre apoiou, aplaudiu. Os jesuítas sempre dizem: -“ótimo, tudo bem, mas nós, jesuítas, nós não temos o pessoal, nós não temos o equipamento, nós não temos o dinheiro, nós não sabemos fazer isto”! Agora, realmente a infra-estrutura da CNBB ou de uma diocese, ou de uma congregação religiosa, não vai assumir uma entidade que tem um gasto de dois milhões e duzentos mil por mês, é muito dinheiro e só uma associação civil sem fins lucrativos, lógico, que tem 151 mil doadores

mensais, com uma liderança, tem um cara que é “mendigo”, consegue sustentar uma coisa dessas, quer dizer que têm certas coisas na Igreja Católica que não vão ser feitas dentro da infra-estrutura hierárquica da própria Igreja.

P. - O apoio que o senhor recebeu foi mais moral, alguém deu apoio financeiro ou de pessoal?

R. - Não, mas sempre: -“por favor, não fique em dívida. Vá com Deus, Deus te abençoe e não vem com dívida”.

P. - Por parte da CNBB, Setor de Comunicação Social, o senhor encontrou oposição?

R - Não, só aplausos.

P. – Mesmo sendo hegemônico, na década de 1980, o grupo ligado à Teologia da Libertação, no Setor de Comunicação da CNBB?

R. - Não, nunca tive problemas, porque pelos frutos produzidos... O desejo de Ignácio é servir, não apenas à Igreja, aos bispos, mas às universidades e às escolas, também. No Brasil, servir às escolas públicas, estamos aqui para servir,

P. - O senhor tem ideia de quantos bispos apóiam a Renovação Carismática, hoje, no Brasil?

R. - A grande maioria, mas é difícil precisar quantos são. Porque os carismáticos têm produzidos muitos e bons frutos e essa tem sido a sugestão: “vai produzir bons frutos, pelos frutos conhecerão”!

P. – Como o senhor avalia a presença da Renovação Carismática na Igreja?

R. - A Renovação não vai embora, a Renovação está inserida em todas as pastorais, todas as igrejas. Pentecostes é a graça essencial da Igreja, se vão abafar, nós dizemos que é. Agora, a Igreja confirma, se é ou não é, a Graça Fundamental, onde a Igreja foi fundada. Ela é cheia do Espírito Santo, começaram a falar, começaram a se comunicar. Daí, quando foram perseguidos, saíram cheios do Espírito Santo começando a falar. E aí a fé cresceu para as nações.

P. - Dentre os fundadores da Associação, quem o senhor destacaria?

R. - Decerto, Régis Castro. Deus falou no coração dele para fazer uma comunidade. Mário Carbonari Filho, Luiz Fernando de Mello Campos... são grandes fundadores e a ideia básica foi a seguinte: “Deus é comunidade, Pai, Filho e Espírito Santo”. Deus quer comunidade, é possível a

“comum unidade” entre leigos. Agora, leigos casados, vivendo nas suas casas, mas altamente comprometidos, que é um milagre: que sejam um no sacramento do matrimônio. Mas, é um milagre, que 50, mais que 50, sejam um, e é possível. A Comunidade de Aliança Jesus Te Ama foi fundada junto da Paróquia Nossa Senhora do Rosário, lá no Castelo, e caminhando sempre junto com a paróquia, com a aprovação da paróquia, utilizando o salão da paróquia. Depois, eles mudaram para o outro lado, parece que agora é Cristo Rei, mas em tremenda e grande comunhão entre a comunidade e a paróquia; grande comunicação com o sacerdote; grande comunicação com os bispos. Eu acho que Dom Gilberto foi muito feliz nas bênçãos, nos discernimentos, no acompanhamento, deu grande apoio.

P. - Como foi a fundação da Editora Raboni? Recebeu apoio da Loyola?

R. - Não precisavam. O Régis Castro é um aposentado, autor, ele é autor e, para seu sustento, ele fundou a Editora Raboni junto com as duas filhas. Uma das filhas é formada em Letras que faz a revisão. É um negócio do Régis Castro.

P. – O grupo que fundou a Associação do Senhor Jesus e a Comunidade de Aliança Jesus Te ama, foi o mesmo?

R. – “Jesus Te ama”, junto com Walter Regina. Tem um grupo do Rosário, amigos nossos, que ajudaram na fundação da Associação do Senhor Jesus. Foi muito legal.

P. – O senhor poderia falar sobre o primeiro programa de televisão da Associação?

R. – I Jo 1, 3a: “porque ouvimos e vimos, nós anunciamos a Jesus”! Esse é o resumo do programa “Anunciamos Jesus”, o título “Anunciamos Jesus”.

P. – Foi difícil obter a concessão do canal de televisão?

R. - O professor Lorenzo Cherab era do Ministério das Comunicações, ele deu umas palestras para a Renovação Carismática no ano de 87 e 88. Ele era o Diretor de Concessões, era ele quem aprovava para conceder canais para as pessoas. E numa reunião em Brasília, disse para nós que “existiam canais que estavam à disposição e por que vocês não pedem”?

P. - Sabendo disso, o que o senhor fez?

R. - Eu fui falar com ele e perguntei o que precisava e ele me respondeu que precisava ter uma fundação. Voltei, organizamos a Fundação Século XXI, e pedimos o canal, em 1989 organizamos,

criamos a Fundação e demos entrada para conseguir um canal. Tinha um canal livre e a concessão só saiu em 1998. Foi o Zimbaldi que conseguiu, no fim do primeiro mandato de Fernando Henrique.

P. - Como foi o apoio da PUC de Campinas, no início da Associação?

R. - Sim, quando nós decidimos fazer um programa de televisão em 1983, nós não tínhamos nada... nem equipamentos. Foi aí que nós achamos a PUC, que tinha um estúdio de televisão e alugamos o estúdio para gravar lá.

P. - O Walter Regina foi presidente da Associação por um período?

R. - Heitor Regina foi reitor da Puc e o Walter Regina foi presidente da ASJ, ele foi presidente da Associação até 1988 ou 1989, uma coisa assim.

P. - O senhor conhece a Ratio Studiorum?

R. - Sim, a base é a repetição.

P. - Como ficam as diretrizes da Companhia definidas na 32ª Congregação Geral, a promoção da justiça e a Renovação Carismática?

R. - Vamos ter a força do Espírito Santo para lutar, porque no princípio era o seguinte: o vertical que sustenta o horizontal - é a cruz. Se você não tiver espiritualidade, como é que você vai ter força para lutar para o horizontal? Quem sustenta o horizontal é o vertical. Ficou claro? A espiritualidade. Depois que a Teologia de Libertação perdeu todo o embalo, eles mesmos estão dizendo que precisavam mais de espiritualidade; mas é lógico, e nós que tínhamos espiritualidade naquele tempo, fomos combatidos por eles e chamávamos de alienados. É... “pelos frutos conhecereis”! A Renovação continua, e a Teologia da Libertação, perdeu-se.

Entrevista com o Padre Luís González-Quevedo, Indaiatuba/SP, em 19/12/2006

P. - A filosofia jesuíta é incompatível com as ideias defendidas pelo Movimento Carismático Católico? Quais seriam essas ideias?

R. - Não há incompatibilidade entre a "filosofia jesuíta" e a Renovação Carismática Católica. A expressão "filosofia jesuíta" é um pouco vaga. Seria melhor falar da "espiritualidade ignaciana" ou a "espiritualidade da Companhia de Jesus". Dentro desta, há jesuítas que aderiram ao Movimento da

RCC (como o Pe. Eduardo Dougherty), jesuítas que não gostam da RCC, e jesuítas que não utilizam nem hostilizam a espiritualidade carismática.

P. - Como fica essa incompatibilidade:

- Em relação à divulgação da fé (Evangelização).

- Em relação ao religioso intelectual.

- Em relação à Companhia de Jesus na América Latina.

R. - Já disse que não há "incompatibilidade". O atual Superior Geral da Companhia, Pe. Kolvenbach, falou alguma vez para os jesuítas que aderem à RCC, dizendo que há muitos pontos de contato entre a espiritualidade ignaciana (que dá grande importância ao discernimento das moções espirituais) e a espiritualidade da RCC (que quer seguir as inspirações do Espírito Santo).

- Em relação à evangelização, é claro que a RCC está ajudando a divulgar a fé católica, por exemplo, através das emissoras de TV católicas (Rede Vida, Canção Nova, Século XXI...).

- Quanto aos religiosos intelectuais, a atitude da maioria é menos favorável à RCC. Acham que esta usa métodos semelhantes aos das seitas protestantes. Por exemplo, na Rede Vida, um padre pede para colocar um copo d'água na frente da TV, para ele abençoar, etc.

- Quanto à Companhia de Jesus na AL, a maioria não segue a linha da RCC, mas há jesuítas na AL que a seguem, como Eduardo Dougherty, Benigno Juanes (na República Dominicana), etc.

P. - O senhor identifica oposição e/ou críticas ao projeto do Pe. Eduardo Dougherty em algum grupo de jesuítas da Província?

R. - Nestes dias o Pe. Eduardo está na nossa casa de Itaiçi, fazendo os seus Exercícios Espirituais anuais. Dado o seu tamanho, temos uma cama mais cumprida do normal, para quando ele vem hospedar-se conosco. Antes, fazia-o com mais frequência, agora menos, talvez por suas ocupações. Mas nosso relacionamento com ele é cordial. Não há grupos de oposição a ele, embora sim alguns membros da Província que não gostam da linha dele, por ser carismática. Todos reconhecem, porém, que é um verdadeiro jesuíta, piedoso, entusiasta e com grande capacidade de comunicação e de organização. A Associação do Senhor Jesus e a TV Século XXI não são obras da Província jesuítica do Brasil Centro-Leste, mas a nossa Província apoia o trabalho do Pe. Eduardo, reconhecendo que é um trabalho de evangelização, ao serviço da Igreja. O atual superior e diretor de Itaiçi, Pe. Álvaro Barreiro, gravou alguns programas de TV na Século XXI.

P. - Qual seria esse grupo?

R. - Já disse que não há grupo organizado de oposição, mas apenas indivíduos.

P. - Por que eles se opõem/criticam?

R. - Os jesuítas que não gostam da linha carismática opinam que o Brasil precisa de outro tipo de evangelização, mais na linha da Teologia da Libertação, da opção preferencial pelos pobres, etc. Tempo atrás, a RCC e o Pe. Eduardo apoiaram, publicamente, algum político (Zimbaldi) que não defendia as causas populares no Congresso...

P. - Como fica a formação do jesuíta que pertencem ao Movimento?

R. - Que eu saiba, não existe uma linha específica de formação do jesuíta que pertence à RCC. Nós temos a formação geral do jesuíta, com os Exercícios Espirituais, no campo espiritual, e com estudos sérios de Filosofia e Teologia. O jesuíta que adere à RCC frequenta os cursos, seminários, retiros e encontros específicos desse Movimento, não como jesuíta, mas como membro ou simpatizante da RCC.

P. - Quais as maiores dificuldades? Como lidar com a situação?

R. - Creio que os jesuítas que aderem à RCC, como os que não aderem, como todo ser humano, cristão e religioso, encontrará dificuldades. O jesuíta é um homem que quer viver e transmitir a fé cristã. E isso, nos dias de hoje, em muitos ambientes, não é fácil. Um dos brasileiros de maior prestígio nacional e internacional (Oscar Niemeyer), diz: "Não acredito em nada... mas gostaria de acreditar em qualquer coisa"! Eu costumo ler a coluna "*Macro-micro*", do físico Marcelo Gleiser, no caderno "*Mais*", da Folha de São Paulo. É um bom divulgador científico. É agnóstico. Diz não saber por que existe este imenso universo em que habitamos ("Talvez, tenha surgido por acaso", escreveu no livro: "*A Dança do Universo*"). Eu tentei dar alguns argumentos em favor da ideia da Criação, no meu livro "*Experiência de Deus: presença e saudade*". Mas muitos cientistas não aceitariam minhas razões. Como lidar com a situação? Cada um de nós deve procurar viver com honestidade e coerência. Vaticano II diz que uma das causas do ateísmo é o contra-testemunho dos que nos proclamamos cristãos.

Entrevista com Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger, Arcebispo de Florianópolis/SC, Campinas, em 06/02/2005.

P. - Ocupa algum cargo na CNBB? Qual?

R. - Atualmente, sou Vice-Presidente do Regional Sul II, que compreende as 10 dioceses de Santa Catarina.

P. - Ocupa algum cargo na RCC? Qual?

R. - Não ocupo cargo algum.

P. - Ocupa algum cargo na ASJ? Qual?

R. - Sou do Conselho da Associação do Senhor Jesus. E gravo programas para a TV. Atualmente, estou dando um Curso de Mariologia na TV Século XXI, com duas partes: na primeira, com 36 aulas, apresentarei uma síntese do que a Palavra de Deus e a Igreja ensinam a respeito de Maria Santíssima. Na segunda parte, com número de programas ainda não definidos, responderei a perguntas dos telespectadores sobre Maria.

P. - Histórico de sua participação na RCC e ASJ.

R. - Já como padre, acompanhava e orientava pessoas ligadas à RCC. Nunca participei diretamente da RCC. Como bispo, por dever de ofício, acompanho os passos da RCC na Arquidiocese de Florianópolis.

Participo da ASJ desde 1987. Comecei participando do programa ANUNCIAMOS JESUS. Depois, por vários anos, participava, também, do programa A PALAVRA DE DEUS. Gravei também muitos outros programas, sobre temas diversos. Escrevo mensalmente para a revista BRASIL CRISTÃO.

P. - Do Colégio Episcopal brasileiro quantos aderem à RCC?

R. - A grande maioria aceita a RCC. Tanto isso é verdade que a RCC está presente em quase todas as dioceses do Brasil. Não significa que nós, bispos, adiramos à RCC: o bispo não tem condições de se ligar a nenhum movimento, pois deve orientar a todos. Um ou outro bispo se dedica mais a este ou a aquele movimento, até assumindo alguma responsabilidade em nível regional ou nacional. Mas isso não significa que “pertence” àquele movimento.

P. - Dentre esses bispos quais participam da vida da ASJ? Descrição dessa participação.

R. - Há vários níveis de participação dos bispos na vida da ASJ: por exemplo, já há vários anos, cada número da revista BRASIL CRISTÃO traz uma reportagem com um dos bispos da CNBB. Outro nível de participação é o daqueles que vão a Valinhos para gravar. Esses são em menor número, ou porque não se sentem capacitados para esse trabalho, ou pelo problema das distâncias, do tempo que necessitariam para isso, etc.

P. - Como a CNBB vê a RCC? Quais seriam os pontos positivos? Há ressalvas? Conflitos?

R. - Uma resposta completa a essa pergunta você encontrará nas ORIENTAÇÕES PASTORAIS SOBRE A RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA – Documentos da CNBB nº 53 – Edições Paulinas. O texto é de 1994 e expressa o pensamento oficial da CNBB sobre a RCC: “a RCC... tem trazido novo dinamismo e entusiasmo para a vida de muitos cristãos e comunidades” (n. 2). Depois disso, não houve alguma nova manifestação da CNBB sobre a RCC.

P. - Como a CNBB vê a ASJ? Quais seriam os pontos positivos? Há ressalvas? Conflitos?

R. - A CNBB nunca se pronunciou sobre a ASJ, e nem há motivo para se pronunciar. Uma atitude da CNBB manifesta concretamente como vê a ASJ: em cada Assembleia anual, em Itaiçi, a ASJ está presente, junto com as demais televisões católicas. E está presente porque acolhida pela CNBB.

P. - Os membros da RCC no Brasil e, em especial, os membros da ASJ conhecem e se orientam pelo documento no. 53 (Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica, 1994), da CNBB?

R. - Sem dúvida, o Documento 53 tem servido para a RCC como uma orientação clara e segura. Se todos seguem esse documento, não teria condições de responder. Sem dúvida, a maioria o segue.

P. - Houve ou há algum trabalho em conjunto entre a CNBB e a RCC, em especial, a ASJ?

R. - A ASJ tem participado de todas as reuniões promovidas pelo Departamento de Comunicações da CNBB para as televisões católicas. Há um diálogo constante e enriquecedor para ambos.

P. - Há algum projeto futuro entre a CNBB e a RCC, em especial, a ASJ?

R. - Quem poderá responder a essa pergunta é o Pe. Eduardo, que acompanha de perto a ASJ, por ser seu Diretor.

Entrevista com Carlos Roberto Alvim, Coordenador da Comissão Arquidiocesana da Renovação Carismática Católica de Campinas, em 26/10/2004.

P. - Histórico da Comissão Arquidiocesana da RCC (quando foi fundada, por iniciativa de quem ou de que grupo, com qual propósito ou objetivo)?

R.-A Comissão foi criada em setembro de 1987, por iniciativa de um grupo de pessoas, tendo à frente os Padres Paschoal Canoas e Eduardo Dougherty. Àquela época, apesar de existirem grandes grupos da RCC na Arquidiocese - alguns deles inclusive exercendo ministérios (retiros, palestras, cursos, etc.) fora da Arquidiocese - não havia articulação alguma entre esses grupos e também uma forma de representação formal da RCC perante a Igreja de Campinas. Constatada a necessidade da existência de um organismo arquidiocesano que representasse a RCC, foram convocados todos os coordenadores de Grupos de Oração para uma assembleia no Centro de Pastoral Pio XII. Essa assembleia escolheu 12 pessoas, 2 por região episcopal. Compunham ainda essa Comissão: uma secretária e os padres Canoas e Eduardo, como assessores, que foi formalmente reconhecida, através de Provisão Eclesial, somente em 1991, por ocasião do término da Revisão Ampla Arquidiocesana.

P. - Como é composta a Comissão?

R. - Atualmente a Comissão é composta pelo Coordenador Arquidiocesano, dois representantes de cada forania (16 pessoas) mais os coordenadores dos ministérios específicos (12 pessoas), um vice-coordenador, um tesoureiro e uma secretária.

P. - Como é a relação com as autoridades da Igreja?

R. - A Comissão está plenamente integrada à vida da Igreja Particular de Campinas. Atualmente os Padres, Arcebispo e RCC têm um relacionamento de comunhão e cooperação. Embora não exista uniformidade, há unidade na ação pastoral, eclesial e social. A RCC, juntamente com outros movimentos arquidiocesanos, tem representante na Coordenação Arquidiocesana Colegiada de Pastoral.

P. - Qual tem sido a atuação da Comissão?

R. - A RCC, através dos Grupos de Oração, dos retiros, missas, seminários, retiros de formação, do testemunho pelo serviço e a promoção humana, do incentivo à participação consciente na política, vem abrangendo tanto o *kerigma*, o Anúncio, quanto a catequese, contribuindo para a missão de evangelizar com renovado ardor, indo ao “encontro daqueles católicos, muito mais numerosos, que,

por vários motivos, se encontram menos envolvidos na vida eclesial e mais expostos a outras influências” para formá-los católicos participantes, sujeitos ativos da evangelização. (cf. CNBB doc. 56, nº. 64). Através dos Ministérios (antigas Secretarias de Serviço), Mantém-se fiel às Diretrizes da evangelização propostas pela Igreja nas suas quatro exigências: serviço, diálogo, anúncio missionário (ou *kerigma*), testemunho de comunhão comunitária e participativa. (cf. CNBB doc. 61, nº. 173). O “primeiro anúncio” tem particular empenho do Ministério de Pregadores (SECRETARIA PEDRO) com a promoção de retiros e seminários. O Ministério de Formação (SECRETARIA PAULO APÓSTOLO) é responsável pela formação dos agentes de evangelização. Os grupos de intercessão têm recebido especial atenção da RCC através do Ministério de Intercessores (SECRETARIA MOISÉS). Os jovens recebem especial atenção através dos Ministérios “Universidades Renovadas” (SECRETARIA LUCAS) - universitários e estudantes de Ensino Médio - e Ministério “Jovem” (SECRETARIA MARCOS) através dos seus retiros de formação e de primeiro anúncio, bem como de ações pastorais permanentes. Os retiros de primeiro anúncio, como o REBANHÃO, que ocorre durante o carnaval, os mais de 230 Grupos Semanais de Oração, são polos de evangelização. O Ministério de Promoção Humana (SECRETARIA MARTA) tem trabalhado na promoção humana com diversas obras a ela ligadas (Associação Esperança e Vida, Casa Maria de Nazaré, Associação Rainha dos Anjos, Associação Terapêutica Cristã, etc.). O Ministério Fé e Política (SECRETARIA MATIAS) tem procurado amadurecer a consciência dos cristãos leigos frente à política, esta enquanto mediação privilegiada da caridade. (cf. CNBB doc. 40, nº. 211).

A família tem recebido especial atenção do Ministério para a Família (SECRETARIA ÁGAPE) que promove encontros de espiritualidade, grupos de perseverança para casais, jovens e casais.

P. - Histórico da relação com a ASJ e com o Pe. Eduardo Dougherty.

R. - Com objetivos gerais muito próximos, mas objetivos específicos muitas vezes não tão próximos, a RCC e as comunidades e associações têm buscado trabalhar em conjunto na ação evangelizadora. Desde 2002, estas são convidadas a participar das reuniões e atividades da Comissão Arquidiocesana, o que fez com que melhorasse a cooperação e comunhão entre elas. A ASJ tem um representante na Comissão. Com relação à pessoa do Pe. Eduardo, sempre que possível ele tem participado dos nossos encontros e atividades: celebrando, animando, aconselhando, etc.

Entrevista com o Padre João Luiz Fávero, Coordenador de Pastoral da Arquidiocese de Campinas, em 20/04/2005.

P. – Quando o senhor assumiu a Coordenação da Pastoral da Arquidiocese de Campinas?

R. - No ano passado (2004) Dom Gilberto Pereira Lopes pediu que eu assumisse a Coordenação da Pastoral, sem saber direito onde eu estava entrando, agora que eu estou tomando um pouquinho de pé desse trabalho, porque meu antecessor deixou o ministério e a gente não sabia direito para onde caminhar com o trabalho aqui.

P. - Quem era seu antecessor?

R. - Era o Padre Mauro, que está atualmente em Brasília. Essa é um pouco da minha trajetória, minha história. Em Valinhos, eu sou Padre da Paróquia São Sebastião, localizada no centro da cidade, que pega uma parte, não posso dizer que é periferia, mas abrange alguns dos bairros da cidade. Sendo 10 comunidades que compõem essa paróquia.

P. - Quais as outras funções de coordenação que o senhor desenvolveu na Arquidiocese?

R. - Eu trabalhei com o vigário episcopal e forâneo na Forania Santa Cruz – Valinhos, Vinhedo e região. Antigamente era região Sul, pegava uma parte de Campinas, Indaiatuba e Elias Fausto. Agora nós temos a regiões episcopais, sendo elas: Norte, Sul e Campinas. A cidade de Campinas e todas as cidades em torno de Campinas. E na região Norte e Sul nós temos 03 foranias, uma delas é a Santa Cruz, que compreende as cidades de Valinhos e Vinhedo.

P. - Essa divisão da Arquidiocese, dentro da cidade de Campinas tem no livro (Anuário da Arquidiocese)?

R. - Sim, tem o mapa com as foranias.

P. - Eu me lembro que havia a região Centro – na qual estava a paróquia Santo Antônio - e também Centro-Norte, Região Sul, Região Norte, Região Oeste e Região Leste. Hoje em dia, foram criadas as foranias, esta divisão segue as linhas radiais?

R. - Do centro para a periferia, seguindo um pouco as vias de acesso. Quando se fez a nova configuração, aí se tentou fazer isso.

P. - Do ponto de vista pastoral é melhor?

R. - Facilita mais o trânsito, mas há outras implicações; facilita-se, mas, por outro lado, exige mais abertura, mais diálogo. A região Centro era uma coisa à parte, porque havia uma “distância” entre o centro da cidade e a periferia. Hoje, com essa disposição, cada paróquia está em uma forania, então, ela se relaciona com outros tipos de realidade.

P. - Como é coordenada a atividade pastoral da Arquidiocese de Campinas?

R. - Existe uma Coordenação Colegiada de Pastoral. Então, essa Coordenação tem representantes de todas as áreas da Arquidiocese, não estão todos os movimentos, são representantes de cada pastoral e de todas as foranias e todas as forças vivas da Igreja. Nós temos dois representantes dos movimentos.

P. - Na verdade, o movimento não é pastoral?

R. - Temos os movimentos relacionados à família e os movimentos que lidam com outras realidades: Renovação Carismática, ECC, Cursilho, etc. E aí, essa Coordenação se reúne uma vez por mês. Ela é composta de 30 pessoas. Há representantes das várias pastorais, e outros, dos distintos movimentos, também um por forania; além dos vigários episcopais e a Coordenação. No anuário da Arquidiocese consta a relação de todos.

P. - Existe um mandato?

R. - O mandato da Coordenação Colegiada é de três anos. São eleitos pelos componentes de cada pastoral em nível arquidiocesano. Cada pastoral e cada movimento tem uma coordenação e eles indicam quem vai ser o representante. Uma vez a cada dois meses, temos uma reunião da Coordenação de Pastoral, cuja pauta está relacionada com o que é objeto de discussão na “colegiada”, que reúne todos os segmentos organizadores da pastoral.

P. - Aí, não é a Coordenação Colegiada?

R. - Não, são os coordenadores de todas as equipes.

P. - É um grupo mais executivo, podemos dizer? Deliberativo?

R. - Mais ou menos isso. O contato direto com a Coordenação de cada trabalho, de cada organismo, a gente faz através dessas reuniões para encaminhar o planejamento e essas coisas todas, por isso fazemos a reunião para refletir.

P. - Quantos padres têm na Arquidiocese atualmente?

R. - Ao todo 75 padres diocesanos (de Campinas) e 09 padres diocesanos (de outras dioceses), que residem na Arquidiocese. Então temos 84 padres diocesanos. Tem também os padres e religiosos, que deve dar, mais ou menos, 30 padres que estão trabalhando. Alguns têm serviço voltado para a sua congregação, mas a maioria está envolvida na pastoral, assumindo paróquias.

P. - A criação da Diocese de Amparo, em 1997, fez com diminuísse o número de padres desta Arquidiocese?

R. - Quando se dividiu a Arquidiocese de Campinas, criando-se a Diocese de Amparo, diminuiu aquilo que nós chamávamos de região Leste, mas, na época, ficaram para lá 25 padres diocesanos e 05 padres religiosos. Antes disso, somando-se dava uns 110 padres, mais ou menos.

P. - Desses padres que estão presentes na Arquidiocese, sobretudo os diocesanos, o senhor tem ideia de quantos aderem, ou seja, participantes efetivos da Renovação Carismática?

R. - Que participam e que tenham trabalho ligado à Renovação aqui na Arquidiocese, eu acho que não tem nenhum, por incrível que pareça. Há padres que têm simpatia. Aqui, em Campinas, não tem padre totalmente carismático. Os padres mais envolvidos com a Renovação Carismática estão vinculados à Associação do Senhor Jesus, ao trabalho da televisão. No entanto, o movimento está praticamente em todas as paróquias, uma ou outra que não tem um Grupo de Oração. A gente acompanha e dá assistência aos Grupos. Por orientação da Coordenação Arquidiocesana da Renovação Carismática, estes devem estar inseridos na pastoral paroquial, devem participar. Como fazem parte de um movimento, o Grupo de Oração possui as suas características próprias.

P. – Esses padres envolvidos com a ASJ e a televisão estão entre aqueles nove padres que o senhor mencionou que residem na Arquidiocese?

R. - Não. Eles são padres que vêm de fora e não têm vínculo nenhum com a Arquidiocese.

P. - Eles possuem “uso de Ordem”?

R. - Eles pediram autorização, eles têm o “uso de Ordem”, mas eu não sei se o “uso de Ordem” deles é pela Arquidiocese de Campinas. O Padre Eduardo Dougherty, sim, tem “uso de Ordem” na Arquidiocese de Campinas. A residência dele é em Campinas. Os demais vêm de São Paulo e de outras cidades, e acabam vindo para fazer o trabalho e lá eles têm a missa, as atividades que são próprias da Associação.

P. - Os membros da RCC se engajam em outra pastoral em suas comunidades?

R. - Também. Catequese, ministérios na comunidade, liturgia, um pouco menos na área social, mas assistencialismo eles têm feito. O envolvimento na esfera política se diferencia um pouco daquela visão que nós temos. Alguns carismáticos se destacam e se candidatam, e a Renovação apoia; porém, ainda não há o trabalho de consciência que leva à transformação, é mais para criar uma frente dentro de representação parlamentar, no legislativo.

P. - Na Arquidiocese de Campinas, quem seriam esses parlamentares?

R. – Rafa Zimbaldi, o filho do Salvador Zimbaldi, e o Campos Filho, além de mais dois vereadores, que foram eleitos aqui em Campinas, mas não se pode falar que a Renovação fez um trabalho de conscientização política. Isso, ela não fez. Foi pedido um voto de confiança para essas pessoas que supostamente iriam representar os interesses católicos dentro do legislativo. Diferencia-se, por exemplo, do trabalho do Conselho de Leigos e das pastorais sociais, que possuem outra visão de participação política.

P. - Tem algum Padre diocesano envolvido com a Associação do Senhor Jesus?

R. - Nós não temos nenhum. Agora, com a presença de Dom Bruno, ele assumiu um programa semanal e tem obtido presença maior dentro da TV Século XXI. Ele fala sobre o Evangelho de domingo, faz um comentário. Esses dias, ele esteve fazendo programa de reportagem, entrevista. Então, Dom Bruno está tendo um relacionamento mais constante com a TV Século XXI e a Assessoria de Comunicação da Arquidiocese tem um contato maior, mas não tem um trabalho vinculado com a TV. Antes já tinha vínculo, mas não era um compromisso de trabalho. Agora existe um programa. Quanto a conflito não há problema entre a relação da Arquidiocese com a Renovação Carismática, depois que foi criada a Comissão Arquidiocesana. Problemas sempre têm, às vezes, acontece na paróquia ou com um Grupo, que não caminha de acordo com as orientações da paróquia. As lideranças que não são bem formadas acabam tomadas por fanatismo e por falta de conhecimento e esclarecimento: “trocam os pés pelas mãos”, mas isso são fatos isolados. No passado teve um problema com a Turca, que depois acabou tendo acompanhamento. A Coordenação Arquidiocesana da Renovação tem feito esforço para acompanhar todos os Grupos, cadastrar todos, para que recebam orientação via Coordenação Arquidiocesana, e para que não haja influência de outros Grupos dentro da Arquidiocese. Aqui em Campinas sofremos com isso. A Coordenação tem um trabalho e um entendimento, aí tem a Associação que nem sempre está ligada ao trabalho da Coordenação Arquidiocesana, pois tem uma estrutura própria e faz um outro trabalho. Há a Toca de

Assis. E a Canção Nova e a Associação que têm o mesmo vínculo com a TV. Para ser Coordenador de um Grupo de Oração, fazer e trabalhar com liderança de um Grupo, deve-se ter feito um estudo, pois eles têm uma Escola de formação para Liderança - São Paulo Apóstolo - então todos devem passar por essa formação para que não haja perigo do líder caminhar por suas próprias convicções, mas que saibam trabalhar de acordo com as orientações do movimento e da Coordenação Arquidiocesana. O Carlos Alvim tem feito um esforço muito grande para manter esse vínculo, mas uma situação ou outra acaba fugindo. Eles têm sido fiéis e persistentes.

P. - E nas questões polêmicas, como “falar em línguas”, “curas” e “descanso no espírito”?

R. - A orientação da Arquidiocese que nós passamos aos Grupos de Oração das paróquias é que não se incentive essas práticas. Se essa manifestação aconteceu num Grupo mais restrito, não teria problema; se fosse acolhida pelo Grupo e não fosse levada aos outros grandes Grupos de oração.

P. – Há problema nessas três áreas?

R. - Antigamente já teve, mas não problemas mais sérios. Porque se acabou criando uma busca no Grupo de Oração, ali há cura, então a preocupação não era ir para rezar, para o encontro com Jesus. A finalidade era buscar a cura que era a necessidade daquela pessoa. Eu não sei se esse é o melhor meio para a gente começar a evangelizar. Acho que os Grupos hoje têm uma compreensão mais clara sobre isso.

P. - A proximidade da própria Igreja à RCC colaborou para isso?

R. - Eu acredito que tenha facilitado, sim. Eles foram percebendo que isso nem sempre ajuda. Se houver uma cura: “Louvado seja Deus!”, mas não precisa fazer dessa cura uma propaganda com testemunhos, usando assim como *marketing*.

P. - Há algum documento oficial da Arquidiocese destinado à orientação dos membros da Renovação Carismática?

R. - Não. Orientação escrita, não. Eles têm orientação que a Coordenação estabelece para os membros. Todos os Grupos de Oração devem estar cadastrados para que, oficialmente, se constituam como Grupo. Eles devem ter uma liderança preparada, formada pela Escola Paulo Apóstolo, nos Grupos é incentivado para que os participantes também façam os cursos.

P. - O senhor conhece esse curso da Secretaria Paulo Apóstolo?

R. - Não muita coisa. Dura mais ou menos 02 anos.

P. - É de caráter teológico?

R. - Sim, eles têm a interpretação deles, mas sem fugir da fala oficial da Igreja. Eles abordam questões do Catecismo e fazem estudo bíblico.

P. - Quem coordena? Quem é o formador?

R. - Aí, tem algumas equipes.

P. - São pessoas da Renovação Carismática?

R. - Cada forania tem uma equipe que coordena a Escola. São todos membros da Renovação. Eles passam a visão do movimento. As apostilas já estão prontas e vem da Coordenação Nacional.

P. - Eles têm Coordenação Estadual?

R. - Por isso que o vínculo com a Coordenação Arquidiocesana é fundamental. Porque é aí que eles (Coordenação Arquidiocesana da RCC) “filtram” um pouco, mantendo um vínculo com a Igreja local. O incentivo é que o Grupo caminhe sempre sob orientação do pároco e do Conselho Paroquial. Eles têm incentivado muito isso para que o Grupo não seja de resistência na Paróquia, mas que estejam a serviço e em comunhão. Eu acho que quando eles começam a criar essa mentalidade, isso facilita muito a convivência na paróquia e até o crescimento dos Grupos, porque aí, os párocos e os conselhos, também não estabelecem uma resistência tão forte.

P. - O trabalho em conjunto entre Arquidiocese e a Renovação Carismática, em especial a ASJ, se restringe apenas ao programa sobre o Evangelho dominical?

R. - Esse programa é coisa do Bispo e a RCC, mas não é uma adesão à Renovação Carismática. A Coordenação Arquidiocesana da Renovação Carismática Católica em Campinas não tem vínculo explícito com a Associação do Senhor Jesus. Ela caminha com orientação da Arquidiocese. A Associação do Senhor Jesus se constitui à parte, e não está vinculada à pastoral.

P. - Mas a RCC, sim?

R. - Sim, aí que está a diferença.

P. - Há algum projeto futuro entre a RCC, a Arquidiocese e a ASJ?

R. - Não, o contato é mais relacionado à informação.

Entrevista com o Cônego José Luiz Nogueira Castro, Campinas, em 10/01/2007.

P. – Por ocasião da fundação da ASJ em Campinas, o senhor sabe se o Pe. Eduardo pediu autorização para a Arquidiocese?

R. - Sendo a Associação do Senhor Jesus, uma associação de direito civil, regida no C.D.C. nos cânones 215, 225, 298, 299, não carece da licença da autoridade hierárquica, ela é comunicada, creio que assim fez o Padre Eduardo que sendo jesuíta, está ligado a esta Sociedade, só que através da província de Dallas EUA, como também o Padre Haroldo Rahm, S. J.

P. - Houve oposição de algum grupo à RCC e ao projeto do Pe. Eduardo Dougherty por sediar-se em Campinas?

- Qual era esse grupo?

- Qual era o teor da crítica?

R. - A R.C.C. começou em Campinas, pelo menos em 1977, na Vila Brandina, depois que Pe. Haroldo deixou a liderança do T.L.C. lá realizados, nesse tempo. O Pe. Eduardo era estudante de Teologia (chegou a morar algum tempo em uma casa em frente à Igreja Nossa Senhora das Dores, no Cambuí). Posteriormente, foram sendo criados núcleos: no Bonfim, no Liceu, no Rosário, no Centro Kennedy, no São Bernardo, entidades como Jesus Te Ama, Editora Raboni, do Regis. Nesse tempo, houve reuniões da Coordenação de Pastoral, orientada pelo Padre José Arlindo Denadai. Para o movimento não entrar em rota de colisão com as autoridades da Igreja local, foi criada uma equipe de pastoral com o Padre Paschoal Brazilino Canoas, sendo este o interlocutor da Arquidiocese com a RCC. Nesse período é que surgiu a ASJ e sua instalação em Valinhos, ao mesmo tempo em que a Arquidiocese de Campinas, em seus Planos de Pastoral, acenava para a Teologia da Libertação por meio das Comunidades Eclesiais de Base. Algum diálogo era nesse nível: nós, os padres, cuidaríamos do político e social; e eles, os carismáticos, (da paróquia do Rosário), do espiritual...

P. - Como é a aceitação da Renovação Carismática pelo clero de Campinas?

R. – No final da década de 1990, o Padre Eduardo convidou os padres para visitarem as instalações da TV século XXI, que tinha o Sr. Walter Regina, como membro da Associação. Naquele tempo, estava começando a Rede Vida, também; e haveria um convênio para a utilização da mesma torre de transmissão para as duas entidades televisivas. Nessa altura, foram feitos boletos enviados pela mala direta às paróquias, *banners*, etc... criando alguma crise entre as paróquias, a TV Século XXI e a Rede Vida. Os presbíteros que o Padre Eduardo recebe (problemáticos vários deles), só têm “uso de Ordem” na ASJ e não podem nem pregar nem celebrar nas paróquias, aí se vê a pequena aceitação dos padres de Campinas para com a RCC.

P. – Houve alguma proibição na Arquidiocese em relação às práticas da Renovação Carismática?

R. - Na Coordenação Arquidiocesana, a orientação para os grupos de oração e louvor, é que seguissem a orientação do Documento da CNBB nº. 53, sobre a RCC. Em minha paróquia de Santa Luzia, do Jardim Campos Elíseos, quando um grupo quis tomar de assalto à Comunidade Nossa Senhora Aparecida, dei um solene não, proibindo até outras atividades da Comunidade, o silêncio é que deveria falar. Era 1994, só dois anos mais tarde aceitei que comessem, mas com o consentimento da coordenação da Comunidade do J. Ieda. Mediante um pedido expresso também de Dom Gilberto, consenti.

P. - Quais as principais divergências entre o objetivo pastoral da Arquidiocese e a prática da Renovação Carismática?

R. - A origem da RCC é dos EUA, ligados à Santa Fé, com o Presidente Reagan querendo minar as CEBS e a Teologia da Libertação. Também a RCC é de origem protestante, com um ramo católico, com assembleias mais assemelhadas à Assembleia de Deus e Congregação Cristã, e com interpretação bíblica fundamentalista e tudo o mais. Aí estão algumas discrepâncias fundamentais.

P. – Como o senhor avalia a aceitação da Renovação Carismática pelos bispos do Brasil?

R. - Quanto aos bispos, a aceitação é relativa, mas em muitas dioceses é tolerada.

P. – Como o senhor vê a programação da TV Século XXI?

R. - A programação da TV Século XXI deixa muito a desejar, muito fraca a grade de programação, entrevistas vazias, orientações litúrgicas que deformam as orientações oficiais do Arcebispo. Adoração, celebração longuíssima... o mesmo estou falando a respeito da Canção Nova, do Padre Jonas Abib, valendo igual apreciação. Muitos têm o desejo de aparecer, mais que Jesus Cristo, e que

Ele, Jesus, desapareça. Só me interesse por algumas programações internacionais, todas juntas as TVs. Católicas não chegam a 5% do meu interesse, assemelhando-se às outras TVs. evangélicas.

CARTA DO SUPERIOR GERAL DA COMPANHIA DE JESUS, PETER-HANS KOLVENBACH, DIRIGIDA AO PADRE EDUARDO DOUGHERTY:

INTRODUÇÃO DO PADRE DOUGHERTY:

“Na obediência, unidos a Deus. Eu sou padre jesuíta. Nós, jesuítas, procuramos em nossas vidas seguir fielmente os passos de Jesus Cristo. Na minha formação, vivendo em família e no meu tempo de seminário, aprendi a importância de duas virtudes indispensáveis para sermos verdadeiros seguidores de Jesus: a obediência àqueles a quem devemos obedecer e a busca constante da unidade entre nós cristãos. A obediência é a virtude que, muitas vezes, nos coloca em confronto com a nossa própria liberdade. Para sermos obedientes, frequentemente, temos que abrir mão de nossa livre vontade para seguirmos as ordens daqueles que nos orientam, sejam eles nossos pais, sacerdotes ou então nossos superiores. O próprio Jesus nos deixou o modelo de obediência: *‘Pois, desci do céu, não para fazer a minha vontade, mas a vontade daquele que me enviou’ Jo 6, 38.* Todas as vezes que procurarmos ser obedientes, na luta constante contra nossa vontade para cumprir a Vontade do Pai, estaremos automaticamente buscando a unidade, a outra virtude necessária para que o mundo creia na proposta cristã, assim nos diz Jesus: *‘Para que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em Ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste.’ Jo 17, 2.* A unidade entre nós cristãos é o sinal visível da presença de Deus em nosso meio. Ora, se Deus está realmente entre nós, significa que sua Vontade vem sendo cumprida. Por sua vez, se Sua Vontade está sendo cumprida, tudo certamente concorrerá para o bem de todos! Mas, por que estou colocando isso para vocês no início do ano? Primeiramente, por causa da carta que recebi, com muita alegria, vinda de Roma, da parte do padre Peter - Hans Kolvenbach, SJ, Superior Geral dos Jesuítas, ordem religiosa da qual, com muita honra, faço parte e que transcrevo para o conhecimento de todos os sócios-amigos da Associação”:

"Caro Pe. Eduardo:

É de grande importância o trabalho realizado pelo Centro de Produções de Valinhos para a propagação do Evangelho através do vídeo e da televisão. Desejo, por isso, felicitar o Sr. e os seus colaboradores, especialmente os sócios-amigos da Associação do Senhor Jesus que com seu apoio tornam possível este serviço de divulgação ampla da mensagem cristã. Não deixarei de acompanhá-los com as minhas orações, para que o sucesso desse empreendimento contribua cada vez mais para a maior glória de Deus e o bem de seu povo”.

Padre Peter - Hans Kolvenbach, SJ

“Esta carta é um sinal claro da parte de Deus para mim, demonstrando que estou cumprindo a Sua Vontade, vivendo e trabalhando em perfeita harmonia com meus superiores. É por isso que a nossa Associação cresce, cada vez mais e mais, com a bênção de Deus. Porque a bênção de Deus é derramada em abundância onde há obediência e perfeita unidade. Para que isso ocorra é necessário arrancar a falsidade, a mentira e a hipocrisia de nosso meio. A segunda razão de eu escrever tudo isso para vocês, no início do ano, é essa: todos precisamos, radicalmente, fazer nossa opção definitiva por Jesus. Esta opção exige de nós atos concretos de nossa vontade. Precisamos rever nossos valores pessoais e o sentido de nossas vidas. As famílias, por exemplo, precisam redescobrir os valores da obediência e da unidade. Os filhos precisam reaprender a importância de obedecerem a seus pais. Os pais, por sua vez, precisam respeitar os seus filhos, amando-os, perdoadando-os, mas também corrigindo-os quando necessário. Ao contrário dos que muitos pensam, a correção e o castigo são uma forma de amar. A Palavra de Deus assim nos ensina: *‘Estais aquecidos da palavra de animação que vos é dirigida, como a filhos: Filho meu, não desprezes a correção do Senhor. Não desanimes, quando repreendido por ele; pois o Senhor corrige a quem ama e castiga todo aquele que reconhece por seu filho’* Hb 12, 5-6. Os esposos precisam buscar a unidade entre si, sendo coerentes na educação dos filhos, sem divisões nem disputas. É a partir da unidade do casal, que se implantará a união entre os filhos. Se a cabeça não estiver bem, o corpo, por sua vez, estará enfermo. Ora, o casal é a cabeça do corpo, que é a família. Se a família não está muito unida nos dias de hoje é porque os casais estão desunidos, apesar, muitas vezes, de estarem vivendo juntos fisicamente. Casais, pensem nisso séria e objetivamente. Nós, da Associação do Senhor Jesus, estamos produzindo muitos programas para as famílias do Brasil. Nosso objetivo é promover a unidade e não a separação dos casais. Queremos novamente levantar a bandeira da obediência, pois os filhos precisam obedecer a seus pais, porque assim ordena o Senhor em seu Mandamento: *‘Honrar pai e mãe’* Não existe honra maior para os pais do que ver filhos obedientes, crescendo em estatura, mas também em graça, sabedoria e santidade, promovendo entre si, a unidade. Irmãos unidos são frutos de casais unidos que, futuramente, na sociedade promoverão a justiça, a paz, a fraternidade e a solidariedade, tão necessárias para que o Reino de Deus seja definitivamente implantado por nós aqui na terra”.

Pe. Eduardo Dougherty, SJ

Data: 1/2/1997

Disponível em: <http://www.asj.org.br/cartas_detalhes.asp?cod_carta=78>. Acesso em: 26 ago. 2006.

BIOGRAFIAS

Padre Harold Joseph Rahm

Nascimento: 22/02/1919 em Tyler, Texas, EUA; Pai: Robert Rahm; Minnie A. Rahm; Ordenação: 15/06/1950 na Igreja Saint Mary's na cidade de St. Maryê, Kansas, por Dom John Glennie; Primário, Ginásio: St. Benedicts Grammar School Louisville, Kentucky (1926-1935); Colegial: Brackenridge High School, San Antonio-Texas (1936-1939); Bacharelado: Loyola University, New Orleans – Louisiana (1939-1942); Filosofia: Spring Hill College, Mobile – Alabama (1940-1944); Teologia: St. Mary's College – Kansas (1947-1951); Fundou o “Our Lady's Youth Center” (Centro Juvenil Nossa Senhora), ainda em pleno funcionamento na Zona do Chamizal, no México, proporcionando diversas atividades à juventude, experiência que teve repercussão mundial. A pedido de S. S. João XXIII, que havia requerido um reforço missionário para a América do Sul, visitou pela primeira vez o Brasil em 1964, chefiando um grupo de padres norte-americanos que veio para estudar as possibilidades de trabalho nas regiões de Campinas, Ribeirão Preto e Botucatu.

Ao voltar para os Estados Unidos, ofereceu-se para trabalhar como voluntário no Brasil. E no dia 17 de junho de 1964 desembarcou no Brasil, percorreu várias cidades do Estado de São Paulo, mas veio fixar-se em Campinas. Querendo dar continuidade ao seu trabalho nos Estados Unidos, fundou em Campinas, em 1965, o Centro Social Presidente Kennedy, para atender jovens das periferias na sua formação profissional. Ainda nesse ano criou o Movimento Treinamento de Liderança Cristã (TLC), destinado à formação de jovens.

Em 1978, fundou em Campinas a Fazenda do Senhor Jesus localizado na Vila Brandina, que também é mundialmente conhecida. Esta obra, que visa a recuperação de toxicômanos e alcoólatras, experiência pioneira, serviu de base para a inauguração de outros 220 espaços semelhantes no Brasil. E pensando em dar e contar o apoio das famílias envolvidas com as pessoas em recuperação das drogas, implantou o Movimento “Amor Exigente” adaptado do “Tough Love”, nos Estados Unidos, destinado aos pais e familiares de dependentes químicos.

Atualmente é Presidente da Associação Promocional Oração e Trabalho (APOT), Presidente de Honra da Federação Brasileira de Amor Exigente (FEBRAE), Presidente da Federação Brasileira das Comunidades Terapêuticas (FEBRAC), Vice-Presidente e co-fundador da Federação Latino-americana de Comunidades Terapêuticas, membro da Diretoria da Federação Mundial de Comunidades Terapêuticas (WFTC), Assessor Nacional da Pastoral de Prevenção e Recuperação em

Dependência Química da CNBB, Presidente fundador do TLC e Co-Fundador da Renovação Carismática Católica do Brasil. É autor de muitas Obras sobre recuperação dos dependentes químicos e alcoólicos, bem como sobre Relaxamento e Coscientização Espiritual em parceria com Dra. Núbia Maciel França. Recebeu mais de uma dezena de Honrarias e Títulos nacionais e internacionais.

Fonte: MENEGAZZI, Carlos. [et al.]. *Arquidiocese de Campinas: Subsídios para a sua História*. Campinas: Ed. Komedi, 2004, p. 768 -769.

Padre Luís González Quevedo Campo

Nascimento: 06/04/1939 na cidade de Llanes – Oviedo, Espanha; Pai: Luís Gonzáles Quevedo Monfort; Mãe: Rosa Campo Peláez; Ordenação: 22/12/71 na Igreja do Seminário de Madri por Dom Ricardo Blanco, Auxiliar do Arcebispo de Madri; Primário: Colégio San Antonio – Maristas, Carrión de los Condes Palencia, Espanha (1948-1951); Ensino Fundamental: Instituto Carreño Miranda, Avilés, Oviendo, Espanha (1952-1956); Licenciatura em Direito: Universidad Complutense, Madrid (1957-1961); Noviciado e estudos humanísticos no Centro Superior de Estudos Clássicos, Salamanca, Espanha (1962-1964); Filosofia: Faculdade de San Francisco de Borja, San Cugat Del Vallés, Barcelona, Espanha (1964-1966); Teologia e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais: Faculdade “Cristo Rei”, adscrita à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS (1969-1973); Especialização em várias matérias: Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma (1978-1980); Prática de Educação e Docência na Universidade do Trabalho “José Antonio Girón”, Gijón, Espanha (1966-1968); Professor de Religião nos Colégios “Pedro Schneider”, “Olindo Flores”, “Nove de Outubro”, São Leopoldo/RS (1969-1973); Professor na Universidade Católica de Goiás, Diretor do Seminário Santa Cruz na Arquidiocese de Goiânia, Assessor Regional da CNBB (1973-1982); Mestre de Novícios do Noviciado Inácio de Azevedo, em Campinas e Membro do Conselho de Presbíteros da Arquidiocese de Campinas (1983-1993); Membro do Centro de Espiritualidade Inaciana, Redator da Revista “Itaici”, Bibliotecário e Orientador de Exercícios Espirituais de Itaici, Indaiatuba, SP (1994- até hoje).

Fonte: MENEGAZZI, Carlos. [et al.]. *Arquidiocese de Campinas: Subsídios para a sua História*. Campinas: Ed. Komedi, 2004, p. 771.

Padre Paschoal Brazilino Canoas

Nasceu a 01/07/1938 em São José do Rio Pardo, filho de João Antonio Canôas e Francisca da Rocha Canoas. Foi ordenado a 01/12/1963 na Catedral Metropolitana de Campinas por Dom Paulo de Tarso Campos. Fez o Curso primário na Escola Primária Cel. Franco em Pirassununga de 1945 a 1949; o ginásial no Instituto de Educação de Pirassununga de 1950 a 1952; o colegial no Seminário Menor da Imaculada de Campinas de 1953 a 1956; Filosofia no Seminário Maior do Ipiranga em São Paulo e Seminário Maior de Aparecida do Norte/SP, de 1957 a 1959; Teologia na Faculdade Nossa Senhora da Assunção em São Paulo de 1960 a 1963; Educação Artística na PUC-Campinas de 1976 a 1977; Pedagogia no Instituto Dom Bosco de 1979 a 1980; professor, Diretor Espiritual e Reitor do Seminário Menor de Campinas de 1963 a 1973; Assistente da J.E.C. de Campinas em 1964; professor do Colégio de Aplicação Pio XII e da PUC-Campinas de 1971 a 1975; professor de Educação Musical na EEPG Dr. Monsenhor Emílio José Salim em 1974; Pároco da Paróquia Senhor Bom Jesus do Bonfim de Campinas em 1974; Orientador da EEPG Dr. Mascarenhas em Paulínia/SP, em 1975; professor de História e Orientador da EEPG Elias Massud em Monte Mor/SP, em 1976; professor de Teologia da PUC-Campinas em 1976; Professor Efetivo de Educação Artística na EEPG de Paulínia de 1977 a 1981; Coordenador de Pastoral da Família de 1977 a 1979; Orientador Espiritual da Renovação Carismática em 1979; Vigário da Episcopal da Região Centro-Norte em Campinas de 1985 a 1987; Assessor de Imprensa da Arquidiocese de Campinas em 1985; Pároco da Paróquia de Sant'Ana de Sousas em 1987; Pároco da Paróquia de Nossa Senhora de Lourdes de Campinas em 09/04/2002.

Fonte: MENEGAZZI, Carlos. [et al.]. *Arquidiocese de Campinas: Subsídios para a sua História*. Campinas: Ed. Komedi, 2004, p. 727.

Cônego José Luiz Nogueira Castro

Nasceu a 19/08/1941 em Campinas/SP, filho de Francisco de Salles Castro e Maria de Nazareth Nogueira de Castro. Foi ordenado a 18/12/1966 na Igreja Nossa Senhora das Dores do Cambuí em Campinas, pelo Bispo Dom Paulo de Tarso Campos. Fez o Curso primário no Instituto de Educação Carlos Gomes de 1949 a 1951; o ginásial e científico no Culto à Ciência de 1953 a 1957; Seminário da Imaculada de 1958 a 1959; Filosofia no Seminário de Aparecida do Norte/SP de 1960 a 1962; Pontifício Colégio Pio Brasileiro em Roma, Itália, de 1962 a 1966; Teologia na

Pontifícia Universidade Gregoriana de 1962 a 1966; Vigário Cooperador da Paróquia de Nossa Senhora das Dores no Cambuí, Campinas, de 20/11/1966 a 04/01/1970; Pároco da Paróquia de São Pedro Apóstolo, Novo Cambuí, em Campinas, de 25/01/1970 a 25/04/1971; Vigário Cooperador da Paróquia de Nossa Senhora das Graças, em Campinas, de 1970 a 1972; Vigário Cooperador da Paróquia São Sebastião, em Valinhos, de 24/04/1971 a 17/02/1972; Pároco da Paróquia do Coração de Maria, em Campinas, de 17/02/1972 a 04/03/1979; Atendimento específico na Vila “31 de Março” de 1970 a 1980, Vila Padre Padre Manoel da Nóbrega de 1976 a 1980, Jardim Campineiro e Jardim São Marcos de 1978 a 1989; Jardim Nossa Senhora de Fátima, Rosolém, Hortolândia, de 1979 a 1980, Vila Castelo Branco de 1979 a 1980, Jardim São Cristóvão de 1979 a 1980; Secretário do Arcebispo para Assuntos Administrativos em 1979; Pároco da Paróquia Santa Margarida Maria Alacoque, Jardim Bandeirantes, em Campinas, de 1980 a 1989; Diretor Espiritual do Seminário Imaculada de Filosofia de 1984 a 1985; Pároco da Paróquia de Santa Luzia, Novo Campos Elíseos, em Campinas, de 1989 até a presente data; Capelão das Missionárias de Jesus Crucificado da Casa de Nossa Senhora 1989 até a presente data; Vigário Episcopal da Região Pastoral Norte de 1981 a 1987; Consultor Diocesano de 1984 a 1989; Vigário Forâneo da Forania Bom Pastor de 1997 a 1999. Reeleito em 2000 a 2002. Cônego Catedrático em 01/08/2000 e investido em 13/08/2000.

Fonte: MENEGAZZI, Carlos. [et al.]. *Arquidiocese de Campinas: Subsídios para a sua História*. Campinas: Ed. Komedi, 2004, p. 717-718.

Padre João Luiz Fávero

“Eu nasci em Pedreira, Estado de São Paulo, que antes fazia parte da Arquidiocese de Campinas, agora pertence à Diocese de Amparo. Minha formação, meus estudos sempre foram feitos em Escola Pública e minha origem é de família operária. Em 1981, eu ingressei no seminário aqui em Campinas, na Arquidiocese. Fiz Filosofia e Teologia na PUC-Campinas. Em 07 de dezembro de 1987, fui ordenado com meu irmão que éramos da mesma turma. Estudou conosco, o Pe. José Eugênio, que hoje está na cidade de Itapira, da Diocese de Amparo. A minha primeira experiência como padre foi em Hortolândia. Fiquei lá três anos e depois fui para Valinhos e estou lá há 14 anos. Portanto, tenho 17 anos de padre, 43 anos e no meu trabalho, estando em Valinhos, assumi duas vezes a Região Pastoral. Por dois mandatos, fui vigário episcopal e vigário forâneo”.

Fonte: FÁVERO, 2005.

Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger

Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger nasceu em Brusque – SC, a 19 de setembro de 1943. Em 1963 entrou para a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos), tendo sido ordenado sacerdote em 7 de dezembro de 1969. No início da década de 70, no Vale do Paraíba, fundou um movimento para jovens – Movimento Shalom, que ainda atua na região. Foi reitor do Instituto Teológico SCJ, de Taubaté, de 1974 a 1979. Em 1980 estudou em Roma (Espiritualidade). De 1981 a 1985 foi Superior Provincial de sua Congregação, residindo em São Paulo (capital). Escolhido para o episcopado em 1985, foi Bispo Auxiliar de Florianópolis (de 1985 a 1991), Bispo de Ponta Grossa (de 1991 a 1997), Arcebispo de Maringá (de 1997 a 2002) e, desde 27 de abril de 2002, é Arcebispo de Florianópolis. Seu lema episcopal é: *Deus Caritas est* ('Deus é amor' – 1Jo 4,16). É autor de vários livros: *Shalom, a paz ao alcance da juventude* (Ed. Loyola – traduzido para o italiano e para o espanhol), *Deixa meu povo ir* (Paulus – traduzido para o espanhol), *Peregrinos do Reino, cidadãos do mundo* (Ed. Santuário), *Apascenta minhas ovelhas* (Ed. Santuário), *Alegre-se: Deus é amor!* (Ed. Loyola), *O primeiro, o último, o único Natal* (Ed. Loyola), *Com Maria, a Mãe de Jesus* (Ed. Paulinas) e *Um mês com Maria* (Ed. Paulinas). Escreve mensalmente para as revistas *Mensageiro do Coração de Jesus* (São Paulo - SP) e *Brasil Cristão* (Publicação mensal da Associação do Senhor Jesus - Valinhos – SP), e para o *Jornal da Arquidiocese* (Florianópolis - SC).
Fonte: Dados biográficos fornecidos por Dom Murilo Krieger, ano de 2005.

LETRAS DE MÚSICAS

Renovação Carismática Católica

166 – SENHOR, EU QUERO (Pe. Jonas Abib) (COMEP 0409)

Senhor eu quero te louvar, honrar e bendizer.

A Ti, Senhor, somente a Ti eu hei de amar e adorar.

170 – SOU TESTEMUNHA (Pe. Jonas Abib) (COMEP 0409)

Sou testemunha do poder de Deus, pelo milagre, que Ele fez em mim.

Estava cego, mas agora vejo a luz, a luz gloriosa que me deu Jesus.

Não, não, não, nunca, nunca, nunca me tem deixado.

Nunca, nunca, tem me desamparado. Na noite escura, ou no dia de prova,

Jesus Cristo nunca me desampará.

436 – BATIZA-ME SENHOR (K7: Agnus Dei didática 85)

Batiza-me Senhor no teu Espírito Batiza-me, batiza-me Senhor

E deixa-me sentir o teu fogo de amor aqui no coração, Senhor

Inunda-me... Transforma-me... Lava-me... Ilumina-me...

455 – “MARIA” (Nelsinho/Ale/Cris) (LP: Anuncia-me) (K7: Agnus Dei didática 85)

1. Maria queremos te dar nosso amor nesta flor

Maria queremos louvar ao Senhor por te criar

Bendito seja Deus que nos reuniu aqui, bendito seja Deus que nos fez amar assim.

Louvado seja Deus que nos reuniu aqui. Louvado seja Deus que nos fez amar assim.

Aleluia, glória a Ti Senhor, aleluia.

2. O Pai te criou para que fosses aquela que tornaria o mundo doce.

Maria, a tua humildade é caminho para a santidade.

571 – EU NAVEGAREI (LP: Vem Louvar V) (K7: Agnus Dei didática 88)

1. Eu navegarei no oceano do Espírito e ali adorarei ao Deus do meu amor.

Espírito, Espírito, que desce como fogo

Vem como em Pentecostes e enche-me de novo.

2. Eu adorarei ao Deus da minha vida, que me compreendeu sem nenhuma explicação.

3. Eu servirei ao meu Deus fiel, ao meu libertador, aquele que venceu.

740 – ENTREGA-TE A JESUS (Rosário/Aída) (LP: Discípulo)

Você que espera o amanhã para dizer sim a Jesus.

Eu te digo: não espere mais e diga sim agora.

Venha agora, entrega tua vida a Jesus.

Eu sei que marcas profundas ficaram em todo o teu ser pelos sofrimentos passados, mas entregue tudo a Jesus.

Deixe de lado a dor, o medo, o temor.
Venha, abra o teu coração, pra que ele entre em teu ser.

742 – AERÓBICA DO SENHOR (DR) (K7 Jesus Música Viva)

Levante Cristo, alto, bem mais alto. Dê um sorriso para Jesus e ele cuidará de ti
E ponha abaixo, muito, bem mais baixo. O inimigo de Jesus, e ele fugirá de ti
Dê passos firmes, cada vez mais firmes.
E siga em frente com Jesus, e ele crescerá em ti

752 – ORAÇÃO DE CURA (Pe. Joãozinho, SCJ) (LP Louvemos o Senhor – vol. 8)

Toca, Senhor, toca, Senhor, com teu amor, com teu amor.

1. Tira todo medo, angústia e aflição. Toca nesta alma e cura o coração.
2. Cura da Doença que faz o irmão sofrer, toca neste corpo, Jesus com teu poder.
3. Tira toda mágoa que faz alguém chorar, tira todo ódio, ensina a perdoar.
4. Cura do pecado e lava com perdão, faz das nossas pedras um novo coração.
5. Toca nossos lábios e o nosso interior. Vamos te louvar, Jesus, com muito amor.

Fonte: Livro de Cantos: *Louvemos o Senhor* 96, Editora da ASJ.

Comunidades Eclesiais de Base

6 – APELO

Oh tu, que ouves o apelo do teu povo/vem renova em nós o teu poder. / Para que sejamos construtores/ De um novo dia, um novo amanhecer.
Que a justiça esteja em nós presente,/ E o amor seja feito uma canção. /Nascida no meio de tua gente que caminha em busca da libertação.

57 – BAIÃO DO PEREGRINO SOFREDOR

Bendito seja esta marcha, dos pobres dos sofredores/ Romeiros de São Francisco, de Jesus os seguidores.

Já chegou a hora, tempo de alegria/ Festa dos pequeninos, nesta grande romaria.

Das favelas e dos becos, do abandono nós chegamos/ E a ti nosso Deus clemente, reunidos nós clamamos.

Da terra somos expulsos, pela força da ambição/ Vem Senhor, fazer justiça, aos pobres desta nação.

No corpo trazemos as marcas, do sofrimento e da dor/ Na alma trazemos a força de Cristo nosso Senhor.

De ladrões e preguiçosos, somos sempre acusados/ Da riqueza que criamos, não somos recompensados.

Nas cadeias torturados, nos tribunais sem defesa/ Deus da vida e liberdade, vem salvar nossa pobreza.

Menores, negros, mulheres, deficientes e pisados/ Reunidos na irmandade, nós seremos libertados.

Com Jesus servo bendito, com Maria mãe das Dores/ Com os mártires, nossos santos, seremos libertadores.

Nossa festa toma conta, da cidade e do sertão/ A força nova da vida brota em cada coração.

63 – FESTA DA LIBERTAÇÃO.

**Nesta América Latina/ Deste povo que caminha pra
libertação;/ Ela está chegando,/ Vem com festa, vem
com a luta, deste povo de irmãos.**

Tentam nos dominar/ e nos impõe a morte, /Porém, a
Esperança é viva/ e o povo canta mais forte/ Nosso Deus
Ressuscitou, / Ele muda nossa sorte!

Nicarágua é só um exemplo/ de que a flor pode vingar/ O
Chile já disse um NÃO; / El Salvador vencerá!/ Ditadores
Cairão/ e o povo vai governar!

Vem, vem cá você/ a libertação também vai fazer, / E pra
quem achar que é tudo/ e ficar a admirar/ a festa tá
começando, / no céu vai continuar!

74 – Ó QUE COISA BONITA (C. F. 88)

Ó que coisa bonita/ Deus Pai Libertador/ cria negra cor.

Ó que coisa bonita/ Jesus é nosso irmão/ sem separação.

Ó que coisa bonita/ O Espírito, a fé, a força, o axé.

Ó que coisa bonita/ Mãe por Deus escolhida, Negra Aparecida.

Ó que coisa bonita/ Celebrar Deus da Vida/ com festa e comida.

Ó que coisa bonita/ Esta reza, esta Missa/ clamor de Justiça.

101 – EXILADOS DA TERRA

Arrancados da mãe terra,

Verdadeiros ocupantes,

Exilados não queremos,

Esta vida tão errante

Frutos do rico campo, / nós queremos pra lá voltar. / Não
vamos calar a voz, gritaremos sem cessar./ Nós exigimos
a justiça neste chão, / basta de tanta cobiça./ Chão de Deus
e dos irmãos.

187 – AVE MARIA DOS OPRIMIDOS

Ave Maria dos Oprimidos / Abre a nós teu coração. /

Bendito é fruto do teu ventre/ que é semente de Libertação.

Ouve o grito, que sai do chão

Dos oprimidos em oração

Santa Maria dos infelizes. / das horas extras,

Das horas tristes. / Livrai-nos todos da opressão,/ de toda forma de escravidão.

Fonte: Livro de Cantos: *Cantando a Ternura de Deus na Caminhada*, Comissão Arquidiocesana
Permanente das CEBs, Campinas, 1992.

MEMORIAL

PAULO DE TARSO LEITE DO CANTO

Nasci em uma família de cinco filhos, ou quatro filhas e eu, o único filho varão. Sou gêmeo e, juntamente com a minha irmã gêmea, os mais novos da família. Uma das minhas irmãs, quando eu nasci, pôs os braços sobre mim e disse: “... *é meu*”!

A nossa vida familiar sempre foi marcada, desde o início de sua existência, pela falta de recursos materiais, ou, numa palavra: pobreza. O rico universo simbólico que sempre nos envolveu, veio do ambiente fortemente religioso, do gosto pela leitura, pela música e pela poesia.

A minha mãe, filha de proprietários de terra na região de Campinas, mais precisamente, Monte Mor, sempre foi uma mulher com grande gosto pela poesia (sobretudo das coisas ligadas ao campo – caipira - que hoje se diz, raiz); tocava violão, cantava, bordava e contava histórias.

Já o meu pai, mais velho que a minha mãe quase 12 anos, sempre viveu na cidade, filho de um barbeiro casado com filha de um casal imigrante italiano, desde muito cedo aprendeu o ofício de alfaiate, ao qual se dedicou quase trinta anos de sua vida. Sempre gostou de cantar, de poesia e, sobretudo, de ler e escrever: principalmente temas ligados ao cristianismo; mas, também, história, filosofia, literatura, idiomas...

A família materna sempre foi mais simples, com muitos ligados ao campo e, de modo geral, mais pobres que a família paterna, esta muito mais próxima do que se pode chamar de classe média.

A religiosidade sempre foi muito presente na minha casa. Aprendemos desde muito cedo não só a rezar, mas a interpretar os acontecimentos da vida à luz da fé. Não é difícil entender isso, numa família que contava com quatro freiras (duas primas e duas tias) e um irmão jesuíta (o meu primo); além de um irmão de minha mãe que fez toda a formação de padre com os claretianos e não quis ordenar-se, outro primo que foi padre capuchinho e depois deixou o sacerdócio e, mais recentemente, dois primos diáconos casados - só do lado materno - e um primo, padre jesuíta; e uma tia, leiga consagrada e um tio que cursou Teologia e foi noviço camiliano depois de viúvo - do lado paterno.

Por isso, não é possível explicar, nem tampouco, entender, a minha família e eu, sem se levar em conta o dado religioso. Além do mais, a ajuda material que recebemos, principalmente das Missionárias de Jesus Crucificado¹³⁰, foi decisiva para a nossa sobrevivência.

Continuando, mesmo com todas as dificuldades que a vida nos impunha, não me lembro de sentir grandes medos antes de ingressar à escola, em 1972¹³¹. Depois disso, a minha vida mudou. Lembro-me que estava brincando e a minha mãe ou as minhas irmãs mais velhas me chamavam para tomar banho para ir à escola. Sentia uma tristeza profunda, tão profunda que, mesmo hoje, quando, através de alguma música me recordo daquele período, a canção traz de volta aquele sentimento.

Na escola, com poucas exceções, o ambiente era do mais extremo autoritarismo. Lembro-me ainda da foto do então presidente Médici na sala da diretoria. Só mais tarde, fui entender quem foi esse homem na história recente do Brasil.

Neste mesmo período, as professoras ainda batiam e as principais vítimas eram os alunos negros. E eu, mesmo não apanhando, comecei a achar que alguma coisa não estava certa. Aliás, o meu principal amigo de infância foi um menino negro.

Assim, toda essa estória de eu não gostar do ambiente escolar, perceber as imposições da instituição, mas, ao mesmo tempo, sentir a implacável cobrança de uma família que contava com 18 pessoas ligadas ao Magistério, geravam em mim muita angústia. Desde muito cedo punha em dúvida o porquê de se aprender na escola tais e tais coisas. Não só não via utilidade, como só depois de muitos anos, fui entender algumas coisas as quais aprendi mecanicamente na escola. Sendo assim, lembro-me de que na escola, muitas vezes, só estava de corpo presente, mas estava pensando, por exemplo, no jogo de futebol que veria à noite pela televisão. Televisão que, na rua, só a minha família e mais outra, possuíam. Dessa forma, à noite, a casa era tomada pelos vizinhos que vinham para assistir aos espetáculos de luta livre.

¹³⁰ Congregação religiosa feminina fundada pelo então bispo da Diocese de Campinas, Dom Barreto, e a jovem, Maria Vilac, no início do século XX (1928), em Campinas. Na qual, ingressaram e permaneceram duas tias (as duas já falecidas) e uma prima. Neste período, a originalidade dessa Congregação residiu no fato de a instituição voltar a atenção aos operários e de admitir, no noviciado, meninas negras. A outra religiosa da minha família pertence à Congregação das Calvarianas.

¹³¹ Estudei o antigo 1º e 2º graus em escola pública, de 1972 a 1982, aqui em Campinas.

A minha casa sempre foi um lugar de passagem de muita gente. As amizades, principalmente de gente de Igreja, sempre foram muito intensas. Faltava de tudo, tanto é que no meio de um terço, certa vez, eu exclamei: "*não tem teiço, não tem caine, não tem nada!*"

Apesar de todo o meu desgosto pela escola, sempre fui bem sucedido. As professoras gostavam de mim por eu ser um modelo de bom comportamento. Uma delas chegou a dizer que gostava de mim porque eu mantinha as mãos sobre a carteira, talvez ela aí estivesse prevendo a minha quase vocação ao celibato.

Dessa forma, os anos foram se passando, foi na escola, na 6a. série que, pela primeira vez, me senti apaixonado. Há alguns anos a revi e me recordei do belo sentimento que ela despertara em mim na adolescência. Neste mesmo período, frequentávamos a catequese da Igreja, lugar em que eu e minha irmã, éramos vistos como modelos, também pelo peso da família. Depois da primeira comunhão, íamos à missa todos os domingos, mas eu não sentia gosto pelas celebrações: muito formais e pouco participativas - mas, mesmo assim, as "assistia" (mais por obrigação que por satisfação), pois como ficava o medo de ofender a Deus?

Então, à medida que aprofundava a minha participação nos sacramentos da Igreja, passo por uma profunda crise de escrúpulos, muito medo de ofender a Deus e ser castigado. Foi mais ou menos neste período que foi assassinado na própria igreja o Pe. Maximino, padre agostiniano espanhol, homem generoso e simpático, que visitava, regularmente, a minha casa. Este fato trouxe, na forma de escrúpulo, a ideia de que eu deveria substituí-lo, sendo padre. Já contava nestes acontecimentos com cerca de 14 anos.

Começo a trabalhar para ajudar no orçamento familiar e vou estudar à noite. Os colegas de escola perguntavam se eu não trabalhava, porque me saía melhor que a grande maioria. Na realidade, como ia direto do trabalho para escola, aproveitava esse intervalo, todos os dias, para estudar. E não entendia bem como eu, sendo brasileiro, podia ser empregado de um homem italiano. Isso me intrigava. Percebia as diferenças sociais, de um lado, o meu patrão; e de outro, uma família que morava num barraco na minha rua, à qual ajudávamos.

O tempo ia passando, e a minha participação nas coisas da Igreja não aumentava e se restringiu apenas à ida semanal à missa até os meus 18 anos de idade. Vivia um conflito interior: lutar para buscar uma ascensão social ou ser padre para estar sempre com os mais pobres?

Enfim, havia concluído o então segundo grau e chegava o momento do vestibular. Fiquei muito dividido entre a tradição da família no Magistério e a busca de uma profissão supostamente mais promissora. A situação dos professores já não era das melhores: baixos salários, condições ruins de trabalho... Acabei ingressando no Curso de Ciências Econômicas na Puc de Campinas. Logo nos primeiros dias de aula percebi que lá não seria o meu lugar: um ambiente muito empresarial, os colegas eram ávidos por vencer na vida, cálculos matemáticos envolvendo álgebra que eu não via o menor sentido. Sendo assim, descontente com o Curso, meio perdido numa vida sem sentido e com o questionamento da vocação para padre me assolando, tranquei a matrícula na Puc, mas antes, já havia me decidido ser padre. Revelara esse desejo aos meus pais e acabei entrando em contato com os jesuítas. A propósito, desde a minha infância havia nutrido uma amizade muito profunda com o meu primo, irmão jesuíta. Trocávamos carta, eu com 10 anos e ele morando em Roma.

Como havia decidido ser padre e trancado a matrícula, o Pe. Quevedo, mestre dos noviços, aconselhou-me ir no segundo semestre do ano de 1983 para a Comunidade Vocacional, em Juiz de Fora, Minas Gerais. E foi o que eu fiz. Lá estava eu, em 1º de agosto de 1983. Era a primeira vez que saía da minha casa. Antes disso, porém, o Pe. Ramón, o Coordenador da Comunidade Vocacional havia conversado comigo. O teor da conversa foi esse: *“será que você quer entrar no Seminário para ficar lá num cantinho sem que ninguém o incomode?”* Ele levou em conta a minha timidez. Só mais tarde entendi o que ele havia falado, porém pelo aspecto positivo: o meu gosto pelo silêncio e pela solidão: os meus companheiros!

Na Comunidade Vocacional sentia muita saudade da família, da cidade; no entanto, tive o contato com a oração e com o silêncio. No início tive muita dificuldade, porque não conseguia me concentrar e era muito ansioso. Mas, assim que o tempo foi passando, fui me aprofundando no que se pode chamar de vida mística e só bem mais tarde perceber que, a minha timidez e introspecção que pareciam desvantagens, eram, na verdade, qualidades. Apesar de todo o meu profundo gosto por religiosidade, espiritualidade, síntese de vida e fé... não me sentia tranquilo em relação ao celibato e à falta de liberdade dentro de uma ordem religiosa.

Mesmo antes de entrar na Comunidade Vocacional, aconteceram algumas coisas importantes: comecei a participar do Grupo de Jovens da Paróquia Santo Antônio, em Campinas, e

lá me apresentaram o José Eduardo Meschiatti como vocacionado¹³², e eu a ele, como seminarista. Ficamos muito amigos. Debatemos horas e horas ao longo dos anos sobre a questão vocacional que nos envolvia. Hoje ele é padre na Arquidiocese de Campinas e não continuamos mais amigos porque ele não aparece mais.

Passei muita humilhação com a psicóloga que foi encarregada de fazer o chamado exame psicodiagnóstico. Mas me lembro de duas frases ditas a mim por ela que, posso dizer, foram e têm sido importantes para a minha vida: o valor da Verdade e que, sendo jesuíta ou não, continuaria sendo o Paulo de Tarso.

Voltando a narrar a minha passagem por Juiz de Fora, foi lá que, pela primeira vez, tive contato com o sofrimento humano, pois trabalhei como voluntário em um hospital da cidade.

Apesar de toda experiência de oração que nesta ocasião pude fazer, a angústia estava sempre presente, porque continuava muito em dúvida se lá seria mesmo o meu lugar. Pensava nos personagens do Primeiro Testamento, que foram pessoas justas sem precisar viver daquela forma como exige a Igreja Católica que os padres vivam.

Ainda em Juiz de Fora, foi designada uma freira psicóloga para me acompanhar, bem como aos outros da casa. Ela mais me fez mal, que me ajudou. A mulher não me compreendia. Fiquei tão mal que voltei para a casa dos meus pais. Porém, o meu desespero cresceu tanto que, antes disso, pensei em suicídio. O Pe. Ramón não se conformava e dizia, insistentemente, que eu tinha vocação para ser jesuíta.

Contraditoriamente, um de nossos companheiros, que o Pe. Ramón afirmava ser o mais integrado do grupo, no próximo ano, por ocasião do noviciado, acabou internado no Hospital Psiquiátrico Bierrenbach, aqui em Campinas, com aguda manifestação de esquizofrenia.

A essa altura, já era fevereiro de 1984, voltei feliz para casa, um alívio! O dia 31 de janeiro daquele ano o elegi como o mais feliz da minha vida. Comecei a procurar emprego e em um mês estava trabalhando no escritório da Companhia União de Refinadores de Açúcar e Café, em Campinas. Fiquei lá apenas cinco meses. Detestava o ambiente. Quando pedi demissão, o chefe

¹³² Assim chamado o jovem que se supõe ser chamado por Deus para ser padre.

rogou-me uma espécie de praga dizendo que: “*ficaria um ano desempregado!*” Em um mês estava trabalhando em um Banco. Mais tarde, quando já era noviço, reencontrei este meu ex-chefe no noviciado, que, desta vez, é claro, tratou-me muitíssimo bem.

Voltei a estudar, quase retornei ao mesmo Curso, mas graças a um amigo que estudava Ciências Sociais, pedi transferência para a Licenciatura em Geografia. Iniciei o Curso em 1985. Agora sim, percebi que havia feito a escolha adequada. Tive contato com os autores clássicos como Karl Marx, F. Engels e acesso às aulas de Introdução à Política, à Antropologia, à Sociologia, à Geografia Humana... Fiquei encantado com tudo isso e, além do mais, neste mesmo ano, participo da minha primeira greve e começo a participar do sindicalismo. E, por declarar, que o Banco roubava o meu tempo que seria dedicado ao estudo, e pela minha participação na luta sindical, acabo sendo demitido.

Tive certo envolvimento com a irmã deste meu amigo. Por alguns anos, nutri um sentimento por ela. Mesmo no noviciado, dela ainda me recordava. Mas a vida acabou nos distanciando. Foi a primeira mulher à qual expressei, de maneira concreta, porém, ainda muito discreta, o meu carinho. Recentemente a vi, mas o sentimento foi embora.

Concomitantemente, continuo a participar da Igreja e, juntamente com o Eduardo, assumimos, por eleição direta, a Coordenação do Grupo de Jovens da Paróquia. É neste período que eclodem, na Comunidade, conflitos resultantes da luta pelo poder. Ainda nesses anos, conhecemos o padre Santos, que fora criado parte da sua juventude em Manaus: um espanhol diferente, menos europeizado, muito mais informal e generoso, que se parecia mais conosco; gostava até de futebol e cerveja. O mais agostiniano de todos os que conheci.

Foram bons anos de participação na Comunidade. Tivemos chance de falar nas celebrações e de opinar sobre todos os assuntos. Ele nos ouvia. Havia trânsito livre. Foi uma das melhores experiências de Igreja que tive até hoje.

Ao mesmo tempo, sigo no Curso de Geografia, absorvido dia e noite pela ideia de vocação. No ano de 1988, ainda atuei como estagiário no Centro de Defesa dos Direitos Humanos. Foi uma boa experiência, tive contato com presidiários, com grupo de sem-teto, com pessoas vítimas de violência policial.

Quanto ao meu ingresso na Companhia de Jesus, continuo me preparando de maneira discreta para ingressar no Noviciado Jesuíta em 1989, após a conclusão da Licenciatura. Passo por

todo o processo de seleção: quatro entrevistas; um exame médico e um exame psicodiagnóstico; preenchimento de relatório contendo dados pessoais, biográficos e familiares, além da pitoresca pergunta que nunca mais me esqueci: “*Você se acha atraente?*”

Aguardava, ansiosamente, a correspondência do Padre Provincial. Se recebesse o envelope pequeno era certo de que não fui aceito; porém, caso recebesse o envelope grande, era sinal inequívoco da admissão. Recebi o envelope grande. Abri-o e agradei a Deus por ter me concedido essa Graça.

A discrição da minha parte era tão grande que trabalhei em serviço temporário no comércio, em dezembro de 1988, para pagar o meu diploma e não precisar pedir dinheiro para a família. A essa altura, já estava deixando tudo para seguir para o Noviciado. Mesmo assim, tinha dúvidas. A primeira noite no Noviciado foi difícil. Dormi mal. É como se tivesse morrido e nascido de novo. Foi um corte muito profundo. Continuava gostando de espiritualidade e tendo grande afeição, carinho e identificação pela Companhia de Jesus; entretanto, não era feliz na vida religiosa. Com o passar dos meses, aumentava a minha inexplicável insatisfação. No Retiro de um mês em Itaici, julho de 1989, senti muito a presença de Deus e como dependemos d’Ele, mas a tão esperada vocação não se confirmava. Acredito terem sido importantes as experiências pelas quais passei: ajudaram a tornar-me mais humano!

Desta forma, foi no Hospital, no experimento de Hospital, que me vi diante de uma situação conflitante. Aconteceu o inevitável: nasce um amor entre mim e uma enfermeira. A moça era protestante da Igreja Cristã Renovada (Igreja Húngara – ela era descendente). O que nos aproximou acabou nos distanciando. Deu a impressão de que, para ela, era difícil me aceitar como católico. Fui transparente com o Padre mestre que me ouviu. Não me censurou. Esperei mais dois meses, tendo a clareza de que não saía por causa dela, mas vejo também que foi a primeira vez, que me permiti gostar livremente de uma mulher.

Acabei saindo do Noviciado, meio parecido com o personagem *Jó* da Bíblia. Sem nada. Sem emprego, sem mulher, frustrado em relação à vocação à Vida Religiosa... Em um mês estava trabalhando na Rede Pública Estadual, quatro escolas em dois municípios diferentes, três turnos diários em quase todos os dias da semana, em troca de um salário bastante modesto.

La tocando a vida meio perdido. Profissionalmente, não conseguia me realizar o suficiente a ponto de compensar as recentes frustrações. Depois de um tempo volto a participar da Igreja. A

Prefeitura abre concurso para professor. Faço a prova e sou aprovado. Consigo me animar novamente e fazer um bom trabalho na escola em que assumo. Porém, sinto que aos poucos, as condições de trabalho vão se deteriorando e o cansaço, a desilusão vão tornando-se mais presentes. Antes disso, penso em deixar o Magistério, presto concurso no IBGE e sou aprovado, fico um tempo e saio para ingressar na Rede Municipal.

Busco lugar para voltar a estudar, chego a me escrever duas vezes como aluno especial na UNESP em Rio Claro. Mas não sinto ânimo para frequentar. Faço duas provas para o Mestrado, sinto que se trata mais de uma obrigação que de verdadeiro envolvimento. Na primeira perco hora, suponho que, inconscientemente, de propósito, e na segunda, estudo uma coisa e cai outra. Mais tarde me candidato ao Mestrado na Geociências da Unicamp, tenho o Projeto aprovado, pedem-me para fazer disciplina como aluno especial no próximo ano, mas eu acabo não fazendo. Toda essa história me angustia. Não sou capaz de dar uma direção satisfatória à minha vida acadêmica e profissional. Presto vestibular na Unicamp, entro no Curso de Filosofia, mas não faço o curso. Continuo a minha busca. A Puc de Campinas abre o Curso de Ciências Religiosas, para separar os seminaristas dos leigos que, cada vez mais, percebem que Teologia não é monopólio clerical.

Nas Ciências Religiosas encontro o que buscava, porém, ainda, sem grandes perspectivas para o futuro. Uma espécie de diletantismo. É um espaço em que me envolvo muito com a proposta. No entanto, sinto o quanto pesa o fato de ser padre para a Igreja. Não há espaço para os não ordenados. Percebo que há a necessidade de se abrir novos caminhos para os não ordenados que queiram se dedicar ao estudo e à pesquisa. Mais para o final do Curso, no ano de 1997, a minha resistência ao clericalismo na Igreja cresce muito. Assim, penso em criar algo que brote das nossas próprias mãos: em primeiro lugar, tentamos fundar uma espécie de congregação religiosa, eu e o meu amigo Eduardo. Na verdade, tratava-se de um projeto antigo essa idéia de formarmos uma Comunidade. No entanto, sou eu quem desiste. Chegamos até a ir falar com um padre na Cúria e a escrever para a Provincial das Calvarianas, que eu conheci quando fui noviço. O celibato e a falta de liberdade me fazem recuar a partir do momento em que começo a manter profundos diálogos com uma moça, catequista da comunidade, que romperá o seu noivado e também pensará, muito, em vocação religiosa.

O Eduardo não aceita a minha decisão. Acabamos nos distanciando. Eu deixo a Paróquia Santo Antônio que, a essa altura para mim, tornara-se insuportável. Passo um tempo sem Comunidade e vivo uma profunda crise na minha relação com a Igreja e a sua estrutura hierárquica.

Neste período, aproximo-me dos luteranos para, juntos, colocarmos em prática um Projeto Ecumênico. Eu e uma jovem pastora, damos continuidade a um trabalho que já vinha sendo conduzido, na periferia de Valinhos, pelo pessoal da Igreja Luterana. Para mim, sempre foi um sonho, os cristãos de igrejas diferentes, trabalharem juntos, na promoção da vida das pessoas. Pela primeira vez e graças a esta pastora com a qual dialogava muito, começo a perceber que meu único caminho na vida não era ser padre. Por fim e infelizmente, mais por questões religiosas, acabamos nos distanciando e o Projeto se dissolve. Vivo experiência semelhante à de Luís Carlos Prestes, que só se aproximou intimamente das mulheres com mais de trinta anos de idade.

Mais ou menos nessa mesma época, começo a participar de uma comunidade menor, mais engajada nas lutas sociais. Aí tenho uma das melhores experiências de Igreja. Mas isso até que se transforma em Paróquia e a clericalização e a romanização alcançam a Comunidade. É nessa mesma Comunidade que acabo conhecendo uma mulher muito inteligente e possuidora de uma fina sensibilidade. Ela também tem esse aspecto religioso bastante apurado. Busca, como eu, a síntese da fé com a vida, com um caráter libertário. Ela me acolhe do jeito que eu sou, com a minha história e com as minhas limitações. Ela valoriza esse meu envolvimento religioso, e me faz perceber, e buscar o meu lugar, mesmo sem ser padre ou religioso. Mas acabamos nos distanciando porque, para ficarmos juntos, ela teria que fazer uma revolução na sua vida.

Já em relação ao Magistério a minha angústia cresce a cada dia. Isso tudo me faz sofrer muito; mas, por outro lado, vem me mostrar que não dava mais para continuar.

Foram anos de envolvimento com o Grupo de Estudos e com a nossa luta de professores.

Ao mesmo tempo, o José Eduardo dá nova direção à sua vida, ingressando no Seminário Arquidiocesano. Sempre conversávamos sobre as nossas questões existenciais. Evidentemente, para nossa surpresa, era sabido por mim, que o Eduardo encontrara um lugar na Educação da Unicamp em que havia a possibilidade de se desenvolver pesquisa sobre temas religiosos.

E foi justamente através dessas nossas conversas, com o incentivo do Eduardo, que eu tenho a ideia de apresentar um Projeto de Pesquisa sobre a Renovação Carismática Católica, que há tempo vem me intrigando.

Encaro com muita dedicação o Mestrado, mas a minha falta de experiência em pesquisa, fez com que fosse, mais ou menos, difícil, encontrar os caminhos para se achar o tema específico a ser estudado. Cresce em mim, ainda mais e de maneira profunda e irreversível, o gosto pelo estudo e

pelo conhecimento. Sinto o peso de ter que trabalhar em alguma coisa que não me realiza, mas o faço, pensando apenas em minha sobrevivência. Confirma-se em mim, a afirmação do filósofo Nietzsche, de que, embora possa parecer o contrário, não trabalhamos para nós mesmos. Percebo o meu ingresso na Unicamp, como oportunidade de me firmar como pessoa dedicada à pesquisa e ao conhecimento, numa palavra, ao pensar!

Paradoxalmente, tenho me distanciado, sistematicamente, da hierarquia da Igreja e do clero. Porém, cada vez mais interessado em descobrir e conhecer, profundamente, o sentido e a história das instituições.

Hoje caminho na vida com muito menos paz que no passado. Deixando de acreditar em muitas coisas que já acreditei, como, por exemplo, as eleições e a democracia (liberal). Mas, ainda acredito que o mundo caminha para o bem, apesar de tudo! Consciente de que valeu toda essa busca. Busca que continua e extrapola as próprias descobertas e transformações pessoais!